

Leindennis

DEPOIS DA MORTE



Leindennis

DEPOIS DA
MORTE

CIP - BRASIL - CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS

D459d Denis, Léon. 1846-1927.

Depois da Morte: explicação da doutrina dos espíritos: solução científica e racional dos problemas da vida e da morte; Natureza e destino do ser humano; as vidas sucessivas/ Léon Denis; Tradução de Maria Lucia Alcantara de Carvalho. — 3. ed. — Rio de Janeiro: CELD, 2011.

420 p.; 14 x 21cm.

ISBN 978 85 7297 373-1

Tradução de: *Après la Mort: (nouvelle édition revue et augmentée)*

1. Espiritismo. 2. Reencarnação. 3. Vida eterna.

I. Título.

99-1640.

CDD 133.9

CDU 133.7



DEPOIS DA MORTE

EXPLICAÇÃO DA
DOCTRINA DOS ESPÍRITOS

SOLUÇÃO CIENTÍFICA E RACIONAL
DOS PROBLEMAS DA VIDA E DA MORTE.
NATUREZA E DESTINO DO SER HUMANO.
AS VIDAS SUCESSIVAS.

SEMPER ASCENDENS
(SEMPRE PARA O ALTO)

*Tradução de
Maria Lucia Alcantara de Carvalho*

3ª Edição

CELD
Rio de Janeiro, 2011

DEPOIS DA MORTE

Léon Denis

Titulo do original francês:

APRÈS LA MORT

(NOUVELLE ÉDITION REVUE ET AUGMENTÉE)

3ª Edição: setembro de 2011;
1ª tiragem, do 6º ao 7º milheiro.

L 1661199

Tradução e revisão de originais:

Maria Lucia Alcantara de Carvalho

Revisão:

Teresa Cunha, Elizabeth Paiva e Barbara Santos

Capa:

Rogério Mota

Diagramação:

Luiz de Almeida Jr.

Composição e arte-final:

Márcio de Almeida e Luiz de Almeida Jr.

Para pedidos de livros, dirija-se ao
Centro Espírita Léon Denis
(Distribuidora)

Rua João Vicente, 1.445, Bento Ribeiro,
Rio de Janeiro, RJ. CEP 21610-210

Telefax (21) 2452-7700

E-mail: grafica@leondenis.com.br

Site: leondenis.com.br

Centro Espírita Léon Denis
Rua Abílio dos Santos, 137, Bento Ribeiro,
Rio de Janeiro, RJ. CEP 21331-290

CNPJ 27.291.931/0001-89

IE 82.209.980

Tel. (21) 2452-1846

E-mail: editora@celd.org.br

Site: www.celd.org.br

Remessa via Correios e transportadora.



Aos nobres e grandes espíritos que me revelaram o mistério augusto do destino, a lei de progresso na imortalidade, cujos ensinamentos reforçaram em mim o sentimento da justiça, o amor à sabedoria, o culto do dever; cujas vozes dissiparam minhas dúvidas, apaziguaram minhas inquietações; às almas generosas que me sustentaram na luta, consolaram na prova, que elevaram meu pensamento até as alturas luminosas onde reside a verdade, dedico estas páginas.

LEON DENIS

APRÈS LA MORT

EXPOSÉ DE LA DOCTRINE DES ESPRITS

MÉTHODE SCIENTIFIQUE ET RATIONNELLE DES PROBLÈMES
DE LA VIE ET DE LA MORT
CAUSES ET ORIGINES DE L'ÊTRE HUMAIN
LES VIES MÉDIUMNIQUES

DEUXIÈME ÉDITION

TRENTE-DEUXIÈME MILLE

NOUVELLE ÉDITION SUPPLÉMENTAIRE

PARIS

LIBRAIRIE DES SCIENCES PSYCHIQUES

43, RUE SAINT-JACQUES, 43

LÉON DENIS

DEPOIS DA MORTE

EXPLICAÇÃO DA DOCTRINA DOS ESPÍRITOS

SOLUÇÃO CIENTÍFICA E RACIONAL DOS PROBLEMAS
DA VIDA E DA MORTE
NATUREZA E DESTINO DO SER HUMANO
AS VIDAS SUCESSIVAS.

Sempre para o Alto.

TRIGÉSIMO-SEGUNDO MILHEIRO

NOVA EDIÇÃO REVISTA E AUMENTADA

PARIS

LIVRARIA DAS CIÊNCIAS PSÍQUICAS

RUA SAINT-JACQUES, 42

SUMÁRIO

| | |
|---------------------------------------------------------|-----|
| Introdução..... | 11 |
| Primeira Parte | |
| CRENÇAS E NEGAÇÕES | |
| I – A Doutrina Secreta. As Religiões | 19 |
| II – A Índia..... | 29 |
| III – O Egito | 43 |
| IV – A Grécia | 51 |
| V – A Gália | 63 |
| VI – O Cristianismo..... | 73 |
| VII – Materialismo e Positivismo | 95 |
| VIII – A Crise Moral | 107 |
| Segunda Parte | |
| OS GRANDES PROBLEMAS | |
| IX – O Universo e Deus..... | 121 |
| X – A Alma Imortal..... | 141 |
| XI – A Pluralidade das Existências..... | 147 |
| XII – O Objetivo da Vida | 153 |
| XIII – As Provas e a Morte..... | 159 |
| XIV – Objeções..... | 165 |
| Terceira Parte | |
| O MUNDO INVISÍVEL | |
| XV – A Natureza e a Ciência..... | 173 |
| XVI – Matéria e Força. Princípio Único das Coisas | 177 |
| XVII – Os Fluidos. O Magnetismo..... | 181 |
| XVIII – Fenômenos Espíritas | 187 |
| XIX – Testemunhos Científicos | 191 |
| XX – O Espiritismo na França..... | 205 |
| XXI – O Perispírito ou Corpo Fluídico | 213 |
| XXII – Os Médiuns..... | 219 |
| XXIII – A Evolução Anímica e Perispiritual..... | 225 |
| XXIV – Consequências Filosóficas e Morais..... | 229 |
| XXV – O Espiritismo e a Ciência..... | 233 |
| XXVI – Perigos do Espiritismo | 237 |
| XXVII – Charlatanismo e Venalidade | 241 |
| XXVIII – Utilidade dos Estudos Psicológicos | 245 |

Quarta Parte

O ALÉM

| | |
|----------------------------------------------------------|-----|
| XXIX – O Homem, Ser Psíquico..... | 251 |
| XXX – A Hora Derradeira..... | 255 |
| XXXI – O Julgamento..... | 259 |
| XXXII – A Vontade e os Fluidos..... | 263 |
| XXXIII– A Vida no Espaço..... | 271 |
| XXXIV– A Erraticidade..... | 275 |
| XXXV – A Vida Superior..... | 279 |
| XXXVI– Os Espíritos Inferiores..... | 291 |
| XXXVII– O Inferno e os Demônios..... | 297 |
| XXXVIII– Ação do Homem sobre os Espíritos Infelizes..... | 301 |
| XXXIX– Justiça, Solidariedade, Responsabilidade..... | 305 |
| XL – Livre-arbítrio e Providência..... | 311 |
| XLI – Reencarnação..... | 315 |

Quinta Parte

O CAMINHO RETO

| | |
|----------------------------------------------|-----|
| XLII – A Vida Moral..... | 323 |
| XLIII – O Dever..... | 327 |
| XLIV – Fé, Esperança, Consolações..... | 333 |
| XLV – O Orgulho, Riqueza e Pobreza..... | 339 |
| XLVI – O Egoísmo..... | 347 |
| XLVII – A Caridade..... | 353 |
| XLVIII – Paciência e Bondade..... | 361 |
| XLIX – O Amor..... | 365 |
| L – Resignação na Adversidade..... | 369 |
| LI – A Prece..... | 379 |
| LII – Trabalho, Sobriedade, Continência..... | 387 |
| LIII – O Estudo..... | 393 |
| LIV – A Educação..... | 397 |
| LV – Questões Sociais..... | 401 |
| LVI – A Lei Moral..... | 407 |
| Resumo..... | 409 |
| Conclusão..... | 413 |

INTRODUÇÃO

Vi, deitadas nos seus sudários de pedra ou de areia, as cidades famosas da Antiguidade, Cartago, com brancos promontórios, as cidades gregas da Sicília, o campo de Roma, com seus aquedutos trincados e túmulos abertos, as necrópoles que dormem seu sono de vinte séculos sob a cinza do Vesúvio. Vi os últimos vestígios das cidades antigas, outrora formigueiros humanos, hoje, ruínas desertas que o sol do Oriente calcina com suas ardentes carícias.

Evoquei as multidões que se agitaram e viveram nesses lugares; vi-as desfilar diante do meu pensamento, com as paixões que as consumiram, seus ódios, seus amores, suas ambições desfalecidas, seus triunfos e seus reveses, fumaças levadas pelo sopro dos tempos. E disse a mim mesmo: eis no que se transformam os grandes povos, as capitais gigantes: algumas pedras amontoadas, montes desolados, sepulturas ensombreadas por raquíticos vegetais, nos ramos dos quais, o vento da tarde lança seu lamento. A História gravou as

DEPOIS DA MORTE

vicissitudes da sua existência, suas grandiosidades passageiras, sua queda final, mas a terra tudo encobriu. Quantas outras, cujos nomes são até desconhecidos; quantas cidades, raças, civilizações jazem para sempre sob o lençol profundo das águas, na superfície dos continentes tragados!

E me perguntava: por que essa agitação dos povos da Terra, por que estas gerações que se sucedem como camadas de areia trazidas, incessantemente, pela vaga para recobrir as camadas que as precederam; por que esses trabalhos, essas lutas, esses sofrimentos, se tudo deve conduzir ao túmulo? Os séculos, esses minutos da eternidade, viram passar nações e reinos e nada ficou de pé. A esfinge tudo devorou.

Na sua correria, para onde vai, então, o homem? Para o nada ou para uma luz desconhecida? A Natureza sorridente, eterna, enquadra nos seus esplendores os tristes restos dos impérios. Nela, nada morre, senão para renascer. Leis profundas, uma ordem imutável preside suas evoluções. O homem, com suas obras, é o único destinado ao nada, ao esquecimento?

A impressão produzida pelo espetáculo das cidades mortas, encontrei-a, mais pungente, diante do frio despojo de meus próximos, daqueles que partilharam da minha vida.

Um daqueles que você ama vai morrer. Debruçado sobre ele, o coração apertado, você vê estender-se, lentamente, sobre seus traços a sombra do Além. O fogo interior lança apenas pálidas e trêmulas luzes; e eis que se enfraquece ainda mais, depois se apaga. E agora, tudo o que, nesse ser, atestava a vida, esse olho que brilhava, essa boca que emitia sons, esses membros que se agitavam, tudo está velado, silencioso, inerte. Sobre esse leito fúnebre, há somente um cadáver! Que homem não se perguntou sobre a explicação desse mistério e, durante o velório, nesse colóquio solene com a morte, pôde

INTRODUÇÃO

não pensar no que o aguarda a si próprio? Este problema nos interessa a todos, pois todos nos submeteremos à lei. Importa-nos saber se, a essa hora, tudo está terminado, se a morte é apenas um melancólico repouso no aniquilamento ou, ao contrário, a entrada numa outra esfera de sensações.

Mas, em toda parte, problemas se levantam. Em toda parte, no vasto teatro do mundo, dizem certos pensadores, o sofrimento reina soberano, em toda parte, o agulhão da necessidade e da dor estimula a roda sem freio, a oscilação terrível da vida e da morte. De toda parte, eleva-se o grito de angústia do ser que se precipita no caminho que conduz ao desconhecido. Para ele, a existência parece apenas um perpétuo combate; a glória, a riqueza, a beleza, o talento, reinados de um dia. A morte passa, abate essas flores brilhantes e deixa somente hastes sem frescor. A morte é o ponto de interrogação colocado, constantemente diante de nós, a primeira das perguntas inumeráveis, cujo exame preocupou, causou o desespero das idades, a razão de ser de uma multidão de sistemas filosóficos.

Apesar desses esforços do pensamento, a obscuridade pesa ainda sobre nós. Nossa época se agita entre as sombras e o vazio, e procura, sem encontrar, um remédio para seus males. Os progressos materiais são imensos, mas, no seio das riquezas acumuladas pela civilização, pode-se ainda morrer de privação e de miséria. O homem não é nem mais feliz, nem melhor. No meio de seus rudes labores, nenhum ideal elevado, nenhuma noção clara do destino o sustenta mais; daí, suas quedas morais, seus excessos, suas revoltas. A fé do passado extinguiu-se; o ceticismo, o materialismo substituíram-na, e, sob seus sopros, o fogo das paixões, dos apetites, dos desejos, crescem. Convulsões sociais ameaçam-nos.

DEPOIS DA MORTE

Às vezes, atormentado pelo espetáculo do mundo e as incertezas do futuro, o homem ergue seu olhar para o céu e pergunta-lhe a verdade. Interroga, silenciosamente, a Natureza e seu próprio espírito. Reclama da Ciência seus segredos, da religião seus entusiasmos. Mas a Natureza parece-lhe muda e as respostas do sábio e do religioso não satisfazem sua razão e seu coração. Entretanto, há uma solução para os seus problemas, uma solução maior, mais racional, mais consoladora que todas aquelas oferecidas pelas doutrinas e as filosofias atuais, e esta solução repousa sobre as bases mais sólidas que se pode conceber: o testemunho dos sentidos e a experiência da razão.

No mesmo instante em que o materialismo atingiu seu apogeu e espalhou por toda parte a ideia do nada, uma Ciência, uma crença nova, apoiada sobre os fatos, aparece. Ela oferece ao pensamento um refúgio onde encontra, afinal, o conhecimento das leis eternas de progresso e de justiça. Uma florada de ideias que se acreditavam mortas, e que apenas adormeciam, produz-se e anuncia uma renovação intelectual e moral. Doutrinas, que foram a alma das civilizações passadas, renascem sob uma forma engrandecida, e numerosos fenômenos, durante longo tempo desdenhados, mas que alguns sábios entreveem, afinal, a importância, vêm oferecer-lhes uma base de demonstração e de certeza. As práticas do magnetismo, do hipnotismo, da sugestão; mais ainda, os estudos de Crookes, Russel Wallace, Lodge, Aksakof, Paul Gibier, de Rochas, Myers, Lombroso, etc., sobre fatos de ordem física, fornecem novos dados para a solução do grande problema. Abrem-se perspectivas, formas de existência se revelam nos meios onde não se supunha mais observá-las. E destas pesquisas, desses estudos, dessas descobertas saem uma concepção do mundo e da vida; um

INTRODUÇÃO

conhecimento das leis superiores, uma afirmação da justiça e da ordem universais, bem feitas para despertar no coração do homem, com uma fé mais firme e mais esclarecida no futuro, um sentimento profundo dos seus deveres e um real interesse pelos seus semelhantes.

É essa doutrina, capaz de transformar a face das sociedades, que oferecemos aos pesquisadores de todas as ordens e de todas as fileiras. Ela já foi divulgada em numerosos volumes. Acreditamos dever resumi-la nessas páginas, sob uma forma diferente, dirigindo àqueles que estão cansados de viver como cegos, ignorando a si mesmos, àqueles a quem não satisfazem mais as obras de uma civilização material, toda superficial, e que aspiram a uma ordem de coisas mais elevada. É sobretudo para vocês, filhos e filhas do povo, trabalhadores cuja estrada é áspera, a existência difícil, para quem o céu é mais escuro, mais frio o vento da adversidade; é para vocês que este livro foi escrito. Ele não lhes traz toda a ciência, — o cérebro humano não saberia contê-la, — mas pode ser um degrau a mais na direção da verdadeira luz. Provando-lhes que a vida não é uma ironia da sorte, nem o resultado de um estúpido acaso, mas a consequência de uma lei justa e equitativa; abrindo-lhes as perspectivas radiosas do futuro, ele fornecerá um móvel mais nobre às suas ações, fará brilhar um raio de esperança na noite das suas incertezas, aliviará o fardo das suas provas e lhes ensinará a não tremer diante da morte. Abram-no com confiança, leiam-no com atenção, pois ele emana de um homem que, acima de tudo, quer o seu bem.

Entre vocês, muitos, talvez, rejeitarão nossas conclusões; apenas um pequeno número aceitá-las-ão. Que importa? Não procuramos o sucesso. Um único móvel nos inspira: o respeito, o amor da verdade. Uma única ambição nos anima:

DEPOIS DA MORTE

gostaríamos de, quando nosso envoltório usado retornar à terra, que nosso espírito imortal possa dizer: “Minha passagem neste mundo não terá sido estéril se contribuí para acalmar uma dor, esclarecer uma inteligência em busca do verdadeiro, reconfortar uma única alma vacilante e entristecida”.



PRIMEIRA PARTE

CRENÇAS E NEGAÇÕES

I

A DOCTRINA SECRETA . AS RELIGIÕES

Quando se lança um olhar abrangente sobre o passado, quando se evoca a lembrança das religiões desaparecidas, crenças extintas, se é tomado por uma espécie de vertigem no aspecto das vias sinuosas percorridas pelo pensamento humano. Lenta é a sua marcha. Parece, primeiramente, comprazer-se nas criptas escuras da Índia, nos templos subterrâneos do Egito, nas catacumbas de Roma, na luz fraca das catedrais; parece preferir os lugares soturnos, a atmosfera pesada das escolas, o silêncio dos claustros à luz do céu, aos espaços livres, em uma palavra, ao estudo da Natureza.

Um primeiro exame, uma comparação superficial das crenças e das superstições do passado conduz, inevitavelmente, à dúvida. Mas, se se afasta o véu exterior e brilhante que escondia da multidão os grandes mistérios, se se penetra no santuário da ideia religiosa, encontramos-nos na presença de um fato de envergadura considerável. As formas materiais,

DEPOIS DA MORTE

as cerimônias dos cultos tinham como objetivo chocar a imaginação do povo. Atrás desses véus, as religiões antigas apareciam sob um outro aspecto; revestiam um caráter grave, elevado, ao mesmo tempo científico e filosófico.

Seu ensino era duplo: exterior e público, de um lado, interior e secreto, de outro, e, neste caso, reservado, unicamente, aos iniciados. Este pôde ser reconstituído, recentemente, nas suas grandes linhas, através da sequência de pacientes estudos e de numerosas descobertas epigráficas.¹ Desde então, a obscuridade e a confusão que reinavam nas questões religiosas dissiparam-se, a harmonia se fez com a luz. Adquiriu-se a prova de que todos os ensinos do passado se religam, que uma única e mesma doutrina encontra-se na sua base, doutrina transmitida de idade em idade a uma longa sequência de sábios e pensadores.

Todas as grandes religiões tiveram duas faces, uma aparente, a outra, secreta. Nessa é o espírito; naquela, a forma ou a letra. Sob o símbolo material, o sentido profundo dissimula-se. O bramanismo na Índia, o hermetismo no Egito, o politeísmo grego, o próprio Cristianismo, em sua origem, apresenta esse duplo aspecto. Julgá-las pelo seu lado exterior e vulgar é julgar o valor moral de um homem pelas suas vestimentas. Para conhecê-las, é necessário penetrar no pensamento íntimo que as inspira e faz sua razão de ser; do seio dos mitos e dos dogmas, é necessário separar o princípio gerador que lhes comunica a força e a vida. Então, descobre-se a doutrina única, superior, imutável, da qual as religiões humanas são apenas adaptações imperfeitas e transitórias, proporcionadas às necessidades dos tempos e dos meios.

¹ Ver Max Müller, *Ensaio sobre a História das Religiões*; Saint-Yves d'Alveydres, *A Missão dos Judeus*; Ed. Schuré, *Os Grandes Iniciados*. (Nota do Autor; suas notas seguintes conterão apenas as iniciais N.A.)

A DOCTRINA SECRETA. AS RELIGIÕES

Tem-se, na nossa época, uma concepção do Universo absolutamente exterior e material. A Ciência moderna, nas suas investigações, limitou-se a acumular o maior número de fatos, para daí retirar as leis. Obteve, assim, maravilhosos resultados; mas, nesse caso, o conhecimento dos princípios, das causas primeiras e da verdade permanecerá para ela para sempre inacessível. As causas segundas, elas próprias, escapam-lhe. O domínio invisível da vida é mais vasto do que aquele que é abrangido pelos nossos sentidos; ali, reinam essas causas das quais vemos apenas os efeitos.

A Antiguidade tinha uma outra maneira de ver e de proceder. Os sábios do Oriente e da Grécia não desprezavam observar a natureza exterior, mas é sobretudo no estudo da alma, das suas potências íntimas, que descobriam os princípios eternos. A alma era para eles como um livro, onde se inscreviam em caracteres misteriosos todas as realidades e todas as leis. Pela concentração das faculdades, pelo estudo meditativo e profundo de si mesmo, elevavam até a Causa sem causa, até o Princípio de onde derivam os seres e as coisas. As leis inatas da inteligência explicavam-lhes a ordem e a harmonia da Natureza, como o estudo da alma dava-lhes a chave dos problemas da vida.

A alma, criam eles, colocada entre dois mundos, o visível e o oculto, o material e o espiritual, observando-os, penetrando em todos dois, é o instrumento supremo do conhecimento. Segundo seu grau de avanço e de pureza, ela reflete, com mais ou menos intensidade, os raios do foco divino. A razão e a consciência não guiam apenas nossos julgamentos e nossos atos; são, também, os meios mais seguros para conquistar e possuir a verdade.

A vida inteira dos iniciados era consagrada a essas pesquisas. Não se limitava, como nos nossos dias, a preparar a

DEPOIS DA MORTE

juventude através dos estudos prematuros, insuficientes, mal dirigidos, às lutas e aos deveres da existência. Os adeptos eram escolhidos, preparados desde a infância à carreira que deviam servir, depois, arrastados gradualmente na direção dos cumes intelectuais de onde se pode dominar e julgar a vida. Os princípios da ciência secreta lhes eram passados numa medida proporcional ao desenvolvimento da sua inteligência e das suas qualidades morais. A iniciação era uma reforma completa do caráter, um despertar das faculdades adormecidas. O adepto só participava dos grandes mistérios, quer dizer, da revelação das leis superiores quando tivesse sabido apagar em si mesmo o fogo das paixões, comprimir os desejos impuros, orientar os impulsos de seu ser em direção ao Bem e ao Belo. Entrava, então, na posse de certos poderes sobre a Natureza e comunicava-se com as potências ocultas do Universo.

Os testemunhos da História que se referem a Apolônio de Tiana e Simão, o Mago, os fatos, tidos como miraculosos, efetuados por Moisés e o Cristo, não deixam subsistir nenhuma dúvida sobre esse ponto. Os iniciados conheciam o segredo das forças fluídicas e magnéticas. Os fenômenos do sonambulismo e do psiquismo, no meio dos quais se debatem os sábios dos nossos dias, na sua impotência para explicá-los ou para conciliá-los com teorias preconcebidas,² este domínio, a ciência oriental dos santuários tinham-no explorado e tinham todas as chaves. Encontrava, ali, meios de ação, tornados incompreensíveis para o vulgo, mas cujos fenômenos do Espiritismo, nos forneceria, facilmente, a explicação.

² Ver Ochorowitz, *A Sugestão Mental*. (N.A.)

A DOCTRINA SECRETA. AS RELIGIÕES

Nessas experiências fisiológicas, a ciência contemporânea chegou à soleira desse mundo oculto, conhecido dos antigos. Até aqui, não ousou aí penetrar francamente, mas está próximo o dia em que a força das coisas e o exemplo dos audaciosos para lá a constrangerão. Então, reconhecerá que não há, nesses fatos que regem leis rigorosas, nada de sobrenatural, mas, ao contrário, um lado ignorado da Natureza, uma manifestação das forças sutis, um aspecto novo da vida que enche o Infinito.

Se do domínio dos fatos passamos ao dos princípios, teremos, primeiramente, que traçar novamente as grandes linhas da doutrina secreta. Segundo ela, a vida é apenas a evolução do espírito, no tempo e no espaço, única realidade permanente. A matéria é sua expressão inferior, sua forma mutante. O Ser por excelência, fonte de todos os seres, é Deus, ao mesmo tempo triplo e um, substância, essência e vida, em quem se resume todo o Universo. Daí, o deísmo trinitário que, da Índia e do Egito, passou, disfarçado, para a doutrina cristã: esta, dos três elementos do ser, fez pessoas. A alma humana, parcela da grande alma, é imortal. Progride e retorna na direção do seu autor, através das existências numerosas, alternadamente terrestres e espirituais, e através de um aperfeiçoamento contínuo. Nas encarnações corporais, ela constitui o homem, cuja natureza tríplice, corpo, perispírito e alma, torna-se um microcosmo ou um pequeno mundo, imagem reduzida do macrocosmo ou do Todo. É por esse motivo que podemos encontrar Deus, no mais profundo do nosso ser, perguntando-nos na solidão, estudando e desenvolvendo nossas faculdades latentes, nossa razão e nossa consciência. A vida universal tem duas faces: a involução, ou a descida do espírito na matéria pela criação individual; e a evolução, ou ascensão gradual pela cadeia das existências, em direção à Unidade Divina.

DEPOIS DA MORTE

A essa filosofia agrupava-se todo um feixe de ciências: a ciência dos números ou matemáticas sagradas, a teogonia, a cosmogonia, a psicologia e a física. Nelas, o método indutivo e o método experimental combinavam-se e controlavam-se de maneira a formar um conjunto imponente e harmônico.

Este ensino abria ao pensamento perspectivas capazes de provocar vertigem nos espíritos mal preparados. Reservava-se, por isso, para os fortes. Se a vista do Infinito perturba e enlouquece as almas débeis, fortifica e engrandece os valentes. No conhecimento das leis superiores, haurem a fé esclarecida, a confiança no futuro, a consolação na infelicidade. Esse conhecimento auxilia os fracos, e todos aqueles que se agitam ainda nos círculos inferiores da existência, vítimas das paixões e da ignorância. Inspira a tolerância para com todas as crenças. O iniciado sabia unir-se a todos e orar com todos. Honrava Brahma na Índia, Osiris em Memfis, Júpiter em Olímpia, como imagens enfraquecidas do Poder Supremo, diretor das almas e dos mundos. Assim, a verdadeira religião eleva-se acima de todas as crenças e não proscree nenhuma.

O ensino dos santuários produziu homens verdadeiramente prestigiosos pela elevação das ideias e o poder das obras realizadas, uma elite de pensadores e de homens de ação, cujos nomes encontram-se em todas as páginas da História. Daí saíram os grandes reformadores, os fundadores das religiões, os ardentes semeadores de ideias: Krishna, Zoroastro, Hermes, Pitágoras, Platão, Jesus e todos aqueles que quiseram colocar ao alcance da multidão as verdades sublimes que faziam sua superioridade. Lançaram aos ventos a semente que fecunda as almas, promulgaram a lei moral, imutável, em toda parte e sempre semelhante a si mesma.

Mas os discípulos não souberam guardar intacta a herança dos mestres. Estando mortos aqueles, seu ensino

A DOCTRINA SECRETA. AS RELIGIÕES

foi desnaturado, tornando-se irreconhecível pelas alterações sucessivas. A média dos homens não estava apta para perceber as coisas do espírito e as religiões perderam depressa sua simplicidade e sua pureza primitivas. As verdades que traziam foram afogadas sob os detalhes de uma interpretação grosseira e material. Abusou-se dos símbolos para chocar a imaginação dos crentes, e logo, sob o símbolo, a ideia mãe foi sepultada e esquecida.

A verdade é comparável a essas gotas de chuva que tremem na extremidade de um galho. Enquanto permanecem ali suspensas, brilham como puros diamantes sob o clarão do dia, logo que tocam o solo, misturam-se a todas as impurezas. Tudo o que vem do alto suja-se ao contato terrestre. Até no seio dos templos, o homem levou suas paixões, suas cobiças, suas misérias morais. Além disso, em cada religião, o erro, esse bem da Terra, mistura-se à verdade, esse bem do Céu.

*

* *

Pergunta-se, às vezes, se a religião é necessária. A religião,³ bem compreendida, deveria ser um laço unindo os homens entre si e unindo-os através de um mesmo pensamento ao princípio superior das coisas.

Há na alma um sentimento natural que a leva em direção a um ideal de perfeição no qual se identifica o Bem e a Justiça. Se ela fosse esclarecida pela Ciência, fortificada pela razão, apoiada na liberdade de consciência, esse sentimento, o mais nobre que se pode experimentar, tornar-se-ia o móvel de grandes e generosas ações; mas embaciado, falseado, materializado, tornou-se muito frequentemente um instrumento de dominação egoísta, pelos cuidados da teocracia.

³ Do latim *religare*, religar, unir. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

A religião é necessária e indestrutível, pois ela haure sua razão de ser na própria natureza do ser humano, da qual resume e exprime as aspirações elevadas. Ela é, também, a expressão das leis eternas, e, nesse ponto de vista, deve se confundir com a Filosofia, que faz passar do domínio da teoria ao da execução, e torna-se viva e operante.

Mas, para exercer uma influência salutar, para voltar a ser um móvel de elevação e de progresso, a religião deve despojar-se dos disfarces de que se revestiu através dos séculos. O que deve desaparecer, não é o seu princípio, são, com os mitos obscuros, as formas exteriores e materiais. É preciso ter o cuidado de não confundir coisas tão dissemelhantes.

A verdadeira religião não é uma manifestação exterior, é um sentimento, e é no coração humano que está o verdadeiro templo do Eterno. A verdadeira religião não poderia ser limitada a regras, nem ritos acanhados. Não tem necessidade nem de fórmulas nem de imagens; ela pouco se importa com os simulacros e formas de adoração, e só julga os dogmas pela sua influência sobre o aperfeiçoamento das sociedades. A verdadeira religião abrange todos os cultos, todos os sacerdócios, eleva-se acima deles e lhes diz: A verdade é mais alta!

Deve-se compreender, entretanto, que todos os homens não estão no estado de atingir esses cumes intelectuais. É por isso que a tolerância e a benevolência se impõem. Se o dever nos convida a desligar os bons espíritos dos aspectos vulgares da religião, é preciso abster-nos de lançar pedras às almas sofredoras, banhadas em lágrimas, incapazes de assimilar noções abstratas, e que encontram na sua fê inocente sustento e reconforto.

Todavia, pode-se constatar que o número dos crentes sinceros diminui dia a dia. A ideia de Deus, antes simples e grande nas almas, foi desnaturada pelo medo do inferno;

A DOCTRINA SECRETA. AS RELIGIÕES

perdeu seu poder. Na impossibilidade de elevar-se até o absoluto, certos homens acreditaram ser necessário adaptar à sua forma e à sua medida tudo o que queriam conceber. É assim que rebaixaram Deus ao seu próprio nível, emprestando-lhe suas paixões e suas fraquezas, diminuindo a Natureza e o Universo, e, sob o prisma de sua ignorância, decompondo em cores diversas o puro raio da verdade.

As claras noções da religião natural foram obscurecidas pelo prazer. A ficção e a fantasia engendraram o erro, e este, congelado no dogma, levantou-se como um obstáculo no caminho dos povos. A luz foi velada por aqueles que se acreditavam os depositários, e as trevas em que queriam envolver os outros, fizeram-se neles e em torno deles. Os dogmas perverteram o sentido religioso, e o interesse de casta falseou o senso moral. Daí, um amontoado de superstições, de abusos, de práticas idólatras, cujo espetáculo projetou tantos homens na negação.

A reação, entretanto, se anuncia. As religiões imobilizadas nos seus dogmas como múmias sob suas bandagens, enquanto tudo caminha e evolui em torno delas, enfraquecem-se a cada dia. Perderam quase toda influência sobre os costumes e a vida social e estão destinadas a morrer; mas como todas as coisas, as religiões morrem apenas para renascer. A ideia que os homens fazem da verdade se modifica e se amplia com os tempos. É por isso que as religiões, que são manifestações temporárias, vistas parciais da eterna verdade, devem transformar-se, já que fizeram sua obra e não respondem mais aos progressos e às necessidades da Humanidade. À medida que esta avança no seu caminho, é-lhe necessário novas concepções, um ideal mais elevado, e ela as encontra nas descobertas da Ciência e nas intuições engrandecedoras do pensamento.

DEPOIS DA MORTE

Chegamos a um momento da História em que as religiões envelhecidas abatem-se nas suas bases, em que uma renovação filosófica e social se prepara. O progresso material e intelectual chama o progresso moral. Um mundo de inspirações agita-se nas profundezas das almas, esforça-se para tomar forma e nascer na vida. O sentimento e a razão, essas duas grandes forças, imperecíveis como o espírito humano, do qual elas são os atributos, forças até aqui hostis e que perturbaram a sociedade nos seus conflitos, tendem, afinal, a se aproximar. A religião deve perder seu caráter dogmático e sacerdotal para tornar-se científica; a Ciência desligar-se-á dos baixios materialistas para esclarecer-se com um raio divino. Uma doutrina vai surgir, idealista nas suas tendências, positiva e experimental no seu método, apoiada nos fatos indeléveis. Sistemas opostos na aparência, filosofias contraditórias e inimigas, o espiritualismo e o naturalismo, por exemplo, nela encontrarão um terreno de reconciliação. Síntese poderosa, ela abraçará e religará todas as concepções variadas do mundo e da vida, raios rompidos, faces diversas da verdade.

Isso será a ressurreição, sob a forma mais completa, tornada acessível a todos, da doutrina secreta que conheceu o passado, o advento da religião natural, que renascerá simples e pura. A religião passará pelos atos, pelo desejo ardente do bem; o holocausto será o sacrifício das nossas paixões, o aperfeiçoamento do espírito humano. Assim será a religião superior, definitiva, universal, no seio da qual se fundirão, como rios no oceano, todas as religiões passageiras, contraditórias, causas muito frequentes de divisão e de discórdias para a Humanidade.



II

A ÍNDIA

Dissemos que a doutrina secreta encontrava-se no fundo de todas as grandes religiões e nos livros sagrados de todos os povos. De onde veio ela? Qual a sua fonte? Quais os primeiros homens que a conceberam, e depois a transcreveram? As mais antigas Escrituras são aquelas que resplandecem nos céus.⁴ Esses mundos estelares que, através das noites silenciosas, deixam cair suas serenas claridades, constituem as Escrituras eternas e divinas das quais fala Dupuis na sua obra sobre a origem dos cultos. Os homens, sem dúvida, consultaram-nas antes de escrever, mas os primeiros livros nos quais encontra-se exposta a grande doutrina são os *Vedas*. É nos *Vedas*, cuja idade não pôde ser estabelecida, que se formou a religião primitiva da Índia, religião inteiramente patriarcal, simples como a existência do homem despojado de paixões, vivendo uma vida serena e forte, em contato com a Natureza esplêndida do Oriente.

⁴ Os signos do Zodíaco. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

Os hinos védicos igualam-se em grandeza, em elevação moral, a tudo o que o sentimento poético engendrou de mais belo na sucessão dos tempos. Celebram Agni, o fogo, símbolo do Eterno Masculino ou Espírito Criador; Sômâ, o licor do sacrifício, símbolo do Eterno Feminino, Alma do Mundo, substância etérea. Na sua união perfeita, estes dois princípios essenciais do Universo constituem o Ser Supremo, Zyaus ou Deus.

O Ser Supremo imola-se a si próprio e divide-se para produzir a vida universal. Assim, o mundo e os seres, saídos de Deus, retornam a Deus através de uma evolução constante. Daí, a teoria da queda e a reascensão das almas, que se encontra no Ocidente.

O sacrifício do fogo resume o culto védico. Ao alvorecer, o chefe da família, ao mesmo tempo pai e sacerdote, acendia a chama sagrada sobre o altar de terra, e, com ela, subia alegre para o céu azul, a prece, a invocação de todos à força única e viva que o véu transparente da Natureza recobre.

Enquanto efetua-se o sacrifício, dizem os *Vedas*, os Assouras, ou espíritos superiores e os Pitris, almas dos ancestrais, envolvem os assistentes e associam-se às suas preces.

Assim, a crença nos espíritos remonta às primeiras idades do mundo.

Os *Vedas* afirmavam a imortalidade da alma e a reencarnação.

“Há uma parte imortal do homem, é ela, oh! Agni, que é preciso aquecer com teus raios, inflamar com tuas luzes. — De onde nasceram as almas? Umas vêm até nós e daqui retornam; as outras se vão e tornam a voltar.”

Os *Vedas* são monoteístas; as alegorias que aí se encontram a cada página apenas dissimulam a imagem da grande causa primária, cujo nome, cercado de um santo respeito,

A ÍNDIA

não podia ser pronunciado sob pena de morte. Quanto às divindades secundárias ou *devas*, personificam os auxiliares inferiores do ser divino, as forças da Natureza e as qualidades morais. Do ensino dos *Vedas* decorria toda a organização da sociedade primitiva, o respeito à mulher, o culto dos antepassados, o poder eletivo e patriarcal.

Na época védica, na solidão dos bosques, à margem dos rios e dos lagos, anacoretas ou *rishis* passavam seus dias no retiro. Intérpretes da ciência oculta, da doutrina secreta dos *Vedas*, já possuíam estes misteriosos poderes, transmitidos de um século a outro, e dos quais ainda desfrutavam os *faquires* e os *iogues*. Dessa confraria de solitários saiu o pensamento criador, a impulsão primeira que fez do brahmanismo a mais colossal das teocracias.

Krishna, educado pelos ascetas no seio das florestas de cedros que dominavam os cumes nevados do Himalaia, foi o inspirador das crenças hindus. Esta grande figura aparece na História como a do primeiro dos reformadores religiosos, dos missionários divinos. Ele renovou as doutrinas védicas, apoiando-as na ideia da Trindade, na da alma imortal e seus renascimentos sucessivos. Depois de ter selado sua obra com seu próprio sangue, partiu da Terra, deixando à Índia esta concepção do Universo e da vida, este ideal superior sob cujo signo tem vivido há milhares de anos.

Sob nomes diversos, esta doutrina expandiu-se pelo mundo através de todas as migrações de homens, da qual a alta região da Índia foi a fonte. Essa terra sagrada não é somente a mãe dos povos e das civilizações; ela é, também, o foco das mais altas inspirações religiosas.

Krishna, cercado por um grupo de discípulos, ia de cidade em cidade espalhar seu ensinamento:

DEPOIS DA MORTE

“O corpo, dizia ele,⁵ envoltório da alma que aí faz sua morada, é uma coisa finita, mas a alma que o habita é invisível, imponderável e eterna.”

“A sorte da alma depois da morte constitui o mistério dos renascimentos. Como as profundezas do céu abrem-se aos raios das estrelas, assim, as profundezas da vida clareiam-se à luz dessa verdade.”

“Quando o corpo está dissolvido, quando a sabedoria é que o domina, a alma eleva-se para as regiões desses seres puros que têm o conhecimento do Altíssimo. Quando é a paixão que o domina, a alma vem novamente habitar entre aqueles que estão presos às coisas da Terra. Assim também a alma, obscurecida pela matéria e pela ignorância, é atraída de novo para o corpo dos seres irracionais.”

“Todo renascimento, feliz ou infeliz, é a consequência das obras praticadas nas vidas anteriores.”

“Mas há um mistério maior ainda. Para alcançar a perfeição, é preciso conquistar a ciência da Unidade, que está acima da sabedoria; é preciso elevar-se ao ser divino, que está acima da alma e da inteligência. Este ser divino está, também, em cada um de nós:

Carregas contigo um amigo sublime que não conheces, pois Deus reside no interior de todo homem, mas poucos sabem encontrá-lo. O homem faz o sacrifício de dominar seus impulsos e oferece suas obras ao Ser de onde procedem os princípios de todas as coisas e por quem o Universo foi formado, obtém pelo seu sacrifício a perfeição, pois aquele que encontra em si mesmo sua felicidade, sua alegria, sua própria luz, está com Deus. Ora, saibam-no, a alma que

⁵ *Baghavadgita*, trad.: de Émile Burnouf, C. Schlegel e Wilkins. (N.A.)

A ÍNDIA

encontrou Deus está livre do renascimento e da morte, da velhice e da dor, bebe a água da imortalidade.

Krishna falava da sua própria natureza e da sua missão nos termos em que é bom meditar. Dirigindo-se aos seus discípulos:

Vocês e eu, dizia ele, tivemos várias encarnações. As minhas apenas eu conheço, mas vocês não conhecem as suas. Já que não estou mais, pela minha natureza, sujeito a nascer ou morrer, todas as vezes que a virtude declina no mundo, e que o vício e a injustiça o arrastam, então, torno-me visível, e assim, mostro-me de idade em idade, para a salvação do justo, o castigo do mau e o restabelecimento da virtude.

Revelei-lhes os grandes segredos. Digam apenas àqueles que podem compreender. Vocês são meus eleitos, vocês veem o objetivo, a multidão vê apenas um trecho do caminho.⁶

Por essas palavras, estava fundada a doutrina secreta. Apesar das alterações sucessivas que terá que sofrer, permanecerá como a fonte de vida, onde, na obscuridade e no silêncio, beberão todos os grandes pensadores da Antiguidade.

A moral de Krishna não era menos pura:

Os males que infligimos ao nosso próximo nos perseguem, assim como nossa sombra segue nosso corpo. — As obras inspiradas pelo amor aos nossos semelhantes são aquelas que mais pesarão na balança celeste. — Se caminhas com os bons, teus exemplos serão inúteis; não temas viver entre os maus para reconduzi-los ao bem. — O homem virtuoso é semelhante à árvore gigantesca cuja sombra benfeitora dá às plantas que a cercam o frescor e a vida.

⁶ *Baghavadgita.* (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

Sua linguagem elevava-se até o sublime quando falava da abnegação e do sacrifício:

“O homem honesto deve tombar sob os golpes dos maus como o sândalo que, quando é abatido, perfuma o machado que o golpeou.”

Quando os sofistas pediram-lhe que lhes explicasse a natureza de Deus, ele respondeu:

“Apenas o Infinito e o Espaço podem compreender o Infinito. Só Deus pode compreender Deus.”

Dizia ainda:

“Nada daquilo que É pode perecer, pois tudo o que É está contido em Deus. Assim, os sábios não lamentam nem os vivos nem os mortos. Pois, nunca deixarei de ser, nem tu, nem homem algum, e nunca deixaremos de existir, nós todos, além da vida presente”.⁷

Sobre a comunicação com os espíritos:

“Muito tempo antes de se despojarem de seu envoltório mortal, as almas que só o bem praticaram, adquirem a faculdade de conversar com as almas que as precederam na vida espiritual (*swarga*).”⁸

É o que afirmam ainda os brâmanes dos nossos dias através da doutrina de Pitris. Em todos os tempos, a evocação dos mortos foi uma das formas de sua liturgia.

Tais são os principais pontos do ensino de Krishna, que se encontram nos livros sagrados, no fundo dos santuários do Sul do Indústão.

No princípio, a organização social da Índia foi calçada pelos brâmanes sobre suas concepções religiosas. Eles dividiram a sociedade em três classes, segundo o sistema ternário; mas pouco a pouco, esta organização degenerou

⁷ *Mahabarata*, trad. H. Fauche. (N.A.)

⁸ *Baghavadgita*. (N.A.)

A ÍNDIA

em privilégios sacerdotais e aristocráticos. A hereditariedade impôs seus limites estreitos e rígidos às aspirações de todos. A mulher, livre e honrada nos tempos védicos, tornou-se escrava. A sociedade fixou-se numa forma inflexível, e a decadência da Índia foi consequência inevitável disso. Petrificada nas suas castas e nos seus dogmas, adormeceu nesse sono letárgico, imagem da morte, que o tumulto das invasões estrangeiras nem ao menos perturbou. Nunca despertará ela? Só o futuro poderá dizê-lo.

Os brâmanes, depois de terem estabelecido a ordem e organizado a sociedade, perderam a Índia pelo excesso de compressão. Da mesma forma, tiraram toda a autoridade moral da doutrina de Krishna, envolvendo-a com formas grosseiras e materiais. Se apenas se considera o lado exterior e vulgar do brahmanismo, suas prescrições pueris, seu cerimonial pomposo, seus ritos complicados, as fábulas e as imagens das quais é tão pródigo, se é levado a nele ver apenas um amontoado de superstições. Mas seria uma falha julgá-lo apenas pelas aparências exteriores. No brahmanismo, como em todas as religiões antigas, é preciso dividi-las em duas partes. Uma é a do culto e do ensino vulgar, preenchido por ficções que cativam o povo e ajudam a conduzi-lo nas vias da servidão. Nessa ordem de ideias, prende-se ao dogma da metempsicose, ou renascimento das almas culpadas nos corpos dos animais, de insetos ou das plantas, aterrorizante destino para apavorar os fracos, sistema hábil que imitou o Catolicismo na sua concepção dos mitos de Satã, do inferno e das penas eternas.

Outra coisa é o ensino secreto, a grande tradição esotérica, que forneceu sobre a alma, sobre seus destinos, sobre a causa universal, as especulações mais elevadas e as mais puras. Para recolhê-las, é preciso penetrar no mistério dos

DEPOIS DA MORTE

pagodes, explorar os manuscritos que encerram, interrogar os brâmanes sábios.

*

* *

Mais ou menos seiscentos anos antes de era cristã, um filho de rei, Çakya-Mouni ou o Bouddha, foi abatido por uma profunda tristeza, por uma imensa piedade, em vista dos sofrimentos dos homens. A corrupção invadira a Índia, em consequência da alteração das tradições religiosas e dos abusos de uma teocracia ávida de dominação. Renunciando às grandezas, à vida de fausto, o Bouddha deixou seu palácio e embrenhou-se na floresta silenciosa. Depois de longos anos de meditação, reaparece, trazendo ao mundo asiático, senão uma crença nova, pelo menos, uma nova expressão da Lei.

Segundo o budismo,⁹ a causa do mal, da dor, da morte e do renascimento, é o desejo. É ele, é a paixão que nos prende às formas materiais e desperta em nós mil necessidades que renascem sem parar, jamais saciadas, que se tornam, igualmente, tiranas. O objetivo elevado da vida é o de arrancar a alma das tramas do desejo. Chega-se a isso pela reflexão, austeridade, pelo desprendimento de todas as coisas terrestres, pelo sacrificio do *eu*, pela libertação de todas as servidões da personalidade e do egoísmo. A ignorância é o mal soberano, donde decorrem o sofrimento e a miséria; e o principal meio para se melhorar a vida presente e o futuro é adquirir o conhecimento.

O conhecimento compreende a ciência da Natureza visível e invisível, o estudo do homem e o do princípio das coisas. Estes são absolutos e eternos. O mundo, saído da sua

⁹ Léon de Rosny, *Le Bouddhisme*; Burnouf, *La Science des Religions*. (N.A.)

A ÍNDIA

própria atividade de um estado uniforme, está em evolução contínua. Os seres, herdeiros do Todo, a fim de resolverem o problema da perfeição, inseparável do estado de liberdade, estão em vias de retornar ao bem perfeito. Não penetram no mundo da forma senão para trabalhar no cumprimento da sua obra de aperfeiçoamento e de elevação. Podem realizá-lo pela Ciência, diz um *Upanishads*, podem cumpri-lo pelo amor, diz um *Purana*.

A Ciência e o amor são os dois fatores essenciais do Universo. Enquanto o ser não tiver adquirido o amor, permanece condenado a perseguir a sequência das reencarnações terrestres.

Sob a influência de uma tal doutrina, o instinto egoísta vê estreitar-se, pouco a pouco, seu círculo de ação. O ser aprende a envolver no mesmo amor tudo o que vive e respira. E isso é apenas uma etapa ainda da sua evolução. Esta deve conduzi-lo a só amar o eterno princípio de onde emana todo o amor e para onde deve, necessariamente, retornar. Este estado é o de Nirvana.

Essa expressão, diversamente comentada, causou muitos mal-entendidos. Segundo a doutrina secreta do budismo,¹⁰ o Nirvana não é, como o ensino da Igreja do Sul e o grande sacerdote do Ceilão, a perda da individualidade, o desfalecimento do ser no nada; é a conquista, pela alma, da perfeição, a libertação definitiva das transmigrações e dos renascimentos no seio das humanidades.

Cada qual faz o seu destino. A vida presente, com suas alegrias e suas dores, é apenas a consequência das boas ou más ações executadas livremente pelo ser nas suas existências

¹⁰ Sinnet, *O Budismo Esotérico*. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

anteriores. O presente explica-se pelo passado, não apenas para o mundo tomado no seu conjunto, mas para cada um dos seres que o compõem. Chama-se *Karma*, a soma dos méritos ou dos deméritos adquiridos pelo ser. Esse *Karma* é para ele, em todos os instantes da sua evolução, o ponto de partida para o futuro, a causa de toda justiça distributiva:

Eu, Buda,¹¹ que chorei com todos os meus irmãos, cujo coração foi partido pela dor de todo o mundo, sorrio e estou contente, pois a liberdade existe. Oh! Vós que sofreis, sabei. Eu vos mostro a verdade. Tudo o que somos é o resultado do que pensamos. Tudo é fundamentado nos nossos pensamentos; tudo é obra dos nossos pensamentos. Se um homem fala e age, segundo um pensamento puro, a felicidade segue-o como uma sombra. O ódio nunca foi apaziguado pelo ódio. O ódio só é vencido pelo amor. Como a chuva passa através de uma casa mal coberta, a paixão atinge o homem pouco refletido. Pela reflexão, pela moderação, pelo domínio de si mesmo, o homem faz de si uma ilha que nenhuma tempestade pode destruir. O homem volta para recolher aquilo que semeou. Esta é a doutrina do Karma.

A maioria das religiões recomenda-nos o bem com vistas a uma recompensa celeste. Há aí um móvel egoísta e mercenário que não se encontra no mesmo grau no budismo. É preciso praticar o bem, diz Léon de Rosny,¹² porque o bem é o objetivo supremo da Natureza. É conformando-se com as exigências dessa lei que se adquire a única satisfação verdadeira, a mais bela que pode experimentar o ser desembaraçado dos entraves da forma e das atrações do desejo, causas contínuas de decepção e de sofrimento.

¹¹ *Dhammapada*. (N.A.)

¹² *A Moral do Budismo*. (N.A.)

A ÍNDIA

A compaixão do budismo, sua caridade, estende-se a todos os seres. Todos, aos seus olhos, estão destinados ao Nirvana. E, por seres, é preciso compreender os animais, os vegetais e até os corpos inorgânicos. Todas as formas de vida encadeiam-se, segundo a lei grandiosa da evolução e da transformação. Em parte alguma a vida está ausente no Universo. A morte é apenas uma ilusão, um dos agentes que permitem uma renovação incessante e incessantes transformações. O inferno — para os iniciados na doutrina esotérica — é apenas o remorso e a ausência do amor. O purgatório está em toda parte onde se encontra a forma e onde evolui a matéria. Está em nosso globo tanto quanto nas profundezas do firmamento estrelado.

O Buda e seus discípulos praticavam o Dhyâna ou a contemplação, o êxtase. O espírito, nesse estado de exaltação, comunica-se com as almas que partiram da Terra.¹³

O budismo esotérico ou vulgar, reprimido por volta do século VI nas duas extremidades da Índia, depois de lutas sangrentas provocadas pelos brâmanes, sofreu vicissitudes diversas e numerosas transformações. Um dos seus ramos ou igrejas, a do Sul, numa de suas interpretações, parece inclinar-se para o ateísmo e o materialismo. A do Tibet permaneceu deísta e espiritualista. O budismo tornou-se, além disso, a religião do mais vasto império do mundo, a China. Seus fiéis compõem, hoje, a terça parte da população do mundo. Mas, em todos os lugares por onde se espalhou, dos Urais ao Japão, suas tradições primitivas foram veladas, alteradas. Ali, como em qualquer lugar, as formas materiais do culto abafaram as altas aspirações do pensamento, os ritos, as cerimônias supersticiosas, as fórmulas vãs, as oferendas, os

¹³ Eug. Bonnemère, *A Alma e suas Manifestações*. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

barris e os moinhos de pedra substituíram o ensino moral e a prática das virtudes.¹⁴

Entretanto, os principais ensinamentos de Buda foram conservados nos Soutras.¹⁵ Sábios, herdeiros da ciência e dos poderes dos antigos ascetas, possuem também, digamos,¹⁶ a secreta doutrina na sua íntegra. Eles fixaram sua morada longe das multidões humanas, nos planaltos elevados de onde surge a planície da Índia, vaga e distante, como num sonho. É na atmosfera pura e no silêncio das solidões que habitariam os Mahatmas. Detentores dos segredos que permitem desafiar a dor e a morte, passavam seus dias em meditação, esperando a hora problemática em que o estado moral da Humanidade tornaria possível a divulgação de seus arcanos. Infelizmente, nenhum fato bem autêntico veio até agora confirmar essas afirmações. A prova da existência dos *Mahatmas* ainda está para ser feita.

Há vinte anos, grandes esforços foram tentados para difundir a doutrina budista no Ocidente. Nossa raça, ávida de movimento, de luz e de liberdade, parece pouco disposta a assimilar essa religião de renúncia, da qual os povos orientais fizeram uma doutrina de aniquilamento voluntário e de enfraquecimento intelectual. O budismo permaneceu na nossa Europa no domínio de alguns letrados. O esoterismo tibetano é honrado entre eles. Sobre certos pontos, este abre ao espírito humano perspectivas estranhas. A teoria dos dias e das noites de Brahma, *Manvantara* e *Prataya*, renovada das antigas religiões da Índia, parece um pouco em contradição com a ideia do Nirvana.

¹⁴ G. Bousquet, *Revista dos Dois Mundos*, 15 de março de 1870. (N.A.)

¹⁵ O *Lalita Vistara*, trad. Foucaux; *O Lotus da Boa Lei*, trad. Eug. Bournouf. (N.A.)

¹⁶ Sinnet, *O Budismo Esotérico*. (N.A.)

A ÍNDIA

Em todo caso, esses períodos imensos de difusão e de concentração, no fim dos quais a grande Causa primária absorve todos os seres e permanece só, imóvel, adormecida sobre os mundos inferiores, lançam o pensamento numa espécie de vertigem. A teoria dos sete planetas,¹⁷ sobre os quais desenrola-se a roda da vida num movimento ascensional, constituem, também, visões originais e sujeitas a exame.

Uma coisa domina esse ensino. A lei de caridade proclamada pelo Buda é um dos mais poderosos apelos ao bem que foram feitos nesse mundo; mas segundo a expressão de Léon de Rosny,¹⁸ “esta Lei calma, esta Lei vazia, porque nada tem como apoio, tornou-se ininteligível para a maioria dos homens, aos quais revolta os apetites, aos quais não promete o gênero de salário que querem receber.”

O budismo, apesar das suas manchas e sombras, não deixa de ser uma das maiores concepções religiosas que apareceram nesse mundo, uma doutrina toda de amor e de igualdade, uma reação poderosa contra a distinção das castas estabelecida pelos brâmanes. Ele oferece, sobre certos pontos, analogias surpreendentes com o Evangelho de Jesus de Nazaré.



¹⁷ Ao invés dos sete, conhecidos apenas dos antigos, contam-se oito principais no nosso sistema solar. A existência de um nono e de outros ainda foi suspeitada além de Netuno, em consequência das perturbações sofridas por esse planeta. (N.A.)

¹⁸ Léon de Rosny, *A Moral do Budismo*. (N.A.)

III

O EGITO

As portas do deserto, os templos, as colunas, as pirâmides erguem-se, floresta de pedras, sob um céu de fogo. As esfinges contemplam as planícies, acoradas e sonhadoras, e as necrópoles, talhadas na rocha, abrem suas soleiras profanadas à margem do rio silencioso. É o Egito, terra estranha, livro venerável, no qual o homem moderno mal começa a soletrar o mistério das idades, dos povos e das religiões.¹⁹

A Índia, diz a maioria dos orientistas, comunicou ao Egito sua civilização e sua fé; outros, não menos eruditos, afirmam que numa época recuada, a terra de Ísis já possuía suas tradições próprias. Estas eram a herança de uma raça extinta, a raça vermelha, vinda do Oeste,²⁰ que quase foi

¹⁹ Ver os trabalhos de François Lenormant e de Maspéro. (N.A.)

²⁰ Ver Ed. Schuré, *Os Grandes Iniciados* (p. 116) as descobertas de Leplongeon e H. Saville na América Central, e aos trabalhos de Roisel e de Arbois de Jubainville sobre os atlantes. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

aniquilada por causa das lutas formidáveis contra os brancos e dos cataclismos geológicos. O templo e a Esfinge de Gisé, anteriores em vários milhares de anos²¹ à grande pirâmide, erguidos pelos vermelhos na parte em que o Nilo junta-se ao mar.²² São dois dos raros monumentos que esses tempos longínquos nos legaram.

A leitura das colunas herméticas, a dos papiros recolhidos nos túmulos, permitem reconstituir a História do Egito, ao mesmo tempo que essa antiga doutrina do Verbo-Luz, divindade com tríplice natureza, ao mesmo tempo inteligência, força e matéria; espírito, alma e corpo, que oferece uma analogia perfeita com a filosofia da Índia. Aqui como lá, encontra-se, sob a ganga grosseira dos cultos, o mesmo pensamento oculto. A alma do Egito, o segredo da sua vitalidade, do seu papel histórico, é a doutrina oculta dos seus sacerdotes, velada cuidadosamente, sob os mistérios de Ísis e Osíris, e estudada, no interior dos templos, pelos iniciados de todas as classes e de todos os países.

Os livros sagrados de Hermes exprimiam, sob formas austeras, os princípios dessa doutrina. Formavam uma vasta enciclopédia. Encontravam-se ali classificados todos os conhecimentos humanos. Nem todos chegaram até nós. A ciência religiosa do Egito foi restituída pela leitura dos hieróglifos. Os templos, eles também, são livros, e pode-se dizer que na terra dos faraós, as pedras têm uma voz.

O primeiro dos sábios modernos, Champollion, descobriu três espécies de escrita nos manuscritos e sobre os

²¹ Uma inscrição do tempo da 4ª dinastia (4.000 a.C.) narra que se encontrou nessa época, perto da grande esfinge, um templo enterrado sob as areias e “cuja origem se perdia na noite dos tempos”. (Fr. Lenormant, *História do Oriente*, tomo II, p. 55.) (N.A.)

²² O delta atual é formado pelos aluviões sucessivos depositados pelo Nilo. (N.A.)

O EGITO

monumentos egípcios.²³ Através disso foi confirmada a opinião dos antigos de que os sacerdotes de Ísis empregavam três ordens de caracteres; os primeiros, demóticos, eram simples e claros; os segundos, hieráticos, tinham um sentido simbólico ou figurado; os outros eram hieróglifos. É o que Heráclito exprimia através dos termos de *falante*, de *significante* e de *ocultante*.

Os hieróglifos tinham um triplo sentido e não podiam ser decifrados sem chave. Aplicava-se a esses signos (sinais) a lei de analogia que rege os três mundos, natural, humano e divino, e permite exprimir os três aspectos de todas as coisas por combinações de números e de figuras que reproduzem a simetria harmoniosa e a unidade do Universo. Assim, num mesmo sinal (signo), o adepto lia, ao mesmo tempo, os princípios, as causas e os efeitos, e essa linguagem tinha para ele um poder extraordinário.

O sacerdote, proveniente de todas as classes da sociedade, mesmo das mais ínfimas, era o verdadeiro senhor do Egito, os reis, escolhidos e iniciados por ele, governavam a nação a título apenas de mandatários. Com visões elevadas, com uma profunda sabedoria presidiam os destinos desse país. No meio do mundo bárbaro, entre a Assíria feroz e a África selvagem, a terra dos faraós era como uma ilha açoitada pelas ondas, onde se conservavam as puras doutrinas, toda a ciência secreta do mundo antigo. Os sábios, os pensadores, os condutores de povos, gregos, hebreus, fenícios, etruscos, aí vinham instruir-se.

²³ Champollion, *O Egito sob os Faraós*. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

Através deles, o pensamento religioso difundia-se dos santuários de Ísis sobre todas as praias do Mediterrâneo, fazendo eclodir civilizações diversas, dessemelhantes mesmo, que seguiam o caráter dos povos que a recebiam, tornando-se monoteísta, na Judeia, com Moisés, politeísta, na Grécia, com Orfeu, mas sempre uniforme no seu princípio oculto.

O culto popular de Ísis e Osíris era apenas uma brilhante miragem oferecida à multidão. Sob a pompa dos espetáculos e das cerimônias públicas ocultava-se o verdadeiro ensino dado nos pequenos e grandes mistérios. A iniciação era cercada de numerosos obstáculos e de reais perigos. As provas físicas e morais eram longas e multiplicadas. Exigia-se o voto de silêncio, e a menor indiscrição era punida com a morte. Essa disciplina terrível dava à religião secreta e à iniciação uma força, uma autoridade incomparáveis. À medida que o adepto avançava nesse caminho, os véus afastavam-se, a luz fazia-se mais brilhante, os símbolos tornavam-se vivos e falantes.

A esfinge, cabeça de mulher sobre um corpo de touro, com garras de leão e asas de águia, era a imagem do ser humano, que emergia das profundezas da animalidade para atingir sua nova condição. O grande enigma era o homem, trazendo em si os traços sensíveis de sua origem, que resumia todos os elementos e todas as forças da natureza inferior.

Os deuses bizarros, com cabeças de pássaros, mamíferos e serpentes eram outros símbolos da vida, nas suas múltiplas manifestações. Osíris, o deus solar, e Ísis, a grande natureza, eram cultuados em toda parte; mas, acima deles, havia um Deus sem-nome, do qual falava-se apenas em voz baixa e com temor.

O neófito devia aprender, antes de tudo, a conhecer-se. O hierofante falava-lhe assim:

O EGITO

“Oh! Alma cega, arma-te com o estandarte dos mistérios e, na noite terrestre, descobrirás teu duplo luminoso, tua alma celeste. Segue este guia divino e que ele seja teu gênio, pois ele tem a chave das tuas existências passadas e futuras!”²⁴

No final de suas provas, alquebrado pelas emoções, tendo tocado a morte umas dez vezes, o iniciado via aproximar-se dele uma imagem de mulher que trazia um rolo de papiros.

“Eu sou tua irmã invisível, dizia ela, sou tua alma divina, e este é o livro da tua vida. Ele encerra as páginas repletas das tuas existências passadas e as páginas brancas das tuas vidas futuras. Um dia, eu as descortinarei diante de ti. Tu me conheces agora. Chama-me e eu virei!”

Enfim, no terraço do templo, sob o céu estrelado, diante de Mênfis ou Tebas adormecidas, o sacerdote contava ao adepto a visão de Hermes, transmitida, oralmente, de pontífice a pontífice e gravada em sinais hieróglifos nas cúpulas das criptas subterrâneas.

Um dia, Hermes viveu no Espaço e nos mundos, e a vida desabrochou por toda a parte. A voz da luz que enchia o infinito revelou-lhe o divino mistério:

“A luz que viste é a inteligência divina que contém todas as coisas em gérmen e encerra os modelos de todos os seres. As sombras, são o mundo material onde vivem os homens da Terra. Mas o fogo que jorra das profundezas, é o Verbo Divino; Deus é o Pai, o Verbo é o Filho, sua união, é a Vida.”

“Quanto ao espírito do homem, seu destino tem duas faces: prisão na matéria, ascensão na luz. As almas são filhas do céu, e sua viagem é uma prova. Na encarnação, elas

²⁴ Apelo aos iniciados, segundo o *Livro dos Mortos*. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

perdem a lembrança da sua origem celeste. Prisioneiras da matéria, embriagadas pela vida, precipitam-se como uma chuva de fogo, com as agitações da volúpia, através das regiões do sofrimento, do amor e da morte, até na prisão terrestre, onde tu mesmo gemes e onde a vida divina aparece-te como um sonho vão.”

“As almas mesquinhas e más ficam acorrentadas à Terra através de múltiplos renascimentos, mas as almas virtuosas elevam-se com o bater das asas para as esferas superiores, onde recobram a vista com as coisas divinas. Impregnam-se com a lucidez da consciência esclarecida pela dor, a energia da vontade adquirida na luta. Tornam-se luminosas, pois possuem em si mesmas o divino e irradiam-no nos seus atos. Fortalece, então, teu coração, oh! Hermes, e tranquiliza teu espírito obscurecido, contemplando esses voos d’alma, que subindo a escala das esferas que conduz ao Pai, lá onde tudo termina, onde tudo começa, eternamente. E as sete esferas disseram conjuntamente: Sabedoria! Amor! Justiça! Beleza! Esplendor! Ciência! Imortalidade!”²⁵

O pontífice acrescentava:

“Medita nessa visão. Ela encerra o segredo de todas as coisas. Quanto mais aprenderes a compreender, mais verás estenderem-se os limites, pois a mesma lei orgânica governa todos os mundos.

Mas o véu do mistério recobre a grande verdade. O conhecimento total só pode ser revelado àqueles que atravessaram as mesmas provas que nós. É preciso medir a verdade de acordo com as inteligências; velá-la aos fracos,

²⁵ Ver o *Pimander*, o mais autêntico dos livros de Hermes Trismegisto. (N.A.)

O EGITO

porque os tornaria loucos; escondê-la dos maus, que fariam dela uma arma de destruição. Guardá-la no coração e que ela fale através da tua obra. A ciência será a tua força; a lei, o teu poder, e o silêncio, teu escudo.”

O conhecimento dos sacerdotes do Egito ultrapassava em muitos pontos a Ciência atual. Conheciam o magnetismo, o sonambulismo, curavam através do sono provocado e praticavam, largamente, a sugestão. É o que chamavam de magia.²⁶

A conquista desses poderes era o maior objetivo do iniciado, cujo emblema era a coroa dos magos.

“Sabe, dizia-lhe, o que significa esta coroa? Toda vontade que se une a Deus para manifestar a verdade e operar a justiça, entrar em comunhão, desde esta vida com o poder divino sobre os seres e sobre as coisas, recompensa eterna dos espíritos livres.”

O gênio do Egito submergiu pela onda das invasões. A escola de Alexandria recolheu disso algumas parcelas que transmitiu ao Cristianismo nascente. Mas, antes dela, os iniciados gregos tinham feito penetrar na Hélade as doutrinas herméticas. É lá que vamos encontrá-las.



²⁶ Diodoro de Sicília e Estrabão contam que os sacerdotes do antigo Egito sabiam provocar a clarividência, com o objetivo terapêutico. Galeno faz menção a um templo, perto de Mênfis, célebre por suas curas hipnóticas. (N.A.)

IV

A GRÉCIA

Entre os povos iniciadores, não há nenhum outro cuja missão se manifeste com maior brilho do que a dos povos da Hélade. A Grécia iniciou a Europa em todos os esplendores do Belo. É da sua mão aberta que saiu a civilização e seu gênio, há vinte séculos de distância, irradia ainda sobre nosso país. Por isso, apesar das suas dilacerações, suas lutas intestinas, apesar da sua queda final, permaneceu como objeto de admiração para todas as idades.

A Grécia soube traduzir em linguagem clara as belezas obscuras da sabedoria oriental. Primeiramente, exprimiu-as com a ajuda dessas duas harmonias celestes que humanizou: a música e a poesia. Orfeu e Homero, os primeiros, fizeram ouvir os sotaques à terra encantadora.

Mais tarde, esse ritmo, essa harmonia que o gênio nascente da Grécia introduzira na palavra e no canto, Pitágoras, o iniciado dos templos egípcios, reconheceu-os em toda parte

DEPOIS DA MORTE

no Universo, na marcha dos globos que se movem, futuras moradias da Humanidade, no seio dos Espaços; na relação dos três mundos, natural, humano e divino, que se sustentam, se equilibram e se completam, para produzir a vida. Dessa visão formidável gotejava para ele a ideia de uma tríplice iniciação, pela qual o homem, instruído nos princípios eternos, aprendia, depurando-se, para libertar-se dos males terrestres e para elevar-se à perfeição. Daí, todo um sistema de educação e de reforma, no qual Pitágoras deixou seu nome e que produziu tantos sábios e grandes homens.

Enfim, Sócrates e Platão, popularizando os mesmos princípios, estendendo-os num círculo mais vasto inauguraram o reino da ciência aberta, vindo a substituir o ensino secreto.

Assim foi o papel da Grécia na história do desenvolvimento do pensamento. Em todas as épocas, a iniciação exerceu uma influência capital sobre os destinos desse país. Não é nas flutuações políticas que agitaram essa raça móvel e impressionável, que é preciso procurar as mais altas manifestações do gênio helênico. Esse não tinha seu foco nem na sombria e brutal Esparta, nem na brilhante e frívola Atenas, mas muito mais em Delfos, em Olímpia, em Elêusis, refúgios sagrados da pura doutrina. Ele aí se revelava em todo seu poder pela celebração dos mistérios. Ali, pensadores, poetas e artistas vinham recolher o ensino oculto, que traduziam, em seguida, à multidão em imagens vivas e em versos inflamados. Acima das cidades turbulentas, sempre prontas a se dilacerarem, acima das forças mutantes da política, passando, alternadamente, da aristocracia à democracia e ao reino dos tiranos, um poder supremo dominava a Grécia, o tribunal dos *Amfictions*, que se situava em Delfos e se compunha dos iniciados de grau superior. Só ele salvou a Hélade nas

A GRÉCIA

horas de perigo, impondo silêncio às rivalidades de Esparta e de Atenas.

Já no tempo de Orfeu, os templos possuíam a ciência secreta:

“Ouve, dizia o senhor ao neófito,²⁷ ouve as verdades que é preciso calar à multidão e que fazem a força dos santuários. *Deus* é um e sempre semelhante a si mesmo. Mas os *deuses* são inumeráveis e diversos; pois a Divindade é eterna e infinita. As maiores são as almas dos astros, etc.”

“Tu entraste com o coração puro no seio dos mistérios. A hora solene chegou em que vou fazer-te penetrar nas fontes da vida e da luz. Aqueles que não levantaram o véu denso, que esconde aos olhos dos homens as maravilhas invisíveis, não se tornaram filhos dos deuses.”

Aos místicos e aos iniciados:

“Vinde regozijar-vos, vós que sofrestes; vinde repou-sar, vós que lutastes pelos vossos sofrimentos passados, pelo esforço que vos conduz, vós vencereis, e, se acreditardes nas divinas palavras, vós já tereis vencido. Pois, após o longo circuito das existências tenebrosas, saireis, enfim, do círculo doloroso das gerações e vos encontrareis todos como uma só alma na luz de Dionísio.²⁸

“Amái, pois tudo ama. Porém amái a luz e não as trevas. Lembrai-vos do objetivo durante a viagem. Quando as almas retornam para a luz, trazem, como manchas hediondas sobre seu corpo etéreo, todas as falhas de sua vida... E, para apagá-las, é preciso que expiem e retornem à Terra... Os puros, porém, os fortes se vão para o sol de Dionísio.”

²⁷ *Hinos Órficos. (N.A.)*

²⁸ Segundo a expressão de Pitágoras, Apolo e Dionísio são duas revelações do Verbo de Deus, que se manifestam eternamente no mundo. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

*
* *

Uma imponente figura domina o grupo dos filósofos gregos. É Pitágoras, aquele filho de Iônia que primeiro soube coordenar, esclarecer as doutrinas secretas do Oriente, fazer delas uma vasta síntese que abarcava, simultaneamente, a moral, a Ciência e a religião. Sua academia de Crotona foi uma escola admirável de iniciação laica, e sua obra, o prelúdio desse grande movimento de ideias que, com Platão e Jesus, ia abalar as camadas profundas da sociedade antiga e levar suas ondas até as extremidades do continente.

Pitágoras havia estudado durante trinta anos no Egito. Aos vastos conhecimentos juntava essa intuição maravilhosa, sem a qual a observação e o raciocínio nem sempre são suficientes para descobrir a verdade. Graças a essas qualidades pôde elevar o magnífico monumento da ciência esotérica, da qual não podemos dispensar-nos de retrazar, aqui, as linhas essenciais:

A essência em si escapa ao homem, dizia a doutrina pitagórica.²⁹ O homem conhece apenas as coisas desse mundo, onde o finito combina-se com o infinito. Como pode conhecê-los? Porque há entre ele e as coisas uma harmonia, uma relação, um princípio comum, e esse princípio lhes é dado pelo *Único*, que lhes fornece com sua essência o equilíbrio e a intelegibilidade.

Vosso ser vos pertence, vossa alma é um pequeno universo, mas está cheia de tempestades e de discórdias. Trata-se de nela realizar a unidade na harmonia. Só então, lentamente, Deus descera à vossa consciência e participareis, então, do

²⁹ Ed. Schuré, *Os Grandes Iniciados, Pitágoras*, p. 329. (N.A.)

A GRÉCIA

seu poder e fareis da vossa vontade a pedra da lareira, o altar de Hestia, o trono de Júpiter.

Os pitagóricos chamavam de espírito ou de inteligência a parte ativa e imortal do ser humano. A alma era para eles o espírito revestido de seu corpo fluídico, etéreo. O destino da Psiquê, a alma humana, sua descida e sua prisão na carne, seus sofrimentos e suas lutas, sua reascensão gradual, seu triunfo sobre as paixões e seu retorno final à luz, tudo isso constituía o drama da vida, representado nos mistérios de Elêusis, como o ensino por excelência.

Segundo Pitágoras,³⁰ a evolução material dos mundos e a evolução espiritual das almas são paralelas, concordantes e se explicam uma pela outra. A grande alma, espalhada na Natureza, anima a substância que vibra sob sua impulsão e produz todas as formas e todos os seres. Os seres conscientes, através de longos esforços, desprendem-se da matéria, que dominam e governam, por sua vez, libertam-se e se aperfeiçoam através de suas existências inumeráveis. Assim, o invisível explica o visível e o desenvolvimento das criações materiais é a manifestação do Espírito Divino.

Se se pesquisa nos tratados de Física dos antigos, seu pensamento sobre a estrutura do Universo, encontramos na presença de dados grosseiros e ultrapassados; mas são apenas alegorias. O ensino secreto dava sobre as leis do Universo noções de outro modo elevadas. Aristóteles nos diz que os pitagóricos conheciam o movimento da Terra em torno do Sol. A ideia da rotação terrestre veio a Copérnico através de uma passagem de Cícero que Hycétas, discípulo de Pitágoras, falara do movimento diurno do globo. No terceiro grau da iniciação, ensinava-se o duplo movimento da Terra.

³⁰ Ver *Versos Dourados, de Pitágoras*, tradução de Fabre d'Olivet; *Pitágoras e a Filosofia Pitagórica*, por Chaignet. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

Como os sacerdotes do Egito, seus mestres, Pitágoras sabia que os planetas nasceram do Sol e que giravam em torno dele, que cada estrela é um sol que ilumina outros mundos e compõe, com seu cortejo de esferas, tantos sistemas siderais, quantos universos regidos pelas mesmas leis que o nosso. Mas essas noções nunca eram confiadas à escritura. Constituíam o ensino oral, comunicado em segredo. O vulgo não as teria compreendido; tê-las-ia considerado como contrárias à mitologia, por conseguinte, sacrílegas.³¹

A ciência secreta ensinava, também, que um fluido imponderável estende-se sobre tudo, penetra em tudo. Agente sutil, sob a ação da vontade, modifica-se e se transforma, purifica-se e se condensa, segundo o poder e a elevação das almas, que dele se servem e tecem sua vestimenta astral na sua substância. É o traço de união entre o espírito e a matéria, e tudo, os pensamentos, os acontecimentos, nele se gravam, aí se refletem como imagens num espelho. Através das propriedades desse fluido, através da ação que exerce sobre ele a vontade, explicam-se os fenômenos da sugestão e da transmissão dos pensamentos. Os antigos o chamavam, por alegoria, o véu misterioso de Ísis ou o manto de Cibele que envolve tudo o que vive. Esse mesmo fluido serve como meio de comunicação entre o visível e o invisível, entre os homens e as almas desencarnadas.

A ciência do oculto formava um dos ramos mais importantes do ensino secreto. Ela soube retirar do conjunto dos fenômenos a lei das relações que unem o mundo terrestre ao mundo dos espíritos. Ela desenvolvia, com método, as faculdades transcendentais da alma humana e lhe tornava a leitura do pensamento e a vista a distância possíveis. Os fatos

³¹ Ver Ed. Schuré, *Os Grandes Iniciados*. (N.A.)

A GRÉCIA

de clarividência e de adivinhação produzidos pelos oráculos dos templos gregos, as sibilas e as pitonisas são comprovados pela História. Muitos espíritos fortes os consideraram como apócrifos. Sem dúvida, é preciso retirar a parte do exagero e da lenda, mas as descobertas recentes da psicologia experimental nos mostraram que havia nesse domínio alguma coisa a mais do que uma vã superstição. Elas nos convidam a estudar, com mais atenção, um conjunto de fatos que, na Antiguidade, repousava sobre princípios fixos e era objeto de uma ciência profunda e extensa.

Essas faculdades se encontram, em geral, apenas nos seres de uma pureza e de uma elevação de sentimentos extraordinários; elas exigem uma preparação longa e minuciosa. Delfos conheceu tais assuntos. Os oráculos contados por Heródoto, a propósito de Cresus e da batalha de Salamina, provam-no. Mais tarde, abusos misturaram-se a essas práticas. A raridade dos assuntos tornou menos escrupulosos os sacerdotes na sua escolha. A ciência adivinhatória corrompeu-se e caiu em desuso. Segundo Plutarco, seu desaparecimento foi considerado por toda a sociedade antiga como uma grande infelicidade.

Toda a Grécia acreditava na intervenção dos espíritos nas coisas humanas. Sócrates tinha seu *daïmon* ou gênio familiar. Quando, em Maratona e em Salamina, os gregos armados rechassavam a medonha invasão dos persas, eram exaltados pela convicção de que as potências invisíveis sustentavam seus esforços. Em Maratona, os atenienses acreditaram ter visto dois guerreiros, brilhantes de luz, combater nas suas fileiras. Dez anos mais tarde, a Pytia, sob a inspiração do espírito, indicou a Temístocles, do alto do seu tripé, os meios de salvar a Grécia.

DEPOIS DA MORTE

Xérxes, vencedor, era a Ásia bárbara espalhando-se sobre a Hélade, abafando seu gênio criador, recuando dois mil anos, talvez, a eclosão do pensamento no seu ideal de beleza. Os gregos, um punhado de homens, desafiaram o imenso exército dos asiáticos, e, conscientes do socorro oculto que os assistia, é a Pallas Atenas, divindade tutelar, símbolo do poder espiritual, que endereçavam suas homenagens, sobre o rochedo da Acrópole que emolduram o mar reluzente e as linhas grandiosas do Pentélico e de Hymette.

A participação nos mistérios contribuiu muito na difusão dessas ideias. Desenvolvia nos iniciados o sentimento do invisível, que, dali, sob formas alteradas, espalhava-se entre o povo. Pois, por toda a parte, na Grécia como no Egito e na Índia, os mistérios consistiam numa única coisa: o conhecimento do segredo da morte, a revelação das vidas sucessivas e a comunicação com o mundo oculto. Esses ensinos e essas práticas produziam nas almas impressões profundas. Davam-lhes uma paz, uma serenidade, uma força moral incomparáveis.

Sófocles chama os mistérios de “as esperanças da morte”, e Aristófanes escreveu que aqueles que deles tomavam conhecimento levaram uma vida mais santa e mais pura. Recusava-se a admitir, ali, os conspiradores, os perjuros e os pervertidos.

Porfiro disse:

“Nossa alma deve estar, no momento da morte, como era durante os mistérios, quer dizer, isentos de paixão, de cólera, de desejo e de ódio”.

Plutarco afirma, nesses termos, quando se entretinha com as almas dos defuntos:

“Com frequência, espíritos excelentes intervinham nos mistérios, embora, às vezes, os perversos procurassem aí introduzir-se.”

A GRÉCIA

Proclus acrescenta:³²

“Em todos os mistérios, os deuses (essa palavra significa, aqui, todas as ordens de espíritos) mostram muitas formas deles próprios, aparecem numa grande variedade de figuras e revestem a forma humana.”

A doutrina esotérica era um elo entre o filósofo e o sacerdote. É isso que explica sua interpretação comum e o papel apagado do sacerdote na civilização helênica. Essa doutrina ensina aos homens a dominar suas paixões e a desenvolver, em si, a vontade e a intuição. Através de um treino gradual, os adeptos do grau superior chegavam a penetrar em certos segredos da Natureza, a dirigir, ao seu bom grado, as forças em ação no mundo, a produzir fenômenos, aparentemente sobrenaturais, mas que eram simplesmente a manifestação de leis físicas, desconhecidas do vulgo.

Sócrates e, depois dele, Platão continuaram, na Ática, a obra de Pitágoras. Sócrates, querendo ter a liberdade de ensinar a todos as verdades que a razão lhe havia feito descobrir, não se fez jamais iniciar. Depois da sua morte, Platão passou pelo Egito e, aí, foi admitido nos mistérios. Ele voltou a entrar em contato com os pitagóricos e fundou sua academia. Mas sua qualidade de iniciado não lhe permitia mais falar livremente, e, nas suas obras, a grande doutrina aparecia um pouco velada. Entretanto, a teoria das migrações da alma e das reencarnações, a das relações entre os vivos e os mortos, encontram-se em *Fedra*, *Fedon* e *Timeia*:

“É certo que os vivos nascem dos mortos, e que as almas dos mortos renascem ainda.” (*Fedra*)

Conhece-se, igualmente, a cena alegórica que Platão colocou no fim de a *República*. Um gênio toma sobre os

³² Comentários da *República*, de Platão. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

joelhos de Parcas os destinos e as diversas condições humanas, e clama:

“Almas divinas! Voltem aos corpos mortais, vocês irão começar uma nova carreira. Aqui estão os destinos da vida. Escolham livremente; a escolha é irrevogável. Se ela for má, não acusem Deus por isso.”

Essas crenças penetravam no mundo romano. Assim como Cícero no *Sonho de Cipião* (cap. III), Ovídio fala delas nas suas *Metamorfoses* (cap. XV). No sexto livro de a *Eneida*, de Virgílio, Enéas reencontra seu pai Anchise nos Campos Elíseos e aprende com ele a lei dos renascimentos. Todos os grandes autores latinos dizem que gênios familiares assistem e inspiram os homens de talento.³³ Lucano, Tácito, Apulée, assim como o grego Filostrato, falam frequentemente, nas suas obras, de sonhos, de aparições e de evocações dos mortos.

*

* *

Em resumo, a doutrina secreta, mãe das religiões e das filosofias, reveste-se com aparências diversas no decorrer das idades, mas em toda parte a base permanece imutável. Nascida na Índia e no Egito, ela passa daí para o Ocidente com a onda das migrações. Nós a encontraremos em todos os países ocupados pelos celtas. Escondida na Grécia nos mistérios, revela-se no ensino dos sacerdotes tais como Pitágoras e Platão, sob formas cheias de sedução e de poesia. Os mitos pagãos são como um véu dourado que dispõe nas suas pregas as linhas puras da sabedoria délfica. A escola de

³³ Cícero, *Universo*, 2, Maury 87; Apulée, *O Gênio Socrático*; Ammien Marcellin, *Hist.*, 1, 20, c. 6. (N.A.)

A GRÉCIA

Alexandria daí recolhe os princípios e os infunde no sangue jovem e impetuoso do Cristianismo.

O Evangelho já tinha sido iluminado pela ciência esotérica dos essênios, outro ramo dos iniciados. A palavra do Cristo tinha haurido nessa fonte, como uma água viva e inesgotável, suas imagens variadas e seus arrebatamentos poderosos. Assim, por toda parte, através da sucessão dos tempos e as agitações dos povos, afirmam a existência e a perpetuidade de um ensino secreto, que se encontra, idêntico, no fundo de todas as grandes concepções religiosas ou filosóficas. Os sábios, os pensadores e os profetas dos tempos e dos países mais diversos encontraram, nele, a inspiração, a energia que faz efetuarem-se grandes coisas e transforma almas e sociedades empurrando-as para adiante na via da evolução progressiva.

Há, nele, uma grande corrente espiritual que se desenvolve nas profundezas da História. Parece sair desse mundo invisível que nos domina, nos envolve, e onde vivem e agem ainda os espíritos de gênio que serviram de guias à Humanidade e nunca cessaram de se comunicar com ela.



V

A GÁLIA

A Gália conheceu a grande doutrina. Possuiu-a sob uma forma original e poderosa e soube daí retirar consequências que escaparam aos outros países. “Há três unidades primitivas, diziam os druidas: Deus, a Luz e a Liberdade.” Enquanto a Índia já era organizada em castas imóveis, com limites intransponíveis, as instituições gaulesas tinham por base a igualdade de todos, a comunhão dos bens e o direito eleitoral. Nenhum outro povo da Europa teve, no mesmo grau de nossos pais, o sentimento profundo da imortalidade, da justiça e da liberdade.

É com veneração que devemos estudar as tendências filosóficas da Gália, pois a Gália é nosso grande antepassado, e nela reencontraremos, fortemente reveladas, todas as qualidades e, também, todos os defeitos de nossa raça. Nada, entretanto, é mais digno de atenção e de respeito do que a doutrina dos druidas, os quais não eram bárbaros, como se acreditou, erradamente, durante séculos.

DEPOIS DA MORTE

Durante longo tempo, conhecemos os gauleses apenas através dos autores latinos e escritores católicos, que devem, a justo título, nos serem suspeitos. Esses autores tinham um interesse direto em denegrir nossos antepassados, em mascarar suas crenças. César escreveu seus *Comentários* com a intenção evidente de realçar-se aos olhos da posteridade: essa obra ferve de inexactidões, de erros voluntários; Polião e Suetônio o constata. Os cristãos viam nos druidas apenas homens sanguinários e supersticiosos, tanto no seu culto quanto nas práticas grosseiras. Todavia, certos Pais da Igreja, Cirilo, Clemente de Alexandria, Orígenes, distinguem, com cuidado, os druidas da multidão de idólatras e lhes concedem o título de filósofos. Entre os autores antigos, Lucano, Horácio, Florus consideravam a raça gaulesa como depositária dos mistérios do nascimento e da morte.

O progresso dos estudos célticos,³⁴ a publicação das Tríades e dos cantos bárdicos³⁵ permitem-nos uma apreciação mais justa das crenças de nossos pais. A filosofia dos druidas, reconstituída em toda sua amplitude, foi encontrada conforme a doutrina secreta do Oriente e as aspirações dos espiritualistas modernos. Como estes, ela afirmava as existências progressivas da alma através dos mundos. Essa doutrina viril inspirava aos gauleses uma coragem indomável, uma intrepidez tal que caminhavam para a morte como para uma festa. Enquanto os romanos cobriam-se de bronze e de ferro, nossos pais despojavam-se de suas vestimentas e combatiam de peito nu. Orgulhavam-se de seus ferimentos

³⁴ Ver Gatién Arnoult, *Filosofia Gaulesa*, t. 1º; Henri Martin, t. 1º da *História da França*; Adolphe Pictet, *Biblioteca de Genebra*; Alfred Dumesnil, *A Imortalidade*; Jean Reynaud, *O Espírito da Gália*. (N.A.)

³⁵ *Cyfrinach Beirdd Inys Prydain* (Mistérios dos Bardos da Ilha da Bretanha), tradução de Edward Williams, 1794. (N.A.)

A GÁLIA

e consideravam como uma covardia empregar esperteza na guerra: daí, suas derrotas reiteradas e sua queda final.

Eles acreditavam na reencarnação:³⁶ sua certeza era tão grande que emprestavam dinheiro para serem pagos nas vidas vindouras. Confiavam aos agonizantes mensagens para seus amigos falecidos. Os despojos dos guerreiros mortos, diziam, são apenas “invólucros rasgados”. Para grande surpresa de seus inimigos, eles os abandonavam nos campos de batalha como indignos de sua atenção.

Os gauleses não conheciam o inferno. É o que Lucano os louva nesses termos, no 1º canto da *Pharsale*:

Para vós, as sombras não sepultam os sombrios reinos de Érèbe, mas a alma passa, rapidamente, a animar outros corpos em mundos novos. A morte é somente o meio de uma longa vida. São felizes, esses povos que não conhecem o temor supremo do desenlace! Daí seu heroísmo no meio de sangrentos combates e seu desprezo pela morte.

Nossos pais eram castos, hospitaleiros, fiéis à fé jurada.

Encontramos na instituição dos druidas a mais alta expressão do gênio da Gália. Ela não constituía um corpo sacerdotal. O título de druida equivalia ao de sábio e dava àqueles que os possuíam a liberdade de escolher sua tarefa. Alguns, sob o nome de *eubages*, presidiam as cerimônias do culto, mas a maioria consagrava-se à educação dos jovens, ao exercício da justiça e ao estudo das Ciências e da poesia. A influência política dos druidas era grande e tendiam a realizar a unificação da Gália. Eles instituíram, na região dos

³⁶ Ver César, *Comentários*, 1. VI, cap. XIV: “Os Druidas querem, primeiro, convencer de que as almas não morrem, mas, depois da morte, passam para outros corpos humanos”. (Non interire animas, sed ab aliis post mortem transire ad alios). (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

carnutos, uma assembleia anual onde se reuniam os deputados das repúblicas gaulesas e onde se discutiam questões importantes, os graves interesses do país. Os druidas eram escolhidos através de eleição. Era necessário vinte anos de estudos para se prepararem para a iniciação.

O culto se realizava sob a copa dos bosques. Todos os símbolos eram tomados da Natureza. O templo, era a floresta secular, com colunas inumeráveis, com cúpulas de verdura que os raios do Sol atravessavam com suas flechas douradas, para se divertir sobre a grama em mil redes de sombra e de luz. Os murmúrios do vento, os frêmitos das folhas enchiam de sotaques misteriosos que impressionavam a alma e a levavam à fantasia. A árvore sagrada, o carvalho, era o emblema do poder divino; o visco, sempre verde, era o da imortalidade. Como altar, blocos de pedra bruta amontoados. “Toda pedra talhada é uma pedra profanada”, diziam esses pensadores austeros. Nenhum objeto saído da mão do homem desornava seus santuários. Os gauleses tinham horror aos ídolos e às formas pueris do culto romano.

Para que seus princípios não fossem desnaturados nem materializados pelas imagens, os druidas proscravam as artes plásticas e até o ensino da escrita. Confiavam apenas à memória dos bardos e dos iniciados o segredo da sua doutrina. Daí, a penúria de documentos relativos a essa época.

Os sacrifícios humanos, tão reprovados nos gauleses, eram na maioria, apenas execuções da justiça. Os Druidas, ao mesmo tempo magistrados e justiceiros, ofereciam os criminosos em holocausto ao poder supremo. Cinco anos separavam a sentença da execução. Nos tempos de calamidade, vítimas voluntárias entregavam-se, também, em expiação. Impacientes para se reunirem aos seus antepassados nos mundos felizes, de se elevarem em direção aos círculos

A GÁLIA

de felicidade, os gauleses subiam alegremente na pedra do sacrifício e recebiam a morte no meio de um cântico de alegria. Mas, no tempo de César, essas imolações já haviam caído em desuso.

Teutatès, Esus, Gwyon eram, no Panteão Gaulês, apenas a personificação da força, da luz e do espírito. Acima de todas as coisas, pairava a potência infinita que nossos pais adoravam junto das pedras sagradas, no majestoso silêncio das florestas. Os druidas ensinavam a unidade de Deus.

Segundo as Tríades, a alma se forma no seio do abismo, *anoufn*. Aí reveste aspectos rudimentares da vida e só adquire a consciência e a liberdade depois de ter estado longo tempo presa aos baixos instintos. Eis o que diz o cântico do bardo Taliésin, célebre em toda a Gália:

Existente, desde toda Antiguidade, no seio dos vastos oceanos, não nasci, absolutamente, de um pai e de uma mãe, mas de formas elementares da Natureza, dos ramos da bétula, do fruto das florestas, das flores da montanha. Brinquei na noite, dormi na aurora; fui víbora no lago, águia nos cumes, lince na floresta. Depois, marcado por Gwyon (espírito divino), pelo sábio dos sábios, adquiri a imortalidade. Muito tempo se passou desde que era pastor. Errei longo tempo sobre a Terra antes de me tornar hábil em Ciência. Enfim, brilhei entre os chefes superiores. Revestido de hábitos sagrados, detive a taça dos sacrifícios. Vivi em cem mundos. Agitei-me em cem círculos.³⁷

A alma, na sua trajetória imensa, diziam os druidas, percorre três círculos aos quais correspondem três estados sucessivos. No *anoufn*, ela se submete ao jogo da matéria, é o período animal. Depois, ela penetra no *abred*, círculo das

³⁷ *Barddas*, cad. Goddeu. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

migrações, que povoam os mundos de expiação e de provas, a Terra é um desses mundos.

A alma encarna-se muitas vezes na sua superfície. Ao preço de uma luta incessante, ela se desprende das influências corporais e deixa o círculo das encarnações para chegar ao *gwynfid*, círculo dos mundos felizes ou da felicidade. Aí se abrem os horizontes encantadores da espiritualidade. Mais alto ainda desdobram-se as profundezas de *ceugant*, círculo do infinito, que encerra todos os outros e só a Deus pertence. Longe de se aproximar do panteísmo, como a maior parte das doutrinas orientais, o druidismo afasta-se dele por uma concepção completamente diferente da Divindade. Sua concepção da vida não é menos notável.

Segundo as Tríades, o ser não é nem o joguete da fatalidade nem o favorito de uma graça caprichosa. Ele prepara, edifica, ele próprio, seus destinos. Seu objetivo não é a busca das satisfações efêmeras, mas a elevação pelo sacrifício e pelo dever cumprido. A existência é um campo de batalha onde o bravo conquista seus postos. Uma tal doutrina exaltava as qualidades heroicas e depurava os costumes. Ela estava tão afastada das puerilidades místicas quanto das securas enganosas da teoria do nada; entretanto, parece ter-se afastado da verdade num ponto: foi estabelecendo³⁸ que a alma culpada, perseverando no mal, pode perder o fruto de seus trabalhos e recair nos graus inferiores da vida, descer de novo aos germens, de onde ser-lhe-á necessário recomeçar sua penosa e dolorosa ascensão.

Todavia, acrescentam as Tríades, a perda da memória permite-lhe retomar a luta sem ser impedida pelos remorsos

³⁸ Triade 26, *Triades Bárdicas*, publicadas pela Escola Céltica de Glamorgan. (N.A.)

A GÁLIA

e as irritações do passado. No *Gwynfid*, ela reencontra, com todas as suas lembranças, a unidade da sua vida; reata os fragmentos esparsos na sucessão dos tempos.

Os druidas possuíam conhecimentos cosmológicos muito extensos. Sabiam que o nosso globo rola no Espaço, levado no seu curso em torno do Sol. É o que ressalta desse outro cântico de Taliésin, chamado de “O canto do Mundo”:³⁹

Perguntarei aos bardos, e por que os bardos não responderiam? Eu lhes perguntarei o que é que sustenta o mundo, para que, privado de apoio, não caia. Mas o que poderia servir-lhe de apoio? Grande viajor é o mundo! Enquanto desliza sem-reposo, permanece sempre no seu caminho, e como a forma desse caminho é admirável, para que o mundo dele não saia nunca!

O próprio César, tão pouco versado nessas matérias, nos diz nos seus *Comentários* que os druidas ensinavam muitas coisas sobre a forma e a dimensão da Terra, sobre o movimento dos astros, sobre as montanhas e os abismos da lua. Diziam que o Universo, eterno, imutável no seu conjunto, transforma-se, incessantemente, nas suas partes; que a vida, através de uma circulação sem-fim, o anima e se espalha sobre todos os seus pontos. Pergunta-se, de onde nossos pais, desprovidos dos meios de observação dos quais dispõe a ciência moderna, podiam haurir tais noções?

Os druidas comunicavam-se com o mundo invisível, mil testemunhos o atestam. Evocavam-se os mortos nos recintos de pedra. As druidisas e os bardos proferiam oráculos. Vários autores contam que Vercingétorix entretinha-se,

³⁹ *Barddas*, cad. Goddeu. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

debaixo das sombrias ramagens dos bosques, com as almas dos heróis mortos pela pátria. Antes de sublevar a Gália contra César, ele seguiu para a ilha de Sein, antiga morada das druidisas. Ali, no meio dos raios,⁴⁰ apareceu-lhe um gênio e lhe predisse sua derrota e seu martírio.

A comemoração dos mortos é uma iniciativa gaulesa. No dia 1º de novembro, celebrava-se a festa dos espíritos, não nos cemitérios, — os gauleses não honravam os cadáveres, — mas em cada moradia, onde os bardos e os videntes evocavam as almas dos defuntos. Nossos pais povoavam as terras e os bosques com espíritos errantes. Os Duz e os Korrigans eram almas à procura de uma nova encarnação.

O ensino dos druidas se traduzia na ordem política e social, em instituições conformes à justiça. Os gauleses, sabendo-se animados por um único princípio, todos chamados aos mesmos destinos, sentiam-se iguais e livres.

Em cada república gaulesa, os chefes eram eleitos pelo povo em assembleia. A lei celta punia com o suplício do fogo os ambiciosos, os pretendentes à coroa. As mulheres faziam parte dos conselhos, exerciam as funções sacerdotais, eram videntes e profetisas. Dispunham de si mesmas e escolhiam seus esposos. A propriedade era coletiva, a terra pertencia à república. De maneira alguma, o direito hereditário foi reconhecido por eles; a eleição decidia tudo.

A longa ocupação romana, depois a invasão dos francos e a introdução do feudalismo fizeram-nos esquecer das nossas verdadeiras tradições nacionais. Mas, um dia, o velho sangue gaulês agitou-se nas veias do povo. A revolução arrastou no seu turbilhão essas duas importações estrangeiras: a teocra-

⁴⁰ Bosc e Bonnemère, *História Nacional dos Gauleses*. (N.A.)

A GÁLIA

cia, vinda de Roma, e a monarquia, implantada pelos francos; a velha Gália encontrou-se, inteira, na França de 1789.

Entretanto, faltava-lhe uma coisa capital: a ideia de solidariedade. O druidismo fortificava bem nas almas o sentimento do direito e da liberdade; mas se os gauleses sabiam-se iguais, não se sentiam bastante irmãos. Daí, a falta de unidade que perdeu a Gália. Curvada sob uma opressão de vinte séculos, purificada pela desgraça, esclarecida por novas luzes, ela se tornou a nação única, indivisível. A lei de caridade e de amor, a única que o Cristianismo fez conhecer, veio completar o ensino dos druidas e formar uma síntese filosófica e moral cheia de grandeza.

*

* *

Do seio da Idade Média, como uma ressurreição do espírito da Gália, ergue-se uma figura brilhante. Desde os primeiros séculos da nossa era, Joana d'Arc fora anunciada por uma profecia do bardo Myrdwin ou Merlin. Foi sob o carvalho das fadas, perto da mesa de pedra que ela ouve, com frequência, “suas vozes”. Ela é cristã e piedosa, mas acima da Igreja terrestre, coloca a Igreja eterna, “aquela do alto”, a única a que se submete em todas as coisas.⁴¹

Nenhum testemunho de intervenção dos espíritos na vida dos povos é comparável à história tocante da virgem de Domrémy. No início do século XV, a França agonizava sob o pé de ferro dos ingleses. Com a ajuda de uma jovem, de uma criança de dezoito anos, as potências invisíveis reanimam um povo desmoralizado, despertam o patriotismo extinto, inflamam a resistência e salvam a França da morte.

⁴¹ *Processo de Reabilitação da Pucela* (Segundo os documentos da Escola de Chartres). Ver, também, meu livro *Joana d'Arc, médium*, cap. XVI. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

Joana nunca agiu sem consultar “suas vozes”, e, seja nos campos de batalha, seja diante de seus juizes, aquelas sempre inspiraram suas palavras e seus atos. Um único instante, na sua prisão em Rouen, suas vozes parecem tê-la abandonado. Foi, então, que desgastada pelo sofrimento, consentiu em abjurar. Quando os espíritos se afastam, ela volta a ser mulher, enfraquecida, submete-se. Depois, as vozes se fazem ouvir de novo e ela levanta logo a cabeça diante dos seus juizes.

“A voz me disse que era traição abjurar. A verdade é que Deus me enviou; o que eu fiz está benfeito.”

Sagrada pela sua dolorosa paixão, Joana tornou-se um exemplo sublime de sacrifício, objeto de admiração, um ensino profundo para todos os homens.



VI

O CRISTIANISMO

Foi no deserto que apareceu ostensivamente, na História, a crença do Deus único, a ideia mãe de onde devia sair o Cristianismo. Através das pedregosas solidões do Sinai, Moisés, o iniciado do Egito, guiava para a Terra Prometida, o povo para quem o pensamento monoteísta, até então confinado nos Mistérios, ia entrar no grande movimento religioso e se espalhar pelo mundo.

O papel do povo de Israel é considerável. Sua história é como o traço de união que religa o Oriente ao Ocidente, a ciência secreta dos templos à religião vulgarizada. Apesar de suas desordens e de suas máculas, a despeito do sombrio exclusivismo que é um dos lados do seu caráter, ele mereceu ter adotado, até encarnar ele próprio, esse dogma da unidade de Deus, cujas conseqüências ultrapassarão suas vistas e prepararão a fusão dos povos numa família universal, sob um mesmo Pai, sob uma única Lei.

DEPOIS DA MORTE

Esse objetivo grandioso e distante, apenas os profetas, até a vinda do Cristo, conheceram-no ou pressentiram-no. Mas esse ideal, oculto aos olhos do vulgo, retomado e transformado pelo filho de Maria, recebeu dele seu esplendor radiante. Seus discípulos comunicaram-no às nações pagãs e a dispersão dos judeus ajudou ainda na sua difusão. Perseguindo sua marcha entre as civilizações decaídas e as vicissitudes dos tempos, permanecerá gravado em traços indelévels na consciência da Humanidade.

Um pouco antes da nossa era, ao mesmo tempo em que a potência romana cresce e se estende vê-se a doutrina secreta recuar, perder sua autoridade. Os verdadeiros iniciados tornam-se raros. O pensamento se materializa; os espíritos se corrompem. A Índia está como adormecida no seu sonho: a lâmpada dos santuários egípcios apagou-se; a Grécia, abandonada aos retóricos e aos sofistas, insulta os sábios, proscree os filósofos, profana os mistérios. Os oráculos emudecem; a superstição e a idolatria invadiu os templos. A orgia romana desencadeia-se sobre o mundo, com suas saturnais, sua luxúria desenfreada, suas embriagações bestiais. Do alto do Capitólio, a loba, saciada, domina povos e reis. César, imperador e deus, entroniza-se numa apoteose ensanguentada.

Entretanto, às margens do Mar Morto, homens conservam, no recesso, a tradição dos profetas e o segredo da pura doutrina.

Os essênios, grupos de iniciados, cujas colônias se estendem até o vale do Nilo, abandonam-se, abertamente, ao exercício da Medicina, mas seu objetivo real é mais elevado. Consiste em ensinar a um pequeno número de adeptos as leis superiores do Universo e da vida. Sua doutrina é quase

O CRISTIANISMO

idêntica a de Pitágoras. Admitem a preexistência e as vidas sucessivas da alma, e rendem a Deus o culto do espírito.

Neles, como entre os sacerdotes de Mênfis, a iniciação é graduada e necessita de vários anos de preparação. Seus costumes são irrepreensíveis; suas vidas se desenrolam no estudo e na contemplação, longe das agitações políticas, longe do rastro de um sacerdócio ávido e ciumento.⁴²

Foi, evidentemente, entre eles, que Jesus passou os anos que precederam seu apostolado, anos sobre os quais os evangelhos guardam um silêncio absoluto. Tudo o indica: a identidade dos seus objetivos com os dos essênios, a ajuda que eles lhe prestam em várias circunstâncias, a hospitalidade gratuita que recebia como adepto e a fusão final de ordem com os primeiros cristãos, fusão que deu origem ao cristianismo esotérico.

Todavia, na falta de iniciação superior, o Cristo possuía uma alma bastante vasta, bastante transbordante de luz e de amor, para nela haurir os elementos de sua missão. A Terra jamais viu passar um espírito maior. Uma serenidade celeste envolvia sua fronte. Todas as perfeições uniam-se nele para formar um tipo de pureza ideal, de infável bondade. No seu coração há uma imensa piedade pelos humildes, os deserdados. Todas as dores humanas, todos os lamentos e misérias nele encontram um eco. Para acalmar esses males, secar essas lágrimas, para consolar, para curar, para salvar, ele irá até ao sacrifício de sua vida; irá oferecer-se em holocausto para reerguer a Humanidade. Quando, pálido, ergue-se no Calvário, preso ao madeiro infamante, encontra ainda na sua

⁴² Ver Josèphe, *Guerra dos Judeus*, vol. II e Philon, *Da Vida Contemplativa*. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

agonia, a força de suplicar pelos seus carrascos e de pronunciar essas palavras, que nenhum acento, nenhum impulso de ternura ultrapassará mais: “Meu Pai, perdoai-lhes, pois eles não sabem o que fazem!”

Entre os grandes missionários, Cristo, o primeiro de todos, comunicou às massas as verdades que tinham sido, até então, o privilégio de um pequeno número. Através dele, o ensino oculto tornou-se acessível aos mais humildes, senão pela inteligência, ao menos pelo coração; e esse ensino, ele lhes oferecia sob formas que o mundo não conhecera, com um poder de amor, uma doçura penetrante, uma fé comunicativa, que faziam derreter os gelos do ceticismo, maravilhar seus ouvintes e arrastá-los em consequência.

O que ele chamava de “pregar o Evangelho do reino dos céus aos simples”, era colocar ao alcance de todos o conhecimento da imortalidade e o do Pai comum. Os tesouros intelectuais que os adeptos avaros distribuíram somente com prudência, o Cristo espalhava-os sobre a grande família humana, sobre milhões de seres voltados para a Terra, que nada sabiam sobre o destino e esperavam, na incerteza e no sofrimento, a palavra nova que devia consolá-los e reanimá-los. Essa palavra, esse ensino, ele lhes distribuiu sem contar, e lhes deu a consecução do seu suplício e de sua morte. A cruz, esse símbolo antigo dos iniciados, que se encontra em todos os templos do Egito e da Índia, tornou-se, pelo sacrifício de Jesus, o sinal de elevação da Humanidade, arrancada do abismo de sombras e de paixões inferiores, e tendo, afinal, acesso à vida eterna, à vida das almas regeneradas.

O sermão sobre a montanha condensa e resume o ensino popular de Jesus. A lei moral aí se mostra com todas as consequências; os homens aí aprendem a encontrar sua elevação e sua felicidade, não nas qualidades brilhantes, mas

O CRISTIANISMO

nas virtudes humildes e ocultas: a humildade, a caridade, a bondade.

Felizes os pobres de espírito,⁴³ pois o reino dos céus lhes pertence. Felizes aqueles que choram, pois serão consolados. — Felizes aqueles que são os sequiosos de justiça, pois serão saciados. — Felizes aqueles que são misericordiosos, pois obterão misericórdia. — Felizes os que têm puro o coração, pois verão Deus.⁴⁴

Assim se exprime Jesus. Suas palavras abrem para o homem perspectivas inesperadas. É nas profundezas da alma que está a fonte das alegrias vindouras. “O reino dos céus está dentro de vós!” E qualquer um pode realizá-lo pelo domínio dos sentidos, o perdão das injúrias e o amor do próximo.

Amar, para Jesus, é toda a religião e toda a filosofia:

Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos perseguem e vos caluniam, para que sejam filhos do vosso Pai que está nos céus, que faz erguer seu Sol sobre os bons e sobre os maus e faz chover sobre os justos e os injustos. Pois se só amardes aqueles que vos amam, qual será a vossa recompensa?⁴⁵

Esse amor, o próprio Deus nos dá o exemplo, pois seus braços estão sempre abertos para o arrependido. É o que se depreende das parábolas do Filho Pródigo e da Ovelha Desgarrada:

“Assim, vosso Pai que está nos céus não quer que um único de seus filhos pereça.”

Não se encontra aí a negação do inferno eterno, ao qual atribuiu-se, falsamente, a ideia a Jesus?

⁴³ Deve-se entender por esta expressão os espíritos simples e retos. (N.A.)

⁴⁴ Mateus, I:12; Lucas, VI: 20 a 26. (N.A.)

⁴⁵ Mateus, 44 e seguintes. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

Se o Cristo mostra algum rigor e fala com veemência, é aos fariseus hipócritas que se abandonam a práticas minuciosas de devoção e desprezam a lei moral. O samaritano cismático é mais louvável aos seus olhos que o levita que desdenhou socorrer um ferido. Ele desaprova as manifestações do culto exterior e se levanta contra esses sacerdotes:

“Cegos, condutores de cegos, homens de rapina e de corrupção que, sob pretexto de longas preces, devoram os bens das viúvas e dos órfãos.”

Aos devotos que creem poder se salvar através do jejum e da abstinência, ele diz:

“Não é o que entra na boca que suja o homem, mas o que dela sai.”

Aos partidários das longas orações, ele responde:

“Vosso Pai sabe do que necessitais antes que lhes peçaís.”

Jesus condenava a hierarquia sacerdotal recomendando aos seus discípulos não escolher nenhum chefe, nenhum senhor. Seu culto era o culto interior, o único digno de espíritos elevados. É o que ele exprime nesses termos:

“Virá o tempo em que os crentes verdadeiros adorarão o Pai em espírito e em verdade, pois são esses os adoradores que o Pai procura. Deus é espírito, e é preciso que aqueles que o adoram, adorem-no em espírito e em verdade.”

Ele apenas impõe a prática do bem e da fraternidade:

“Amai o vosso próximo como a vós mesmos, e sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito. Aí está toda a lei e os profetas.”

Na sua simplicidade eloquente, esse preceito revela o objetivo mais elevado da iniciação, a busca da perfeição que é ao mesmo tempo a do poder e da felicidade. Ao lado desses ensinamentos de Jesus que se dirigem aos simples, há outros

O CRISTIANISMO

nos quais a doutrina oculta dos essênios é reproduzida em traços de luz.⁴⁶ Nem todos podiam subir nessas alturas; foi por isso que os tradutores e os intérpretes do Evangelho alteraram a forma e corromperam o sentido, através dos séculos. Apesar dessas alterações, é fácil reconstituir esse ensino, se se separa da superstição da letra para ver as coisas através da razão e do espírito. É, sobretudo, no Evangelho de João, que encontraremos os traços ainda visíveis:

“Há muitas moradas na casa de meu Pai. Eu me vou para vos preparar o lugar, e depois que tiver ido e vos tiver preparado o lugar, voltarei e vos retirarei para mim, a fim de que, lá onde eu estiver, vós estejais também...”⁴⁷

A casa do Pai é o céu infinito com os mundos, que o povoam e a vida, que se espalha na sua superfície. São as estações inumeráveis da nossa jornada, estações que somos chamados a conhecer se seguimos os preceitos de Jesus. Ele voltará até nós para nos arrastar pelo exemplo na direção desses mundos superiores à Terra.

Nós aí vemos também a afirmação das vidas sucessivas da alma.

“Em verdade, se um homem não nasce de novo, não pode entrar no reino de Deus.”⁴⁸

“O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do espírito é espírito.”

“Não vos espanteis do que vos disse, que seria necessário que nascesseis de novo.”

⁴⁶ Lê-se em Marcos (IV: 10-13): Ele lhes diz: E vos foi dado conhecer o mistério do reino de Deus; mas para aqueles que são de fora, tudo se trata por parábolas. — O mesmo pensamento é expresso por Mateus, XIII: 11 a 13. (N.A.)

⁴⁷ João, XIV: 2 e 3. (N.A.)

⁴⁸ João, III: 3. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

“O espírito sopra onde ele quer, e vós ouvis bem sua voz, mas não sabeis de onde ele vem, nem para onde vai; acontece também com todo aquele que nasceu do espírito.”⁴⁹

Quando os discípulos do Cristo o interrogam e lhe pedem: “Por que os escribas dizem que é necessário que primeiro venha Elias?” Ele responde: “Elias já veio, mas eles absolutamente não o reconheceram.” E eles compreendem que é de João Batista que ele quer falar.

Jesus lhes diz ainda, numa outra circunstância:

“Em verdade, entre todos os filhos de mulheres, não há nenhum maior que João Batista. E, se quereis ouvir, é ele mesmo Elias que devia vir. Que ouçam aqueles que têm ouvidos para ouvir.”⁵⁰

O objetivo a seguir por cada um de nós e pela sociedade inteira é claramente indicado. É o reino do “Filho do Homem”, do Cristo social, ou em outras palavras, o reino da verdade, da justiça e do amor. As vistas de Jesus dirigem-se para o futuro, para esses tempos que nos foram anunciados.

“Eu vos enviarei o consolador — Eu teria ainda muitas coisas a vos dizer, mas vós não poderíeis compreender, presentemente.

— Quando esse Espírito de Verdade vier, ele vos ensinará toda verdade, etc.”⁵¹

Às vezes, ele resumia em imagens grandiosas, em traços inflamados, as verdades eternas. Seus apóstolos nem sempre o compreendiam, mas ele deixava aos séculos e aos

⁴⁹ João, III: 13. (N.A.)

⁵⁰ Mateus, XI: 11 a 15; XVII: 11 e 12. Ver, também, Marcos, IX: 10 e 11, etc. (N.A.)

⁵¹ João, XVI: 12 e 13. A Igreja vê apenas nessas palavras o anúncio do Espírito Santo que desceu alguns meses mais tarde sobre os apóstolos; mas se a Humanidade (pois é a ela que se dirige essa profecia) não era capaz então de compreender a verdade, como tê-la-ia podido cinquenta dias mais tarde? (N.A.)

O CRISTIANISMO

acontecimentos o cuidado de fazer germinar esses princípios na consciência da Humanidade, como a chuva e o Sol fazem germinar o grão confiado à terra. É nesse sentido que endereçava aos seus essas palavras corajosas: “O céu e a Terra passarão, mas minhas palavras, não.”

Jesus dirigia-se, então, simultaneamente, ao coração e ao espírito. Aqueles que não puderam compreender Pitágoras e Platão sentiam suas almas comoverem-se aos apelos eloquentes do Nazareno. É por isso que a doutrina cristã domina todas as outras. Para atingir a sabedoria, era necessário, nos Santuários do Egito e da Grécia, franquear os degraus de uma longa e penosa iniciação, enquanto que pela caridade, todos podiam tornar-se bons cristãos e irmãos em Jesus.

Mas, com o tempo, as verdades transcendentais se velaram. Aqueles que as possuíam foram suplantados por aqueles que acreditavam saber, e o dogma material substituiu a pura doutrina. Na sua expansão, o Cristianismo perdeu em valor o que ganhava em extensão.

À ciência profunda de Jesus, vinha juntar-se a potência fluídica de iniciado superior, da alma livre do jugo das paixões, cuja vontade domina a matéria e comanda as forças sutis da Natureza. O Cristo possuía a dupla vista: seu olhar sondava os pensamentos e as consciências, ele curava com uma palavra, com um gesto, impondo as mãos ou até pela simples presença. Eflúvios benéficos escapavam do seu ser e, sob seu comando, os maus espíritos afastavam-se. Ele se comunicava à vontade com as potências celestes e, nas horas de prova, hauria nesse intercâmbio a força moral que o sustentava na sua via dolorosa. No Tabor, seus discípulos deslumbrados o veem entreter-se com Moisés e Elias. É desse modo que, mais tarde, eles o verão aparecer, depois da crucificação, na irradiação do seu corpo fluídico, etéreo, desse corpo ao qual Paulo se refere nesses

DEPOIS DA MORTE

termos: “Há em cada homem um corpo animal e um corpo espiritual”⁵² e cujas experiências da psicologia moderna demonstram, aliás, a existência.

As aparições de Jesus depois da sua morte não podem ser colocadas em dúvida, pois elas, sozinhas, explicam a persistência da ideia cristã. Depois do suplício do Mestre e a dispersão dos discípulos, o Cristianismo estava moralmente morto. Somente as aparições e as conversas com Jesus, é que devolveram aos apóstolos sua energia e sua fé.

*
* *

Certos autores negaram a existência do Cristo e atribuíram às tradições anteriores ou à imaginação oriental, tudo o que foi escrito a esse respeito. Um movimento de opinião produziu-se nesse sentido, tendendo reduzir às proporções de uma lenda, as origens do Cristianismo.

É verdade que o Novo Testamento contém muitos erros. Vários acontecimentos que ele relata, encontram-se na História de outros povos antigos, e certos fatos atribuídos ao Cristo, figuram igualmente na vida de Krishna e na de Horus. Mas, por outro lado, existem numerosas provas da existência de Jesus de Nazaré, e essas provas são tanto mais peremptórias que nos são oferecidas pelos próprios adversários do Cristianismo. Todos os rabinos israelitas reconhecem essa existência. O Talmud fala dele nesses termos:

“Na véspera da Páscoa, Jesus foi crucificado por ter-se abandonado à magia e aos sortilégios.”

⁵² I Cor.: Nessa mesma epístola (XV: 5 a 8), Paulo enumera as aparições do Cristo, depois da sua morte. Ele conta seis, entre outras, uma aos Quinhentos “dos quais vários ainda estão vivos”. A última é a do caminho de Damasco, que fez com que Paulo, inimigo encarnado dos cristãos, se tornasse o mais ardente dos apóstolos. (N.A.)

O CRISTIANISMO

Tácito e Suetônio mencionam, também, o suplício de Jesus e o desenvolvimento das ideias cristãs.⁵³ Plínio, o Jovem governador da Bitínia, conta esse movimento a Trajano, cinquenta anos mais tarde, num relatório que foi conservado.

Como admitir, por outro lado, que a crença num mito haja sido suficiente para inspirar aos primeiros cristãos tanto entusiasmo, tanta coragem, tanta firmeza diante da morte, que lhes haja dado os meios de reverter o paganismo, de se aposarem do Império Romano e, de século em século, invadir todas as nações civilizadas? Não é, com certeza, sobre uma ficção que se funda uma religião que dura há vinte séculos e revoluciona a metade do mundo. Se remontamos à grandeza dos efeitos à potência das causas que as produziram, podemos dizer, com certeza, que sempre há uma personalidade eminente na origem de uma grande ideia.

Quanto às teorias que fazem de Jesus, ora uma das três pessoas da Trindade, ora um ser puramente fluídico, elas parecem, também, tanto uma quanto a outra, pouco fundadas. Pronunciando essas palavras: “Afasta de mim esse cálice!” Jesus revelou-se homem, sujeito ao temor e aos desfalecimentos. Ele próprio se chama, frequentemente, de “filho do homem”, expressão que se encontra vinte e cinco vezes em Mateus. Jesus, como nós, sofreu, chorou, e essa fraqueza tão humana, nos reaproximando dele, o faz ainda mais nosso irmão, e torna seu exemplo e suas virtudes mais admiráveis ainda.

O surgimento do Cristianismo teve resultados incalculáveis. Trouxe ao mundo a ideia de humanidade que a Antiguidade não conheceu no seu sentido extenso. Essa ideia, encarnada na pessoa de Jesus, penetrou pouco a pouco nos

⁵³ Tácito, *Anais*, XV, 44; Suetônio: *Vida*; Claud., 25; Neron, 16. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

espíritos, e, hoje, ela se manifesta no Ocidente com se todas as consequências sociais que se lhe prendem. A essa ideia, ele juntava as da lei moral e da vida eterna, que fora, até aí, do conhecimento somente dos sábios e dos pensadores. Desde então, o dever do homem será o de preparar através de todas as suas obras, de todos os seus atos da vida individual e social, o reino de Deus, quer dizer, o do Bem, o da Justiça: “Venha a nós o vosso reino assim na Terra como nos céus”.

Todavia, esse reino só pode se realizar com o aperfeiçoamento de todos, pelo melhoramento constante das almas e das instituições. Essas noções encerram em si, então, uma potência de desenvolvimento ilimitada. Não é de se espantar que depois de vinte séculos de incubação, de trabalho obscuro, elas apenas comecem a produzir seus efeitos na ordem social. O Cristianismo continha, em estado virtual, todos os elementos do verdadeiro progresso; mas, desde os primeiros séculos, desviou-se, e seus verdadeiros princípios, desprezados pelos seus representantes oficiais, passaram para a consciência dos povos, alma daqueles mesmos que, não se acreditando ou não se dizendo mais cristãos, trazem em si, inconscientemente, o ideal sonhado por Jesus.

Não é, então, nem na Igreja, nem nas instituições do pretense direito divino, que não é outra coisa, senão, o reinado da Força, que é preciso procurar a herança do Cristo. Ali se encontram, na realidade, instituições pagãs ou bárbaras. O pensamento de Jesus vive apenas na alma do povo. É através dos seus esforços para se elevar, através de suas aspirações constantes na direção de um estado social mais conforme à justiça e à solidariedade, que se revela a grande corrente humanitária, cuja fonte está no cume do Calvário, e cujas ondas nos trazem para um futuro que não conhecerá mais as vergonhas do pauperismo, da ignorância e da guerra.

O CRISTIANISMO

O Catolicismo desnaturou as belas e puras doutrinas do Evangelho pelas suas concepções de salvação pela graça, de pecado original, de inferno e de redenção. Numerosos concílios edificaram, em todos os séculos, novos dogmas, afastando-se cada vez mais dos preceitos do Cristo. O fausto e a simonia invadiram o culto. A Igreja dominou o mundo pelo pavor, pela ameaça dos suplícios, enquanto que Jesus queria reinar pelo amor e a caridade. Ela armou os povos uns contra os outros, elevou a perseguição à altura de um sistema e fez correr ondas de sangue.

Em vão a Ciência, na sua marcha progressiva, assinalou as contradições que existem entre o ensino católico e a ordem real das coisas; a Igreja chegou a amaldiçoá-la como uma invenção de Satã. Um abismo separa agora as doutrinas romanas da antiga sabedoria dos iniciados, que foi a mãe do Cristianismo. O materialismo aproveitou-se desse estado de coisas e implantou, em toda parte, suas raízes vivazes.

Por outro lado, o sentimento religioso enfraqueceu-se sensivelmente. O dogma não exerce mais nenhuma influência na vida das sociedades. A alma humana, cansada dos entraves nos quais a encerraram, lançou-se para a luz; partiu esses laços frouxos para unir-se aos grandes espíritos que não são nem de uma seita nem de uma raça, mas cujo pensamento esclarece e consola a Humanidade inteira. Liberta de qualquer tutela sacerdotal, ela quer, entretanto, pensar, agir e viver por si mesma.

Só queremos falar do Catolicismo com imparcialidade. Essa crença, não a esquecemos, foi a de nossos pais; ela embalou numerosas gerações. Mas a moderação não exclui o exame. Ora, de todo exame sério resulta isto: a Igreja enfraquecida enganou-se, tanto na sua concepção física do Universo, quanto na sua concepção moral da vida humana. A

DEPOIS DA MORTE

Terra não é mais o corpo central mais importante do Universo, que a vida presente não é o único teatro de nossas lutas e de nossos progressos. O trabalho não é um castigo, mas muito mais o meio regenerador pelo qual a Humanidade se fortifica e se eleva. Sua falsa ideia da vida conduziu o Catolicismo ao ódio do progresso e da civilização, e esse sentimento foi expresso, sem-reserva, no último artigo dos *Syllabus*:

“Anátema a quem disser: O pontífice romano pode e deve se reconciliar e se colocar em harmonia com o progresso, o liberalismo e a civilização moderna.”

O Catolicismo atribui ao Ser Supremo todas as fraquezas. Dele faz uma espécie de carrasco espiritual que vota aos últimos suplícios os seres débeis, obra de suas mãos. Os homens criados para sua felicidade, sucumbem em massa às tentações do mal e vão povoar os infernos.

Assim, sua impotência iguala-se à sua imprevidência, e Satã é mais hábil que Deus!

É esse, então, o Pai que Jesus nos fez conhecer, quando nos recomenda, em seu nome, o esquecimento das ofensas, quando nos diz para retribuir o mal com o bem e nos prega a piedade, o amor, o perdão? O homem compassivo e bom seria superior a Deus?

É verdade que, para tentar salvar o mundo, Deus sacrifica seu próprio filho, membro da Trindade e parte de si mesmo, mas ainda aí cai-se num erro monstruoso, e se justifica pela palavra de Diderot: “Deus matou Deus para apaziguar Deus!”

O Catolicismo obscureceu as consciências pela superstição, perturbou as inteligências pela ideia sombria e terrível de um Deus vingador. Desabitou o homem de pensar; ensinou-lhe a abafar suas dúvidas, a aniquilar sua razão e suas mais belas faculdades, a se afastar de todos aqueles

O CRISTIANISMO

que procuravam livre e sinceramente a verdade, a estimar somente aqueles que carregavam o mesmo jugo que ele.

Depois, ao lado do ensino errôneo, os abusos sem conta, as preces e as cerimônias tarifadas, a taxa dos pecados, a confissão, as relíquias, o purgatório e o resgate das almas; enfim, os dogmas da Imaculada Conceição e da infalibilidade do papa; o poder temporal, violação flagrante desse preceito do Deuteronômio (XVIII: 1 e 2) que permite aos sacerdotes “possuir os bens da Terra e ter parte de alguma herança, porque o Senhor é ele próprio sua herança”, tudo isso mostra qual a distância que separa as concepções católicas dos verdadeiros ensinamentos dos livros sagrados.

Entretanto, a Igreja fez uma obra útil. Teve suas épocas de grandeza; opôs obstáculos à barbárie; cobriu o globo de instituições de benemerência. Mas, petrificada nos seus dogmas, imobiliza-se, enquanto que à sua volta tudo caminha e avança; a cada dia, a Ciência cresce e a razão humana toma seu impulso.

Nada escapa à lei do progresso, as religiões não menos que o resto. Elas puderam responder às necessidades de um tempo e de um estado social atrasados, mas chega o momento em que essas religiões, aprisionadas nas suas fórmulas como num círculo de ferro, devem mudar ou morrer. Tendo dado à História tudo o que podia lhe oferecer, o Catolicismo tornou-se impotente para fecundar o espírito humano; este o abandona, e, na sua caminhada incessante, avança para concepções mais vastas e mais elevadas. A ideia cristã não morrerá por isso; ela se transformará apenas para reaparecer sob uma forma nova e depurada. Virá um tempo em que os dogmas e as práticas católicas serão somente uma vaga lembrança quase apagada da memória dos homens, como o é para nós o paganismo romano e escandinavo. Mas a grande figura do Crucificado

DEPOIS DA MORTE

dominará os séculos, e três coisas subsistirão do seu ensino, pois elas são a expressão da verdade eterna: a unidade de Deus, a imortalidade da alma e a fraternidade humana.

*

* *

Apesar das perseguições religiosas, a doutrina secreta perpetuou-se através dos tempos. Dela se encontra a marca em toda a Idade Média. Os iniciados judeus já a tinham, numa época recuada, consignada em duas obras célebres, o Zohar e o Sepher-Jésirah. Sua reunião forma a Kabala, uma das obras capitais da ciência esotérica.⁵⁴

O Cristianismo primitivo traz dela uma forte marca. Os primeiros cristãos acreditavam na preexistência e na sobrevivência da alma em outros corpos, como no caso acontecido com Jesus sobre João Batista e sobre Elias, e essa pergunta feita pelos apóstolos a propósito do cego de nascença, o qual parecia “ter sido atraído a essa punição pelos pecados cometidos antes de nascer.”⁵⁵ A ideia da reencarnação era tão disseminada entre o povo judeu, que o historiador Josèphe reprovava aos fariseus do seu tempo de só admitir a transmigração das almas em favor das pessoas de bem.⁵⁶ É o que chamavam de *Gilgul*, ou a circulação das almas.

Os cristãos abandonavam-se também às evocações e se comunicavam com os espíritos dos mortos. Encontram-se nos *Atos dos Apóstolos* numerosas indicações sobre esse ponto;⁵⁷ São Paulo, na sua primeira epístola aos Coríntios, descreve, sob o nome de dons espirituais, todos os gêneros

⁵⁴ Ver o belo volume de Ad. Franck, do Instituto, sobre a *Kabala*. (N.A.)

⁵⁵ João, IX: 2. (N.A.)

⁵⁶ Josèphe, *Guerras dos Judeus*, livro VIII, cap. VII. (N.A.)

⁵⁷ *Atos dos Apóstolos*, VIII: 26; XI: 27 e 28; XVI: 6, 7; XXI: 4. (N.A.)

O CRISTIANISMO

de mediunidade.⁵⁸ Ele se declara instruído diretamente pelo Espírito de Jesus na verdade evangélica.

Atribuíam-se, às vezes, essas inspirações aos maus espíritos, ao que alguns chamavam de Espírito de Python:

“Meus bem-amados, dizia João, o Evangelista, não creiam em todo espírito, mas verifiquem se os espíritos são de Deus.”⁵⁹

As práticas espíritas estiveram em uso durante vários séculos. Quase todos os filósofos de Alexandria, Philon, Ammonius Saccas, Plotino, Porfírio, Arnob se dizem inspirados por gênios superiores; São Gregório, taumaturgo, recebe os símbolos da fé do Espírito de São João.

A Escola de Alexandria resplandecia, então, com o brilho mais vivo. Todas as grandes correntes de pensamento humano pareciam ali se reunirem e se confundirem. Essa escola célebre produzira uma plêiade de espíritos brilhantes, que se esforçavam para fundir a filosofia de Pitágoras e de Platão com as tradições da cabala judia e os princípios do Cristianismo. Esperavam formar, assim, uma doutrina definitiva, com largas e poderosas visões, uma religião universal imperecível. Era o sonho de Philon. Como Sócrates, esse grande pensador tem seu espírito familiar, que o assiste, o inspira, o faz escrever durante o sono.⁶⁰

Da mesma forma que Ammonius e Plotino, os quais Porfírio diz que eram inspirados por um gênio, não daqueles

⁵⁸ XIV: 26 a 29; XV: 44. Os médiuns eram então chamados profetas. No texto grego dos Evangelhos encontra-se quase sempre isolada a palavra *espírito*. São Jerônimo, o primeiro, a ela acrescenta a palavra santo, e são os tradutores franceses da *Vulgata* que dela produzem Espírito Santo. (N.A.)

⁵⁹ Ep., I, IV: 1. (N.A.)

⁶⁰ Philon, *De Migrat. Abraham*. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

chamados demônios, mas daqueles que chamamos deuses.⁶¹ Plotino escreveu um livro sobre os espíritos familiares.

Como eles, Jâmblico era versado em teurgia e se comunicava com o invisível.

De todos os campeões do cristianismo esotérico, Orígenes é o mais conhecido. Esse homem de gênio, que foi um grande filósofo e um santo, estabeleceu nas suas obras⁶² que a desigualdade dos seres é a consequência de seus diversos méritos. As únicas penas conformes a bondade e a justiça divina são, diz ele, as penas *medicinais*, as que têm por efeito purificar, progressivamente, as almas nas séries de existências, antes da sua admissão no Céu. Entre os Pais da Igreja, muitos partilhavam suas visões⁶³ e se apoiavam sobre as revelações dos espíritos aos profetas ou médiuns.⁶⁴

Santo Agostinho, o grande sacerdote de Hipone, no seu tratado *De Cura pro Mortuis*, fala das manifestações ocultas e acrescenta:

“Por que não atribuir essas operações aos espíritos dos defuntos e deixar de acreditar que a Providência Divina faz bom uso de tudo para instruir os homens, consolá-los, assustá-los?”

Na sua *Cidade de Deus*,⁶⁵ a propósito do corpo claro, etéreo, perfumado, que é o invólucro da alma e que conserva a imagem do corpo carnal, esse Pai da Igreja fala das operações teúrgicas conhecidas sob o nome de Télètes, que o tornavam capaz de comunicar-se com os espíritos e os anjos e de ter visões admiráveis.

⁶¹ Bayle, *Diction. Phi. et Hist.*, art. Plotin. (N.A.)

⁶² *De Principiis*. (N.A.)

⁶³ Ver *História do Maniqueísmo*, por Beausobre, II. (N.A.)

⁶⁴ Orig., *Contrà Celse*, pp. 199 e 562. (N.A.)

⁶⁵ *De Civit. Dei*, livro X, cap. IX e XI. (N.A.)

O CRISTIANISMO

A propósito da pluralidade das vidas, afirmada por Orígenes, Agostinho assim se exprime nas suas *Confissões*.⁶⁶

“Minha infância, não se sucedeu a uma outra morte antes dela?...”

“Mesmo antes desse tempo, estive eu em algum lugar? Eu era alguém?”

Esta outra passagem de suas obras nos parece ainda mais significativa:

Tenho a certeza de encontrar nos platônicos muitas coisas que não repugnam aos nossos dogmas... Essa voz de Platão, a mais pura e a mais brilhante que tem havido na Filosofia, foi encontrada na boca de Plotino, tão semelhante a ele, que pareciam contemporâneos e, entretanto, bem afastados pelo tempo para que o primeiro dos dois pareça ter ressuscitado no outro.⁶⁷

São Clemente de Alexandria⁶⁸ e São Gregório de Nysse exprimiam-se no mesmo sentido. Esse último expõe⁶⁹ que “a alma imortal deve ser curada e purificada, e, se ela não o foi na sua vida terrestre, a cura se opera nas vidas futuras e subsequentes”.

Em muitos lugares, os espíritos combatiam o dogmatismo nascente da Igreja e sustentavam os heresiarcos. Lamentavam-se de que os ensinamentos tão simples do Evangelho fossem obscurecidos pelos dogmas inventados e impostos à crença, apesar das revoltas da razão. Levantavam-se contra o luxo, já escandaloso, dos sacerdotes.⁷⁰

Essas revelações tornaram-se outros tantos entraves para a Igreja oficial. Os heréticos hauriam, aí, seus argumentos e sua força; a autoridade do sacerdócio fora abalada

⁶⁶ *Confissões*, t. 1^a. (N.A.)

⁶⁷ *Agostini, Opera*, I. (N.A.)

⁶⁸ *Stromat*, livro VIII, Oxford, 1715. (N.A.)

⁶⁹ *Grande Discurso Catequético*, t. III, cap. VIII, ed. Morel. (N.A.)

⁷⁰ Le P. De Longueval, *História da Igreja Gálica*, I, 84. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

por isso. Com a reencarnação e as vidas sucessivas, com o resgate das faltas cometidas, pela prova e pelo trabalho, a morte não era mais um motivo de terror; cada um libertava-se a si mesmo do purgatório terrestre pelos seus esforços e seus progressos, e o sacerdote perdia a sua razão de ser. A Igreja, não podendo mais abrir, à sua vontade, as portas do paraíso e do inferno, via diminuir seu prestígio e seu poder.

Julgou, então, necessário impor silêncio aos partidários da doutrina secreta, fazendo-os renunciar a todo intercâmbio com os espíritos e a condenar seus ensinamentos como inspirados pelo demônio. É a partir desse dia que Satã tomou uma importância cada vez maior na religião cristã. A Igreja declarou ser a única profecia viva e permanente, a única intérprete de Deus. Orígenes e os gnósticos foram condenados pelo Concílio de Constantinopla (553); a doutrina secreta desapareceu com os profetas, e a Igreja pôde cumprir, à sua vontade, a obra de absolutismo e de imobilização.

Viu-se, então, os padres romanos perderem de vista a luz que Jesus trouxera a este mundo e recair na obscuridade. A noite que queriam para os outros, fêz-se neles próprios. O templo não foi mais, como nos tempos antigos, o asilo da verdade. Essa abandonou os altares para procurar um refúgio secreto. Desceu até as classes pobres; foi inspirar-se nos missionários humildes, nos apóstolos obscuros que, sob o nome do *Evangelho de São João*, procuraram restabelecer, em diferentes pontos da Europa, a simples e pura religião de Jesus, a religião da igualdade e do amor. Essas doutrinas foram abafadas pela fumaça das fogueiras ou afogadas nas ondas de sangue.

Toda História da Idade Média está repleta dessas tentativas do pensamento, desses despertamentos riosos, seguidos das reações do despotismo religioso e monárquico e de períodos de morno silêncio.

O CRISTIANISMO

Todavia, a ciência sagrada estava guardada, sob aspectos diferentes, por várias ordens secretas. Os alquimistas, os Templários, os Rosa-Cruzes, etc. conservaram delas os princípios. Os Templários foram perseguidos com obstinação pela Igreja oficial. Esta temia no mais alto ponto as escolas secretas e o império que exerciam sobre as inteligências. Sob o pretexto de bruxaria, de pactos com o diabo, ela destruiu quase todas a ferro e fogo.

A Reforma conseguiu arrancar a metade da Europa do jugo de Roma. O Protestantismo distingue-se do Catolicismo pelo princípio em que repousa: o livre-exame. Sua moral é mais precisa. Ele tem o mérito de se aproximar mais da simplicidade evangélica. Mas a ortodoxia protestante não poderia ser considerada como a última palavra da renovação religiosa, em razão de seu apego exclusivo à “letra que mata” e à bagagem dogmática que conservou, em parte.

Apesar dos esforços da Teocracia, a doutrina secreta não se perdeu. Ela ficou durante muito tempo escondida de todos os olhares. Os concílios e os agentes inescrupulosos do Santo Ofício acreditaram tê-la sepultado para sempre; entretanto, sob a pedra chumbada sobre ela, essa doutrina vivia sempre, semelhante à lâmpada sepulcral que queima, solitária, na noite.

Mesmo no seio do clero, sempre houve partidários secretos dessas ideias de preexistência e de comunicação com o invisível. Alguns dentre eles ousavam elevar a voz.

Já em 1843, num de seus mandamentos, o Sr. de Montal, bispo de Chartres, falava nesses termos:

“Já que não é proibido crer na preexistência das almas, quem pode saber o que aconteceu no longínquo das idades entre as inteligências?”

DEPOIS DA MORTE

O cardeal Bona, o Fénelon da Itália, no seu tratado *Do Discernimento dos Espíritos*, exprimia-se assim:

“Temos nos espantado que se possa encontrar homens de bom senso que tenham ousado negar completamente as aparições e as comunicações das almas com os vivos, ou atribuir-lhes a uma imaginação enganada ou, então, à arte dos demônios.”

Enfim, muito recentemente, o Sr. Calderone, diretor da *Filosofia della Scienza*, de Palermo, publicava algumas cartas endereçadas por Mgr. Louis Passavalli, arcebispo, vigário da Basílica de São Pedro de Roma, ao Sr. Tancredi Canonico, senador e Guarda dos Sceaux, a propósito da reencarnação. Eis, aqui, uma das passagens principais:⁷¹

Parece-me que se se pudesse propagar a ideia da pluralidade das existências para o homem, tanto nesse mundo quanto nos outros, como um meio admirável de realizar os esboços misericordiosos de Deus, na expiação ou purificação do homem, no objetivo de torná-lo, enfim, digno Dele e da vida imortal dos Céus, já teríamos dado um grande passo, pois bastaria isso para resolver os problemas mais confusos e os mais árduos que agitam, atualmente, as inteligências humanas. Quanto mais penso nessa verdade, mais ela me parece grande e fecunda em consequências práticas para a religião e a sociedade.

Assinado: “ Louis, *arcebispo*”.



⁷¹ Ver *Anais das Ciências Psíquicas*, setembro de 1912, pág. 284. (N.A.)

VII

MATERIALISMO E POSITIVISMO

Como o oceano, o pensamento tem seu fluxo e seu refluxo. Quando a Humanidade penetra, num ponto de vista qualquer, no domínio do exagero, uma reação vigorosa se produz cedo ou tarde. Os excessos provocam excessos contrários. Após séculos de submissão e de fé cega, o mundo, cansado do sombrio ideal de Roma, lançou-se nas doutrinas do nada. As afirmações temerárias trouxeram negações furiosas. O combate engajou-se e a picareta do materialismo fez brecha no edifício católico.

As ideias materialistas ganham terreno. Rejeitando os dogmas da Igreja como inaceitáveis, um grande número de espíritos cultos desertaram, de uma só vez, da causa espiritualista e da crença em Deus. Afastando as concepções metafísicas, procuraram a verdade na observação direta dos fenômenos, no que convencionou-se chamar de método experimental.

DEPOIS DA MORTE

Pode-se resumir, assim, as doutrinas materialistas: Tudo é matéria. Cada molécula tem propriedades inerentes, em virtude das quais formou-se o Universo com os seres que ele contém. A ideia de um princípio espiritual é uma hipótese. A matéria governa a si mesma através de leis fatais, mecânicas; ela é eterna, mas só ela é eterna. Saídos do pó retornaremos ao pó. O que chamamos de alma, o conjunto das nossas faculdades intelectuais, a consciência é apenas uma função do organismo e dissipa-se com a morte. “O pensamento é uma secreção do cérebro,” disse Carl Vogt, e o mesmo autor acrescenta: “As leis da Natureza são forças inflexíveis. Não conhecem nem a moral, nem a benevolência.”

Se a matéria é tudo, o que é, então, a matéria? Os próprios materialistas não saberiam dizer, pois a matéria, desde que se analise, na sua essência íntima, esquiva-se, escapa e foge como uma miragem enganadora.

Os sólidos transformam-se em líquidos; os líquidos, em gases; além do estado gasoso vem o estado radiante, depois, através de refinamentos inumeráveis, cada vez mais sutis, a matéria passa ao estado imponderável. Ela se torna essa substância etérea que preenche o Espaço, tão tênue, que a tomaríamos como o vazio absoluto, se a luz não a fizesse vibrar, atravessando-a.

Assim, de grau em grau, a matéria se perde numa poeira invisível. Tudo se resume em força e em movimento.

Os corpos orgânicos ou inorgânicos, nos diz a Ciência, minerais, vegetais, animais, homens, mundos, astros, são apenas agregações de moléculas, e essas moléculas são elas próprias compostas de átomos, separados uns dos outros, num estado de movimento constante e renovação perpétua.

O átomo é invisível, mesmo com a ajuda dos mais poderosos aumentos. Podemos apenas concebê-lo pelo pensa-

MATERIALISMO E POSITIVISMO

mento, tamanha a sua pequenez extrema.⁷² E essas moléculas, esses átomos agitam-se, movem-se, circulam, evoluem em turbilhões incessantes, no meio dos quais a forma dos corpos apenas se mantém em virtude da lei de atração.

Pode-se, então, dizer que o mundo é composto de átomos invisíveis, regidos por forças imateriais. A matéria, desde que se examine de perto, dissipa-se como uma fumaça. Ela só tem uma realidade aparente e não pode nos oferecer nenhuma base de certeza. Não há realidade permanente, só há certeza no espírito. É apenas a ele que o mundo se revela na sua unidade viva e no seu eterno esplendor. Só ele pode prová-lo, compreender sua harmonia. É no espírito que o Universo se conhece, se reflete, se possui.

O espírito é mais ainda, ele é a força oculta, a vontade que governa e dirige a matéria — *Mens agitat molem* — e lhe dá a vida. Todas as moléculas, todos os átomos, temos dito, agitam-se e se renovam incessantemente. O corpo humano é como uma torrente vital em que as águas se sucedem às águas. Cada partícula é substituída por outras partículas. O próprio cérebro está submetido a essas mudanças e nosso corpo inteiro renova-se em alguns anos.

Não se pode dizer que o cérebro produz o pensamento. Ele é apenas um instrumento daquele. Através das modificações perpétuas da carne, nossa personalidade se mantém e,

⁷² A teoria do átomo indivisível e indestrutível que, há dois mil anos, servia de base à Física e à Química, acaba de ser abandonada pela Ciência, em consequência das descobertas de Curie, Bequerel, G. Le Bon, etc. Desde 1876, na *Síntese Química* (pág. 164), Berthelot já qualificava essa teoria de “romance engenhoso e sutil”. Vê-se por aí, diz Le Bon (*Revista Científica*, 31 de outubro de 1903), que certos dogmas científicos têm tanto mais consistência quanto as divindades das idades antigas. Antes deles, Sir W. Crookes, o grande físico inglês, declarara: “A matéria é apenas um modo de movimento” (*Proc. Roy. Soc.*, nº 205). Assim, desmorona-se o único ponto de apoio sobre o qual se construía toda a teoria materialista. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

com ela, nossa memória e nossa vontade. Há no ser humano uma força inteligente e consciente que regula o movimento harmonioso dos átomos materiais, segundo as necessidades da existência; um princípio que domina a matéria e lhe segue.

Da mesma forma, acontece com o conjunto das coisas. O mundo material é apenas o aspecto exterior, a aparência mutante, a manifestação de uma realidade substancial e espiritual que se encontra dentro de si. Da mesma forma que o *eu* humano não está na matéria variável, mas no espírito, o *eu* do Universo não está no conjunto dos globos e dos astros que o compõem, mas na Vontade oculta, na Potência invisível e imaterial que, daí, dirige os segredos resultantes e regula a evolução.

A ciência materialista vê apenas um lado das coisas. Na sua impotência para determinar as leis do Universo e da vida, depois de haver proscrito a hipótese, ela é obrigada a ela retornar para dar uma explicação das leis naturais. É o que fez, tomando por base do mundo físico o átomo, que não se percebe pelos sentidos.

J. Soury, um dos escritores materialistas mais autorizados, não hesita em confessar essa contradição na sua análise dos trabalhos de Haeckel: “Nada podemos conhecer, diz ele, da constituição da matéria.”

Se o mundo fosse apenas um composto de matéria governado pela força cega, quer dizer, pelo acaso, não se veria essa sucessão regular, contínua, dos mesmos fenômenos, produzindo-se segundo uma ordem estabelecida; não se veria essa adaptação inteligente dos meios ao objetivo, essa harmonia das leis, das forças, das proporções, que se manifesta em toda Natureza. A vida seria um acidente, um fato de exceção, e não, de ordem geral. Não se saberia explicar essa tendência, esse impulso que, em todas as idades do mundo,

MATERIALISMO E POSITIVISMO

desde o aparecimento dos seres elementares, dirige a corrente vital, através dos progressos sucessivos, para formas cada vez mais perfeitas. Cega, inconsciente, sem-objetivo, como a matéria poderia diversificar-se, desenvolver-se no plano grandioso cujas linhas aparecem para qualquer observador atento? Como poderia coordenar seus elementos, suas moléculas, de maneira a formar todas as maravilhas da Natureza, desde as esferas que povoam o Espaço até os órgãos tão delicados do corpo humano, até o inseto, o pássaro, a flor?

Os progressos da Geologia e da Antropologia pré-histórica lançaram vivas luzes sobre a História do mundo primitivo; mas foi em vão que os materialistas acreditaram encontrar na lei da evolução dos seres um ponto de apoio, um socorro para suas teorias. Uma coisa essencial destaca-se desses estudos: é a certeza de que a força cega não domina em parte alguma de maneira absoluta. Ao contrário, é a inteligência, a vontade, a razão que triunfam e reinam. A força bruta não foi suficiente para assegurar a conservação e o desenvolvimento das espécies. Entre os seres, aquele que tomou posse do globo e dominou a Natureza, não é o mais forte, o melhor armado fisicamente, mas o melhor dotado intelectualmente.

Desde sua origem, o mundo se encaminha para um estado de coisas cada vez mais elevado. A lei do progresso se afirma através dos tempos, nas transformações sucessivas do globo e nas etapas da Humanidade. Um objetivo se revela no Universo, objetivo para o qual tudo caminha, tudo evolui, os seres como as coisas; e esse objetivo é o bem, é o melhor. A História da Terra é a mais eloquente testemunha disso.

Censurar-nos-ão, sem dúvida, que a luta, o sofrimento e a morte estão no fundo de tudo. Responderemos que o esforço, a luta e o sofrimento são as condições próprias do progresso.

DEPOIS DA MORTE

Quanto à morte, ela não é o nada, como o provaremos mais adiante, mas a entrada do ser numa nova fase de evolução. Do estudo da Natureza e dos anais da História, um fato capital se destaca: há uma causa para tudo o que existe. Para conhecer esta causa, é preciso elevar-se acima da matéria, até o princípio intelectual, até a Lei viva e consciente que nos explica a ordem do Universo, como as experiências da Psicologia moderna nos explicam o problema da vida.

*

* *

Julga-se, sobretudo, uma doutrina filosófica por suas consequências morais, pelos efeitos que ela produz sobre a vida social. Consideradas por esse ponto de vista, as teorias materialistas, baseadas no fatalismo, são incapazes de servir de móvel à vida moral, de sanção às leis da consciência. A ideia, completamente mecânica, que elas dão do mundo e da vida destrói a noção de liberdade e, por conseguinte, a de responsabilidade.⁷³ Elas fazem da luta pela existência uma lei inexorável, em virtude da qual os fracos devem sucumbir sob os golpes dos fortes, uma lei que bane para sempre da Terra o reino da paz, da solidariedade e da fraternidade humana. Penetrando em seus espíritos, elas só podem trazer a indiferença e o egoísmo nos felizes, o desespero e a violência nos deserdados, a desmoralização em todos.

Sem dúvida, há materialistas honestos e ateus virtuosos, mas não é em consequência de uma aplicação rigorosa de suas doutrinas. Se assim são, é apesar das suas opiniões e não por causa delas; é por um impulso secreto da sua

⁷³ Büchner e sua escola não hesitam em afirmar: “O homem não é livre, dizem, ele vai onde seu cérebro o impulsiona.” (Ver Büchner, *Força e Matéria*). (N.A.)

MATERIALISMO E POSITIVISMO

Natureza, e porque sua consciência soube resistir a todos os sofismas. Daí resulta, logicamente, que suprimindo o livre-arbítrio, fazendo das faculdades intelectuais e das qualidades morais a resultante de combinações químicas, as secreções da substância cinza do cérebro, considerando o gênio como uma nevrose, o materialismo rebaixa a dignidade humana, retira da existência todo caráter elevado.

Com a convicção de que nada há além da vida presente, e nenhuma justiça que não a dos homens, cada um pode dizer a si mesmo: De que adianta lutar e sofrer? De que adianta a piedade, a coragem, a retidão? Por que constringer e domar seus apetites, seus desejos? Se a Humanidade está abandonada à própria sorte, se não há em lugar algum um poder inteligente, equitável, que a julga, que a guia, sustenta-a, que socorro ela pode esperar? Que ajuda lhe tornará menos penoso o peso das suas provas?

Se não há no Universo nem razão, nem justiça, nem amor; apenas a força cega, enlaçando os seres e os mundos sob o jugo de uma fatalidade sem-pensamento, sem-alma, sem-consciência; então, o ideal, o bem, a beleza moral, são outras tantas ilusões e mentiras. Não é mais neles, mas na realidade brutal; não é mais no dever, mas no prazer, que o homem deve ver o objetivo da vida, e, para realizá-lo, deve passar por cima de qualquer sentimentalismo vão.

Se viemos do nada para retornar ao nada, se a mesma sorte, o mesmo esquecimento espera o criminoso e o sábio, o egoísta e o homem devotado; se, segundo as combinações do acaso, uns devem votar-se exclusivamente à dor e outros à alegria e à honra, então, é preciso ousar proclamá-lo, a esperança é uma quimera; não há mais consolações para os aflitos, não há mais justiça para as vítimas do destino. A Humanidade rola, levada pelo movimento do globo, sem-objetivo,

DEPOIS DA MORTE

sem-clareza, sem a lei moral, renovando-se pelo nascimento e pela morte, dois fenômenos entre os quais o ser agita-se e passa, deixando apenas como traço uma centelha na noite.

Sob a influência de tais doutrinas, a consciência só tem que se calar e dar lugar ao instinto brutal; o espírito de cálculo deve suceder ao entusiasmo, e o amor ao prazer substituir as generosas aspirações da alma. Então, cada qual pensará apenas em si. O desgosto da vida, o pensamento do suicídio virão apavorar os infelizes. Os deserdados só terão ódio por aqueles que possuem e, na sua fúria, despedaçarão essa civilização grosseira e material.

Mas não! O pensamento, a razão se revoltam e protestam contra essas doutrinas desoladoras. O homem, dizem-nos elas, não terá lutado, trabalhado, sofrido, para chegar ao nada; a matéria não é tudo; há leis superiores a ela, leis de ordem e harmonia, e o Universo não é somente um mecanismo inconsciente.

Como a matéria cega poderia governar através das leis inteligentes e sábias? Como, desprovida de razão, de sentimento, poderia produzir seres razoáveis e sensíveis, capazes de discernir o bem do mal, o justo da injustiça? Qual! A alma humana é suscetível de amar até o sacrifício, o sentido do belo e do bem está gravado nela, e ela seria o resultado de um elemento que não possui essas qualidades em grau nenhum? Nós sentimos, amamos, sofremos, e emanaríamos de uma causa que é surda, inexorável e muda? Seríamos mais perfeitos e melhores que ela?

Um tal raciocínio é um ultraje à lógica. Não se poderia admitir que a parte possa ser superior ao todo, que a inteligência possa derivar de uma causa ininteligente, que, de uma natureza sem-objetivo, possam sair seres suscetíveis de perseguir um objetivo.

MATERIALISMO E POSITIVISMO

O senso comum nos diz, ao contrário, que, se a inteligência, o amor do bem e do belo estão em nós, é preciso que provenham de uma causa que os possui num grau superior. Se a ordem manifesta-se em todas as coisas, se um plano revela-se no mundo, é que um pensamento os elaborou, uma razão os concebeu.

Não insistamos nos problemas que teríamos que retomar o exame mais adiante, e cheguemos a uma outra doutrina, que tem com o materialismo numerosos pontos de contato. Queremos falar do Positivismo.

Esta filosofia, mais sutil ou menos franca que o materialismo, nada afirma, nada nega. Afastando qualquer estudo metafísico, qualquer pesquisa das causas primárias, ela estabelece que o homem nada pode saber do princípio das coisas; em consequência, o estudo das causas do mundo e da vida seria supérfluo. Todo seu método refere-se à observação dos fatos constatados pelos sentidos e leis que os regem. Admite apenas a experiência e o cálculo.

Todavia, o rigor desse método teve que se curvar diante das exigências da Ciência, e o Positivismo, como o materialismo, apesar do seu horror à hipótese, foi constrangido a admitir teorias não verificáveis pelos sentidos. É assim que ele raciocina sobre a matéria e a força, cuja natureza íntima lhe é desconhecida; que não admite a lei de atração, o sistema astronômico de Laplace, a correlação das forças, todas as coisas impossíveis de demonstrar, experimentalmente.

Mais ainda, vimos o fundador do Positivismo, Augusto Comte, depois de ter eliminado todos os problemas religiosos e metafísicos, retornar às qualidades ocultas e misteriosas das coisas⁷⁴ e terminar sua obra fundando o culto da Terra. Esse

⁷⁴ Ver, sobre esse assunto, *Ontologia*, de Durand de Gros (1871) obra notável que refuta as doutrinas positivistas. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

culto tinha suas cerimônias, seus sacerdotes assalariados. É verdade que os positivistas renegaram essas aberrações. Não insistiremos nesse ponto, não mais sobre o fato de que Littré, o sábio eminente, o chefe venerado do ateísmo moderno fez-se batizar no seu leito de morte, depois de ter aceito as visitas frequentes de um sacerdote católico. Um tal desmentido infligido aos princípios de toda uma vida deve, entretanto, ser assinalado.

Esses dois exemplos, dados pelos mestres do Positivismo, demonstram a impotência de doutrinas que se desinteressam das aspirações do ser moral e religioso. Eles provam que nada se cria com negações nem com a indiferença; que, apesar de todos os sofismas, chega a hora em que o pensamento do Além se ergue diante dos cétricos mais endurecidos.

Contudo, não se pode desconhecer que o Positivismo não tenha tido sua razão de ser e não tenha prestado incontestáveis serviços ao espírito humano, constringindo este a seguir de mais perto ainda seus argumentos, a precisar suas teorias, a fazer mais ampla demonstração. Cansados das abstrações metafísicas e das vãs discussões de escola, seus fundadores quiseram colocar a Ciência num terreno sólido; mas a base escolhida por eles era tão estreita que seu edifício deixou de ter, ao mesmo tempo, amplidão e solidez. Querendo restringir o domínio do pensamento, anularam as mais belas faculdades da alma; rejeitando as ideias de Espaço, de Infinito, de absoluto, tiraram de certas Ciências, da Matemática, da Geometria, da Astronomia, qualquer possibilidade de se desenvolver e de progredir. Vimos esse fato significativo: é no campo da Astronomia Estelar, Ciência proscrita por Augusto Comte como sendo do domínio do incognoscível, que as mais belas descobertas foram realizadas.

MATERIALISMO E POSITIVISMO

O Positivismo está impossibilitado de fornecer uma base moral à consciência. O homem, desse lado, tem apenas direitos a exercer, há, também, deveres a realizar; é a condição essencial de qualquer ordem social. Ora, para realizar seus deveres, é preciso conhecê-los, e como conhecê-los, se se desinteressa do objetivo da vida, das origens e dos fins do ser? Como nos conformar com a regra das coisas, segundo a própria expressão de Littré, se nós nos impedimos de explorar o domínio do mundo moral e o estudo dos fatos da consciência?

Num objetivo louvável, certos pensadores, materialistas e positivistas quiseram fundar o que chamavam de moral independente, quer dizer, a moral separada de qualquer concepção teológica, de qualquer influência religiosa. Eles acreditavam, ali, encontrar um terreno neutro, onde todos os bons espíritos pudessem se reunir. Mas os materialistas não refletiram que negando a liberdade, tornavam toda moral impotente e vã. Sem liberdade, o homem é apenas uma máquina, e uma máquina não tem o que fazer com a moral. Teria sido necessário também que a noção do dever fosse aceita por todos para ser eficaz; e sobre o que pode se apoiar a noção do dever numa teoria mecânica do mundo e da vida?

A moral não pode ser tomada como base, como ponto de partida. Ela é uma consequência de princípio, o coroa-mento de uma concepção filosófica. É por isso que a moral independente tornou-se uma teoria estéril, uma ilusão generosa, sem-influência sobre os costumes.

No seu estudo atento e minucioso da matéria, as escolas positivistas contribuíram para enriquecer certos ramos dos conhecimentos humanos, mas perderam de vista seu domínio exclusivo, imitaram o mineiro que se afunda cada vez mais nas entranhas do solo, descobre, aí, os tesouros ocultos e não

DEPOIS DA MORTE

vê mais o grande espetáculo da Natureza, despojando-se sob os raios do Sol.

Essas escolas não foram fiéis nem mesmo a seu programa; pois, depois de ter proclamado o método experimental como o único meio de chegar à verdade, nós as vimos desmentirem-se, negando, *a priori*, toda uma série de fenômenos, de manifestações psíquicas, que teremos que examinar. Coisa digna de nota, a ciência positiva mostrou tanta incredulidade desdenhosa diante desses fatos, que acabara tumultuando suas teorias, quanto, deliberadamente, os homens da igreja mais intolerantes.

O Positivismo não pode ser considerado como a última etapa da Ciência. Esta é progressiva em essência e saberá completar-se. O Positivismo é apenas uma das formas temporárias da evolução filosófica. Os séculos não se sucederam aos séculos, as obras dos sábios e dos filósofos não se acumularam para atingir a teoria do *inatingível ao conhecimento*? O pensamento evolui, desenvolve-se e, cada dia, penetra mais adiante. O que era ontem desconhecido, será conhecido amanhã. A marcha do espírito humano não tem fim. Fixar-lhe um, é negar a lei do progresso; é desprezar a verdade.



VIII

A CRISE MORAL

Do exame precedente resulta que dois sistemas contraditórios e opostos partilham o mundo do pensamento. Nosso tempo é, nesse ponto de vista, um tempo de perturbação e de transição. A fé religiosa esmoreceu e as grandes linhas da filosofia do futuro só aparecem, ainda, para uma minoria de pesquisadores.

Certamente, a época em que vivemos é grande pela soma dos progressos realizados. A civilização moderna, extremamente utilitária, transformou a face da Terra; reproximou os povos, suprimindo-lhes as distâncias. A instrução foi estendida; as instituições foram melhoradas. O direito substitui o privilégio, e a liberdade triunfa do espírito de rotina e do princípio de autoridade. Uma grande batalha se trava entre o passado, que não quer morrer, e o futuro, que se esforça para nascer para a vida. Em favor dessa luta, o mundo se agita e caminha; uma impulsão irresistível o arrasta; e o caminho percorrido, os resultados adquiridos nos fazem pressagiar conquistas ainda mais maravilhosas.

DEPOIS DA MORTE

Todavia, se os progressos de ordem material e de ordem intelectual são notáveis, por outro lado, o avanço moral é nulo. Nesse ponto, o mundo parece recuar muito mais; as sociedades humanas, febrilmente absorvidas pelas questões políticas, pelas empresas industriais e financeiras, sacrificam ao bem-estar seus interesses morais.

Se a obra da civilização nos aparece sob aspectos magníficos, ela tem também, como todas as coisas humanas, sombras escondidas. Sem dúvida, ela melhorou numa certa medida as condições da existência, mas multiplicou as necessidades de tanto satisfazê-las; aguçando os apetites, os desejos, favoreceu tanto o sensualismo que aumentou a depravação. O amor ao prazer, ao luxo, às riquezas tornou-se cada vez mais ardente. Quer-se adquirir, quer-se possuir a qualquer preço.

Daí, essas especulações desavergonhadas que se instalam em plena luz. Daí, esse abatimento dos caracteres e das consciências, esse culto fervoroso que se rende à fortuna, verdadeiro ídolo cujos altares substituíram os das divindades decaídas.

A ciência e a indústria centuplicaram as riquezas da Humanidade, mas dessas riquezas apenas uma pequena parte dos seus membros aproveitaram diretamente. A sorte dos pequenos tornou-se precária, e a fraternidade ocupou mais lugar nos discursos do que nos corações. No meio das cidades opulentas, pode-se ainda morrer de fome. As usinas, as aglomerações operárias, focos de corrupção física e moral, tornaram-se como que infernos do trabalho.

A embriaguez, a prostituição, a libertinagem, espalham-se por toda a parte seus venenos, empobrecendo as gerações e secam a vida na sua fonte, enquanto que as páginas públicas semeiam, à porfia, a injúria, a mentira, e uma literatura malsã excita os cérebros e debilita as almas.

A CRISE MORAL

Cada dia, a desesperança causa novamente devastações: o número de suicidas que, em 1820, era de mil e quinhentos, na França, é agora de mais de oito mil. Oito mil seres, a cada ano, desertam das lutas fecundas da vida por falta de energia e de senso moral e se refugiam no que acreditam ser o nada! O número dos crimes e delitos triplicou há cinquenta anos. Entre os condenados, a proporção dos adolescentes é considerável. É preciso ver nesse estado de coisas os efeitos do contágio do meio, dos maus exemplos recebidos desde a infância, a ausência de firmeza dos pais e a falta de educação na família? Há tudo isso, e mais ainda.

Nossos males provêm daquilo que o homem ignora de si mesmo, apesar dos progressos da Ciência e o desenvolvimento da instrução. Ele sabe pouca coisa das leis do Universo; ele nada sabe das forças que nele estão. O “Conhece-te a ti mesmo” do filósofo grego permaneceu, para a imensa maioria dos humanos, como um apelo estéril. Não há mais que vinte séculos, menos talvez, o homem de hoje não sabe o que ele é, de onde vem, para onde vai, qual é o seu objetivo real da existência. Nenhum ensinamento veio dar-lhe a noção exata do seu papel nesse mundo nem de seus destinos.

O espírito humano flutua, indeciso, entre as solicitações de duas potências.

De um lado, as religiões com seu cortejo de erros e de superstições, seu espírito de dominação e de intolerância; mas também, com as consolações das quais são a fonte e as fracas luzes que guardaram das verdades primordiais.

Do outro, a Ciência, materialista nos seus princípios como nos seus fins, com suas frias negações e sua tendência exagerada ao individualismo; mas também, com o prestígio das suas descobertas e de seus benefícios.

E esses dois colossos, a religião sem-provas e a Ciência sem-ideal, desafiam-se, exterminam-se, combatem-se sem

DEPOIS DA MORTE

poder vencer-se, pois cada uma delas responde a uma necessidade imperiosa do homem, uma, falando ao seu coração, a outra, dirigindo-se ao seu espírito e à sua razão. Em torno delas acumulam-se as ruínas de numerosas esperanças e de aspirações destruídas; os sentimentos generosos enfraquecem-se, a divisão e o ódio substituem a benevolência e a concórdia.

No meio dessa confusão de ideias, a consciência perdeu o seu caminho. Ela vai, ansiosa, ao acaso e, na incerteza que pesa sobre ela, o bem e o justo curvam-se. A situação moral de todos os infelizes que se dobram sob o fardo da vida tornou-se intolerável; entre duas doutrinas que apenas oferecem como perspectivas às suas dores, como termo aos seus males, uma, o nada, a outra, um paraíso quase inacessível ou uma eternidade de suplícios.

As consequências desse conflito se fazem sentir em toda a parte, na família, no ensino e na sociedade. A educação viril desapareceu. Nem a Ciência, nem a religião sabem mais fazer as almas fortes e bem armadas para os combates da vida. A Filosofia, ela própria, dirigindo-se somente a algumas inteligências abstratas, abdica dos seus direitos sobre a vida social e perde toda a influência.

Como a Humanidade sairá desse estado de crise? Só há um meio para isso: encontrar um terreno de conciliação onde as duas forças inimigas, o sentimento e a razão, possam unir-se para o bem e a salvação de todos. Pois todo ser humano traz em si essas duas forças, sob o império das quais ele pensa e age, alternadamente. Seu acordo obtém das suas faculdades o equilíbrio e a harmonia, centuplica seus meios de ação e dá à sua vida a retidão, a unidade de tendências e de vistas, enquanto que suas contradições e suas lutas causam-lhe a desordem. E o que se produz em cada um de nós, manifesta-se na sociedade inteira e causa a perturbação moral da qual ela sofre.

A CRISE MORAL

Para colocar um fim nisso, é preciso que a luz se faça aos olhos de todos, grandes e pequenos, ricos ou pobres, homens, mulheres e crianças; é preciso que um novo ensino popular venha esclarecer as almas sobre sua origem, seus deveres e seu destino.

Pois tudo está aí. Unicamente, as soluções formuladas por esse ensino podem servir de base a uma educação viril, tornar a Humanidade verdadeiramente forte e livre. Sua importância é capital, tanto para o indivíduo, que elas dirigirão na sua tarefa cotidiana, como para a sociedade, à qual regularão as instituições e as relações.

A ideia que o homem faz do Universo, de suas leis, do papel que lhe cabe nesse vasto teatro, recai sobre toda a sua vida e influi sobre suas determinações. É segundo ela que ele traça um plano de conduta, fixa para si um objetivo e caminha para ele. Procuraríamos também, em vão, evitar esses problemas. Eles se impõem ao nosso espírito; eles nos dominam, envolvem-nos nas suas profundezas; formam o eixo de qualquer civilização.

Cada vez que uma concepção nova do mundo e da vida penetra no espírito humano e infiltra-se, pouco a pouco, em todos os meios, a ordem social, as instituições e os costumes ressentem-se, imediatamente, disso.

As concepções católicas criaram a civilização da Idade Média e dividiram a sociedade feudal, monárquica, autoritária. Então, na Terra como no Céu, era o reino da graça e do bel-prazer. Essas concepções viveram; não encontram mais lugar no mundo moderno. Mas, abandonando as antigas crenças, o presente não soube substituí-las. O Positivismo materialista e ateu apenas vê na vida uma combinação passageira de matéria e de força, um mecanismo brutal nas leis do Universo. Nenhuma noção de justiça, de solidariedade,

DEPOIS DA MORTE

de responsabilidade. Daí, um relaxamento geral dos laços sociais, um ceticismo pessimista, um desprezo por qualquer lei e por qualquer autoridade, que poderiam nos conduzir aos abismos.

Essas doutrinas materialistas trouxeram para uns o desencorajamento, para outros, uma recrudescência da co-biça, por toda a parte elas arrastaram ao culto do ouro e da carne. Sob sua influência, uma geração educou-se, geração desprovida de ideal, sem-fé no futuro, duvidando dela mesma e de tudo.

As religiões dogmáticas nos conduziam ao arbítrio e ao despotismo; o materialismo atingiu, logicamente, inevitavelmente, à anarquia e ao nihilismo. É por isso que devemos considerá-lo como um perigo, como uma causa de decadência e de rebaixamento.

Talvez considerem essas apreciações excessivas e seremos taxados de exagero. Basta-nos, nesse caso, nos reportarmos às obras dos materialistas eminentes e citarmos suas próprias conclusões.

Eis, por exemplo, o que escrevia, entre tantos outros, o Sr. Jules Soury:⁷⁵

“Se há alguma coisa de vão e inútil no mundo, é o nascimento, a existência e a morte dos inumeráveis parasitas, faunas e floras, que vegetam como um bolor e se agitam na superfície desse ínfimo planeta. Indiferente em si mesma, necessária, em todo caso, já que ela é, essa existência que tem como condição a luta encarniçada de todos contra todos, a violência ou a astúcia, *o amor, mais amargo que a morte, parecerá, pelo menos para todos os seres verdadeiramente conscientes, um sonho sinistro, uma alucinação dolorosa, ao preço da qual o nada seria um bem*”.

⁷⁵ *Filosofia Natural. (N.A.)*

A CRISE MORAL

“Mas, se somos os filhos da Natureza, se ela nos criou e nos deu o ser, somos nós, por nossa vez, que a dotamos de todas as qualidades ideais que a ornamentam aos nossos olhos, que tecemos o véu luminoso sob o qual ela nos aparece. A eterna ilusão que encanta ou que atormenta o coração humano é, portanto, obra sua”.

“Nesse Universo onde tudo são sombras e silêncio, apenas ele vela e sofre nesse planeta, porque apenas ele talvez com seus irmãos inferiores, medite e pense. Ele apenas começa a compreender a fragilidade de tudo em que acreditou, de tudo o que amou, o nada da beleza, a mentira da bondade, *a ironia de toda ciência humana*. Depois de se ter, inocentemente adorado, os seus deuses e os seus heróis, quando não tem mais fé nem esperança, eis que sente que a própria Natureza se contradiz, que *ela era, como todo o resto, apenas aparência e velhacaria*”.

Uma outra escritora materialista, poetisa de grande talento, Sra. Ackermann, não hesitava em manter essa linguagem:

“Eu não direi à Humanidade: Progrida! Eu lhe direi: Morra! Pois nenhum progresso jamais te arrancará das misérias da condição terrestre”.

Essas visões não são somente partilhadas por alguns escritores. Graças a uma literatura que desonra o belo nome do naturalismo, por meio de romances, de folhetins sem conta, elas penetraram até nos meios mais obscuros.

Com essa opinião de que o nada é preferível à vida, pode-se espantar de que o homem tenha desgosto pela existência e pelo trabalho? Pode-se recusar a compreender por que o desencorajamento e a desmoralização se infiltram nos espíritos? Não, não é com tais doutrinas que se inspirará aos

DEPOIS DA MORTE

povos a grandeza da alma, a firmeza nos dias ruins, a coragem na adversidade!

Uma sociedade sem-esperança, sem-fé no futuro, é como um homem perdido no deserto, como uma folha morta que rola ao sabor dos ventos. É bom combater a ignorância e a superstição, mas é preciso substituí-las pelas crenças racionais. Para caminhar com passo firme na vida, para se preservar das falhas e das quedas, é necessária uma convicção robusta, uma fé que nos eleve acima do mundo material; é preciso ver o objetivo e atingi-lo, retamente. A arma mais segura no combate terrestre é uma consciência reta e esclarecida.

Mas se a ideia do nada nos domina, se cremos que a vida não tem amanhã e que com a morte tudo termina, então, para ser lógicos, o cuidado da existência material e o interesse pessoal deverão se sobrepôr a qualquer outro sentimento. Pouco nos importará um futuro que não deveremos conhecer! A que título nos falarão de progresso, de reformas, de sacrifícios? Se apenas há para nós uma existência efêmera, só nos resta aproveitar o momento presente, tomar as alegrias e abandonar os sofrimentos e os deveres! Tais são os raciocínios aos quais chegam, forçosamente, as teorias materialistas; raciocínios que ouvimos formular e que vemos aplicar todo dia em torno de nós.

Que estragos podemos esperar dessas doutrinas, no meio de uma civilização rica, já muito desenvolvida no sentido do luxo e prazeres físicos?

Entretanto, todo ideal não está morto. A alma humana tem, às vezes, o sentimento da sua miséria, da insuficiência da vida presente e da necessidade do Além. No pensamento do povo, uma espécie de intuição subsiste; enganado durante séculos, tornou-se incrédulo diante de qualquer dogma,

A CRISE MORAL

mas não é cético. Vagamente, confusamente, ele crê, aspira à justiça. E esse culto da lembrança, essas manifestações emocionantes do 2 de novembro, que levam as multidões aos túmulos dos mortos amados, denotam, também, um instinto confuso da imortalidade.

Não, o povo não é ateu, já que crê na justiça imanente, como crê na liberdade, pois todas duas existem por ordem de leis eternas e divinas. Esse sentimento, o maior, o mais belo que se possa encontrar no fundo da alma, esse sentimento nos salvará. Por isso, bastará fazer com que todos compreendam que essa noção, gravada em nós, é a própria lei do Universo, que ela rege todos os seres e todos os mundos e que, através dela, o bem deve, finalmente, triunfar do mal e a vida surgir da morte.

Enquanto aspira à justiça, o povo procura a realização desta. Ele a procura no terreno político como no terreno econômico, no princípio de associação. O poder popular começou a estender sobre o mundo uma vasta rede de associações operárias, um agrupamento socialista que envolve todas as nações e, sob uma única bandeira, faz ouvir, em toda a parte, os mesmos apelos, as mesmas reivindicações. Há, ali, não se enganem, ao mesmo tempo que um espetáculo cheio de ensinamentos para o pensador, uma obra cheia de consequências para o futuro.

Inspirada pelas teorias materialistas e ateias, ela se tornaria um instrumento de destruição, pois sua ação resultaria em violências, em revoluções dolorosas. Contida nos limites da sabedoria e da moderação, ela pode fazer muito pela felicidade da Humanidade. Que uma luz do alto, que um ideal elevado venham esclarecer essas multidões no trabalho, essas massas ávidas de progresso e veremos todas as velhas formas sociais se dissolverem e se fundirem num

DEPOIS DA MORTE

mundo novo, baseado no direito de todos, na justiça e na solidariedade.

*
* *

A hora presente é uma hora de crise e renovação. O mundo está em fermentação, a corrupção cresce, a sombra se estende, o perigo é grande; mas atrás da sombra, entrevemos a luz; atrás do perigo, vemos a salvação. A sociedade não pode perecer. Se ela traz em si mesma elementos de decomposição, traz, também, germens de transformação e de elevação. A decomposição anuncia a morte, mas precede, também, o renascimento; ela pode ser o prelúdio de uma outra vida.

De onde virão a luz, a salvação, e a elevação?

Não é da Igreja: ela é impotente para regenerar o espírito humano.

Não é da Ciência: ela não se ocupa nem dos caracteres, nem das consciências, mas somente do que atinge os sentidos; e tudo o que faz a vida moral, tudo o que faz grandes os corações, as sociedades fortes: o devotamento, a virtude, a paixão do bem, tudo isso não se percebe com os sentidos.

Para elevar o nível moral, para fazer parar essas duas correntes da superstição e do ceticismo, que atingem igualmente à esterilidade, o que é necessário ao homem é uma concepção nova do mundo e da vida que, apoiando-se no estudo da Natureza e da consciência, na observação dos fatos, nos princípios da razão, fixe o objetivo da existência e regule nossa marcha adiante. O que é necessário é um ensino de onde se extraia um móvel de aperfeiçoamento, uma sanção moral e uma certeza para o futuro.

Ora, essa concepção e esse ensino já existem e se vulgarizam todos os dias. No meio das disputas e das divagações das escolas, uma voz se faz ouvir: a dos Mortos. Do outro lado

A CRISE MORAL

da tumba, eles se revelaram mais vivos do que nunca; diante das suas instruções, o véu que nos escondia a vida futura caiu. O ensinamento que eles nos dão vai reconciliar todos os sistemas inimigos e, das cinzas do passado, fazer jorrar uma nova chama. Na filosofia dos espíritos, reencontramos a doutrina secreta que envolve todas as idades. Essa doutrina, fá-la reviver, nela reúne os fragmentos esparsos, religa-os com um cimento poderoso, para ali reconstituir um monumento capaz de abrigar todos os povos, todas as civilizações. Para assegurar sua duração, ela o assenta sobre a rocha da experiência direta, do fato renovado constantemente. Graças a ela, a certeza da vida imortal torna-se precisa aos olhos de todos, com as existências inumeráveis e os progressos incessantes que ela nos reserva na sucessão dos tempos.

Uma tal doutrina pode transformar povos e sociedades, levando a claridade a toda a parte onde há noite, fazendo fundir ao seu calor tudo o que há de gelo e de egoísmo nas almas, revelando a todos os homens as leis que os unem nos laços de uma estreita solidariedade. Ela fará a conciliação com a paz e a harmonia.

Através dela, aprenderemos a agir com um mesmo espírito e um mesmo coração. A Humanidade, consciente da sua força, avançará com um passo mais firme para seus magníficos destinos.

Desse ensino, exporemos os princípios essenciais na segunda parte dessa obra; depois do que, indicaremos as provas experimentais, os fatos de observação sobre os quais eles repousam.



SEGUNDA PARTE

OS GRANDES PROBLEMAS

IX

O UNIVERSO E DEUS

Acima dos problemas da vida e do destino, ergue-se a questão de Deus.

Se estudamos as leis da Natureza, se perseguimos a beleza ideal na qual todas as artes se inspiram, em toda parte e para sempre, acima e além de tudo, reencontramos a ideia de um ser superior, necessário e perfeito, fonte eterna do bem, do belo e do verdadeiro, a quem se identificam a lei, a justiça, a suprema razão.

O mundo, físico e moral, é governado por leis, e essas leis denotam uma inteligência profunda das coisas que regem. Elas não procedem de uma causa cega; o caos, o acaso não poderiam produzir a ordem e a harmonia. Elas não emanam dos homens: seres passageiros, limitados no tempo e no Espaço, não poderiam criar leis permanentes e universais. Para explicá-las, logicamente, é preciso remontar até o ser gerador de todas as coisas. Não se poderia conceber a inteligência sem personificá-la num ser, mas esse ser não vem se juntar à cadeia dos seres. Ele é o Pai de todos, a própria fonte da vida.

DEPOIS DA MORTE

Não se deve entender a personalidade aqui no sentido de um ser que possui uma forma, mas muito mais como o conjunto das faculdades que constituem um todo consciente. A personalidade, na mais alta acepção dessa palavra, é a consciência, e é nesse sentido que Deus é uma pessoa, ou melhor, a personalidade absoluta, e não um ser que tem uma forma e limites. Deus é infinito e não pode ser individualizado, quer dizer, separado do mundo, nem subsistir à parte.

Quanto a desinteressar-se do estudo da causa primária como inútil e incognoscível, segundo a expressão dos positivistas, nós nos perguntamos se é realmente possível a um espírito sério comprazer-se na ignorância das leis que regulam as condições da sua existência. A busca de Deus impõe-se. Ela é apenas o estudo da grande Alma, do princípio de vida que anima o Universo e se reflete em cada um de nós. Tudo se torna secundário quando se trata do princípio das coisas. A ideia de Deus é inseparável da ideia de lei e, sobretudo, de lei moral e nenhuma sociedade pode viver, nem se desenvolver, sem o conhecimento da lei moral. A crença num ideal superior de justiça fortifica a consciência e sustenta o homem nas suas provas. Ela é a consolação, a esperança daqueles que sofrem, o supremo refúgio dos aflitos, dos abandonados. Como uma aurora, ela clareia com suas suaves luzes a alma dos infelizes.

Sem dúvida, não se pode demonstrar a existência de Deus através de provas diretas e sensíveis. Deus não é percebido pelos sentidos. A Divindade ocultou-se sob um véu misterioso, talvez, para nos forçar a procurá-la, o que é bem o exercício mais nobre e o mais fecundo da nossa faculdade de pensar e, também, para nos deixar o mérito de descobri-la. Mas, há em nós uma força, um instinto seguro, que nos leva até ela e nos afirma sua existência com mais autoridade do que todas as demonstrações e todas as análises.

O UNIVERSO E DEUS

Em todos os tempos, sob todos os climas, — e é a razão de ser de todas as religiões, — o espírito humano sentiu a necessidade de se elevar acima de todas as coisas móveis, perecíveis, que constituem a vida material e que não podem lhe dar uma completa satisfação; quis prender-se ao que é fixo, permanente, imutável no Universo; compreendeu que a existência de um Ser absoluto e perfeito, no qual identifica todas as potências intelectuais e morais. Encontrou tudo isso em Deus, e nada além dele pode nos dar essa segurança, essa certeza, essa confiança no futuro, sem as quais flutuamos em todos os ventos da dúvida e da paixão.

Opor-se-á, talvez, o funesto uso que as religiões fizeram da ideia de Deus. Mas que importam as formas variadas que os homens emprestaram à divindade? São para nós apenas deuses quiméricos, criados pela razão débil da infância das sociedades, essas formas poéticas, graciosas ou terríveis, sendo apropriadas às inteligências que as conceberam. O pensamento humano, mais maduro, afastou-se dessas concepções envelhecidas; esqueceu-se desses fantasmas e os abusos cometidos em seu nome, para transportar-se com um impulso poderoso para a Razão Eterna, para Deus, Alma do Mundo, foco universal de vida e de amor, em quem nos sentimos viver como o pássaro vive no ar, como o peixe vive no oceano, e por quem nós estamos ligados a tudo o que é, foi e será.

A ideia que as religiões fizeram de Deus apoiava-se numa revelação pretensamente sobrenatural. Admitimos, ainda hoje, uma revelação das leis superiores, mas esta é racional e progressiva; ela se faz ao nosso pensamento pela lógica das coisas e pelo espetáculo do mundo. Está escrita em dois livros abertos permanentemente sob nossos olhos: o livro do Universo, onde as obras divinas aparecem em

DEPOIS DA MORTE

caracteres grandiosos, o livro da consciência, no qual estão gravados os preceitos da moral. As indicações dos espíritos, recolhidas em todos os pontos do globo através de processos simples e naturais, apenas a confirmaram. É por intermédio desse duplo ensinamento que a razão humana comunica-se com a razão divina no seio da natureza universal, que ela compreende, da qual aprecia as harmonias e as belezas.

*

* *

Na hora em que o silêncio e a noite se estendem sobre a Terra, quando tudo repousa nas moradas humanas, se dirigimos nosso olhar para o infinito dos céus, nós o veremos entremeado de luzes inumeráveis. Astros radiosos, sóis resplandecentes, seguidos pelos seus cortejos de planetas, evoluem aos milhares nas profundezas. Até as regiões mais recuadas, grupos estelares se desdobram como lenços luminosos. Em vão o telescópio sonda os céus, em parte alguma ele encontra limites para o Universo; em toda parte os mundos se sucedem aos mundos, os sóis aos sóis; em toda a parte legiões de astros se multiplicam a ponto de se confundir numa brilhante poeira nos abismos sem-fim do Espaço.

Que palavra humana poderia descrever-lhes, maravilhosos diamantes do escrínio celeste? Sirius, vinte vezes maior que o nosso Sol, ele próprio igual a mais de um milhão de globos terrestres reunidos; Aldebaran, Vega, Procyon, sóis cor-de-rosa, azuis, escarlates, astros de opala e safira, que derramam na imensidão seus raios multicores, raios que, apesar de uma velocidade de seiscentas mil léguas por segundo, só chegam até nós depois de centenas e de milhares de anos! E vós, nebulosas longínquas, gerais os sóis, universos em formação, trêmulas estrelas apenas perceptíveis, que sois focos gigantescos de calor, de luz, de eletricidade e

O UNIVERSO E DEUS

de vida, mundos cintilantes, esferas imensas! E vós, povos inumeráveis, raças, humanidades siderais que os habitais! Nossa voz fraca tenta em vão proclamar vosso esplendor, impotente, ela se cala, enquanto que nosso olhar fascinado contempla o desfile dos astros.

E, quando esse olhar abandona os vertiginosos Espaços para observar os mundos mais próximos, as esferas, filhas do Sol, que gravitam como nós em torno do foco comum, o que ele observa na sua superfície? Continentes e mares, montes e planícies, espessas nuvens empurradas pelos ventos, neves e bancos de gelo acumulados em volta dos polos. Aprendemos que esses mundos possuem ar, água, calor, luz, estações, climas, dias, noites, em uma palavra, todas as condições da vida terrestre, o que nos permite ver neles a morada de outras famílias humanas, crer, com a Ciência, que eles são habitados, já o foram ou o serão um dia. Tudo isso, astros flamejantes, planetas secundários, satélites, cometas vagabundos, tudo isso, suspenso no vazio, agita-se, afasta-se, aproxima-se, percorre órbitas determinadas, levado por velocidades assustadoras através das regiões sem-fim da imensidade. Em toda a parte o movimento, a atividade, a vida se manifesta no espetáculo do Universo, povoado de mundos inumeráveis, que rolam sem-reposou na profundidade dos Céus.

Uma lei regula essa circulação formidável, a lei universal de gravidade. Apenas ela sustenta, faz mover os corpos celestes, dirige em torno dos sóis luminosos os planetas obedientes. Essa lei rege tudo na Natureza, desde o átomo até o astro. A mesma força que, sob o nome de atração, retém os mundos nas suas órbitas, sob o de coesão, agrupa as moléculas e preside à formação dos corpos químicos.

Se, após esse olhar rápido lançado nos céus, comparássemos a Terra em que habitamos aos sóis poderosos que se

DEPOIS DA MORTE

balançam no éter, perto deles, ela nos pareceria apenas como um grão de areia, como um átomo que flutua no infinito. A Terra é um dos menores astros do Céu. E, entretanto, que harmonia na sua forma, que variedade na sua joia! Vejam seus continentes destacados, suas penínsulas delgadas e as guirlandas de ilhas que os envolvem; vejam seus mares imponentes, seus lagos, suas florestas, seus vegetais, desde o cedro que se eleva no flanco dos montes até a humilde flor semioculta na verdura; enumerem os seres vivos que a povoam: pássaros, insetos, plantas, e reconhecerão que cada um é uma obra admirável, uma maravilha de arte e de precisão.

E o corpo humano não é um laboratório vivo, um instrumento cujo mecanismo atinge a perfeição? Estudemos nele a circulação do sangue, esse conjunto de válvulas e válvulas semelhantes as de uma máquina a vapor. Examinemos a estrutura do olho, esse aparelho tão complicado que ultrapassa tudo o que a indústria do homem pode sonhar; a construção do ouvido, tão admiravelmente disposta para recolher as ondas sonoras; o cérebro, cujas circulações internas assemelham-se ao desabrochar de uma flor. Consideremos tudo isso; depois, deixando o mundo visível, desçamos mais abaixo na escala dos seres, penetremos nesses domínios que o microscópio nos revela; observemos esse formigamento de espécies e de raças que confunde o pensamento. Cada gota d'água, cada grão de poeira é um mundo, e os infinitamente pequenos que o povoam são governados por leis tão precisas quanto os gigantes do Espaço. Tudo está repleto de seres, de embriões, de germens. Milhões de infusórios agitam-se nas gotas do nosso sangue, nas células dos corpos organizados. A asa de uma mosca, a menor parcela de matéria, é povoada de legiões de parasitas. E todos esses animálculos estão providos de aparelhos de movimento, de sistemas nervosos,

O UNIVERSO E DEUS

de órgãos de sensibilidade que fazem deles seres completos, armados para a luta e as necessidades da existência. Até no seio do oceano, nas profundezas de oito mil metros, vivem seres débeis, delicados, fosforescentes, que fabricam luz e têm olhos para vê-la.

Assim, em todos os meios, uma fecundidade sem-limites preside a formação dos seres. A Natureza está numa criação perpétua. Assim como a espiga está em germen no grão, o carvalho na glande e a rosa no seu botão, assim, gêneses de mundos elaboram-se na profundidade dos céus estrelados. Em toda a parte a vida engendra a vida. De degrau em degrau, de espécies em espécies, por um encadeamento contínuo, ela eleva organismos mais simples, os mais rudimentares, até o ser pensante e consciente, em uma palavra, até o homem.

Uma poderosa unidade rege o mundo. Uma única substância, o éter ou fluido universal, constitui nas suas transformações infinitas a inumerável variedade dos corpos. Esse elemento vibra sob a ação das forças cósmicas. Segundo a rapidez e o número das suas vibrações, ele produz o calor, a luz, a eletricidade ou o fluido magnético. Se essas vibrações se condensam, logo aparecem os corpos.

E todas essas formas se religam, todas essas forças se equilibram, se casam em perpétuas trocas, numa estreita solidariedade. Do mineral à planta, da planta ao animal e ao homem, do homem aos seres superiores, afinamento da matéria, a ascensão da força e do pensamento se produzem num ritmo harmônico. Uma lei soberana regula num plano uniforme as manifestações da vida, enquanto que um elo invisível prende todos os universos e todas as almas.

Do trabalho dos seres e das coisas, uma aspiração se desprende, a aspiração para o infinito, para o perfeito. Todos

DEPOIS DA MORTE

os efeitos, divergentes na aparência, convergem, na realidade, para um mesmo centro; todos os fins se coordenam, formam um conjunto, evoluem para o mesmo objetivo: Deus! Deus, centro de toda atividade, finalidade última de todo pensamento e de todo amor.

O estudo da Natureza nos mostra, em todos os lugares, a ação de uma vontade oculta. Em toda parte a matéria obedece a uma força que a domina, a organiza e a dirige. Todas as forças cósmicas reconduzem ao movimento, e o movimento é o Ser, a Vida. O materialismo explica a formação do mundo pela dança cega e a aproximação fortuita dos átomos. Mas nunca se viu o arremesso das letras do alfabeto, ao acaso, produzir um poema! E que poema é esse da vida universal? Nunca se viu uma mistura de materiais produzir, ela própria, um edifício de proporções imponentes ou uma máquina de organizações numerosas e complicadas! Abandonada a si mesma, a matéria nada pode. Inconscientes e cegos, os átomos não saberiam dirigir-se para o objetivo. A harmonia do mundo só se explica através da intervenção de uma vontade. É pela ação das forças sobre a matéria, é pela existência de leis sábias e profundas que essa vontade se manifesta na ordem do Universo.

Censura-se frequentemente que nem tudo é harmônico na Natureza. Se ela produz maravilhas, diz-se, ela cria, também, monstros. O mal em toda a parte acotovela o bem. Se a lenta evolução das coisas parece preparar o mundo para se tornar o teatro da vida, é preciso não perder de vista o esbanjamento das existências e a luta ardente dos seres. É preciso não esquecer que tremores de terra, erupções de vulcões desolam, às vezes, nosso planeta e destroem, em alguns instantes, os trabalhos de várias gerações.

Sim, sem dúvida, há acidentes na obra da Natureza, mas esses acidentes não excluem a ideia de ordem, de fina-

O UNIVERSO E DEUS

lidade; ao contrário, eles vêm em apoio da nossa tese, pois poderíamos nos perguntar, por que não é tudo um acidente?

A apropriação das causas aos efeitos, dos meios à finalidade, a dos órgãos entre si, sua adaptação ao meio, às condições da vida, são manifestas. A indústria da Natureza, análoga em muitos pontos e superior a do homem, prova a existência de um plano e o emprego dos elementos que concorrem para sua realização denota uma causa oculta infinitamente sábia e poderosa.

Quanto à objeção dos monstros, ela provém de um defeito de observação. Os monstros são apenas germens desviados. Se um homem ao cair quebra a perna, far-se-á remontar a responsabilidade à Natureza ou a Deus? Da mesma forma, em consequência de acidentes, de desordens, sobrevindas durante a gestação, os germens podem sofrer desvios do seio da mãe. Estamos habituados a datar a vida do nascimento, da aparição do ser para luz, mas a vida tem seu ponto de partida muito mais distante.

O argumento fraco da existência dos flagelos tem como origem uma falsa interpretação do objetivo da vida. Esta não deve somente nos propiciar aprovações: é útil, é necessário que ela nos apresente, também, dificuldades. Todos nós nascemos para morrer, e nos espantamos que certos homens morram de acidente! Seres passageiros nesse mundo, do qual nada levaremos para o Além, lamentamo-nos pela perda de bens que se perderiam por si mesmos em virtude das leis naturais! Esses acontecimentos assustadores, essas catástrofes, esses flagelos trazem consigo um ensinamento. Eles nos lembram de que não devemos esperar da Natureza apenas coisas agradáveis, mas, sobretudo, coisas propícias à nossa educação e ao nosso avanço; que não estamos, aqui, para usufruir e adormecermos na quietude, mas para lutar,

DEPOIS DA MORTE

trabalhar, combater. Eles nos dizem que o homem não é feito unicamente para a Terra, que deve olhar mais alto, apenas se apegar às coisas materiais na medida justa e pensar que seu ser não é destruído pela morte.

A doutrina da evolução não exclui a das causas primárias e das causas finais. A ideia mais elevada, que se possa fazer de um ordenador, é de supô-lo formando um mundo capaz de se desenvolver através de suas próprias forças, e não por uma intervenção incessante e de contínuos milagres.

A Ciência, na medida em que avança no conhecimento da Natureza, pôde fazer Deus recuar, mas, recuando, Deus cresceu. O Ser eterno, do ponto de vista teórico da evolução, tornou-se tão majestoso quanto o Deus fantasioso da *Bíblia*. O que a Ciência arruinou para sempre é a noção de um Deus antropomórfico, feito à imagem do homem e exterior ao mundo físico. Uma noção mais elevada veio substituir esta: a de um Deus imanente, sempre presente ao acontecimento das coisas. A ideia de Deus, hoje, não exprime mais para nós a de um ser qualquer, mas a ideia do Ser, no qual estão contidos todos os seres.

O Universo não é mais essa criação,⁷⁶ essa obra tirada do nada, da qual falam as religiões. O Universo é um organismo imenso, animado por uma vida eterna. Assim como nosso próprio corpo é dirigido por uma vontade única que comanda seus atos e regula seus movimentos; assim como cada um de nós, através das modificações da sua carne, sente-se viver numa unidade permanente a que chamamos alma, a consciência, o eu, assim o Universo, sob suas formas

⁷⁶ Segundo Eugène Nus *Em Busca dos Destinos*, cap. XI), o verbo hebreu que traduzimos pela palavra *cria* significa *fazer passar do principio à essência*. (N.A.)

O UNIVERSO E DEUS

mutantes, variadas, múltiplas, se conhece, se reflete, se possui numa unidade viva, numa razão consciente que é Deus.

O Ser supremo não existe fora do mundo; ele é parte integrante deste, essencial. Ele é a unidade central, onde vêm ter êxito e se harmonizar todas as relações, o princípio de solidariedade e de amor pelo qual todos os seres são irmãos. Ele é o foco de onde irradiam e se espalham no Infinito todas as potências morais: a sabedoria, a justiça, a bondade!

Ele não é, portanto, criação espontânea, miraculosa; a criação é contínua, sem começo nem fim. O Universo sempre existiu; ele possui em si seu princípio de força, de movimento; traz consigo seu objetivo. O mundo se renova incessantemente em suas partes; no seu conjunto, ele é eterno.

Tudo se transforma e evolui pelo jogo contínuo da vida e da morte, mas nada perece. Enquanto que, nos céus sóis se tornam obscuros e se apagam, enquanto mundos envelhecidos se desagregam e se dissipam, em outros pontos, sistemas novos se elaboram, astros se acendem, mundos nascem para a luz. Ao lado da decrepitude e da morte, humanidades novas desabrocham num rejuvenescimento eterno.

A obra grandiosa segue através dos tempos sem-marcos e dos Espaços sem-limites, pelo trabalho de todos os seres, solidários uns aos outros e em proveito de cada um deles. O Universo nos oferece o espetáculo de uma evolução incessante, da qual todos participam. Um princípio imutável preside essa obra: é a unidade universal, unidade divina, a qual abraça, religa, dirige todas as individualidades, todas as atividades particulares, fazendo-as convergir para um objetivo comum, que é a perfeição na plenitude da existência.⁷⁷

⁷⁷ Ele é *um*, procriado de si mesmo, e desse *um* todas as coisas saíram, ele está nelas, e as envolve, e nenhum mortal o viu, mas ele próprio os vê a todos" ("*Hinos Órficos*"). (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

*
* *

Enquanto as leis do mundo físico nos mostram a ação de um sublime ordenador, as leis morais, por intermédio da consciência e da razão, falam-nos eloquentemente de um princípio de justiça, de uma providência universal.

O espetáculo da Natureza, a visão dos céus, das montanhas, do mar apresentam ao nosso espírito a ideia de um Deus oculto no Universo.

A consciência mostra-o em nós, ou melhor, ela mostra em nós alguma coisa dele: é o sentimento do dever e do bem; é um ideal moral para o qual tendem as faculdades do espírito e os sentimentos do coração. O dever ordena imperiosamente; impõe-se; sua voz comanda todas as potências da alma. Há nele uma força que impulsiona os homens até o sacrifício. Apenas ele dá à existência sua grandeza, sua dignidade. A consciência é a manifestação em nós de uma potência superior à matéria, de uma realidade viva e agente.

A razão nos fala, igualmente, de Deus. Os sentidos fazem-nos conhecer o mundo material, o mundo dos efeitos; a razão nos revela o mundo das causas; ela é superior à experiência. Esta constata os fatos, a razão os agrupa e deles deduz as leis. Apenas ela nos demonstra que na origem do movimento e da vida encontra-se a inteligência, que o menor não pode conter o maior, nem o inconsciente produzir o consciente, o que resultaria, entretanto, da concepção de um Universo que se ignora a si mesmo. A razão descobriu as leis universais antes da experiência; esta apenas confirmou suas visões e dela forneceu a prova. Mas há graus na razão; essa faculdade não é igualmente desenvolvida em todos os homens. Daí, a desigualdade e a variedade de suas opiniões.

O UNIVERSO E DEUS

Se o homem soubesse se recolher e se estudar, se afastasse da sua alma toda a sombra que aí acumulam as paixões; se, rasgando o véu espesso nos quais os preconceitos, a ignorância, os sofismas o envolveram, descesse ao fundo da sua consciência e da sua razão, ele aí encontraria o princípio de uma vida interior completamente oposta à vida exterior. Através dela, ele poderia entrar em relação com a Natureza inteira, com o Universo e Deus, e essa vida lhe daria como um antegozo daquela que lhe reservam o futuro no Além e os mundos superiores. Ali também está o livro misterioso onde todos os seus atos, bons ou maus, inscrevem-se, onde todos os fatos da sua vida se gravam em caracteres indeléveis, para reaparecer numa resplandescente claridade na hora da morte.

Às vezes, uma voz poderosa, um canto grave e severo eleva-se dessas profundezas do ser, reprime-nos no meio das ocupações frívolas e dos cuidados da nossa vida, para nos chamar ao dever. Infeliz aquele que se recusa a ouvi-la! Um dia virá em que os remorsos lhe ensinarão que não se rechaça em vão as advertências da consciência.

Há, em cada um de nós, fontes ocultas de onde podem jorrar ondas de vida e de amor, virtudes, potências sem-conta. É aí, no santuário íntimo, que é preciso procurar Deus. Deus está em nós ou, pelo menos, há em nós um reflexo dele. Ora, o que não é não poderia ser refletido. As almas refletem Deus como as gotas do orvalho refletem as luzes do Sol, cada uma segundo o seu grau de pureza.

É através dessa percepção interior e não pela experiência dos sentidos, que os homens de gênio, os grandes missionários, os profetas conheceram Deus e suas leis e os revelaram aos povos da Terra.

DEPOIS DA MORTE

*
* *

Pode-se levar mais além do que fizemos a definição de Deus? Definir é limitar. Em face desse grande problema, a humana fraqueza aparece. Deus se impõe ao nosso espírito, mas escapa a qualquer análise. O Ser que preenche o tempo e o Espaço não será jamais medido por seres que o tempo e o Espaço limitam. Querer definir Deus, seria circunscrevê-lo e quase negá-lo.

As causas secundárias da vida universal se explicam, mas a causa primária permanece intocável na sua imensidade. Só chegaremos a compreendê-la depois de ter atravessado muitas vezes a morte.

Tudo o que podemos dizer para resumir é que Deus é a vida, a razão, a consciência, na sua plenitude. Ele é a causa eternamente ativa de tudo o que é, a comunhão universal onde cada ser vem haurir a existência para, em seguida, concorrer, na medida das suas faculdades crescentes e de sua elevação, à harmonia do conjunto.

Eis-nos bem distante do Deus das religiões, do Deus “forte e ciumento” que se rodeia de relâmpagos, reclama vítimas sangrentas e pune pela eternidade. Os deuses antropomórficos viveram. Fala-se muito ainda de um Deus ao qual se atribuem as fraquezas e as paixões humanas, mas esse Deus vê cada dia diminuir seu império.

Até aqui, o homem viu Deus apenas através de seu próprio ser e a ideia que dele se fez variou segundo o que contemplava com uma ou outra das suas faculdades. Considerado através do prisma dos sentidos, Deus é múltiplo; todas as forças da Natureza são deuses; assim nasceu o politeísmo. Visto pela inteligência, Deus é duplo, espírito e matéria, daí o dualismo. Para razão pura, ele parece triplo: alma, espírito

O UNIVERSO E DEUS

e corpo. Essa concepção fez nascer as religiões trinárias da Índia e o Cristianismo. Percebido pela vontade, captado pela percepção íntima, propriedade lentamente adquirida, como se adquiriram todas as faculdades do gênio, Deus é Único e Absoluto. Nele, os três princípios fundamentais do Universo se religam para constituir uma unidade viva.

Assim se explica a diversidade das religiões e dos sistemas, tanto mais elevados foram concebidos pelos espíritos, quanto mais puros e mais esclarecidos. Quando se considera do alto as coisas, as oposições de ideias, as religiões e os fatos históricos se explicam e se reconciliam numa síntese superior.

A ideia de Deus, sob as formas diversas de que se revestiu, evolui entre dois escolhos, sobre os quais fracassaram numerosos sistemas. Um deles, o panteísmo concluiu pela absorção final dos seres no Grande Todo. O outro é a noção de Infinito, que afasta tanto Deus do homem que parece suprimir qualquer relação entre eles.

A noção de Infinito foi combatida por certos filósofos. Embora incompreensível, não se saberia, entretanto, afastá-la, pois ela reaparece em todas as coisas. Por exemplo, o que há de mais sólido que o edifício das Ciências exatas? O número é a base delas; sem ele, não há mais Matemática. Ora, é impossível, levaríamos séculos para encontrar o número que exprimisse os números infinitos cujo raciocínio nos demonstra a existência. Acontece o mesmo com o tempo e o espaço. Além dos limites do mundo visível, o pensamento procura outros limites que, continuamente, furta-se ao seu golpe.

Uma única filosofia parece ter evitado esse duplo escolho e conseguiu religar princípios opostos na aparência. É a dos druidas gauleses. Eles se exprimiam assim na tríade 48.⁷⁸

⁷⁸ *Triades Bárdicas. Cyfrinach Beirdd Inys Prydain. (N.A.)*

DEPOIS DA MORTE

“Três necessidades de Deus: ser infinito em si mesmo, ser finito em relação ao finito e estar em relação com cada estado das existências no círculo dos mundos.”

Assim, de acordo com esse ensinamento, ao mesmo tempo simples e racional, o Ser infinito e absoluto por si mesmo se faz relativo e finito com suas criaturas, revelando-se continuamente sob aspectos novos, à medida do progresso e da elevação das almas. Deus está em relação com todos os seres. Penetra-os com seu espírito e envolve-os com seu amor, para uni-los num elo comum e ajudá-los a realizar suas aspirações.

Sua revelação, ou melhor, a educação que dá às humanidades, se faz gradual e progressiva, pelo ministério de seus grandes espíritos. A intervenção providencial manifesta-se na História pela aparição em tempos prescritos, no seio dessas humanidades, almas de elite encarregadas de ali introduzir as inovações, as descobertas que acelerarão seus progressos ou para ensinar os princípios de ordem moral necessárias à regeneração das sociedades.

Quanto à absorção final dos seres em Deus, o Druidismo dele escapava fazendo de Ceugant, círculo superior encerrando todos os outros círculos, a morada exclusiva do Ser divino. A evolução e o progresso das almas, perseguindo-se no sentido do Infinito, não podiam ter um fim.

*

* *

Retomemos o problema do mal, que preocupou tantos pensadores e dos quais falamos apenas incidentalmente.

Por que Deus, causa primária de tudo o que é, perguntam os cétricos, deixa subsistir o mal no Universo?

O UNIVERSO E DEUS

Vimos que o mal físico ou o que é considerado como tal, está, na realidade, na ordem dos fenômenos naturais. Seu caráter malfazejo é explicado, desde que se conheça a verdadeira razão das coisas. A erupção de um vulcão não é mais extraordinária do que a ebulição de um vaso cheio d'água. O raio que destrói os edifícios e as árvores é da mesma natureza que a centelha elétrica, veículo do nosso pensamento. É assim com todos os fenômenos violentos. A dor física permanece; mas sabe-se que ela é a consequência da sensibilidade e esta já é uma magnífica conquista que o ser só realizou depois de longos estágios passados nas formas inferiores da vida. A dor é uma advertência necessária, um estimulante para a atividade do homem. Ela nos obriga a voltarmos para dentro de nós mesmos e a refletirmos; ela nos ajuda a domar nossas paixões. A dor é o caminho do aperfeiçoamento.

Mas o mal moral, dir-se-á o vício, o crime, a ignorância, o triunfo dos maus e o infortúnio dos justos, como os explicariam?

Primeiro, de que ponto de vista nos colocamos para julgar as coisas? Se o homem vê somente o canto do mundo em que vive, se apenas vislumbra sua curta passagem pela Terra, como poderia conhecer a ordem eterna e universal? Para pesar o bem e o mal, o verdadeiro e o falso, o justo e o injusto, é preciso elevar-se acima dos limites estreitos da vida atual e considerar o conjunto dos nossos destinos. Então, o mal aparece como um estado transitório, inerente ao nosso globo, como uma das fases inferiores da evolução dos seres para o bem. Não é no nosso mundo e no nosso tempo que é preciso procurar o ideal perfeito, mas na imensidade dos mundos e na eternidade dos tempos.

Todavia, se observamos a lenta evolução das espécies e das raças através das idades; se consideramos o homem

DEPOIS DA MORTE

dos tempos pré-históricos, o antropoide das cavernas, de instintos ferozes, e as condições de sua vida miserável, e se comparamos, em seguida, esse ponto de partida com os resultados obtidos pela civilização atual, veremos claramente a tendência constante dos seres e das coisas para um ideal de perfeição. A própria evidência no-lo demonstra: a vida sempre melhora, transforma-se e se enriquece, a soma do bem aumenta sem parar e a soma dos males diminui.

E se percebemos tempos de pausa e, às vezes, até de recuos nessa progressão para o melhor, é preciso não esquecer que o homem é livre, que ele pode determinar-se à sua vontade num sentido ou no outro. Seu aperfeiçoamento só é possível quando sua vontade está de acordo com a Lei.

O mal, oposição à lei divina, não pode ser a obra de Deus; é, então, a obra do homem, a consequência da sua liberdade. Em princípio, o mal, como a sombra, não tem existência real: é mais um efeito de contraste. As trevas se dissipam diante da luz; assim como o mal se desvanece desde que o bem aparece. O mal, em uma palavra, é apenas a ausência do bem.

Ora, diz-se, às vezes, que Deus poderia ter criado almas perfeitas e poupar-lhes, assim, das vicissitudes da vida terrestre. Sem pesquisar se Deus teria podido formar seres semelhantes a ele, nós responderemos que, desse fato, a vida e a atividade universais, a variedade, o trabalho, o progresso não teriam tido um objetivo; o mundo seria congelado na sua imóvel perfeição. A magnífica evolução dos seres através dos tempos não é preferível a um morno e eterno repouso? Um bem que não se merece nem se conquistou seria um bem e aquele que se obteria sem-esforço poder-se-ia apreciar-lhe o valor?

O UNIVERSO E DEUS

Diante da vasta perspectiva das nossas existências das quais cada uma é um combate pela luz; diante dessa ascensão grandiosa do ser elevando-se de círculos em círculos para o perfeito, o problema do mal desaparece.

Sair das baixas regiões da matéria e gravitar todos os degraus da hierarquia dos espíritos, libertar-se do jugo das paixões e conquistar uma a uma todas as virtudes, todas as ciências, tal é o objetivo para o qual a Providência formou as almas e dispôs os mundos, teatros predestinados de nossas lutas e de nossos trabalhos.

Creiamos nela e bendigamo-la! Creiamos nessa Providência generosa que tudo fez pelo nosso bem; lembremo-nos de que se parece que a existência tem lacunas na sua obra, elas provêm apenas da nossa ignorância e da nossa insuficiente razão. Creiamos em Deus, grande Espírito da Natureza, que preside o triunfo definitivo da justiça no Universo. Tenhamos confiança na sua sabedoria, que reserva compensações a todos os sofrimentos, alegrias a todas as dores, e avancemos com um coração firme os destinos que ele nos escolheu.

É belo, consolador e doce poder caminhar na vida, a frente erguida para os céus, sabendo que, mesmo nas tormentas, no meio das provas mais cruéis, no fundo dos cárceres como na beira dos abismos, uma Providência, uma Lei Divina plana sobre nós, rege nossos atos; que de nossas lutas, de nossas torturas, de nossas lágrimas, ela faz sair nossa própria glória e nossa felicidade. É nesse pensamento que está toda a força do homem de bem.



X

A ALMA IMORTAL

O estudo do Universo nos conduz ao estudo da alma, à busca do princípio que nos anima e dirige nossos atos.

A Fisiologia nos ensina que as diferentes partes do corpo humano se renovam num período de alguns anos. Sob a ação de duas grandes correntes vitais, uma troca perpétua de moléculas se produz em nós; as que desaparecem do organismo são substituídas uma a uma por outras provenientes da alimentação. Desde as substâncias moles do cérebro até as partes mais duras da estrutura óssea, todo nosso ser físico está submetido a contínuas mudanças. Nosso corpo se desfaz e se reforma inúmeras vezes durante a vida. Todavia, apesar das transformações constantes, através das modificações do corpo material, permanecemos sempre a mesma pessoa. A matéria do nosso cérebro pode se renovar, mas nosso raciocínio subsiste e, com ele, nossa memória, a recordação de um passado do qual nosso corpo atual não participou, absolutamente. Há, então, em nós, um princípio distinto da

DEPOIS DA MORTE

matéria, uma força indivisível que persiste e se mantém no meio dessas perpétuas mudanças.

Sabemos que a matéria não pode organizar-se a si mesma e produzir a vida. Desprovida de unidade, desagrega-se e divide-se até o Infinito. Em nós, ao contrário, todas as faculdades, todas as potências intelectuais e morais se agrupam numa unidade central que as abraça, religa-as, esclarece-as; e essa unidade é a consciência, a personalidade, o eu, em uma palavra, a alma.

A alma é o princípio da vida, a causa da sensação; é a força invisível, indissolúvel, que rege nosso organismo e mantém o acordo entre todas as partes do nosso ser.⁷⁹ As faculdades da alma nada têm em comum com a matéria. A inteligência, a razão, o raciocínio e a vontade não poderiam ser confundidos com o sangue de nossas veias ou a carne de nossos músculos. Da mesma forma que a consciência, esse privilégio que possuímos de pesar nossos atos, para discernir o bem do mal. Essa linguagem íntima que se dirige a qualquer homem, do mais humilde ao mais elevado, essa voz, cujos murmúrios podem perturbar o brilho das maiores glórias, nada tem de material.

Correntes contrárias se agitam em nós. Os apetites, os desejos da paixão aí se chocam contra a razão e o sentimento do dever. Ora, se fôssemos apenas matéria, não conheceríamos essas lutas, esses combates; deixar-nos-íamos ir sem pesares, sem remorsos, para nossas tendências naturais. Ao contrário, nossa vontade está frequentemente em conflito

⁷⁹ Isto, com a ajuda de um fluido vital, que lhe serve de veículo para a transmissão das suas ordens aos órgãos. Nós retornaremos mais adiante a esse terceiro elemento, que constitui o corpo *sutil* ou *perispírito*; esse sobrevive à morte e, inseparável da alma, acompanha-a em todas as suas peregrinações. (N.A.)

A ALMA IMORTAL

com os nossos instintos. Através dela, podemos escapar das influências da matéria, domá-la, fazer dela um instrumento dócil.

Não se veem homens, nascidos nas condições mais difíceis, superar todos os obstáculos, a pobreza, a doença, as enfermidades e chegar ao primeiro plano através de seus enérgicos e perseverantes esforços? Não se vê a superioridade da alma sobre o corpo afirmar-se de uma maneira mais brilhante ainda no espetáculo dos grandes sacrifícios e dos desenlaces históricos? Ninguém ignora como os mártires do dever, da verdade revelada antes da hora, como todos os que, pelo bem da Humanidade, foram perseguidos, supliciados, presos à cruz, puderam, no meio das torturas, até o limiar da morte, dominar a matéria e, em nome de uma grande causa, impor silêncio às revoltas da carne!

Se houvesse em nós apenas matéria, não veríamos, enquanto nosso corpo mergulha no sono, o espírito continuar a viver e a agir sem a ajuda de nenhum dos cinco sentidos e nos mostrar, através disso, que uma atividade incessante é a própria condição da sua natureza. A lucidez magnética, a visão a distância sem o concurso dos olhos, a previsão dos fatos, a penetração do pensamento, são tantas provas evidentes da existência da alma.

Assim, pois, fraco ou poderoso, ignorante ou esclarecido, um espírito vive em nós, rege esse corpo que é, sob sua direção, apenas um servidor, um simples instrumento. Esse espírito é livre e perfectível, por conseguinte responsável. Ele pode, à sua vontade, melhorar-se, transformar-se, tender para o bem. Confuso nuns, luminoso noutros, um ideal clareia seu caminho. Quanto maior é esse ideal, tanto mais as obras que ele inspira são úteis e gloriosas. Feliz a alma que um nobre entusiasmo sustenta na sua marcha: o amor da verdade, da

DEPOIS DA MORTE

justiça, da pátria, da Humanidade! Sua ascensão será rápida, sua passagem nesse mundo deixará traços profundos, um campo de onde brotará uma colheita bendita.

*

* *

Estabelecida a existência da alma, impõe-se desde logo o problema da imortalidade. Aí está uma questão da maior importância, pois a imortalidade é a única sanção que se oferece à lei moral, a única concepção a satisfazer nossas ideias de justiça e responder às mais elevadas esperanças da raça humana.

Se nossa entidade espiritual se mantém e persiste através da perpétua renovação das moléculas e as transformações do nosso corpo material, suas dissociações, seu desaparecimento final não poderia atingi-lo mais na sua existência.

Vimos que nada se aniquila no Universo. Quando a Química e a Física nos demonstram que nenhum átomo se perde, que nenhuma força se desvanece, como acreditar que essa unidade na qual se resumem todas as potências intelectuais, chegue a se dissolver? Como acreditar que esse eu consciente, em que a vida se desprende das cadeias da fatalidade, possa aniquilar-se?

Não somente a lógica e a moral, mas também — assim como veremos mais adiante — os próprios fatos, fatos de ordem sensível, ao mesmo tempo fisiológicos e psíquicos, tudo concorre para provar a persistência do ser consciente: a alma encontra-se no Além tal qual ela própria se fez através dos seus atos e seus trabalhos no decorrer da sua existência terrestre.

Se a morte fosse a última palavra de todas as coisas, se nossos destinos se limitassem a essa vida fugidia, teríamos essas aspirações por um estado melhor, por um estado per-

A ALMA IMORTAL

feito, do qual nada na Terra pode nos dar a ideia? Teríamos essa sede de conhecer, de saber, que nada pode apaziguar? Se tudo cessasse no túmulo, por que essas necessidades, esses sonhos, essas tendências inexplicáveis? Esse grito poderoso do ser humano que ecoa através dos séculos, essas esperanças infinitas, esses impulsos irresistíveis para o progresso e a luz, seriam apenas os atributos de uma sombra passageira, de uma agregação de moléculas apenas formada, e logo desfeita? O que é, então, a vida terrestre, tão curta que não nos permite nem mesmo, na sua maior duração, atingir os marcos da Ciência; tão cheia de impotência, de amargura, de desilusão, que nela nada nos satisfaz inteiramente; a tal ponto que depois de haver obtido o objeto dos nossos desejos, tornamo-nos insaciáveis e nos deixamos levar na direção de um objetivo sempre mais distante, mais inacessível? A persistência que pomos em perseguir, apesar das decepções, um ideal que não é desse mundo, uma felicidade que nos foge sempre, é uma indicação suficiente de que há mais alguma coisa além da vida presente. A Natureza não poderia dar ao ser aspirações, esperanças irrealizáveis. As necessidades ilimitadas da alma reclamam, forçosamente, uma vida sem-limites.



XI

A PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

Sob que forma se desenvolve a vida imortal e o que é, na realidade, a vida da alma? Para responder a essas questões, é preciso retornar à sua fonte e examinar no seu conjunto o problema das existências.

Sabemos que, no nosso globo, a vida aparece primeiramente sob os aspectos mais simples, mais elementares, para elevar-se, através de uma progressão constante, de formas em formas, de espécies em espécies, até o tipo humano, coroamento da criação terrestre. Gradualmente, os organismos se desenvolvem e se afinam, a sensibilidade aumenta. Lentamente, a vida se liberta dos liames da matéria; o instinto cego cede o lugar à inteligência e à razão.

Essa escala de evolução progressiva, cujos degraus inferiores mergulham num tenebroso abismo, cada alma a percorreu? Antes de adquirir a consciência e a liberdade, antes de se possuir, na plenitude da sua vontade, teve que animar os organismos rudimentares, revestir as formas inferiores

DEPOIS DA MORTE

da vida? O estudo do caráter humano, ainda impregnado de bestialidade, levar-nos-ia a crer nisso. Todavia, a questão permanece pendente.⁸⁰

O sentimento de justiça absoluta nos diz que o animal, tanto quanto o homem, não deve viver e sofrer para nada. Uma cadeia ascendente e contínua parece religar todas as criações, do mineral ao vegetal, do vegetal ao animal e desse ao homem. Ela pode religar duplamente ao material como ao espiritual. Essas duas formas de evolução seriam paralelas e solidárias, a vida sendo apenas uma manifestação do espírito.

Qualquer que seja, a alma, tendo chegado ao estado humano, e adquirido a consciência, não pode retrogradar. Em todos os graus, as formas que ela reveste são a expressão de seu próprio valor. Não se deve acusar Deus de ter criado formas hediondas e malfazejas. Os seres não podem ter outras aparências que não sejam aquelas resultantes das suas tendências e dos hábitos adquiridos. Acontece que almas humanas escolhem corpos débeis e sofredores, para comprimir suas paixões e adquirir as qualidades necessárias ao seu avanço; mas na natureza inferior, nenhuma escolha poderia exercer-se; o ser recai, forçosamente, sob o império das atrações que desenvolvem em si.

Esse desenvolvimento gradual pode ser constatado por qualquer observador atento. Nos animais domésticos, as diferenças de caráter são apreciáveis. Nas mesmas espécies, certos indivíduos parecem muito mais avançados que outros. Alguns possuem qualidades que os aproximam sensivelmente do homem, e são suscetíveis de afeto e de devotamento. Sendo a matéria incapaz de amar e de sentir, é preciso neles admitir a existência de uma alma em estado embrionário.

⁸⁰ Ver *O Problema do Ser e do Destino*, cap. IX. *Evolução e Finalidade da Alma*. (N.A.)

A PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

Nada há, aliás, maior, mais justo, mais conforme à lei do progresso, do que essa ascensão das almas operando-se através de etapas sucessivas, no decorrer das quais formam-se elas próprias, libertam-se, pouco a pouco, dos instintos grosseiros, rompem sua carapaça de egoísmo para despertarem-se para a razão, para o amor, para a liberdade. É soberanamente justo que um mesmo aprendizado seja experimentado por todos e que cada ser só atinja um estado superior, depois de ter adquirido novas atitudes.

No dia em que a alma, bem-sucedida no estado humano, tiver conquistado sua autonomia, sua responsabilidade moral e cumprido o dever, ela não terá por isso atingido seu objetivo, terminado sua evolução. Longe de terminar, sua obra real começa; novas tarefas a chamam. As lutas do passado são apenas o prelúdio daquelas que o futuro lhe reserva. Seus renascimentos em corpos carnis se sucederão nesse globo. Cada vez, ela retomará, com órgãos rejuvenescidos, a obra de aperfeiçoamento interrompida pela morte, para segui-la e ir mais adiante. Viajante eterna, a alma deve subir, assim, de esfera em esfera para o bem, para a razão infinita, adquirir novos graus, crescer em ciência, em sabedoria, em virtude.

Cada uma de nossas existências terrestres é apenas um episódio da nossa vida imortal. Nenhuma alma poderia, nesse curto espaço de tempo, despojar-se de seus vícios, seus erros, todos os apetites vulgares que são tantos vestígios de suas vidas desvanecidas, quanto provas de sua origem.

Medindo o tempo que foi necessário à Humanidade, desde sua aparição sobre o globo, para chegar ao estado de civilização, compreenderemos que, para realizar seus destinos, para ascender de claridades em claridades para o

DEPOIS DA MORTE

absoluto, para o divino, seria necessário para a alma períodos sem-limites, vidas sempre renascentes.⁸¹

A pluralidade das existências pode sozinha explicar a diversidade dos caracteres, a variedade das atitudes, a desproporção das qualidades morais, em uma palavra, todas as desigualdades que chamam nossa atenção.

Fora dessa lei, perguntar-se-ia, em vão, por que certos homens possuem o talento, nobres sentimentos, aspirações elevadas, enquanto tantos outros só têm em partilha a tolice, paixões vis e instintos grosseiros.

O que pensar de um Deus que, determinando para nós uma única vida corporal, nos teria feito partes tão desiguais e, do selvagem ao civilizado, teria reservado aos homens bens tão pouco adequados e um nível moral tão diferente? Sem a lei das reencarnações é a iniquidade que governa o mundo.

A influência dos meios, a hereditariedade, as diferenças na educação, tudo tendo a sua importância, não são mais suficientes para explicar essas anomalias. Vemos os membros de uma mesma família, semelhantes pela carne e pelo sangue, alimentados pelos mesmos ensinamentos, diferenciar sobre muitos pontos. Homens excelentes tiveram monstros como

⁸¹ A lei das reencarnações não é somente demonstrada pela razão; ela é também provada pelos fatos. As experiências do coronel de Rochas sobre a regressão de memória, estas, mais antigas, dos experimentadores espanhóis Fernandez Colavida e Esteva Marata, assinalados no Congresso Espiritualista de 1900, estabelecem que, nas pessoas em estado de desligamento no sono magnético, as camadas profundas da memória, obscuras e mudas no estado de vigília, podem entrar em vibração. O “sujeito” se recorda dos menores detalhes de sua infância, assim como as lembranças das suas existências anteriores. Por esses estudos, o feixe das provas estabelecendo a realidade das preexistências do ser se constitui, pouco a pouco, e a personalidade humana se revela sob aspectos inteiramente novos. (Ver, para o conjunto dessas experiências, nossa obra *O Problema do Ser e do Destino*, cap. XIV.) (N.A.)

A PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

filhos, por exemplo, Marco Aurélio que produziu Cômodo; e personagens célebres e estimados saíram de pais obscuros, desprovidos de valor moral.

Se tudo começasse por nós com a vida atual, como explicar tanta diversidade nas inteligências, tantos graus na virtude ou no vício, tantos degraus nas situações humanas? Um mistério impenetrável pairaria sobre esses gênios precoces, sobre esses espíritos prodigiosos que, desde sua infância, lançaram-se com ímpeto nas veredas da arte e da Ciência, enquanto tantos jovens empalidecem no estudo e permanecem medíocres, apesar dos seus esforços.

Todas essas obscuridades se dissipam diante da doutrina das existências múltiplas. Os seres que se distinguem pelo seu poder intelectual ou suas virtudes, viveram mais, trabalharam mais, adquiriram uma experiência e aptidões mais vastas.

Os progressos e a elevação das almas dependem unicamente de seus trabalhos, da energia ostentada por elas no combate da vida. Umam lutam com coragem e franqueiam rapidamente os degraus que as separam da vida superior, enquanto outras se imobilizam durante séculos através de existências ociosas e estéreis. Mas essas desigualdades, resultado de ações do passado, podem ser resgatadas e niveladas através de nossas vidas futuras.

Em resumo, o ser se constrói através do desenvolvimento gradual das forças que nele estão. Inconsciente no início da sua carreira, sua vida torna-se mais inteligente e consciente, logo que chega à condição de humanidade e entra na posse de si mesma. Sua liberdade é ainda limitada pela ação das leis naturais que intervêm para assegurar sua conservação. Assim, o livre-arbítrio e o fatalismo equilibram-se

DEPOIS DA MORTE

e temperam um o outro. A liberdade e, conseqüentemente, a responsabilidade são sempre proporcionais ao adiantamento do ser.

Tal é a única solução racional do problema. Através da sucessão dos tempos, na superfície de milhares de mundos, nossas existências desenrolam-se, passam e se renovam: em cada uma delas um pouco do mal que está em nós desaparece, nossas almas se fortificam, se depuram, penetram mais adiante no nosso caminho sagrado, até que, livres das reencarnações dolorosas, tenham conquistado pelos seus méritos o acesso aos círculos superiores, onde irradiam, eternamente, beleza, sabedoria, poder, amor!



XII

O OBJETIVO DA VIDA

Por esses dados, a claridade se faz em nós e em torno de nós; nossa estrada se determina: sabemos o que somos e para onde vamos.

Desde então, não se trata mais de procurar satisfações materiais, mas de trabalhar com ardor pelo nosso adiantamento. O alvo supremo é a perfeição; o caminho, que a ele conduz, é o progresso; ele é longo e se percorre passo a passo. O objetivo, distante, parece recuar à medida que se avança, mas, a cada etapa vencida, o ser recolhe o fruto de seus trabalhos; enriquece sua experiência e desenvolve suas faculdades.

Nossos destinos são idênticos. Não há privilegiados nem malditos. Todos percorrem o mesmo caminho e, através de mil obstáculos, são chamados a realizar os mesmos fins. Somos livres, é verdade, para acelerar ou diminuir nossa marcha, para nos mergulhar nos gozos grosseiros, para nos retardar durante vidas inteiras no vício ou na ociosidade,

DEPOIS DA MORTE

mas cedo ou tarde o sentimento do dever se revela, a dor vem sacudir nossa apatia, e retomamos, forçosamente, nossa jornada.

Entre as almas só há diferenças de graus, diferenças que lhes é permitido transpor no futuro. Usando nosso livre-arbítrio, não caminhamos com o mesmo passo, e isso explica a desigualdade intelectual e moral dos homens; mas todos, filhos do mesmo Pai, devemos nos reaproximar dele na sucessão das nossas existências, para formar com nossos semelhantes uma só família, a grande família dos espíritos, que povoa todo o Universo.

Não há mais lugar nesse mundo para as ideias de paraíso e de inferno eterno. Vemos na imensidade apenas seres que perseguem sua própria educação e que se elevam pelos seus esforços no seio da harmonia universal. Cada um deles cria sua situação pelos seus atos, cujas consequências recaem sobre si mesmo, ligam-no e o prendem. Quando sua vida está entregue às paixões e fica estéril para o bem, o ser se avilta; sua situação se apequena. Para lavar suas manchas, deverá reencarnar em mundos de provas e, ali, purificar-se pelo sofrimento. Cumprida essa purificação, recomeça sua evolução. Não há provações eternas, mas uma reparação proporcional às faltas cometidas é necessária.

Não temos outro juiz nem outro carrasco que não seja nossa consciência. Mas esta, assim que se desprende das sombras materiais, torna-se imperiosa e obsessora. Na ordem moral, como na ordem física, só há causas e efeitos, que são regidos por uma lei soberana, imutável, infalível. O que, em nossa ignorância, chamamos injustiça da sorte é somente a reparação do passado. O destino humano é o pagamento da dívida contraída para conosco e para com a lei.

O OBJETIVO DA VIDA

A vida atual é, então, a consequência direta, inevitável de nossas vidas passadas, como nossa vida futura será a resultante de nossas ações presentes. Vindo animar um corpo novo, a alma traz com ela, a cada renascimento, a bagagem de suas qualidades e de seus defeitos, todos os bens e os males acumulados pela obra do passado. Assim, na sequência das nossas vidas, construímos com nossas próprias mãos nosso ser moral, edificamos nosso futuro, preparamos o meio onde devemos renascer, o lugar que devemos ocupar.

Com a lei da reencarnação, a soberana justiça reina sobre os mundos. Cada ser, tendo chegado a se possuir na sua razão e na sua consciência, torna-se o artesão de seus destinos e forja ou quebra, à vontade, as cadeias que o prendem à matéria. As situações dolorosas que certos homens suportam se explicam pela ação dessa lei. Toda vida culpada deve ser resgatada. Uma hora virá em que as almas orgulhosas renascerão em condições humildes e servis, em que o ocioso deverá aceitar penosos trabalhos. Em que aquele que fez sofrer, sofrerá a seu turno.

Todavia, a alma não está presa para sempre nessa Terra obscura. Depois de haver adquirido as qualidades necessárias, ela a deixa e parte para mundos mais esclarecidos. Percorre o campo semeado dos Espaços de esferas e de sóis. Um lugar ser-lhe-á dado no seio das humanidades que os povoam. Progredindo ainda nesses novos meios, aumentará continuamente sua riqueza moral e seu saber. Após um número incalculável de mortes e renascimentos, de quedas e de ascensões, liberta das reencarnações, gozará da vida celeste, da qual participará no governo dos seres e das coisas, contribuindo pelas suas obras com a harmonia universal e com a execução do plano divino.

DEPOIS DA MORTE

Assim é o mistério de Psyché, a alma humana. A alma traz, gravada em si mesma, a lei dos seus destinos. Aprender a soletrar os preceitos, a decifrar esse enigma, eis a verdadeira ciência da vida. Cada centelha arrancada do foco divino, cada conquista sobre si mesma, sobre suas paixões, sobre seus instintos egoístas, proporciona-lhe uma alegria íntima, tanto mais viva quanto mais lhe tenha custado essa conquista. E, aí, está o céu prometido aos nossos esforços. Esse céu não está longe de nós: ele está em nós. Felicidades ou remorsos, o homem traz, no mais profundo do seu ser, sua grandeza ou sua miséria, consequência de seus atos. As vozes, melodiosas ou severas, que dele se elevam, são as intérpretes fiéis da grande lei, tanto mais potentes quanto mais alto ele tenha subido na escala do aperfeiçoamento.

A alma é um mundo, um mundo onde se misturam ainda as sombras e as claridades e cujo estudo atento nos faz caminhar de surpresa em surpresa. Nos seus recônditos, todas as potências estão em gérmen, esperando a hora da fecundação para desabrochar em feixes de luz. À medida que se purifica, suas percepções aumentam. Tudo o que nos encanta, no seu estado presente, os dons do talento, os fulgores do gênio, tudo isso é pouco, comparado ao que um dia adquirirá, quando tiver chegado às supremas altitudes. Ela já possui imensos recursos ocultos, sentidos íntimos, variados e sutis, fontes de vivas impressões, os quais nosso invólucro grosseiro entrava, quase sempre, o exercício.

Apenas algumas almas de elite, desligadas por antecipação das coisas terrestres, depuradas pelo sacrifício, sentiram as primícias nesse mundo. Todavia, não encontraram,

O OBJETIVO DA VIDA

absolutamente, expressões para descrever as sensações que as embriagaram. E, na sua ignorância da verdadeira natureza da alma e dos tesouros que ela contém, os homens riram daquilo que chamaram de ilusões e quimeras.



XIII

AS PROVAS E A MORTE

Fixado o objetivo da existência, mais elevado que a fortuna, mais elevado que a felicidade, toda uma revolução se produz às nossas vistas. O Universo é uma arena onde a alma luta pela sua elevação; ela a obtém pelos seus trabalhos, pelos seus sacrifícios, pelos seus sofrimentos. O sofrimento, seja físico ou moral, é um dos elementos necessários da evolução, um poderoso meio de desenvolvimento e de progresso. Ele nos ensina a nos conhecermos melhor, a dominar nossas paixões e a amar melhor os outros. O que o ser deve procurar na sua jornada, é a ciência e o amor, simultaneamente. Quanto mais se sabe, mais se ama, mais se eleva. O sofrimento nos obriga a estudar para combater e vencer as causas que o fazem nascer, e o conhecimento dessas causas desperta em nós uma simpatia mais viva por aqueles que sofrem.

A dor é a purificação suprema, a escola onde se aprendem a paciência, a resignação, todos os deveres austeros. É a

DEPOIS DA MORTE

fornalha onde se funde o egoísmo, onde se dissolve o orgulho. Às vezes, nas horas sombrias, a alma submetida à prova se revolta, renega Deus e sua justiça; depois, quando passa a tormenta e que ela examina, vê que esse mal aparente era um bem; reconhece que a dor tornou-a melhor, mas acessível à piedade, mais caritativa com os infelizes.

Todos os males da vida concorrem para o nosso aperfeiçoamento. Pela humilhação, pelas enfermidades, pelos revezes, lentamente, o melhor se separa do pior. É por isso que nesse mundo há mais sofrimento que alegria. A prova tempera os caracteres, afina os sentimentos, doma as almas fogosas ou altivas.

A dor física tem também sua utilidade. Desata quimicamente, os laços que prendem o espírito à carne; separa-o dos fluidos grosseiros que o envolvem, mesmo depois da morte e o retém nas regiões inferiores.⁸²

Não maldigamos a dor; só ela nos arranca da indiferença, da volúpia. Esculpe nossa alma, dá-lhe sua forma mais pura, sua beleza mais pura.

A prova é um remédio infalível para nossa inexperiência. A Providência procede para conosco como uma mãe previdente para com seu filho indócil. Quando resistimos aos seus apelos, quando nos recusamos a seguir seus avisos, deixa-nos sofrer as decepções e os revezes, sabendo que a adversidade é a melhor escola onde se aprende a sabedoria.

Tal é o destino do maior número nesse mundo. Sob um céu sulcado de raios, às vezes, é preciso seguir o caminho árduo, os pés dilacerados pelas pedras e pelas sarças. Um

⁸² Essa ação explica, em certos casos, as curtas existências das crianças mortas em tenra idade. Essas almas puderam adquirir na Terra o saber e a virtude necessários para elevar-se mais alto. Como um resto de materialidade impedisse ainda seu voo, retornam para terminar pelo sofrimento sua completa depuração. (N.A.)

AS PROVAS E A MORTE

espírito vestido de negro guia nossos passos: é a dor, dor santa que devemos bendizer, pois só ela, sacudindo nosso ser, separa-o das futilidades vãs com as quais ele gosta de se enfeitar, torna-o apto a sentir o que é verdadeiramente nobre e belo.

*
* * *

Esses ensinamentos fazem com que a morte perca todo caráter medonho; ela é apenas uma transformação necessária, uma renovação. Na realidade, nada morre. A morte é apenas aparente. Só a forma exterior muda; o princípio da vida, a alma, mantém-se na sua unidade permanente, indestrutível. Ela se encontra além do túmulo, ela e seu corpo fluídico, na plenitude de suas faculdades, com todas as aquisições: luzes, aspirações, virtudes, poderes, dos quais enriqueceu-se durante suas existências terrestres. Eis os bens imperecíveis dos quais fala o Evangelho, quando ele diz: “Nem os vermes nem a ferrugem corroem, e os ladrões não os furtam.” São as únicas riquezas que nós podemos levar conosco, utilizar na vida futura.

A morte e a reencarnação, que se lhe segue num dado tempo, são duas formas essenciais do progresso. Rompendo os hábitos acanhados que havíamos contraído, elas nos obrigam a adaptar nosso espírito às mil faces da ordem social e universal.

Quando a noite da vida chega, quando nossa existência, semelhante à página de um livro, vai se virar para dar lugar a uma página em branco, uma nova página, o sensato passa em revista seus atos. Feliz aquele que, nessa hora, pode dizer: Meus dias foram plenos! Feliz aquele que aceitou com resignação, suportou com coragem suas provas! Estas,

DEPOIS DA MORTE

rasgando sua alma, deixaram extravasar tudo o que nelas havia de amargura e de fel. Repassando na consciência essa vida difícil, o sensato abençoará os sofrimentos experimentados. Estando em paz sua consciência, verá sem-temor aproximar-se o instante da partida.

Digamos adeus às teorias que fazem da morte o prelúdio do nada ou de castigos sem-fim. Adeus, sombrios fantasmas da Teologia, dogmas medonhos, sentenças inexoráveis, suplícios infernais! A vez da esperança! A vez da vida eterna! Não mais obscuras trevas, é a luz resplandecente que sai dos túmulos.

Vocês já viram a borboleta de asas matizadas despojar a informe crisálida onde se fechou a lagarta repugnante? Viram o inseto que, antes, arrastava-se pelo solo, agora livre, franquear, esvoaçar no ar ensolarado, no meio do perfume das flores? Não há imagem mais fiel do fenômeno da morte. O homem também é uma crisálida, que a morte decompõe. O corpo humano, vestimenta de carne, despojo miserável, retorna ao laboratório da Natureza; mas o espírito, depois de haver cumprido sua obra, lança-se numa vida mais elevada, nessa vida espiritual que sucede à existência corporal, como o dia sucede à noite e separa cada uma das nossas encarnações.

Compenetrados desses princípios, não temeremos mais a morte. Como nossos pais, os gauleses, ousaremos olhá-la de frente, sem-terror. Não mais temores nem lágrimas, não mais aparelhos sinistros nem cantos lúgubres. Nossos funerais tornar-se-ão uma festa, na qual celebraremos a libertação da alma, seu retorno à verdadeira pátria.

A morte é a grande reveladora. Nas horas de provação, quando a sombra nos envolve, às vezes nos perguntamos: Por que nasci? Por que não permaneci na noite profunda, lá, onde não se sente, onde não se sofre, onde se dorme o sono

AS PROVAS E A MORTE

eterno? E, nessas horas de dúvida, de angústia, de aflição, uma voz subia até nós, e essa voz dizia:

Sofre para te engrandeceres e para te depurares! Sabe que teu destino é grande. Essa terra fria não será teu sepulcro. Os mundos que brilham no fundo dos céus são tuas moradas do futuro, a herança que Deus te reserva. Tu és para sempre cidadão do Universo; pertences aos séculos futuros como aos séculos passados e, na hora presente, preparas tua elevação. Suporta, então, com calma os males por ti mesmo escolhidos. Semeia na dor e nas lágrimas o grão que brotará nas tuas próximas vidas; semeia também para os outros, como outros semearam por ti! espírito imortal, avança com passo firme na vereda escarpada para as alturas de onde o futuro te aparecerá sem-véu. A ascensão é rude e o suor inundará frequentemente teu rosto; mas, do cume, verás despontar a grande luz, verás brilhar no horizonte o Sol de verdade e justiça!

A voz que nos fala, assim, é a dos mortos, a das almas amadas que nos precederam no país da verdadeira vida. Bem longe de dormir sob a pedra, elas velam por nós. Do fundo do invisível, olham-nos e nos sorriem. Adorável e divino mistério! Comunicam-se conosco. Dizem-nos: Basta de dúvidas estéreis, trabalhem e amem. Um dia, preenchida sua tarefa, a morte nos reunirá!



XIV

OBJEÇÕES

Como se vê, muitas questões, insolúveis para um grande número de escolas, são resolvidas pela doutrina das vidas sucessivas. As terríveis objeções com a ajuda das quais o ceticismo e o materialismo fizeram brecha no edifício teológico; o mal, a dor, a desigualdade dos méritos e das condições humanas, a injustiça aparente da sorte, todas essas dificuldades se esvaem diante da filosofia dos espíritos.

Entretanto, uma dificuldade subsiste, uma objeção se ergue com força contra ela. Se já vivemos no passado, se outras vidas precederam o nascimento, por que perdemos a lembrança disso?

Esse obstáculo, de aparência terrível, é fácil de ser descartado. A memória das coisas vividas, de atos efetuados, não é uma condição necessária da existência.

Nenhum de nós se lembra do tempo passado no seio de sua mãe ou mesmo no berço. Poucos homens conservam a memória das impressões e dos atos da primeira infância. Entretanto, ali estão partes integrantes de nossa existência

DEPOIS DA MORTE

atual. Cada manhã, ao despertar, perdemos a lembrança da maior parte de nossos sonhos, embora esses sonhos nos tenham parecido, no momento, igualmente, realidades. Só nos restam sensações confusas experimentadas pelo espírito quando recai sob a influência material.

Nossos dias e nossas noites são como nossas vidas terrestres e espirituais, e o sono parece tão inexplicável quanto a morte. Todos dois nos transportam, alternadamente, para meios distintos e para condições diferentes, o que não impede nossa identidade de manifestar-se e de persistir através desses estados variados.

No sono magnético, o espírito, desprendido do corpo, lembra-se de coisas que esquecerá ao retornar à carne, mas das quais recobrará o encadeamento quando retornar ao estado de lucidez.

Esse estado de sono provocado desenvolve nos sonâmbulos aptidões especiais, que desaparecem no estado de vigília, abafadas, aniquiladas pelo invólucro corporal.

Nessas diversas condições, o ser psíquico parece atravessar dois estados de consciência, duas fases alternadas da existência, que se encadeiam e se envolvem uma na outra. O esquecimento, assim como uma espessa cortina, separa o sono do estado de vigília, como separa cada vida terrestre das existências anteriores e da vida do Espaço.

Se as impressões que a alma sente no decurso da vida atual, no estado de desprendimento completo, seja através do sono natural, seja através do sono provocado, não podem ser transmitidas ao cérebro, deve-se compreender que as recordações de uma vida anterior sê-lo-iam mais dificilmente ainda. O cérebro não pode receber e armazenar senão as impressões comunicadas pela alma no estado de cativo na matéria. A memória só poderia reproduzir o que ela registrou.

OBJEÇÕES

A cada renascimento, o organismo cerebral constitui, para nós, como um livro novo sobre o qual se gravam as sensações e as imagens. Retornando à carne, a alma perde a lembrança de tudo o que viu e realizou no estado de liberdade, e só tornará a lembrar-se quando abandonar de novo sua prisão temporária.

O esquecimento do passado é, para o homem, a condição indispensável de toda prova e de todo progresso terrestre. Esse passado de cada um de nós tem suas manchas e suas nódoas. Percorrendo a série dos tempos dissipados, atravessando as idades de brutalidade, devemos ter acumulado muitas faltas, muitas iniquidades. Escapados apenas ontem da barbárie, o fardo dessas lembranças seria acabrunhador para nós. A vida terrestre é, às vezes, difícil de suportar. Seria muito mais ainda se, no cortejo de nossos males presentes, viesse juntar-se a memória dos sofrimentos ou das vergonhas passadas.

A recordação das nossas vidas anteriores não estaria igualmente ligada à recordação do passado dos outros? Subindo a cadeia das nossas existências, a trama da nossa própria história, encontraríamos o vestígio das ações dos nossos semelhantes. As inimizades perpetuar-se-iam; as rivalidades, os ódios, a discórdia reavivar-se-iam de vidas em vidas, de século em século. Nossos inimigos, nossas vítimas de outrora reconhecer-nos-iam e nos perseguiriam com sua vingança.

É bom que o véu do esquecimento nos esconda uns dos outros e, fazendo desaparecer momentaneamente nosso passado recíproco, poupe-nos de lembranças penosas e, talvez, de incessantes remorsos. O conhecimento das nossas faltas e das conseqüências que arrastam, erguendo-se diante de nós como uma medonha e perpétua ameaça, paralisaria nossos esforços, tornaria nossa vida insuportável e estéril.

DEPOIS DA MORTE

Sem o esquecimento, os grandes culpados, os criminosos célebres estariam marcados pela eternidade. Vemos os condenados da justiça humana, depois de sofrida sua punição, perseguidos pela desconfiança universal, rechaçados com horror por uma sociedade que lhes recusa um lugar no seu seio e os atira, por isso mesmo no exército do mal. O que seria se os crimes do passado longínquo se traçassem de novo à vista de todos?

Quase todos temos necessidade de perdão e de olvido. A sombra que esconde nossas fraquezas e nossas misérias alivia nosso espírito, tornando-nos a reparação menos penosa. Depois de ter bebido as águas do Letes,⁸³ renascemos mais alegremente para uma vida nova. Os fantasmas do passado dissipam-se. Transportados para um meio diferente, nosso ser desperta para outras sensações, abre-se para outras influências, abandona com mais facilidade os erros e os hábitos que retardaram, outrora, sua marcha. A alma do culpado, renascendo sob a forma de uma criancinha, encontra à sua volta a ajuda e a ternura necessárias ao seu reerguimento. Nesse ser fraco e encantador, ninguém imagina reconhecer o espírito vicioso que vem resgatar um passado manchado.

Para certos homens, o passado não está, entretanto, absolutamente apagado. O sentimento confuso do que foram jaz no fundo de sua consciência. É a fonte das intuições, das ideias inatas, das vagas lembranças e dos misteriosos pressentimentos, como um eco enfraquecido dos tempos decorridos. Analisando essas impressões, estudando-se a si mesmo com atenção, não seria impossível reconstituir esse

⁸³ **Letes:** Um dos rios do Inferno, cujas águas traziam o esquecimento às almas dos mortos. (Nota da Tradutora segundo o *Dictionário Petit Larousse Illustré*, suas notas seguintes conterão apenas as iniciais N.T.)

OBJEÇÕES

passado, senão nos seus detalhes, pelo menos nos seus traços principais.

No final de cada existência, lembranças longínquas renascem, pouco a pouco, e saem da sombra. Avançamos passo a passo, tateando na vida. Vinda a morte, progressivamente tudo se esclarece. O passado explica o presente e o futuro ilumina-se com claridade nova.

A alma, voltando à vida espiritual, recobra a plenitude das suas faculdades. Começa, então, para ela um período de exame, de repouso, de recolhimento, durante o qual ela se julga e avalia o caminho percorrido. Recebe os avisos, os conselhos dos espíritos mais adiantados. Guiada por eles, tomará resoluções viris e, na ocasião certa, escolhendo um meio favorável, tornará a descer num novo corpo.

Voltando à carne, a alma perderá ainda a memória das vidas passadas, ao mesmo tempo que a recordação dessa vida espiritual, a única verdadeiramente livre e completa, perto da qual a morada terrestre lhe pareceria medonha. Longa será a luta, penosos os esforços necessários para tomar consciência de si mesma e recuperar suas potências ocultas; mas conservará sempre a intuição, o sentimento vago das resoluções tomadas antes de renascer; e, seguindo o curso das suas existências, melhorar-se-á pelo trabalho e o sofrimento.



TERCEIRA PARTE

O MUNDO INVISÍVEL

XV

A NATUREZA E A CIÊNCIA

Nas páginas precedentes, expusemos os princípios essenciais da filosofia das existências sucessivas. Esses princípios, apoiados na lógica mais rigorosa, clareiam nosso futuro e dão solução aos numerosos problemas, até aqui, inexplicáveis.

Todavia, podem objetar-nos que essas concepções, por mais racionais que pareçam, são simples hipóteses, puras especulações, às quais não se atribuiria mais importância senão a que se dá a essa ordem de ideias.

Nossa época, cansada das quimeras da imaginação, das teorias e dos sistemas preconcebidos, caiu no ceticismo. Diante de qualquer afirmação, reclama provas. O raciocínio mais lógico não lhe basta mais. São necessários fatos, fatos sensíveis, diretamente observados, para dissipar a dúvida. E essa dúvida se explica. É a consequência fatal do abuso das lendas, das ficções, das doutrinas errôneas, ao murmúrio das quais a Humanidade foi embalada durante séculos. Instruindo-

DEPOIS DA MORTE

se, o homem, de crédulo, tornou-se cético e cada nova teoria é acolhida com desconfiança, senão com hostilidade.

Não nos queixemos desse estado de espírito, que é, antes de tudo, apenas uma homenagem do pensamento humano à verdade. A filosofia das vidas sucessivas só tem a ganhar, pois, longe de ser um sistema fantasista a mais, apoia-se num conjunto imponente de fatos, estabelecidos por provas experimentais e testemunhos universais. É a esses fatos que consagraremos a terceira parte desta obra.

A marcha da Ciência, nas suas etapas inumeráveis, é comparável a uma subida numa região de altas montanhas. À medida que o viajante escala as inclinações árduas, o horizonte se alarga em torno dele; os detalhes do plano inferior fundem-se num vasto conjunto, enquanto que ao longe abrem-se novas perspectivas. Quanto mais sobe, mais o espetáculo adquire amplitude e majestade. Assim, a Ciência, nos seus progressos incessantes, descobre a cada passo domínios ignorados.

Sabe-se como nossos sentidos materiais são limitados, como é restrito o campo que abarcam. Além das luzes e das cores percebidas pela nossa vista, há outras luzes, outras cores cujas reações químicas demonstram a existência. Da mesma maneira, nosso ouvido apenas percebe as ondas sonoras entre dois extremos. Acima ou abaixo, muito agudas ou muito graves, as vibrações sonoras não influenciam mais o nervo auditivo.

Se nosso poder visual não tivesse sido aumentado pelas descobertas da ótica, o que saberíamos do Universo na hora presente? Não somente ignoraríamos a existência dos longínquos impérios do éter onde os sóis sucedem aos sóis, onde a matéria cósmica, nas suas gestações eternas, cria os astros aos milhões, mas nada saberíamos ainda dos mundos vizinhos mais próximos da Terra.

A NATUREZA E A CIÊNCIA

Gradualmente e de idade em idade, o campo das observações estendeu-se. Graças à invenção do telescópio, o homem pôde explorar os céus e comparar o globo medíocre em que habita aos gigantes do Espaço.

Mais recentemente, a invenção do microscópio abriu-nos um outro infinito. Em toda parte, em torno de nós, nos ares, nas águas, invisíveis aos nossos olhos fracos, miríades de seres pululam, agitam-se em turbilhões assustadores. O estudo da constituição molecular dos corpos tornou-se possível. Reconhecemos que os glóbulos do sangue, os tecidos e as células do corpo humano estão povoados de parasitas estimulados, de infusórios, em detrimento dos quais outros parasitas ainda vivem. Ninguém pode dizer onde para o fluxo da vida.

A Ciência progride e cresce, e o pensamento, incitado eleva-se para novos horizontes. Mas, como parece leve a bagagem dos nossos conhecimentos, quando se a compara ao que nos falta a aprender! O espírito humano tem seus limites, a Natureza, não. *“Com aquilo que ignoramos das leis universais, diz Faraday, poder-se-ia criar o Mundo.”* Nossos sentidos grosseiros nos deixam viver no meio de um oceano de maravilhas sem suspeitá-las, como cegos banhados em torrentes de luz.



XVI

MATÉRIA E FORÇA. PRINCÍPIO ÚNICO DAS COISAS

Até aqui, a matéria só era conhecida sob os três estados: sólido, líquido e gasoso. *Sir W. Crookes*, o sábio físico inglês, quando procurava produzir o vácuo em tubos de ensaio, descobriu um quarto estado, que chamou de estado radiante. Os átomos, libertados pela rarefação, livram-se desse vácuo relativo por movimentos vibratórios de uma rapidez, de uma violência incalculáveis. Eles se inflamam e produzem efeitos de luz, radiações elétricas que permitem explicar a maior parte dos fenômenos cósmicos.⁸⁴

A matéria, condensada em diversos graus sob seus três primeiros aspectos, no estado radiante, perde várias de suas propriedades: densidade, forma, peso, cor; mas nesse domínio novo, parece unida à força, à matéria de maneira

⁸⁴ Os raios X são uma das aplicações mais conhecidas desses fenômenos. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

mais estreita e mais íntima. Esse quarto aspecto será o último de que a matéria possa se revestir? Não, sem dúvida, pois pode-se imaginar muitos outros. Pode-se entrever através do pensamento um estado fluídico e sutil, tão superior ao estado radiante quanto este o é do estado gasoso, e o estado líquido do estado sólido. A Ciência do futuro explorará essas profundezas e aí encontrará a solução dos problemas da unidade de substância e das forças diretoras do Universo.

A unidade de substância já é entrevista, admitida pela maioria dos sábios. A matéria, como dissemos, parece ser, no seu princípio, um fluido de uma leveza, de uma elasticidade infinita, cujas combinações inumeráveis dão origem a todos os corpos. Invisível, impalpável, imponderável na sua essência primordial, esse fluido, através de sucessivas transições, torna-se ponderável e chega a produzir, por uma condensação poderosa, os corpos duros, opacos e pesados que constituem a substância da matéria terrestre. Mas, esse estado de coesão é apenas transitório, e a matéria, refazendo a escala de suas transformações, pode também desagregar-se e retornar ao seu estado fluídico primitivo. É por isso que os mundos têm somente uma existência passageira. Saídos dos oceanos do éter, aí mergulham novamente e se dissolvem depois de haver percorrido seu ciclo de vida.

Pode-se afirmar que tudo, na Natureza, converge para a unidade. A análise espectral revela a identidade dos elementos constitutivos dos mundos, desde o mais humilde satélite até o sol mais gigantesco. O deslocamento dos corpos celestes mostra a unidade das leis mecânicas. O estudo dos fenômenos materiais, como uma cadeia infinita, nos conduz, gradativamente, à concepção de uma substância única, etérea, universal, e de uma força igualmente única, princípio de

MATÉRIA E FORÇA. PRINCÍPIO ÚNICO...

movimento, do qual a eletricidade, a luz, o calor são apenas variedades, modalidades, das diversas formas.⁸⁵

Assim a Química, a Física, a Mecânica, na sua marcha paralela, constata cada vez mais a coordenação misteriosa das coisas. O espírito humano encaminha-se lentamente, às vezes, mesmo inconscientemente, para o conhecimento de um princípio único, fundamental, em que se unem a substância, a força e o pensamento, de uma Potência cuja grandeza e majestade o encherão, um dia, de surpresa e admiração.



⁸⁵ Eis o que diz Berthelot (*Origens da Química*): “Os fluidos elétrico, magnético, calorífico e luminoso, que se admitiam há meio século, já não têm mais realidade senão como os quatro elementos dos antigos. Esses fluidos, com os progressos da Ciência, reduziram-se a um só, o éter. E eis que o éter dos físicos e o átomo dos químicos dissipam-se, a seu turno, para dar lugar a concepções mais altas, que tendem a explicar tudo através dos únicos fenômenos do movimento.” Segundo G. Le Bon (*A Evolução da Matéria; A Evolução das Forças*), a matéria e a força são apenas dois aspectos de uma mesma substância. A matéria é somente força condensada; a força, a matéria dissociada. (N.A.)

XVII

OS FLUIDOS. O MAGNETISMO

O mundo dos fluidos, que se entrevê além do estado radiante, reserva à Ciência muitas surpresas e descobertas. Inumeráveis são as variedades de formas que a matéria, tornando-se sutil, pode revestir para as necessidades de uma vida superior.

Muitos observadores já sabem que, além de nossas especulações, além do véu opaco que a nossa espessa constituição ostenta como um nevoeiro em torno de nós, um outro mundo existe, não mais o dos infinitamente pequenos, mas um universo fluídico que nos envolve, completamente povoado de multidões invisíveis.

Seres sobre-humanos, mas não sobrenaturais, vivem perto de nós, testemunhas mudas de nossa existência e só manifestam a sua em determinadas condições, sob a ação de leis naturais, precisas, rigorosas. Importa penetrar o segredo dessas leis, pois, a partir de seu conhecimento decorrerá para o homem a posse de forças consideráveis, cuja utilização

DEPOIS DA MORTE

prática pode transformar a face da Terra e a ordem das sociedades. É esse o domínio da psicologia experimental, alguns diriam, das ciências ocultas, ciências velhas como o mundo.

Já falamos dos prodígios efetuados nos lugares sagrados da Índia, do Egito e da Grécia. Não está nos nossos planos aí retornar, mas há uma questão conexas que não poderíamos deixar passar em silêncio, a do magnetismo.

O magnetismo, estudado e praticado em segredo em todas as épocas da História, vulgarizou-se sobretudo desde o fim do século XVIII. As academias de sábios ainda o têm sob suspeita e é sob o nome de hipnotismo que os mestres da Ciência quiseram descobri-lo um século após sua aparição.

“O hipnotismo, disse o Sr. de Rochas,⁸⁶ até aqui, só estudado oficialmente, é apenas o vestíbulo de um vasto e maravilhoso edifício já explorado, em grande parte, pelos antigos magnetizadores.”

O mal é que os sábios oficiais — quase todos médicos — que se ocupam do magnetismo ou, como eles mesmos dizem, do hipnotismo, geralmente, apenas experimentam com pessoas doentes, com internos de hospitais. A irritação nervosa e as afecções mórbidas dessas pessoas só permitem obter fenômenos incoerentes, incompletos.

Alguns sábios parecem rezear que o estudo desses mesmos fenômenos, obtidos em condições normais, não forneça a prova da existência no homem do princípio anímico. É, pelo menos, o que sobressai dos comentários do doutor Charcot, de quem não se negará a competência.

“O hipnotismo, dizia, é um mundo no qual encontra-se, ao lado de fatos palpáveis, materiais, grosseiros, acompanhando sempre a fisiologia, fatos absolutamente extraordi-

⁸⁶ *Os Estados Profundos da Hipnose*, pelo coronel de Rochas d'Aiglun. (N.A.)

OS FLUIDOS. O MAGNETISMO

nários, inexplicáveis até aqui, que não respondem a nenhuma lei fisiológica e inteiramente estranhas e surpreendentes. Ocupo-me dos primeiros e deixo de lado os segundos.”

Assim, os mais célebres médicos confessam que essa questão ainda está para eles cheia de obscuridade. Nas suas investigações, limitam-se a observações superficiais e desdenham os fatos que poderiam conduzi-los diretamente à solução do problema. A Ciência Materialista hesita em aventurar-se no terreno da Psicologia Experimental; ela sente que, ali, se encontraria na presença das forças psíquicas da alma, em uma palavra, a mesma da qual ela negou a existência com tanta obstinação.

Seja como for, o magnetismo, depois de ter sido repellido durante longo tempo pelas corporações sábias, começa sob um outro nome a chamar sua atenção. Mas os resultados seriam de outro modo fecundos se, ao invés de operar sobre histéricos, experimentasse em pessoas sãs e válidas. O sono magnético desenvolve nos indivíduos lúcidos, faculdades novas, um poder de percepção incalculável. O fenômeno mais notável é a visão a grande distância sem o concurso dos olhos. Um sonâmbulo pode orientar-se durante a noite, ler e escrever de olhos fechados, entregar-se aos trabalhos mais delicados e mais complicados.

Outros indivíduos veem no interior do corpo humano, discernem seus males e suas causas, leem o pensamento no cérebro,⁸⁷ penetram, sem o concurso dos sentidos, nos domínios mais ocultos e até no limiar de um outro mundo. Eles auscultam os mistérios da vida fluídica, entram em contato com os seres invisíveis dos quais falamos,

⁸⁷ “Ele vê (o indivíduo) vibrar as células cerebrais sob a influência do pensamento e as compara às estrelas que se dilatam e se contraem sucessivamente.” (*Os Estados Profundos da Hipnose*, pelo coronel de Rochas, ex-administrador da Escola Politécnica.)



DEPOIS DA MORTE

transmitem-nos seus avisos, seus ensinamentos. Voltaremos, mais tarde, sobre esse último ponto; mas, desde agora, podemos considerar estabelecido o fato que decorre das experiências de Puységur, Deleuze, do Potet e seus inúmeros discípulos: o sono magnético, imobilizando o corpo, anulando os sentidos, restitui a liberdade ao ser psíquico, centuplica-lhe os meios íntimos de percepção e o faz entrar num mundo vedado aos seres corporais.

Esse ser psíquico que, durante o sono, vive, pensa, age fora do corpo, que afirma sua personalidade independente por uma maneira de ver e dos conhecimentos superiores àqueles possuídos no estado de vigília, o que é ele, senão a própria alma, revestida de forma fluídica? Essa alma, que não é apenas uma resultante de forças vitais, do jogo dos órgãos, mas uma causa livre, uma vontade atuante, afastada momentaneamente da sua prisão, planando sobre a Natureza inteira e desfrutando da integridade das suas faculdades inatas? Assim, os fenômenos magnéticos tornam evidentes, não somente a existência da alma, mas também, sua imortalidade; pois se, durante a existência corporal, essa alma se desliga do seu invólucro grosseiro, vive e pensa fora dele, com mais forte razão achará na morte, a plenitude de sua liberdade.

Desde então o professor Th. Flournoy, da Universidade de Genebra, escrevia: "Basta folhear a literatura médica mais recente para ali encontrar, pela pena de autores insuspeitos de misticismo, exemplos de visão interna. De um lado, psiquiatras franceses acabam de publicar alguns casos de alienados que apresentaram, poucos dias antes do seu fim, uma melhora tão súbita quanto inexplicável, ao mesmo tempo que o pressentimento de sua morte próxima. Do outro lado, o fato de que os sonâmbulos que têm a clara visão de suas vísceras, às vezes, até da sua estrutura íntima; esse fato vem pela primeira vez franquear os limites da Ciência sob o nome de *autoscopia interna* ou *autorrepresentação* do organismo; e, por uma divertida ironia da sorte, os padrinhos desse recém-chegado encontram-se entre os que pertencem a uma escola que pretende rejeitar qualquer explicação psicológica desses fatos." (*Arquivos de Psicologia*, agosto de 1903). (N.A.)

OS FLUIDOS. O MAGNETISMO

A ciência do magnetismo coloca o homem na posse de maravilhosos recursos. A ação dos fluidos sobre o corpo humano é imensa; suas propriedades são múltiplas, variadas. Numerosos fatos têm provado que, com sua ajuda, pode-se aliviar os sofrimentos mais cruéis. Os grandes missionários não curavam pela imposição das mãos? Aí está todo o segredo dos seus pretensos milagres. Os fluidos, obedecendo a uma vontade poderosa, a um desejo ardente de fazer o bem, penetram em todos os organismos débeis e restituem, gradualmente, o vigor nos fracos, a saúde nos enfermos.

Pode-se objetar que uma legião de charlatães abusa, para explorá-lo, da credulidade e da ignorância do público, gabando-se de um poder magnético imaginário. Esses fatos entristecedores são a consequência inevitável do estado de inferioridade moral da Humanidade. Uma coisa nos consola: a certeza de que não há homem animado de uma simpatia profunda pelos deserdados, de um verdadeiro amor por aqueles que sofrem, que não possa aliviar seus semelhantes através de uma prática sincera e esclarecida do magnetismo.



XVIII

FENÔMENOS ESPÍRITAS

Entre todas as provas da existência, no homem, de um princípio espiritual e da sua sobrevivência ao corpo, as mais convincentes são as que fornecem os fenômenos do Espiritualismo Experimental ou Espiritismo.

Considerados, no início, como puro charlatanismo, entraram no domínio da observação rigorosa; e, se alguns sábios ainda os desdenham, rejeitam e negam, outros sábios, não menos eminentes, os estudam, constatando sua importância e a realidade. Na América e em todas as nações da Europa, sociedades de pesquisas psicológicas fazem disso o objeto de suas investigações.

Esses fenômenos, como vimos, produziram-se em todos os tempos. Outrora, eram envolvidos de mistério; e só eram conhecidos de um muito pequeno número de pesquisadores. Hoje, universalizam-se, produzem-se com uma persistência e uma variedade de formas que confundem a Ciência moderna.

DEPOIS DA MORTE

Disse Newton: “É loucura acreditar em qualquer coisa que se conhece, e é sabedoria estudar sempre.” Não somente qualquer sábio, mas qualquer homem sensato tem o dever de auscultar esses fatos, que abrem para nós todo um lado ignorado da Natureza, de remontar às suas causas e, daí, deduzir a lei. Esse exame só pode fortalecer a razão e servir o progresso, destruindo a superstição no seu gérmen, pois a superstição está sempre pronta para apoderar-se dos fenômenos negligenciados pela Ciência, para disfarçá-los, para lhes atribuir um caráter sobrenatural e miraculoso.

A maior parte daqueles que desdenham essas questões ou que, tendo-as estudado, fizeram-no superficialmente, sem método e sem-espírito de ordem, acusam os espíritas de interpretações inexatas ou, pelo menos, de conclusões prematuras.

Responderemos que já é um grande ponto ganho os adversários do Espiritismo apegarem-se à interpretação dos fatos e não à sua realidade. Os fatos constatam-se, com efeito, e não se discutem. Ora, a realidade dos fenômenos espíritas é atestada, como vamos ver, por homens do caráter mais elevado, por sábios de alta competência, que se tornaram célebres pelos seus trabalhos e suas descobertas. Mas não é necessário ser um sábio de primeira ordem para constatar a existência de fatos que caem sob os sentidos e são dessa forma sempre verificáveis. Qualquer um, com um pouco de perseverança e de sagacidade, colocando-se nas condições necessárias, poderá observá-los e formar sobre eles uma opinião esclarecida.

É verdade que, entre esses fenômenos, um certo número pode se explicar pelo automatismo, a autossugestão dos médiuns, a exteriorização das forças ou a transmissão dos pensamentos; mas, por mais ampla que seja a parte dada a

FENÔMENOS ESPÍRITAS

essas causas, um número considerável de casos permanece, cuja única explicação lógica é a intervenção dos defuntos.

Refutamos, por outro lado, as objeções dessa natureza⁸⁸ e reproduzimos todo um conjunto de provas de identidade dos espíritos, suscetíveis de convencer o pesquisador deliberadamente isento, liberado dos preconceitos e das teorias preconcebidas.



⁸⁸ Ver *No Invisível, Espiritismo e Mediunidade*, 2ª parte. (N.A.)

XIX

TESTEMUNHOS CIENTÍFICOS

Foi nos Estados Unidos da América, em 1848, que pela primeira vez na nossa época, as manifestações espíritas atraíram a atenção pública. Pancadas ecoavam em várias residências, móveis deslocavam-se sob a ação de uma força invisível, mesas agitavam-se e golpeavam, ruidosamente, o solo. Um dos espectadores teve a ideia de combinar as letras do alfabeto com o número de pancadas, uma espécie de telegrafia espiritual estabeleceu-se e a força oculta pôde conversar com os assistentes. Disse ser o espírito de uma pessoa que tinha vivido no país, entrou em minúcias muito precisas sobre a identidade, a vida e a morte dessa pessoa, e relatou particularidades de modo a dissipar todas as dúvidas. Outras almas foram evocadas e responderam com a mesma precisão. Todas diziam-se revestidas por um invólucro fluídico, invisível aos nossos sentidos, mas, não obstante, material.

As manifestações multiplicaram-se rapidamente, generalizando-se, pouco a pouco, em todos os Estados da União.

DEPOIS DA MORTE

Preocuparam de tal maneira a opinião, que alguns sábios, acreditando nelas ver uma causa de perturbação para a razão e a paz públicas, resolveram observá-las de perto, a fim de demonstrar-lhes o absurdo. Foi assim que o juiz Edmonds, *chefe de justiça* da Corte Suprema de Nova York e presidente do Senado, e o professor de Química Mapes, da Academia Nacional, foram levados a se pronunciar sobre a realidade e o caráter dos fenômenos espíritas. Ora, suas conclusões, formuladas depois de um exame rigoroso, constam em obras importantes, foram de que esses fenômenos eram reais e só podiam ser atribuídos à ação dos espíritos.

O movimento propagou-se a tal ponto que, em 1852, uma petição, assinada por quinze mil pessoas, foi endereçada ao Congresso, em Washington, a fim de obter a proclamação oficial da realidade dos fenômenos.

Um sábio célebre, Robert Hare, professor da Universidade da Pensilvânia, tomou abertamente partido dos espíritas, publicando uma obra que causou sensação. Essa obra tinha como título: *Experimental Investigations of the Spiritual Manifestations* e estabelecia, cientificamente, a intervenção dos espíritos.

Robert Dale Owen, sábio, diplomata e escritor de renome, engajou-se também nesse movimento de opinião e escreveu várias obras para favorecê-lo. Uma delas: *Foot Falls on the Boundary of another World (No Limiar de um Outro Mundo, 1877)* teve um sucesso considerável.

Hoje, o *Modern Spiritualism* conta com milhões de adeptos nos Estados Unidos. São representados por uma imprensa numerosa.

No decorrer dos últimos anos, as experiências dirigidas por um certo número de professores das grandes universi-

TESTEMUNHOS CIENTÍFICOS

dades americanas, com o auxílio da célebre médium Sra. Piper,⁸⁹ obtiveram importantes adesões.

James Hyslop, professor de Psicologia na Universidade de Columbia, em Nova York, exprimia-se, assim, no seu contato com a mediunidade dessa senhora:

“Para julgar, de acordo com o que eu mesmo vi, não sei como poderia esquivar-me da conclusão de que a existência de uma vida futura está absolutamente demonstrada.”⁹⁰

O Doutor R. Hodgson escrevia, a seu turno:

Creio, sem ter a menor dúvida, que os espíritos comunicantes são bem as personalidades que dizem ser; que sobreviveram à transformação a que chamamos a morte e que se comunicaram diretamente conosco, os supostos vivos, através do corpo da Sra. Piper adormecida.

O mesmo Dr. Richard Hodgson, falecido em dezembro de 1906, manifestou-se depois, através da via mediúmica, ao seu amigo o professor J. Hyslop. Entrou em minúcias muito extensas e precisas sobre as experiências e os trabalhos da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, da qual era presidente pela seção americana. Essas mensagens, perfeitamente concordantes entre si, foram transmitidas através de médiuns diferentes que não se conheciam uns aos outros. Encontram-se, aí, as palavras e as frases familiares ao comunicante durante sua vida.⁹¹

⁸⁹ Ver *No Invisível, Espiritismo e Mediunidade*. (N.A.)

⁹⁰ *Proceedings S. P. R.*, t. XVI. (N.A.)

⁹¹ *Journal of the American Society for Psychological Researches*, novembro 1907. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

*
* *

Foi na Inglaterra que as manifestações espíritas foram submetidas à análise mais metódica. Numerosos sábios ingleses estudaram-nas com uma perseverante e minuciosa atenção e é deles que nos vêm os testemunhos mais formais.

Em 1869, a Sociedade Dialética de Londres — um dos grupos científicos mais autorizados — nomeou uma comissão de trinta e três membros, sábios, literatos, prelados, magistrados, entre os quais *Sir* John Lubbock, da Sociedade Real (Instituto Inglês), Henri Lewes, hábil fisiologista, Huxley, Wallace, Crookes, etc., para examinar e “negar para sempre” esses fenômenos espíritas que, dizia a moção, “são somente obra da imaginação”.

Depois de dezoito meses de experiências e de estudos, a comissão reconheceu, no seu relatório, a realidade dos fatos e concluiu em favor do Espiritismo.

Esses relatórios não indicavam somente movimentos de mesa e batidas; mencionavam também “*aparições de mãos e de formas que não pertenciam a nenhum ser humano, parecendo vivas pela sua ação e sua mobilidade. Essas mãos eram tocadas e seguradas pelos assistentes, convencidos de que não eram absolutamente o resultado de uma impostura ou de uma ilusão.*”

Um dos trinta e três, A. Russel Wallace, o digno seguidor de Darwin, tornou-se, após a morte desse último, o mais eminente representante do evolucionismo, prosseguiu suas investigações e consignou os resultados numa obra: *Miracles and Modern Spiritualism*, que teve um grande reflexo do outro lado do desfiladeiro. Falando dos fenômenos, exprime-se nesses termos:

TESTEMUNHOS CIENTÍFICOS

Quando me entreguei a essas pesquisas, era essencialmente materialista. Não havia em meu espírito nenhum lugar para a representação de uma existência espiritual. Os fatos são, todavia, renitentes; venceram-me e obrigaram-me a aceitá-los muito tempo antes de poder admitir sua explicação espiritual. Essa veio aos poucos, sob a influência constante de fatos sucessivos, que não podiam ser afastados nem explicados de nenhuma outra maneira.

Dentre os sábios ingleses cujo testemunho público pode ser invocado em favor da manifestação dos espíritos, pode-se citar Staiton Moses (*aliás* Oxon), professor da Faculdade de Oxford, que publicou dois volumes intitulados: *Psicografia*, onde há, sobretudo, a questão dos fenômenos da escrita direta, e *Identidade Espiritual*; Sir Oliver Lodge, reitor da Universidade de Birmingham, do qual se falará mais adiante; Varley engenheiro em chefe dos telégrafos; A. de Morgan, presidente da Sociedade Matemática de Londres, autor de *From Matter of Spirit*; os professores Challis, da Universidade de Cambridge, e Barrett, da Universidade de Dublin.

Acima de todos esses nomes, justamente estimados, há um maior e mais ilustre, que acaba de se juntar à lista dos partidários e dos defensores do Espiritismo; é o de Sir William Crookes, da Sociedade Real, Academia das Ciências da Inglaterra.

Não existe nenhuma Ciência que não deva uma descoberta, um progresso a esse espírito sagaz. Os trabalhos de Crookes sobre o ouro e a prata, sua aplicação do sódio ao processo de amalgamação, são utilizados em todos os lugares da América e da Austrália. Com o auxílio do heliômetro do observatório de Greenwich, ele pôde ser o primeiro a

DEPOIS DA MORTE

fotografar os corpos celestes e suas reproduções da Lua são célebres. Seus estudos sobre os fenômenos da luz polarizada, sobre a espectroscopia, não são menos conhecidos. Crookes descobriu, também, o *talium*. Mas todos esses trabalhos foram ultrapassados por sua magnífica descoberta do quarto estado da matéria, descoberta que lhe assegura um lugar no Panteão da Inglaterra, ao lado de Newton e de Herschell e um outro mais indelével ainda na memória dos homens.

Crookes entregou-se durante quatro anos ao estudo das manifestações espíritas, construindo, para controlá-las cientificamente, instrumentos de uma precisão e de uma delicadeza inauditas. Assistido por uma médium notável, a Srta. Florence Cook, e por outros sábios tão rigorosamente metódicos quanto ele próprio, operava no seu próprio laboratório, cercado por aparelhos elétricos que teriam tornado impossível ou mortal qualquer tentativa de fraude.

Na sua obra: *Pesquisas sobre o Espiritualismo*, Crookes analisa os diversos gêneros de fenômenos observados: movimentos de corpos pesados, execução de árias de música sem o contato humano, escrita direta, aparições de mãos em plena luz, aparições de formas e de figuras, etc. Durante vários meses, o espírito de uma jovem e graciosa mulher, chamada Katie King, apareceu todas as tardes aos olhos dos investigadores, revestindo, por alguns instantes, toda a aparência de um corpo humano, dotado de órgãos e dos sentidos, entretinha-se com o Sr. e a Sra. Crookes e os assistentes, submetendo-se a todas as experiências exigidas, deixando-se tocar, auscultar, fotografar; depois do que, dissipava-se como um ligeiro nevoeiro. Essas curiosas manifestações foram longamente relatadas na obra de Crookes, traduzida para o francês por Alidel.

TESTEMUNHOS CIENTÍFICOS

A *Society for Psychical Researches*, outro grupo de sábios, entrega-se, há trinta anos, a investigações aprofundadas: milhares de casos foram revelados por ela e consignados nos seus *Proceedings*, assim como na obra especial: *Phantasms of the Living*, dos doutores Myers, Gurney e Podmore. Esses explicam os fenômenos pela *telepatia*, ou ação a distância entre seres humanos. Entretanto, é preciso observar que as aparições são quase sempre produzidas no momento da morte e, às vezes, mesmo depois da morte das pessoas das quais reproduziam os traços.

A objetividade, a realidade dos fatos ressalta dos termos mesmos do *Proceedings* e dos testemunhos recolhidos no decorrer da investigação. As aparições impressionaram, em certos casos, os animais;⁹² pelo seu aspecto, cães são tomados de terror, escondem-se ou fogem; cavalos param de repente, tremendo todos seus membros, cobrem-se de suor e se recusam a avançar.

Certas aparições deram lugar a impressões auditivas, táteis tanto quanto visuais. Fala-se de fantasmas⁹³ vistos sucessivamente nos diversos andares de uma mesma casa por diferentes testemunhas. No *Phantasms of the Living*, há frequentemente menção feita a efeitos físicos produzidos pela ação dos fantasmas, tais como barulhos, batidas, portas abertas, objetos transportados, etc.; fala-se ali de voz que prediz acontecimentos.⁹⁴ Aparições foram até fotografadas.⁹⁵

⁹² *Proceedings*, pág. 151. (N.A.)

⁹³ *Proceedings*, pág. 102, 107. (N.A.)

⁹⁴ *Proceedings*, pág. 305; *Phantasms of the Living*, págs. 102, 149. (N.A.)

⁹⁵ *Anais das Ciências Psíquicas*, págs. 356, 361. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

A identidade dos defuntos precisa-se mais ainda nas experiências conseguidas pela mesma sociedade com o concurso dos médiuns Sra Piper e Thomson, que relatamos alhures.⁹⁶

Uma obra magistral foi publicada em 1903, por F. Myers, de Cambridge, sob o título: *Human Personality and its Survival of Bodily Death*. Ela contém uma exposição metódica e substancial dos fatos espíritas de todas as ordens e termina por um esboço de uma síntese filosófica e religiosa, baseada nesses mesmos fatos.

O professor Flournoy, da Universidade de Genebra, entretanto muito céptico nessas matérias, fez ressaltar nos seguintes termos a importância de uma tal obra:

As provas e os raciocínios avançados por Myers em favor dos fenômenos psíquicos supranormais constituem, pelo seu número e peso, um dossiê muito formidável para que se possa, de hoje em diante, ignorá-lo, a menos que se fechem voluntariamente os olhos e seria uma louca tolice pretender ainda descartá-lo em bloco, sob o pretexto falacioso de que esses assuntos não são suscetíveis de serem estudados de uma maneira científica.⁹⁷

Sir Oliver Lodge, reitor da Universidade de Birmingham, exprimiu-se, assim, num discurso pronunciado em 10 de setembro de 1913, como presidente da Associação Britânica das Ciências:

“Embora fale, *ex cathedra*, como um dos representantes da ciência ortodoxa, não me absteria de uma nota pessoal, resumindo o resultado de trinta anos de experiências

⁹⁶ Ver “No Invisível”, *Espiritismo e Mediunidade*, cap. XIX. (N.A.)

⁹⁷ Flournoy, *Arquivos de Psicologia*, nº 7, junho de 1903. (N.A.)

TESTEMUNHOS CIENTÍFICOS

na investigação psíquica, investigação iniciada por mim sem nenhuma predileção por esses estudos e até com a hostilidade habitual...”

“Os fenômenos ocultos, do ponto de vista científico, convenceram-me de que a memória e as afeições não estão limitadas a essa combinação com a matéria pela qual somente elas podem manifestar-se, aqui e agora, e que *a personalidade persiste além da morte corporal.*” (*Anais das Ciências Psíquicas*, junho de 1914.)

Em 22 de novembro, numa conferência feita no Browning Settlement, em Walworth, o mesmo *Sir* Oliver Lodge era mais afirmativo ainda:

“...Continuaremos certamente a existir depois da morte. Digo-o porque sei que alguns dos meus falecidos amigos ainda existem, já que conversei com eles.

“A comunicação é possível; mas só se consegue obedecendo às leis, procurando, primeiro, as condições. Não digo, absolutamente, que isso é fácil, mas é possível. Conversei com meus amigos defuntos exatamente como poderia conversar com uma pessoa qualquer, nessa audiência. Sendo homens de Ciência, esses amigos forneceram a prova de sua identidade, a prova de que eram eles realmente, e não alguma personificação ou qualquer outra coisa emanante de mim mesmo.

“Nós nos ocupamos em publicar algumas de suas provas.

“Digo-lhes com a força da convicção da qual sou capaz, que permanecemos depois da morte, que os defuntos continuam a interessar-se ao que acontece na Terra e que sabem muito mais coisas sobre esse assunto do que nós mesmos...”

(*Anais das Ciências Psíquicas*, janeiro de 1916.)

DEPOIS DA MORTE

Depois, fatos muito pessoais vieram aumentar ainda o número e a importância das provas que *Sir Oliver Lodge* pôde dar em apoio às suas convicções. Seu filho Raymond, engenheiro, que se havia engajado como voluntário, foi morto em Flandres no dia 14 de setembro de 1915, com a idade de vinte e seis anos.

Iniciaram-se comunicações espiritualistas entre o pai e o filho, e foi em consequência dessas comunicações que *Sir Oliver Lodge* acaba de publicar o belo livro: *Raymond, ou a Vida e a Morte*, livro que lança um novo dia sobre os detalhes da vida no outro mundo.

Essa obra, que o pai infelizmente escreveu, não com a pena do erudito, mas com seu coração, provocará, certamente, muitas conversações entre aqueles que, cruelmente atingidos pela guerra atual, sentirão germinar em si esperanças salutares e não poderão admitir que a morte seja um fim e que arraste com ela a eterna separação.

*

* *

O movimento espírita estendeu-se aos países latinos. A Espanha possui em cada uma das suas cidades principais uma sociedade e um jornal de estudos psíquicos. O grupo mais importante é o Centro Barcelones. Uma federação reúne todos os grupos e círculos da Catalunha, em número de cinquenta.

A Itália viu produzirem-se manifestações magníficas em favor do Espiritismo. Debates apaixonados agitaram ali o mundo sábio em consequência das experiências do professor Ercole Chiaïa, de Nápoles, feitas com o auxílio da médium Eusapia Palladino. Esse investigador reproduziu todos os fenômenos notáveis do Espiritismo: transportes, materia-

TESTEMUNHOS CIENTÍFICOS

lizações, levitações, etc.; é preciso acrescentar, aí, moldagens de pés, de mãos, de rostos na parafina derretida, obtidas em recipientes garantidos contra qualquer contato humano.

A publicidade dada a esses fatos provocou uma crítica viva da parte do célebre professor Lombroso, da Universidade de Nápoles. O Sr. Chiaïa, tendo-se oferecido para reproduzi-los na sua presença, várias sessões aconteceram no final de 1891, no apartamento do Sr. Lombroso. Este, assistido pelos professores Tamburini, Virgílio, Bianchi, Vizioli, da Universidade de Nápoles, pôde constatar a realidade dos fatos espíritas, constatação que a seu turno tornou-se pública.⁹⁸

O *Italia del Popolo*, jornal político de Milão, publicava, na data de 18 de novembro de 1892, um suplemento especial que contém processos verbais de dezessete sessões realizadas nessa cidade, na casa do Sr. Finzi, na presença da mesma médium Eusapia Palladino. Esse documento assinado pelos seguintes nomes, que são os de sábios eminentes de diversos países:

Schiaparelli, diretor do Observatório Astronômico de Milão; Aksakof, conselheiro do Estado Russo, diretor do jornal *Psychiske Studien*, de Leipzig; Dr. Carl du Prel, de Munique; Angelo Brofferio, professor de Filosofia; Gérosa, professor de Física da Escola Superior de Portici; Ermacora e G. Finzi, doutores em Física; Charles Richet, professor da Faculdade de Medicina de Paris, diretor da *Revista Científica* (para cinco sessões); Lombroso, professor da Faculdade de Medicina de Turim (para duas sessões).

Esses processos verbais constatam a produção dos seguintes fenômenos, obtidos na penumbra, estando os pés

⁹⁸ Ver *O Fenômeno Espírita, Testemunho dos Sábios*, por Gabriel Delanne. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

e as mãos do médium constantemente seguros por dois dos assistentes:

Transportes sem-contato de diversos objetos, cadeiras, instrumentos de música, etc. Impressões de dedos sobre papel escurecido. Impressões digitais na argila. Aparições de mãos sobre um fundo luminoso. Aparições de luzes fosforescentes. Levantamento do médium sobre a mesa. Deslocamento de cadeiras com as pessoas que as ocupavam. Toques experimentados pelos assistentes. Aparições de mãos humanas e vivas sobre a cabeça do médium. Contato com uma figura humana barbuda. (Esses últimos fatos obtidos à meia-luz.)

Nas suas conclusões, os experimentadores acima nomeados estabelecem que em razão das precauções tomadas nenhuma fraude seria possível. Do conjunto dos fenômenos observados, dizem, separa-se *o triunfo de uma verdade que tornamos, injustamente, impopular*.

Em 1904, o professor Lombroso publicava na *Revista d'Italia*, de Roma, a propósito dos fenômenos psíquicos supranormais, a declaração importante que se vai ler:⁹⁹

Dentre essas manifestações, pode-se citar a levitação, quer dizer, o levantamento do corpo sem nenhum esforço da parte da pessoa que a executa ou que a experimenta; o movimento de objetos inanimados; e, o que é mais singular ainda, as manifestações de seres que possuem uma vontade, uma maneira de pensar, inteiramente extravagante e caprichosa como se fossem homens vivos; às vezes, até a pré-ciência de fatos que devem acontecer. Depois de tê-los negado, antes de tê-los observado, foi-me necessário aceitá-los quando, apesar de mim, as provas mais evidentes, mais palpáveis caíram-me diante dos olhos; não acreditei estar disposto a

⁹⁹ Reproduzida pela *Revista de Estudos Psíquicos*. Paris, março de 1904. (N.A.)

TESTEMUNHOS CIENTÍFICOS

negar esses fatos, porque não chegava a explicá-los. Por outro lado, como as leis das ondas hertzianas explicam, em grande parte, a telepatia, assim como as novas descobertas sobre as propriedades radioativas de alguns metais, sobretudo o rádio, destroem a mais séria objeção que o sábio poderia fazer às misteriosas manifestações espíricas. Essas descobertas nos provam, com efeito, que pode haver não somente manifestações curtas, mas um desenvolvimento perpétuo e enorme de energia, de luz e de calor sem uma perda aparente de matéria.

O professor Milési, da Universidade de Roma, “um dos campeões mais estimados da jovem escola psicológica italiana”, conhecido na França pelas suas conferências da Sorbonne sobre a obra de Auguste Comte, vai mais longe ainda. Assina o processo verbal de sessões às quais assistia e onde se produziram materializações de espíritos, entre outras, as de sua própria irmã, falecida há três anos, em Crémone.⁽¹⁰⁰⁾

Mais recentemente, o mesmo professor Lombroso, dando conta de suas experiências na revista italiana *Arena*, relatava os seguintes fatos:¹⁰¹

“Depois do transporte de um objeto bem pesado, Eusapia, num estado de transe, me diz: “Por que perde seu tempo com essas bagatelas? Sou capaz de fazê-lo ver sua mãe; mas é preciso que pense nela fortemente.”

Levado por essa promessa, depois de uma meia hora de sessão, fui tomado pelo desejo intenso de vê-la cumprir-se e a mesa pareceu dar seu consentimento, com seus movimentos habituais de levantamentos sucessivos, ao meu pensamento íntimo. De repente, numa semiobscuridade de

¹⁰⁰ Ver *Revista de Estudos Psíquicos*, março de 1904. (N.A.)

¹⁰¹ Ver também os *Anais das Ciências Psíquicas*, fevereiro de 1908. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

luz vermelha, vi sair dentre as cortinas uma forma um pouco encurvada, como era a da minha mãe, coberta com um véu, que contornou a mesa para chegar até a mim, murmurando palavras que vários ouviram, mas que minha semissurdez não me permitiu captar.

“Como, sob o impacto de uma viva emoção, suplicava-lhe que as repetisse, ela me disse: *Caesar, fio mio!* O que, confesso, não era sua maneira habitual. Com efeito, sendo veneziana, dizia: *mio fiol*; depois, afastando seus véus, deu-me um beijo.”

...Lombroso lembra, em seguida, as comunicações, escritas ou faladas, em línguas estrangeiras, revelações de fatos desconhecidos tanto do médium quanto dos assistentes, e os fatos de telepatia. E mais adiante:

“Convém juntar que os casos de casas mal-assombradas, nas quais, durante anos, reproduziram-se aparições ou barulhos, que concordam com a narrativa de mortes trágicas e observadas sem a presença do médium, reclamam contra a ação exclusiva desses e em favor da ação dos falecidos.”



O ESPIRITISMO NA FRANÇA

A França não poderia, como a Inglaterra, apontar-nos três acadêmicos espíritas. Os sábios de nosso país, mais talvez, do que em qualquer outro lugar, deram testemunho de indiferença ou de reserva deliberada com relação às manifestações psíquicas. Há, todavia, brilhantes exceções. Assinalemos somente o astrônomo Camille Flammarion, cujo estilo sedutor popularizou a ciência dos mundos. O interesse que dirige às ciências ocultas manifestou-se através de seu discurso, pronunciado sobre o túmulo de Allan Kardec e, desde logo, pela publicação de seu livro: *O Desconhecido e os Problemas Psíquicos*, que relata 187 casos de aparições e fenômenos telepáticos, a maioria com coincidência de morte.

Desde 1887, o Dr. Paul Gibier, aluno de Pasteur e que se tornou diretor do Instituto Antirrábico de Nova York, publicava duas obras: *O Espiritismo ou Faquirismo Ocidental e Análise das Coisas*, nas quais estudava com consciência e afirmava, com coragem, a existência dos fatos espíritas.

DEPOIS DA MORTE

O Dr. Gibier, assistido pelo médium Slade, estudou de uma maneira toda especial, a escrita direta sobre lousa, à qual consagrou trinta e três sessões. Numerosas mensagens, em várias línguas, foram obtidas no interior de lousas duplas, fornecidas pelo experimentador e seladas uma contra a outra.

“Observamos esses fenômenos, escreve,¹⁰² tantas e tantas vezes e sob formas tão variadas que nos permitimos dizer que não poderíamos mais crer em nada do que vemos todos os dias na vida comum, se nos impedissem de nos reportarmos aos nossos sentidos para demonstrar esse caso particular.”

Em 1900, esse mesmo sábio endereçava ao Congresso Internacional Oficial de Psicologia, reunido em Paris, um relatório que contava numerosas materializações de fantasmas, observadas em seu próprio laboratório, em Nova York, na presença de várias testemunhas, notadamente preparadores que o assistiam habitualmente nos seus estudos de Biologia.¹⁰³

Foi sobretudo no mundo das letras e das artes que reencontramos numerosos partidários e defensores dos fenômenos espíritas e das doutrinas afins. Citemos, entre outros escritores que se pronunciaram nesse sentido: Eugène Nus, autor dos *Grandes Mistérios* e de *Coisas do Outro Mundo*; Vacquerie, que expôs seus pareceres sobre esse ponto em *Migalhas de História*; Victor Hugo, Maurice Lachâtre, Théophile Gautier, Victorien Sardou, G. Fauvety, Ch. Lomon, Eugène Bonnemère, Alexandre Hepp, etc.

Quase sempre, foi fora das academias que as experiências espíritas foram tentadas na França, e daí vem, sem dúvida,

¹⁰² *O Espiritismo ou Faquirismo Ocidental*". (N.A.)

¹⁰³ Ver Relatório Oficial do *IV Congresso Internacional de Psicologia*, reproduzido in extenso nos *Anais das Ciências Psíquicas*, fevereiro de 1901. (N.A.)

O ESPIRITISMO NA FRANÇA

a pouca atenção que se lhes tem dado. De 1850 a 1860, as mesas girantes estavam em voga; a admiração era geral, e nenhuma festa, nenhuma reunião íntima terminava sem alguns exercícios desse gênero. Mas, na multidão desses que tomavam parte nessas reuniões e se divertiam com o fenômeno, quantos teriam entrevisto suas consequências do ponto de vista científico e moral, e a importância das soluções que ele trazia à Humanidade? Cansaram-se de fazer perguntas banais aos espíritos. A moda das mesas girantes passou como passam todas as modas e, depois de certo processo retumbante, o Espiritismo caiu em descrédito.

Entretanto, na falta de sábios oficiais, a França possuía um homem que devia ter um papel considerável, universal, no advento do Espiritismo.

Allan Kardec, depois de haver estudado durante dez anos através do método positivo, com uma razão esclarecida e uma paciência infatigável, as experiências feitas em Paris; depois de ter recolhido os testemunhos e informações que lhe vieram de todos os pontos do globo, coordenou esse conjunto de fatos, daí deduzindo os princípios gerais e compondo todo um corpo de doutrina, contido em cinco volumes, cujo sucesso foi tal, que alguns dentre eles ultrapassam sua trigésima edição. São: *O Livro dos Espíritos* (parte filosófica), *O Livro dos Médiuns* (parte científica), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (parte moral), *O Céu e o Inferno Segundo o Espiritismo*, *A Gênese*.

Allan Kardec fundou a *Revista Espírita*, que se tornou o órgão, o traço de união dos espíritos do mundo inteiro, e na qual pode-se acompanhar a evolução lenta, progressiva, dessa revelação moral e científica.

A obra de Allan Kardec é, então, o resumo dos ensinamentos comunicados aos homens pelos espíritos, num número

DEPOIS DA MORTE

considerável de grupos espalhados por todos os pontos da Terra, durante um período de vinte anos.

Essas comunicações nada têm de sobrenatural, já que os espíritos são seres semelhantes a nós, submetidos como nós às leis da Natureza e, como nós, revestidos de um corpo sutil, é verdade, mais etéreo que o corpo carnal e apenas perceptível aos nossos sentidos em condições determinadas.

Allan Kardec, como escritor, mostrou-se de uma clareza perfeita e de uma lógica rigorosa. Todas as suas deduções repousam sobre fatos experimentados, atestados por milhares de testemunhas. Ao seu chamado, a Filosofia desce das alturas abstratas onde reinava, faz-se simples, popular, acessível a todos. Despojada das suas formas envelhecidas, ao alcance das mais humildes inteligências, traz esperança, consolação e luz aos que procuram e aos que sofrem, demonstrando a persistência da vida além-túmulo.

A doutrina de Allan Kardec, nascida — não seria demais repeti-lo, da observação metódica, a experiência rigorosa, não pode tornar-se um sistema definitivo, imutável, fora e acima das futuras conquistas da Ciência. Resultado combinado dos conhecimentos de dois mundos, de duas humanidades penetrando-se uma na outra, mas que são todas duas imperfeitas e todas duas em marcha para a verdade e para o desconhecido, a Doutrina dos espíritos transforma -se, incessantemente, pelo trabalho e o progresso e, embora superior a todos os sistemas, a todas as filosofias do passado, permanece aberta às retificações, aos esclarecimentos do futuro.

Desde a morte de Allan Kardec, o Espiritismo cumpriu uma evolução considerável, assimilando o fruto dos trabalhos de quarenta anos. A descoberta da matéria radiante, dos raios catódicos, as análises sutis dos sábios ingleses e americanos sobre os corpos fluídicos, sobre os envoltórios perispirituais

O ESPIRITISMO NA FRANÇA

ou formas revestidas pelos espíritos, todos esses progressos abriram um novo horizonte ao Espiritismo, que ali lançou-se sem-medo; penetrou, graças aos seus estudos minuciosos, na natureza íntima do mundo fluídico e pode lutar, de agora em diante, com as mesmas armas contra seus adversários, nesse terreno da Ciência que se lhe tornou familiar.

Os Congressos Espíritas, reunidos em Paris, em 1889 e 1900, demonstraram toda a vitalidade de uma doutrina que se acreditava sepultada sob os sarcasmos e a zombaria. Centenas de delegados, vindos de todas as partes do mundo, assistiram às sessões; oitenta revistas e jornais estavam, ali, representados. Homens de grande saber e de alta posição, médicos, magistrados, professores, até homens da igreja, que pertenciam às nações mais diversas, franceses, espanhóis, italianos, belgas, suíços, russos, alemães, suecos, etc., tomaram parte no debate.

Os membros das escolas representadas nesse congresso: espíritas, teósofos, ocultistas, swedenborguianos, numa união perfeita, afirmaram, por unanimidade, os dois princípios seguintes:

1^o – *Persistência do Eu consciente, após a morte;*

2^o – *Relação entre os vivos e os mortos.*¹⁰⁴

Já o Congresso Espírita de 1889, despertando a atenção pública, estimulava o espírito de exame e provocara todo um conjunto de estudos e de experiências científicas. Uma Sociedade de Pesquisas Psíquicas foi fundada, em Paris,

¹⁰⁴ O Congresso Espírita e Espiritualista Internacional de Paris, 1900, afirmou, através de voto unânime, sua crença nos princípios e fatos seguintes: Existência de Deus, Inteligência Suprema, causa primária de todas as coisas. Pluralidade dos mundos habitados. Imortalidade da alma; pluralidade das suas existências corporais sobre a Terra e sobre outros globos do espaço. Demonstração experimental da



DEPOIS DA MORTE

pelo professor Charles Richet, da Academia de Medicina, e o coronel de Rochas, então administrador da Escola Politécnica. Seu primeiro cuidado foi o de abrir um debate sobre os fenômenos de aparição e sobre todos os fatos da Psicologia Experimental, observados na França. Uma revista especial, os *Anais das Ciências Psíquicas*, dirigida pelo doutor Dariex e o professor Richet, aprecia seus trabalhos e os das Sociedades estrangeiras.

Experiências, com o concurso da médium Eusapia Palladino, aconteceram na Ilha Roubaud, na casa do Sr. Charles Richet, em 1894; em Agnélas (Isère), na casa do Sr. de Rochas, em 1895, e deram resultados idênticos aos de Milão, em 1892.

O Congresso Internacional de Psicologia Experimental, acontecido em Londres, em 1892, mostrou quais as modificações profundas que se produziram nesse ponto, em poucos anos, sob o ponto de vista da Ciência.

Nele, o Sr. Charles Richet abordou, francamente, a questão da Nova Psicologia: fenômenos espíritas, telepatia, dupla vista, etc. O eminente professor se pergunta, primeiramente, na sua narrativa:¹⁰⁵

“Existirá essa Psicologia oculta?”

Para nós, responde, a questão não é duvidosa; ela existe; não é possível que tantos homens distintos da Inglaterra, da América, da França, da Alemanha, da Itália, etc., tenham se

sobrevivência da alma humana, através da comunicação mediúmica com os espíritos. Condições felizes ou infelizes da vida humana, em razão das conquistas anteriores da alma, de seus méritos ou de seus deméritos e progressos que ela deve efetuar. Aperfeiçoamento infinito do ser. Solidariedade e fraternidade universais. (N.A.)

¹⁰⁵ Reproduzida pelos *Anais das Ciências Psíquicas*, dezembro de 1892. (N.A.)

O ESPIRITISMO NA FRANÇA

deixado ser, grosseira e pesadamente, enganados. Todas as objeções que lhes foram feitas, foram pesadas e discutidas, nada se conseguiu, opondo-lhes o possível acaso ou a fraude; eles já se tinham precavido, bem antes de que se lhes tivesse reprovado, de maneira que, recuso-me a acreditar que todo seu trabalho tenha sido estéril e que tenham meditado, experimentado, refletido sobre enganosas ilusões.”

Charles Richet lembrou aos membros do Congresso como as academias arrependeram-se muitas vezes de ter negado, à priori, as mais belas descobertas. Conjura-as para não recaírem na mesma falta. Demonstra que resultados poderosos podem decorrer, seja para a Ciência, seja para a Filosofia, do estudo da Nova Psicologia, baseada sobre os fatos.

Num artigo do *Figaro*, de 9 de outubro de 1904, intitulado: “Além da Ciência”, o Sr. Richet, ia ainda mais longe no caminho das afirmações:

“O mundo oculto existe, escrevia. Com o risco de ser visto pelos meus contemporâneos como um insensato, creio que os fantasmas existem.”

Nesses últimos anos, trabalhos notáveis foram publicados, na França, sobre o Espiritismo e as questões conexas pelo coronel de Rochas, o Dr. Geley, o Dr. Dupuy e pelo Sr. Maxwell, advogado geral na Corte de Apelo de Paris.

Um instituto psicológico foi criado em Paris, sob a presidência do falecido Dr. Duclaux, o qual sucedeu ao Sr. d’Arsonval, professor no Colégio de França, para o estudo da telepatia, da sugestão e dos fenômenos da mediunidade. Fundaram-se Sociedades de Estudos Psíquicos em Nancy, Marseille, Nice, Montpellier, Toulouse, etc.

O movimento psíquico estendeu-se, pouco a pouco, e alcançou o país inteiro. E agora, faz-se sentir nos meios

DEPOIS DA MORTE

mais elevados. Alguns representantes da alta Ciência nele compreendem toda a importância, daqui em diante.

O Sr. Boutroux, professor na Faculdade de Letras de Paris, membro do Instituto, escrevia, recentemente:

“Um vasto estudo completo do psiquismo não oferece somente um interesse de curiosidade, mesmo científica, mas interessa ainda muito diretamente à vida e ao destino dos indivíduos e da Humanidade.”¹⁰⁶

O Dr. Duclaux, diretor do Instituto Pasteur, numa conferência feita no Instituto Geral de Psicologia, dizia:

Não sei se são como eu, mas esse mundo povoado de influências que experimentamos sem conhecê-las, invadido por esse *quid divinum* que advinhamos sem deles ter o detalhe, pois bem! Esse mundo do psiquismo é um mundo mais interessante do que aquele no qual, até aqui, confinou-se nosso pensamento. Tentemos abri-lo às nossas pesquisas. Há, nele, imensas descobertas a fazer, de que a Humanidade aproveitará.¹⁰⁷



^{106 e 107} Reproduzido pelo *Le Matin* de 14 de março de 1908. (N.A.)

XXI

O PERISPÍRITO OU CORPO FLUÍDICO

Os materialistas, na sua negação da existência da alma, frequentemente argumentaram sobre a dificuldade de conceber um ser privado de forma. Os próprios espiritualistas não explicavam como a alma, imaterial, imponderável, poderia unir-se, estreitamente, e comandar o corpo material, de natureza essencialmente diferente. Essas dificuldades encontraram sua solução nas experiências do Espiritismo.

Assim como dissemos precedentemente, durante a vida corporal como após a morte, a alma está constantemente revestida de um invólucro fluídico, mais ou menos sutil ou etéreo, que Allan Kardec chamou de *perispírito*, ou corpo espiritual. O perispírito serve de laço entre o corpo e a alma; transmite-lhe as impressões dos sentidos e comunica ao corpo as vontades do espírito. No momento da morte, desprende-se da matéria tangível, abandona o corpo às decomposições do túmulo, mas, inseparável da alma, conserva a forma exterior de sua personalidade.

DEPOIS DA MORTE

O perispírito é, pois, um organismo fluídico; é a forma preexistente e sobrevivente do ser humano, o *substratum* sobre o qual modela-se o envoltório carnal, como uma veste invisível, formada de uma matéria quintessenciada, que atravessa todos os corpos, por mais impenetráveis que nos pareçam.¹⁰⁸

A matéria grosseira, incessantemente renovada pela circulação vital, não é a parte estável e permanente do homem. É o perispírito que assegura a manutenção da estrutura humana e dos traços da fisionomia, e isso, em todas as épocas da vida, do nascimento até a morte. Faz, assim, o papel de um molde compressível e expansível, sobre o qual a matéria terrestre incorpora-se.

Esse corpo fluídico não é, todavia, imutável; depura-se e se enobrece com a alma; segue-a através das suas encarnações incontáveis; sobe com ela os degraus da escada hierárquica, torna-se cada vez mais diáfano e brilhante, para resplandecer, um dia, essa luz da qual falam as Bíblias antigas e os testemunhos da História referentes a algumas aparições.

O perispírito conserva todas as aquisições do ser vivo. É no cérebro desse corpo espiritualizado que os conhecimentos se armazenam e se imprimem em linhas fosforescentes e sobre ele é que se modela e se forma o cérebro da criança, na reencarnação. Assim, o bem intelectual e moral do espírito, longe de se perder, capitaliza-se e se engrandece com suas existências. Daí, as aptidões extraordinárias que trazem, ao nascer, alguns seres precoces, particularmente dotados.

A elevação dos sentimentos, a pureza da vida, os impulsos para o bem e o ideal, as provas e os sofrimentos pa-

¹⁰⁸ A existência desse estado sutil da matéria é demonstrada, cientificamente, pelas experiências de G. Le Bon, Curie, Becquerel, etc., sobre a radioatividade dos corpos. (N.A.)

O PERISPÍRITO OU CORPO FLUÍDICO

cientemente suportados, depuram cada vez mais o perispírito, estendendo, multiplicando as vibrações. Como uma ação química, eles consomem as partículas grosseiras e deixam subsistir apenas as mais sutis, as mais delicadas.

Por um efeito inverso, os apetites materiais, as paixões baixas e vulgares reagem sobre o perispírito, entorpecem-no, tornam-no mais denso e mais obscuro. A atração dos globos inferiores, como a Terra, exerce-se com força sobre esses organismos, que conservam, em parte, as necessidades do corpo e não podem satisfazê-las. As encarnações dos espíritos que estão carregados delas, sucedem-se rapidamente, até que o progresso através do sofrimento venha atenuar suas paixões, subtraí-las às influências terrestres e abrir-lhes o acesso a mundos melhores.

Uma correlação estreita religa os três elementos constitutivos do ser. Quanto mais elevado é o espírito, mais sutil é o perispírito, leve, brilhante, mais o corpo está isento de paixões, moderado nos seus apetites e seus desejos. A nobreza e a dignidade da alma recaem sobre o perispírito, que elas tornam mais harmonioso de formas e mais etéreo; recaem até sobre o próprio corpo; a face, então, ilumina-se com o reflexo de uma flama interior.

É através dos fluidos mais ou menos sutis que o perispírito se comunica com a alma e se religa ao corpo. Esses fluidos, embora invisíveis, são vínculos poderosos que o acorrentam à matéria, do nascimento até a morte, e mesmo, para os sensuais, até a dissolução do organismo. A agonia representa para nós a soma de esforços realizados pelo perispírito para desligar-se dos seus laços carnis.

O fluido vital, do qual o perispírito é a fonte, representa um papel considerável na economia. Sua existência, seu modo de ação podem explicar muitos problemas patológicos.

DEPOIS DA MORTE

Ao mesmo tempo agente de transmissão das sensações externas e impressões íntimas é comparável ao fio telegráfico, que percorre uma corrente dupla.

A existência do perispírito era conhecida dos antigos. Sob os nomes de *ochéma* e de *férouer*, os filósofos gregos e orientais designavam o envoltório da alma, “lúcido, etéreo, perfumado”. Segundo os persas, quando chega a hora da encarnação, o *férouer* atrai e condensa em torno de si as moléculas materiais necessárias à constituição do corpo, depois, ele as restitui aos elementos através da morte, para retomar em outros meios novos envoltórios carnis.

O Cristianismo traz igualmente traços dessa crença. São Paulo, na sua primeira *Epístola aos Coríntios*, exprime-se nesses termos:

“O homem é colocado, na Terra, como um corpo animal e ressuscitará como um corpo espiritual. Assim como há um corpo animal, há um corpo espiritual.”

Embora a existência do perispírito tenha sido afirmada em diversas épocas, cabia ao Espiritismo determinar a natureza e o papel exato. Graças às experiências de Crookes e outros sábios, sabemos que o perispírito é o instrumento com a ajuda do qual efetuam-se todos os fenômenos do magnetismo e do Espiritismo. Esse corpo espiritual é um verdadeiro reservatório de fluidos, que a alma coloca em ação pela vontade. É ele que, no sono comum, como no sono provocado, desliga-se do corpo material, transporta-se a distâncias consideráveis e, na obscuridade das noites como na claridade do dia, vê, observa, ouve coisas que o corpo não poderia conhecer.

O perispírito tem seus sentidos, análogos aos do corpo, mas de uma potência superior. Ele vê através da luz espiritual, diferente da luz dos astros, e que os sentidos materiais

O PERISPÍRITO OU CORPO FLUÍDICO

não podem perceber, embora esteja espalhada em todo o Universo.

A permanência do corpo fluídico, depois como antes da morte, explica também o fenômeno das aparições ou materializações de espíritos. O perispírito, na vida livre do Espaço, possui, virtualmente, todas as forças que constituem o organismo humano, mas não as coloca em ação. Desde que o espírito se encontre nas condições desejadas, quer dizer, desde que possa emprestar ao médium a matéria fluídica e a força vital necessárias, ele as assimila e reveste, pouco a pouco, as aparências da matéria terrestre. A corrente vital nele circula e, sob a ação do fluido emprestado, as moléculas físicas arrumam-se segundo as linhas essenciais do perispírito; o corpo humano se reconstitui e o organismo entra em função.

As fotografias e as moldagens nos mostram que esse corpo reconstituído é idêntico àquele que o espírito animava na Terra. Mas essa vida só pode ser temporária e fugidia, porque é anormal, e os elementos que a produziram, depois de uma curta associação, retornam às suas respectivas fontes.



XXII

OS MÉDIUNS

As faculdades do perispírito, seus meios de percepção e de desprendimento, por mais desenvolvidos que sejam em algumas pessoas, não podem nunca, entretanto, exercer-se na sua plenitude durante o período da encarnação, quer dizer, durante a vida terrestre. O perispírito está, então, estreitamente ligado ao corpo. Prisioneiro nesse envoltório espesso e obscuro, só pode afastar-se por alguns momentos e em condições particulares. Seus recursos permanecem latentes; daí vem a fraqueza da nossa memória, impotente para restabelecer o curso das nossas existências passadas.

Devolvida à vida espiritual, a alma retoma a posse completa de si mesma; o perispírito oculta a plenitude das suas percepções. Ela pode, daí em diante, agir de acordo sobre os fluidos, impressionar os organismos, os cérebros humanos. Aí está o segredo das manifestações espíritas. Um magnetizador exercerá uma ação poderosa sobre seu *sujet*, provocará seu desligamento, interromperá nele a

DEPOIS DA MORTE

vida material. De igual modo, os espíritos ou almas desencarnadas podem, pela vontade, dirigir correntes magnéticas sobre alguns seres humanos, influenciar seus órgãos e, por seu intermédio, comunicar-se com os habitantes da Terra. Esses seres, especialmente aptos, pela delicadeza e pela sensibilidade do seu sistema nervoso, na manifestação dos espíritos, trazem o nome de *médiuns*. Suas aptidões são múltiplas e variadas.

Os médiuns são os sensitivos, os clarividentes, aqueles cuja visão atravessa o nevoeiro opaco que nos esconde os mundos etéreos e que, através de um esclarecimento, chegam a entrever alguma coisa da vida celeste. Há até aqueles que têm a faculdade de ver os espíritos, deles ouvir a revelação das leis superiores.

Somos todos médiuns, é verdade, mas em graus bem diferentes. Muitos o são e o ignoram. Não há homens sobre os quais a influência, boa ou má, dos espíritos, não ajam. Vivemos no meio de uma multidão invisível que assiste, silenciosa, atenta, aos detalhes da nossa existência, participa pelo pensamento dos nossos trabalhos, das nossas alegrias, das nossas dores. Nessa multidão, tomaram lugar a maioria daqueles que reencontramos na Terra, e aos quais seguimos até o campo fúnebre a pobre vestimenta usada. Pais, amigos, indiferentes, inimigos, todos permanecem e são reconduzidos pela atração dos hábitos e das lembranças para os lugares e para os homens que conheceram. Esses seres invisíveis nos influenciam, nos observam, nos inspiram à nossa revelia e, em alguns casos, até, nos obsediam, nos perseguem com seu ódio e com sua vingança.

Todos os escritores conhecem as horas de inspiração, em que seu pensamento ilumina-se com claridades inesperadas, onde as ideias correm como uma torrente sob sua pluma.

OS MÉDIUNS

Qual de nós, nos momentos de tristeza, de abatimento, de desespero, não se sentiu reanimado, reconfortado por uma ação íntima e misteriosa? E os inventores, os pioneiros do progresso, todos aqueles que lutam para engrandecer o domínio e o poder da Humanidade, todos aqueles, não se beneficiaram do socorro invisível que nossos mais velhos sabem lhes trazer nas horas decisivas? Escritores subitamente inspirados, inventores frequentemente esclarecidos, são, igualmente, médiuns intuitivos e inconscientes.

Noutros, a faculdade de se comunicar com os espíritos reveste uma forma mais categórica, mais acentuada. Uns sentem sua mão arrastada por uma força estranha e cobrem o papel com conselhos, avisos, ensinamentos variados. Outros, ricos em fluido vital, veem as mesas agitarem-se sob seus dedos e obtêm, por meio de pancadas através desses móveis, comunicações mais lentas, porém mais precisas e mais próprias para convencer os incrédulos.

Alguns, mergulhados no sono magnético pela influência dos espíritos, abandonam a direção de seus órgãos a esses hóspedes invisíveis, que os usam para conversar com os encarnados, como no tempo de sua vida corporal. Nada mais estranho e mais surpreendente do que ver desfilar sucessivamente, no invólucro frágil e delicado de uma mulher e até de uma moça, as personalidades mais diversas, o espírito de um defunto qualquer, de um sacerdote, de um artesão, de uma criada, revelando-se através das atitudes características, pela linguagem que lhe era familiar, durante sua existência nesse mundo.¹⁰⁹

Com frequência, espíritos conhecidos e amados pelos assistentes vêm afirmar sua presença e sua imortalidade, prodigalizar àqueles que deixaram para trás no caminho árduo da

¹⁰⁹ Ver *No Invisível: Espiritismo e Mediunidade*, 2ª parte. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

vida, as exortações e os encorajamentos, mostrar a todos o alvo supremo. Quem pintará as efusões, os transportes, as lágrimas daqueles, cujo pai, mãe, uma mulher amada vêm, do seio dos Espaços, consolar, reconfortar com sua afeição e seus conselhos?

Alguns médiuns facilitam, com sua presença, o fenômeno das aparições, ou melhor, segundo uma expressão consagrada, materializações de espíritos. Esses espíritos tomam emprestado dos perispíritos desses médiuns uma quantidade suficiente de fluido, assimilam-no pela vontade, condensam seu próprio envoltório até torná-lo visível e, às vezes, tangível.

Alguns médiuns servem também de intermediários aos espíritos para transmitir aos doentes e aos enfermos, eflúvios magnéticos que sustentam e, às vezes, curam esses infelizes. Esta é uma das formas mais belas e mais úteis da mediunidade.

Muitas sensações inexplicadas provêm de uma ação oculta dos espíritos. Por exemplo, os pressentimentos, que nos advertem de uma infelicidade, da perda de um ser amado, são causados pelas correntes fluídicas que os desencarnados projetam em direção àqueles que lhes são caros. O organismo resente esses eflúvios, mas, raramente, o pensamento do homem procura analisá-los. Há, entretanto, no estudo e na prática das faculdades mediúnicas, uma fonte de ensinamentos elevados.

Todavia, ver-se-iam nelas, por engano, privilégios ou favores. Cada um de nós, como dissemos, traz em si os rudimentos de uma mediunidade que se pode desenvolver pelo exercício. A vontade, nisso como em tantas coisas, representa um papel considerável. As aptidões de alguns médiuns célebres explicam-se pela natureza particularmente flexível de seu organismo fluídico, que se presta, admiravelmente, à ação dos espíritos.

Quase todos os grandes missionários, os reformadores, os fundadores de religião eram médiuns poderosos, em co-

OS MÉDIUNS

munhão constante com os invisíveis, dos quais recebiam as inspirações fecundas. Sua vida inteira é um testemunho da existência do mundo dos espíritos e das suas relações com a Humanidade terrestre.

Assim se explicam — pondo de lado os exageros e as lendas — numerosos fatos históricos qualificados como sobrenaturais e maravilhosos. A existência do perispírito e das leis da mediunidade nos indicam com a ajuda de meios que se exerce, através das idades, a ação dos espíritos sobre os homens. A Egéria de Numa, os sonhos de Cipião, os gênios familiares de Sócrates, de Tasso, de Jerônimo Cardan, as vozes de Joana d'Arc, os inspirados dos Cévennes, a vidente de Prévorst, mil outros fatos análogos, considerados à luz do Espiritualismo moderno, perdem, dali em diante, aos olhos do pensador, todo caráter sobrenatural ou misterioso.

Revela-se, todavia, por esses fatos, a grande lei de solidariedade que une a Humanidade terrestre às humanidades do Espaço. Libertados dos laços da carne, os espíritos superiores podem levantar a cortina espessa que lhes escondia as grandes verdades. As leis eternas lhes parecem desprendidas das sombras, cujos sofismas e miseráveis interesses pessoais nos envolvem nesse mundo. Animados por um ardente desejo de cooperar ainda no movimento ascensional dos seres, tornam a descer até nós e põem-se em relação com aqueles humanos, cuja constituição sensitiva e nervosa possibilitam preencher o papel de médium. Por seus ensinamentos e seus salutar avisos, trabalham, com a ajuda desses intermediários, para o progresso moral das sociedades terrestres.

Convém observar, contudo, que de modo geral, os médiuns não compreendem muito, nos nossos dias, a necessidade de uma vida pura e exemplar para entrar em relação com as altas personalidades do Espaço. Na Antiguidade, os

DEPOIS DA MORTE

sujets — das mulheres, de preferência — eram escolhidos desde a infância, com cuidado, nos templos e recintos sagrados, distante de qualquer contato impuro, envolvidos de tudo o que poderia desenvolver-lhes o sentido do belo. Assim eram as vestais romanas, as sibilas gregas, as druidisas da Ilha de Sein. Era através do seu intermédio que se consultavam os deuses ou espíritos superiores, e as respostas eram quase sempre precisas.

Joana d'Arc foi, também, uma médium dessa ordem, recebendo, diretamente, as inspirações celestes. Hoje, essas condições de pureza e de elevação de pensamento são mais difíceis de realizar. Muitos médiuns sofrem influências materiais, até grosseiras e são levados a utilizar suas faculdades num objetivo vulgar. Daí, o caráter inferior de algumas manifestações, a falta de proteção eficaz, a intervenção dos espíritos atrasados.



XXIII

A EVOLUÇÃO ANÍMICA E PERISPIRITUAL

As relações seculares dos homens e dos espíritos, confirmadas, explicadas através das recentes experiências do Espiritismo, demonstram a sobrevivência do ser sob uma forma fluídica mais perfeita.

Essa forma indestrutível, companheira e serva da alma, testemunha de suas lutas e de seus sofrimentos, participa, como vimos, de suas peregrinações, eleva-se e purifica-se com ela. Formado nas regiões inferiores, o ser perispiritual escala lentamente a escada das existências. Primeiramente, não é, senão, um ser rudimentar, um esboço incompleto. Tendo chegado à humanidade, começa a refletir sentimentos mais elevados; o espírito irradia com mais poder, e o perispírito clareia-se com novas luzes. Vidas após vidas, à medida que suas faculdades se ampliam, que as aspirações se depuram, que o campo dos conhecimentos se engrandece, enriquece-se com novos sentidos. Cada vez que uma encarnação termina, como uma borboleta liberta-se de sua crisálida, o corpo

DEPOIS DA MORTE

espiritual desprende-se dos seus andrajos de carne. A alma encontra-se, inteira e livre e, considerando o manto fluídico que a recobre, em seu aspecto esplêndido ou miserável, constata seu próprio estado de progresso.

Assim como o carvalho guarda em si a marca de seus desenvolvimentos anuais, o perispírito também conserva, sob suas aparências presentes, os vestígios das vidas anteriores, estados percorridos sucessivamente. Esses vestígios repousam em nós, muitas vezes esquecidos; mas desde que sejam evocadas, desperta-se a lembrança, reaparecem como outras tantas testemunhas, balizam a estrada longa e penosamente percorrida.

Os espíritos atrasados têm envoltórios espessos, impregnados de fluidos materiais. Sentem, ainda depois da morte, as impressões e as necessidades da vida terrestre. A fome, o frio, a dor subsistem para os mais grosseiros dentre eles. Seu organismo fluídico, obscurecido pelas paixões, só pode vibrar fracamente e suas percepções são, portanto, mais restritas. Eles nada sabem da vida do Espaço. Tudo neles e em torno deles são trevas.

A alma pura, livre das atrações bestiais, transforma seu perispírito e o torna semelhante a si mesma. Quanto mais esse perispírito for sutil, vibrará com mais força, suas sensações se ampliarão. Participa de modos de existência dos quais podemos apenas ter uma ideia. Embriaga-se das alegrias da vida superior, das magníficas harmonias do Infinito. Tal é a tarefa do espírito humano e a sua recompensa: pelos seus longos trabalhos, habituar-se com novos sentidos, de uma delicadeza e de um poder sem-limites; dominar as

A EVOLUÇÃO ANÍMICA E PERISPIRITUAL

suas paixões brutais, fazer do espesso envoltório primitivo uma forma diáfana, resplandecente de luz. Eis a obra determinada para todos e que todos devem perseguir através das etapas inumeráveis, na estrada maravilhosa que os mundos desenvolvem sob seus passos.



XXIV

CONSEQUÊNCIAS FILOSÓFICAS E MORAIS

Os fatos espíritos estão cheios de consequências filosóficas e morais. Trazem a solução, tão clara quanto completa, dos maiores problemas que têm perturbado, através dos séculos, os sábios e pensadores de todos os países: o problema da nossa natureza íntima, tão misteriosa, tão pouco conhecida e o problema dos nossos destinos. A sobrevivência e a imortalidade, até então, simples esperanças, puras intuições da alma, aspirações a um estado melhor ou conceito da razão, são de agora em diante, provadas, assim como a comunhão dos vivos e dos mortos, que é a consequência lógica disso. A dúvida não é mais possível. O homem é imortal. A morte é apenas uma mudança de estado.

Desse fato e do ensino dos espíritos, destaca-se, ainda, a certeza da pluralidade das nossas existências terrestres. A evolução do ser, através de suas vidas de renascimentos, edificando ele próprio seu futuro, construindo pelos seus atos cada dia, tanto no seio da vida inferior, quanto nas hu-

DEPOIS DA MORTE

manidades felizes, a identidade de origem e fins para todos, o aperfeiçoamento gradual, fruto dos trabalhos executados, das provas suportadas, tudo isso nos mostra os princípios eternos da justiça, de ordem, de progresso que reinam nos mundos, regulando o destino das almas, segundo leis sábias, profundas, universais.

O Espiritismo é, pois, ao mesmo tempo, uma filosofia moral e uma ciência positiva. Pode satisfazer, juntos, o coração e a razão. Manifesta-se no mundo, na hora precisa, em que as concepções religiosas do passado oscilam nas suas bases, quando a Humanidade, tendo perdido a fé ingênua dos velhos tempos, corroída pelo ceticismo, erra no vazio e procura, tateando seu caminho. O advento do Espiritismo é, não se enganem, um dos maiores acontecimentos da História do mundo.

Há dezenove séculos, sobre as ruínas do paganismo agonizante, no seio de uma sociedade corrompida, o Cristianismo, pela voz dos mais humildes e mais desprezados, trazia, com moral e fé novas, a revelação de dois princípios, até então, ignorados pelas multidões: a caridade e a fraternidade humana. Da mesma forma, hoje, em face das doutrinas enfraquecidas, petrificadas pelo interesse material, impotentes para esclarecer o espírito humano, uma filosofia racional se ergue, trazendo em si o gérmen de uma transformação social, um meio de regenerar a Humanidade, desembaraçando-a dos elementos de decomposição que a esterilizam e a enlameiam.

Vem oferecer uma base sólida à fé, uma sanção à moral, um estimulante à virtude. Faz do progresso o próprio objetivo da vida e a lei superior do Universo. Põe um fim ao reinado da graça, do arbítrio e da superstição, mostrando na elevação dos seres, o resultado dos seus próprios esforços. Ensinando

CONSEQUÊNCIAS FILOSÓFICAS E MORAIS

que uma igualdade absoluta e uma solidariedade estreita ligam os homens, através de suas vidas coletivas, dá um golpe vigoroso no orgulho e no egoísmo, esses dois monstros que nada, até então, tinham podido dominar ou reduzir.



O ESPIRITISMO E A CIÊNCIA

Os fenômenos do Espiritismo, tão importantes pelos seus resultados científicos e suas conseqüências morais, não foram, entretanto, acolhidos com todo o interesse que mereciam. Assim como o constatamos mais acima, o homem, tão frequentemente enganado, tornou-se cético e desafiador. Todavia, esse acolhimento pode parecer estranho da parte dos sábios, cuja missão consiste em estudar todos os fenômenos, em pesquisar-lhes as causas e as leis. Ele não surpreenderá aqueles que conhecem a natureza humana e se lembram das lições de História.

O novo pavor, pois, derruba caras teorias, velhos sistemas edificados a duras penas; transforma situações adquiridas e vem perturbar muitas quietudes, necessitando das pesquisas e das observações pelas quais não se tem mais gosto.

Os sábios são homens e, como todos os homens, têm suas fraquezas e seus preconceitos. É preciso um verdadeiro heroísmo para acolher com imparcialidade fatos que vêm

DEPOIS DA MORTE

infligir um desmentido aos trabalhos de toda uma existência, abalar uma celebridade, laboriosamente conquistada.

Como todas as grandes descobertas, o Espiritismo devia receber o batismo das humilhações e da prova. Quase todas as ideias novas, particularmente mais fecundas, foram escarnecidas, conspurcadas na sua aparição, rejeitadas como utopias. Durante muito tempo qualificou-se de mentiras e quimeras as invenções do vapor e da eletricidade e, até, o estabelecimento das estradas de ferro. A Academia de Medicina rejeitava, a princípio, a teoria da circulação do sangue, de Harvey, como rejeitaria mais tarde o magnetismo. E enquanto a Academia de Paris declarava que ele não existia, viu-se a Academia de Viena proscrever-lhe o uso como perigoso. Com que ironia os sábios não saudaram, em época recente, as descobertas de Boucher de Perthes, o criador da Antropologia Pré-histórica, Ciência hoje consagrada e que lança luzes tão vivas sobre a origem das sociedades humanas?

Todos aqueles que quiseram libertar a Humanidade da sua ignorância, revelar-lhe o segredo das forças naturais ou das leis morais, todos aqueles viram elevar-se diante de si um calvário e foram embebidos em fel e ultrajes. Galileu foi aprisionado, Giordano Bruno queimado, Watt, Fulton, Papin achincalhados, Salomão de Caus aprisionado entre loucos. Hoje, não se aprisiona e não se queima mais por crime de opinião; mas o sarcasmo e o escárnio são ainda formas de opressão. Para algumas ideias virem à luz, foi necessária uma vitalidade inaudita, apesar da coligação dos corpos sacerdotais e sábios. Mas as ideias, como os homens, crescem na dor. Cedo ou tarde, a verdade triunfa das infalibilidades conjuradas.

Depois de ter evocado essas penosas lembranças e considerado as hesitações sucessivas do pensamento, lembrando-nos da acolhida feita às ideias do passado, às descobertas

O ESPIRITISMO E A CIÊNCIA

que centuplicaram o poder do homem, assegurado seu triunfo sobre a natureza cega; depois de ter traçado de novo as reações do espírito de rotina, erguendo-se contra os inovadores, não estaremos fundamentados para pedir aos detratores do Espiritismo um pouco de reflexão, antes de condenarem sem-exame, não diremos ideias, especulações gratuitas do espírito, mas fatos de observação e de experiência?

Cada passo lembra ao homem seu pouco saber. Nossas conquistas científicas são apenas resumos provisórios, superiores à ciência de nossos pais, mas que substituirão descobertas e novos conhecimentos. O tempo presente não é senão uma etapa na grande viagem da Humanidade, um ponto na história das gerações. A utopia da véspera torna-se a realidade do amanhã. Pode-se vangloriar de se ter contribuído para aumentar a bagagem intelectual do passado; não se deve nunca dizer: o que ignoro ficará sempre oculto. — Comparemos o modesto domínio da Ciência ao infinito das coisas, aos campos sem-limites do desconhecido que nos resta explorar. Essa comparação ensinar-nos-á a sermos mais circunspectos nos nossos julgamentos.



XXVI

PERIGOS DO ESPIRITISMO

Entre os experimentadores do Espiritismo, alguns querendo, com um objetivo de controle, fixar, eles próprios, as condições de produção dos fenômenos, acumular os obstáculos e as exigências, nenhum resultado satisfatório obtiveram, e, desde então, tornaram-se hostis.

Devemos lembrar que as mensagens dos espíritos não poderiam ser assemelhadas às experiências de Física e Química. Estas ainda estão submetidas a regras fixas, fora das quais qualquer resultado é impossível.

Nas manifestações espíritas, encontra-se em presença, não mais de forças cegas, mas de seres inteligentes, dotados de vontade e de liberdade, que, às vezes, leem em nós, discernem nossas intenções malévolas e, se são de uma ordem elevada, pouco se inquietam de se prestarem às nossas fantasias.

O estudo do mundo invisível exige muita sabedoria e perseverança. Somente depois de anos de reflexão e de

DEPOIS DA MORTE

observação é que se adquire a ciência da vida, que se aprende a conhecer os homens, a julgar seu caráter, a prevenir-se contra as armadilhas das quais o mundo está semeado. Mais difícil ainda de se adquirir é o conhecimento da humanidade invisível que nos cerca e plana acima de nós. O espírito desencarnado encontra-se além da morte tal como ele próprio se fez durante sua estada nesse mundo. Não é nem melhor nem pior. Para domar uma paixão, corrigir um defeito, atenuar um vício, é preciso, às vezes, mais de uma existência.

Daí resulta que, na multidão dos espíritos, os caracteres sérios e refletidos são, como na Terra, minoria; os espíritos levianos, apaixonados pelas coisas pueris e vãs, formam numerosas legiões. O mundo invisível é, pois, numa mais vasta escala, a reprodução, a cópia do mundo terrestre. Lá, como aqui, a verdade e a ciência não são a partilha de todos. A superioridade intelectual e moral só se obtém através de um trabalho lento e contínuo, pela acumulação de progressos realizados no decorrer de uma longa série de séculos.

Sabemos, todavia, que esse mundo oculto reage constantemente sobre o mundo corporal. Os mortos influenciam os vivos, guiam-nos, inspiram-nos à sua vontade. Os espíritos se atraem em razão de suas afinidades. Os que se despojaram da vestimenta de carne, assistem os que dela ainda estão revestidos. Eles os estimulam no caminho do bem, mas, frequentemente, também, impelem-nos no do mal.

Os espíritos superiores só se manifestam nos casos em que sua presença pode ser útil e facilitar nossa melhoria. Fogem das reuniões barulhentas e só se dirigem aos homens animados de puras intenções. Nossas regiões obscuras pouco lhes convêm. Desde que possam, voltam para os meios menos carregados de fluidos grosseiros, mas, apesar da distância, não cessam de velar pelos seus protegidos.

PERIGOS DO ESPIRITISMO

Os espíritos inferiores, incapazes de aspirações elevadas, comprazem-se na nossa atmosfera. Envolvem-se na nossa vida e, unicamente preocupados com o que cativava seus pensamentos durante a existência corporal, participam dos prazeres e dos trabalhos dos homens aos quais sentem-se unidos pelas analogias de caráter ou de hábitos. Às vezes, até, dominam e subjagam as pessoas fracas, que não sabem resistir à sua influência. Em alguns casos, seu império torna-se tal, que podem levar suas vítimas até o crime e à loucura. Esses casos de obsessão e de possessão são mais comuns do que se pensa. É neles que se deve buscar a explicação de numerosos fatos relatados pela História.

Haveria perigo de se abandonar, sem-reserva, à experimentação espírita. O homem de coração correto, de mente esclarecida e segura, pode nela recolher consolações infáveis e preciosos ensinamentos. Mas aquele que apenas buscasse nesses fatos um interesse material ou um divertimento frívolo, tornar-se-ia, fatalmente, objeto de mistificações inumeráveis, o brinquedo de espíritos perversos que, elogiando seus pendores, seduzindo-o pelas brilhantes promessas, ganhariam sua confiança, para sobrecarregá-lo, em seguida, com zombarias e decepções.

Uma grande prudência é, então, necessária para se entrar em comunicação com o mundo invisível. O bem e o mal, a verdade e o erro misturam-se e, para distinguir um do outro, é preciso fazer passar todas as revelações, todos os ensinamentos, pelo crivo de um julgamento severo. Só se deve aventurar nesse terreno, passo a passo. Para expulsar as más influências, para afastar a horda de espíritos levianos ou maléficos, basta tornar-se senhor de si, e nunca abdicar do direito de controle e exame, de procurar acima de tudo os meios de se aperfeiçoar no conhecimento das leis superiores e

DEPOIS DA MORTE

na prática das virtudes. Aquele cuja vida é reta e que procura a verdade com um coração sincero, nenhum perigo tem a temer. Os espíritos de luz nele leem, veem suas intenções e o assistem. Os espíritos trapaceiros e mentirosos afastam-se do justo, como uma tropa de partidários diante de uma cidade bem defendida. Os obsessores atacam, de preferência, os homens levianos, que negligenciam as questões morais para buscar, em tudo, seu prazer ou seu interesse.

Quase sempre, laços cuja origem remonta às existências anteriores unem os obsidiados aos seus perseguidores invisíveis. A morte não apaga nossas faltas e não nos livra dos nossos inimigos. Nossas iniquidades recaem sobre nós através dos séculos e aqueles que as sofreram, perseguem-nos com sua vingança e seu ódio, além da tumba. Assim o permite a justiça soberana. Tudo se resgata e se expia. Aquilo que, nos casos de obsessão e de possessão, parece-nos anormal, iníquo, não é, muitas vezes, senão a consequência das espoliações e das infâmias efetuadas no obscuro passado.



XXVII

CHARLATANISMO E VENALIDADE

A perfidia dos Espíritos malévolos não é o único escolho que o Espiritismo encontra na sua estrada; outros perigos ameaçam-no e, esses, vêm dos homens. O charlatanismo e a venalidade, mais temível que a hostilidade mais escarnecida, podem invadir e arruinar as novas doutrinas, como invadiram e arruinaram a maioria das crenças que se sucederam nesse mundo. Produtos espontâneos e mórbidos de um meio corrompido, desenvolvem-se e espalham-se em quase toda a parte. A ignorância da maioria favorece e alimenta essa fonte de abusos. Desde então, inúmeros falsos médiuns, exploradores de todos os graus, procuraram no Espiritismo um meio de fazer dinheiro. O magnetismo, nós o vimos, não está mais ao abrigo desses industriais e, sem dúvida, é preciso ver aí uma das causas que afastaram, durante longo tempo os sábios do estudo dos fenômenos.

Entretanto, deve-se compreender que a existência de produtos falsificados não dá o direito de negar a dos produtos

DEPOIS DA MORTE

naturais. Porque saltimbancos intitulam-se físicos, conclui-se daí que as ciências físicas são indignas de atenção e de exame? A fraude e a mentira são conseqüências inevitáveis da inferioridade das sociedades humanas. Sempre à espreita das ocasiões de enriquecer-se às custas da credulidade, insinuam-se em toda a parte, sujam as melhores causas, comprometem os princípios mais sagrados.

Também inteiramente temível é essa tendência de alguns fazerem comércio com a mediunidade, criando para si uma situação material com a ajuda de faculdades reais, mas com um caráter variável. A produção dos fenômenos sendo devida à ação livre dos espíritos, não se poderia contar com uma intervenção permanente e regular de sua parte. Espíritos elevados não poderiam-se prestar-se a fins interesseiros, e o menos que se pode temer, em caso semelhante, é de cair sob a influência de espíritos frívolos e zombadores. Uma tendência fatal levará o médium remunerado, na ausência de fenômenos reais, a simulá-los.

Introduzir a questão do dinheiro nessa ordem de ideias é amesquinhar o valor moral. O amor pelo ouro corrompe os ensinamentos mais sublimes, e o Catolicismo perdeu sua autoridade sobre muitas almas, desde que os discípulos do Evangelho tornaram-se os discípulos de Pluto.¹¹⁰ Se o Espiritismo se tornasse mercenário, se as consolações que concede não fossem senão um objeto de exploração, sua influência seria bem enfraquecida e o progresso que ele traz para a Humanidade, em vez de ser rápido e geral, só poderia ser muito lento e inteiramente individual.

¹¹⁰ **Pluto:** na mitologia grega, deus das riquezas. (N.T. segundo o *Dicionário Petit Larousse Illustré*.)

CHARLATANISMO E VENALIDADE

A ignorância não é o menor flagelo. Muitos daqueles que buscam e obtêm manifestações, desprovidos de noções exatas, pouco esclarecidos sobre as questões de fluidos, de perispírito, de mediunidade, confundem e desnaturam todas as coisas pelas suas falsas interpretações; lançam, conseqüentemente, um verdadeiro descrédito sobre esses estudos, fazendo crer aos incrédulos que nelas não há senão ilusões e quimeras. Mas a ignorância é difícil de vencer. Os erros e os abusos que engendra têm, frequentemente, mais império que a verdade e a razão. Não há um princípio, uma doutrina que não tenha sido desnaturada, nenhuma verdade que não tenha sido falsificada, obscurecida sem-razão.

Apesar dos preconceitos e da ignorância, apesar das hostilidades conjuradas, o Espiritismo, nascido ontem, já deu passos de gigante. Há cinquenta anos, ele mal balbuciava suas primeiras palavras, e eis que se fez ouvir em todos os pontos do globo; seus adeptos contam-se aos milhões; entre eles encontram-se vários mestres incontestados da Ciência. Tais progressos denotam uma vitalidade sem-precedentes e, diante dos fatos acabados, a indiferença não é mais admissível.

É verdade que, se se examina de perto a situação do Espiritismo, notar-se-á que no seu seio não há somente o gérmen dos abusos que assinalavam mais acima, mas também causas de divisões, rivalidades de opiniões e de grupos. Em vez da união e da harmonia, encontrar-se-á, aí, muito frequentemente, antagonismo e lutas intestinas. Cristo dizia, há dezenove séculos: “Não vim trazer a paz, mas a divisão.” Tem acontecido sempre assim nesse mundo. Ao contato das fraquezas humanas, tudo se torna uma fonte de contendas e de conflitos.

Pode-se deplorar esse estado de coisas, mas consolar-se-á pensando que a despeito das controvérsias e das rivali-

DEPOIS DA MORTE

dades, a ideia-mãe desenvolve-se e prossegue sua marcha. Os homens, instrumentos de um dia, passam; suas paixões, seus interesses, todas essas coisas fugidias e vãs, desaparecem com eles; mas a verdade, centelha divina, que recolheram, transforma-se em foco, cresce, sobe incessantemente e tornando-se astro resplandescente, inundará, um dia, com suas luzes essa Humanidade hesitante e retardada.



XXVIII

UTILIDADE DOS ESTUDOS PSICOLÓGICOS

O caráter essencialmente racional que o Espiritismo revestiu, torna pueris as acusações de empirismo e de sobrenaturalismo com os quais ele é, frequentemente, agraciado.

Não seria demasiado insistir nesse ponto. A realidade das manifestações espíritas repousa, nós o vimos, sobre os testemunhos inegáveis de homens, cuja competência é reconhecida. Sua explicação só veio após pacientes estudos. Devidamente constatados os efeitos, foi necessário buscar-lhe a causa e, se afirmamos tê-la encontrado na intervenção dos espíritos, é que a natureza dos fenômenos não permitiu dar-lhe uma outra explicação plausível. Não se segue daí que esses fenômenos sejam classificados, por isso, no domínio do sobrenatural; nada seria mais contrário ao bom senso. O sobrenatural não existe e não poderia existir. Tudo no Universo é regulado através das leis.

DEPOIS DA MORTE

Demonstrar a existência de um fenômeno, é incluí-lo na ordem permanente das coisas, é submetê-lo à lei natural. No seio desse Universo onde tudo, seres e coisas, se encadeia e se liga numa estreita solidariedade, numa profunda e sublime harmonia, não há mais lugar nem para o sobrenatural, nem para o milagre. Leis tão rigorosas, tão inflexíveis quanto as que governam a matéria, regem o mundo invisível. Para conhecer-lhe o funcionamento admirável, só há um meio: estudar.

Nada mais fecundo, aliás, do que esse estudo do mundo dos espíritos, apesar das dificuldades que ele apresenta. Ele abre ao pensamento mil caminhos inexplorados; ensina-nos a nos conhecer a nós mesmos, a penetrar nas dobras mais íntimas do nosso ser, a analisar nossas sensações, a medir nossas faculdades e, por conseguinte, a melhor regular o exercício. É esta, por excelência, a ciência da vida, da vida da alma, não somente no seu estado terrestre, mas nas suas transformações sucessivas através do tempo e do espaço.

O Espiritualismo Experimental pode tornar-se um meio de conciliação, um traço de união entre esses dois sistemas inimigos: o Espiritualismo Metafísico e o Materialismo que, há tantos séculos, se combatem e se dilaceram, sem resultado. Ele adota os princípios do primeiro, esclarece-lhes e oferece-lhes uma base de certeza; dá satisfação ao segundo, procedendo segundo os métodos científicos, mostrando no perispírito, corpo fluídico semimaterial, a causa de numerosos fenômenos físicos e biológicos. Faz mais: traz à Ciência a síntese filosófica e a concepção moral da qual essa estava desprovida e sem as quais permanecia sem-ação na vida social.

A Ciência, ou melhor, as ciências, aplicam-se, sobretudo, ao estudo parcial e fragmentário da Natureza. Os progressos da Física, da Química, da Zoologia são imensos;

UTILIDADE DOS ESTUDOS PSICOLÓGICOS

os trabalhos realizados, mais dignos de admiração; mas esses trabalhos carecem de elos, de coesão, de unidade. Conhecendo apenas um lado da vida, o lado exterior, o mais grosseiro e, querendo sobre esses dados insuficientes regular o jogo das leis universais, a Ciência atual, seca e fria classificação dos fatos materiais, chega a uma teoria puramente mecânica do mundo, inconciliável com a ideia de justiça, já que, nas suas conseqüências lógicas, chega à conclusão de que, na Natureza, a força reina soberana.

É por isso que a Ciência ficou impotente para exercer uma influência salutar e moralizadora. Privada, até aqui, de qualquer visão de conjunto, não tinha podido fazer jorrar dos seus trabalhos acumulados, essa concepção superior da vida que deve: fixar os destinos do homem, traçar seus deveres e fornecer-lhe um princípio de melhoramento individual e social.

Ora, essa nova concepção, que coordena os conhecimentos particulares, solidariza os elementos esparsos, e essa lei moral indispensável à vida e ao progresso das sociedades, o Espiritismo trá-los à Ciência com a síntese filosófica que deve centuplicar seu poder.

O papel do Espiritismo é grande e suas conseqüências morais são incalculáveis. Ele data apenas de ontem; e, entretanto, quantos tesouros de consolação e de esperança já não espalhou no mundo! Quantos corações entristecidos, frios, não aqueceu, reconfortou! Quantos desesperados detidos à beira do suicídio! Seu ensino, bem compreendido, pode acalmar as aflições mais vivas, dar a todos a força da alma, a coragem na adversidade!

O Espiritismo é, pois, ao mesmo tempo que uma síntese potente das leis físicas e morais do Universo, um meio de regeneração e de adiantamento; infelizmente, poucos-

DEPOIS DA MORTE

simos homens interessam-se ainda pelo seu estudo. A vida da maioria é uma carreira frenética para os bens ilusórios. Apressamo-nos, tememos perder nosso tempo com coisas que consideramos supérfluas; e perdêmo-lo, realmente, prendendo-nos ao que é efêmero. Na sua cegueira, o homem desdenha o que o faria tão feliz quanto se pode ser nesse mundo, quer dizer, fazer o bem e criar em torno de si uma atmosfera de paz, de calma e de serenidade moral.



QUARTA PARTE

O ALÉM

XXIX

O HOMEM, SER PSÍQUICO

O homem, nós o vimos, é um ser complexo. Três elementos nele se combinam para formar uma unidade viva; são eles:

O *corpo*, envoltório material temporário, que abandonamos na morte, como uma vestimenta usada.

O *perispírito*, envoltório fluídico permanente, invisível aos nossos sentidos atuais, que acompanha a alma na sua evolução, com ela melhora-se e se purifica.

A *alma*, princípio inteligente, centro de força, foco da consciência e da personalidade.

Esses três elementos, matéria, fluido, inteligência, estreitamente ligados em nós para constituir a vida encontram-se na base da ordem universal, da qual são as substâncias fundamentais, os termos componentes. Fazem do homem uma redução do Universo, um microcosmo que encerra as mesmas potências e se submete às mesmas leis. Então, poder-se-ia acreditar que o conhecimento perfeito de nosso

DEPOIS DA MORTE

ser nos conduziria, por analogia, à compreensão das leis superiores do Universo; mas o conhecimento absoluto do homem escapa ainda aos pesquisadores.

A alma desprendida do corpo material e revestida do seu envoltório sutil, constitui o espírito, ser fluídico, de forma humana, liberto das necessidades terrestres, invisível e impalpável no seu estado normal. O espírito é apenas um homem desencarnado e cada um de nós torna-se espírito na sua hora. Alternadamente, a morte nos devolve à vida do espaço; depois, o nascimento nos traz para esse mundo material para recomeçar o combate da existência, a luta necessária ao nosso adiantamento. O corpo pode ser comparado à armadura com a qual o cavaleiro se reveste antes da batalha e que abandona quando essa termina.

Sendo a sobrevivência experimentalmente demonstrada pelas manifestações espíritas, resta estabelecer em que condições prossegue a vida da alma após a morte e que situação a espera no Espaço. É o que exporemos nessa parte da nossa obra, inspirando-nos nos trabalhos anteriores e nas inumeráveis comunicações de espíritos que, em todos os pontos do mundo, iniciaram-nos nas alegrias ou nas dores de sua existência de além-túmulo.

Esta explicação não será, portanto, o resultado de uma teoria da imaginação, a consequência de hipóteses mais ou menos plausíveis, mas bem o fruto das instruções dadas pelos espíritos. Graças a eles, a vida futura, até aqui cheia de incertezas e obscuridade para o homem, clareia-se e se torna uma realidade; todos nós podemos ver, através daqueles que nos precederam, as situações respectivas que nos esperam.

O alcance dessa revelação é considerável. Imprime aos nossos atos uma impulsão nova. Nas diversas situa-

O HOMEM, SER PSÍQUICO

ções executadas pelos espíritos, segundo seu valor, vemos a aplicação da lei de justiça. Essa não é mais contestável. Através de impulsos secretos, por uma disposição simples e sublime das coisas, ela regula tudo no Universo; essa certeza, satisfazendo-nos a razão, torna-nos mais suportáveis os males da vida e fortifica-nos a fé no futuro.



XXX

A HORA DERRADEIRA

O que acontece no momento da morte e como o espírito desvencilha-se da sua prisão de carne? Que impressões, que sensações o esperam nesse instante temeroso? É isso que todos temos interesse em conhecer, pois todos faremos essa viagem. A vida pode nos escapar logo amanhã; nenhum de nós escapará da morte.

Ora, o que as religiões e os filósofos nos deixaram todos ignorar, os espíritos vêm, em multidão, nos ensinar. Eles nos dizem que as sensações que precedem e se seguem à morte são infinitamente variadas e dependem sobretudo do caráter, dos méritos, da elevação moral do espírito que deixa a Terra. A separação é quase sempre lenta e o desprendimento da alma opera-se gradualmente. Começa, às vezes, muito tempo antes da morte e só se completa quando os últimos laços fluídicos que unem o corpo ao perispírito são rompidos. A impressão sentida é tanto mais penosa e prolongada, quanto esses laços são mais tenazes e mais numerosos. A alma, causa permanentemente da sensação e da vida, experimenta todas as comoções, todas dilacerações do corpo material.

DEPOIS DA MORTE

Dolorosa, cheia de angústia para uns, a morte é para outros apenas um sono suave seguido de um despertar agradável. O desprendimento é rápido, a passagem fácil, para aquele que cumpriu seus deveres, desvencilhou-se previamente das coisas desse mundo e aspira aos bens espirituais. Há, ao contrário, luta, agonia prolongada no espírito apegado à Terra, que só conheceu os prazeres materiais e negligenciou preparar-se para a partida.

Em todos os casos, entretanto, a separação da alma e do corpo é seguida de um tempo de perturbação, fugitivo para o espírito justo e bom, que desperta, logo, para todos os esplendores da vida celeste; bem longo, ao ponto de abranger anos inteiros, para as almas culpadas, impregnadas de fluidos grosseiros. Entre estas, muitas creem viver a vida corporal muito tempo, depois da morte. O perispírito não é senão um segundo corpo carnal, aos seus olhos, submetido aos mesmos hábitos, às vezes, às mesmas sensações físicas que durante a vida.

Outros espíritos, de ordem inferior, encontram-se mergulhados numa noite escura, num isolamento completo no meio de trevas profundas. A incerteza, o terror pesam sobre eles. Os criminosos são atormentados pela visão medonha e incessante de suas vítimas.

A hora da separação é cruel para o espírito que crê no nada. Agarra-se, com desespero, a essa vida que lhe foge; a dúvida nele se insinua nesse momento supremo; vê um mundo terrível abrir-se como um abismo e gostaria de retardar o instante de sua queda. Daí, uma luta terrível entre a matéria que se escapa e a alma que se aferra em reter esse corpo miserável. Às vezes, ela aí permanece presa até a decomposição completa e sente até, segundo a expressão de um espírito, “os vermes corroerem sua carne”.

A HORA DERRADEIRA

Pacífica, resignada, alegre mesmo, é a morte do justo; é a partida da alma que, tendo muito lutado e sofrido nesse mundo, deixa a Terra, confiante no futuro. Para ela, a morte não é senão a libertação, o fim das provas. Os laços enfraquecidos que a unem à matéria desligam-se suavemente; sua perturbação é apenas um torpor, semelhante ao sono.

Deixando sua morada corporal, o espírito que a dor e o sacrificio purificaram, vê sua existência passada recuar, afastar-se, pouco a pouco, com suas amarguras e suas ilusões, depois, vê dissipar-se como as brumas que na aurora rastejam sobre o solo e desvanecem diante do clarão do dia. O espírito encontra-se, então, na incerteza entre duas sensações, a das coisas materiais que se apagam e a da nova vida que se desenha diante dele. Essa vida, ele já a entrevê, como através de um véu; cheia de um encantamento misterioso, temível e desejada, ao mesmo tempo. Logo, a luz cresce, não mais essa luz solar que nos é conhecida, mas uma luz difusa, espalhada em toda parte. Progressivamente, ela o inunda, penetra-o e, com ela, um sentimento de felicidade, uma mistura de força, de juventude, de serenidade. O espírito mergulha-se nessa onda reparadora. Despoja-se, aí, das suas incertezas e de seus temores. Depois, seu olhar desprende-se da Terra, dos seres chorosos que cercam seu leito mortuário e se volta para as alturas. Entrevê os céus imensos e outros seres amados, amigos de antigamente, mais jovens, mais vivos, mais bellos, que vêm recebê-lo, guiá-lo no seio dos Espaços. Com eles, lança-se e sobe até as regiões etéreas que seu grau de depuração permite-lhe atingir. Lá, sua perturbação termina, faculdades novas nele despertam, seu destino feliz começa.

A entrada na outra vida causa impressões tão variadas quanto a situação moral dos espíritos. Aqueles — e o número é grande — cuja existência se desenvolve indecisa,

DEPOIS DA MORTE

sem-faltas graves nem méritos notáveis, encontram-se mergulhados, primeiro, num estado de torpor, num abatimento profundo; depois um choque vem sacudir seu ser. O espírito sai lentamente do seu invólucro: recupera sua liberdade, mas hesitando, tímido, não ousa usá-la ainda e permanece preso pelo temor e o hábito aos lugares onde viveu. Continua a sofrer e a chorar com aqueles que partilharam da sua vida. O tempo corre para ele sem que o perceba; com o tempo, outros espíritos o assistem com seus conselhos, ajudam-no a dissipar sua perturbação, a libertar-se das últimas correntes terrestres e a elevar-se para meios menos obscuros.

Em geral, o desprendimento da alma é menos penoso em consequência de uma longa doença, tendo esta por efeito desatar, pouco a pouco, os laços carnis. As mortes súbitas, violentas, que sobrevêm quando a vida orgânica está na sua plenitude, produzem uma dilaceração dolorosa sobre a alma, lançando-a numa perturbação prolongada. Os suicidas são presas dessas sensações horríveis. Eles experimentam, durante anos, as angústias da hora derradeira e reconhecem, com pavor, que apenas trocaram seus sofrimentos terrestres por outros mais vivos ainda.

O conhecimento do futuro espiritual, o estudo das leis que presidem à desencarnação são de grande importância para a preparação para a morte. Eles podem atenuar nossos derradeiros instantes e tornar nosso desprendimento fácil, permitindo-nos reconhecer-nos mais rápido no mundo novo que nos é franqueado.



XXXI

O JULGAMENTO

Uma lei, tão simples em seu princípio quanto admirável em seus efeitos, preside a classificação das almas no Espaço.

Quanto mais sutis e rarefeitas forem as moléculas constituintes do perispírito, mais a desencarnação será rápida e mais amplos os horizontes abertos ao espírito. Em razão até da sua natureza fluídica e das suas afinidades, eleva-se em direção aos grupos espirituais que lhe são similares. Seu grau de depuração determina seu nível e o classifica no meio que lhe convém. Comparou-se, com alguma justeza, a situação dos espíritos nos céus à dos balões cheios de gás de densidades diferentes que, em razão de seu peso específico, subiriam a alturas variadas. É preciso apressar-se e acrescentar que o espírito é dotado de liberdade, que ele não está imobilizado num ponto, que pode, dentro de certos limites, deslocar-se e percorrer as regiões etéreas. Pode sempre modificar suas tendências, transformar-se pelo trabalho e pela prova e, por conseguinte, elevar-se à vontade na escala dos seres.

DEPOIS DA MORTE

É, pois, uma lei natural, análoga às leis de atração e de gravidade, que fixa a sorte das almas depois da morte. O espírito impuro, entorpecido pelos seus fluidos materiais, permanece confinado nas camadas inferiores da atmosfera terrestre, enquanto que a alma virtuosa, com envoltório depurado e sutil, lança-se alegre, rápida como o pensamento e plana no azul infinito.

É também em si mesmo, na sua própria consciência, que o espírito encontra sua recompensa ou seu castigo. Ele é seu próprio juiz. Tendo caído a vestimenta de carne, a luz penetra-o, sua alma surge nua, deixando nela ver o quadro vivo de seus atos, de suas vontades, de seus desejos. Instante solene, exame cheio de angústia e frequente de desilusão. As lembranças despertam em massa; e a vida inteira desenrola-se, com seu cortejo de falhas, de fraquezas e misérias. Da infância até a morte, tudo, pensamentos, palavras, ações, tudo sai da sombra, reaparece à luz do dia, anima-se e revive. O ser contempla-se a si mesmo, revê uma a uma, através dos tempos, suas existências dissipadas, suas quedas, suas ascensões, suas estações inumeráveis. Ele conta as etapas vencidas, mede o caminho percorrido, compara o bem e o mal realizados.

Do fundo do passado obscuro surgem, a seu apelo, como outros tantos fantasmas, as formas que sua alma revestiu nas suas vidas sucessivas. Numa visão surpreendente, abarca as longas perspectivas das idades decorridas; evoca as cenas sanguinolentas, apaixonadas, dolorosas, as dedicações e os crimes; aí reconhece a causa dos progressos efetuados, expiações suportadas, a razão da sua situação presente. Vê a correlação que reúne suas vidas passadas como os anéis de uma longa corrente que se desenrola através dos séculos. Para ele, o passado explica o presente e, este, deixa prever o futuro.

O JULGAMENTO

Aí está para o espírito uma hora de verdadeira tortura moral. A evocação do passado traz-lhe a sentença temível, o julgamento da sua própria consciência, espécie de julgamento de Deus. Por mais pungente que seja, esse exame é necessário, pois pode ser o ponto de partida de resoluções salutares e de reabilitação.

O grau de depuração do espírito e a situação que ocupa no Espaço representam a soma de seus progressos e dão a medida de seu valor. É a sentença infalível, que fixa sua sorte sem-apelo. Harmonia profunda! Simplicidade maravilhosa que as instituições humanas não poderiam reproduzir: o princípio de afinidade regula tudo nos céus, e designa para cada um o seu lugar. Nem julgamento, nem tribunal, nada senão a lei imutável, executando-se por si mesma, pelo jogo natural das forças espirituais e segundo o emprego que delas faz a alma livre e responsável.

Assim como explicaremos mais adiante, todo pensamento tem uma forma e essa forma, criada pela vontade, fotografa-se em nós como um espelho onde as imagens gravam-se por si mesmas. Nosso envoltório fluídico reflete e guarda como um registro todos os fatos da nossa existência. Esse registro está fechado durante a vida. A carne é a espessa capa que nos oculta o conteúdo; mas, por ocasião da morte, ele se abre, lentamente, e suas páginas exibem-se aos nossos olhos.

O espírito desencarnado traz, pois, em si, visível para todos, seu céu ou seu inferno. A prova irrecusável de sua elevação ou de seu rebaixamento está inscrita no seu corpo fluídico. Testemunhas benévolas ou terríveis, nossas obras, nossos planos, justificam-nos ou acusam-nos, sem que nada possa fazer calar suas vozes. Daí, o suplício do mau, que acreditava estarem profundamente escondidos seus maus

DEPOIS DA MORTE

desejos, seus atos culpáveis e que os vê aparecem aos olhos de todos; daí, seus remorsos quando diante dele, repassam os anos ociosos e estéreis, as horas entregues à libertinagem ou ao crime, assim como as vítimas em prantos, sacrificadas aos seus instintos brutais. Daí também, a felicidade do espírito elevado que soube vencer suas paixões e consagrar sua vida a ajudar e consolar seus irmãos.

Para se distrair dos seus cuidados, das suas preocupações morais, o homem tem o trabalho, o estudo, o sono. O espírito não tem mais esses recursos. Desligado dos laços corporais, encontra-se, incessantemente, diante do quadro fiel e vivo do seu passado. Assim, os amargores e pesares contínuos que daí decorrem, na maioria dos casos, logo despertam em si o desejo de retomar um corpo carnal, para combater, sofrer e resgatar esse passado acusador.



XXXII

A VONTADE E OS FLUIDOS

Os ensinamentos que temos dos espíritos, sobre sua situação depois da morte, fazem-nos melhor compreender as regras segundo as quais o corpo fluídico transforma-se e a alma progride.

Assim como indicamos mais acima,¹¹¹ a mesma força que leva o ser a desenvolver seus órgãos materiais, incita-o, através de uma ação análoga e paralela, a aperfeiçoar suas faculdades, a criar novos meios de ação apropriados ao seu estado fluídico, intelectual e moral.

O envoltório fluídico do ser depura-se, ilumina-se ou se obscurece, de acordo com a natureza refinada ou grosseira dos pensamentos que nele se refletem. Todo ato, todo pensamento tem sua repercussão e grava-se no perispírito. Daí, consequências inevitáveis para a situação do próprio espírito. Este exerce uma ação contínua sobre seu envoltório. Pela vontade, é sempre senhor para modificar-lhe o estado.

¹¹¹ Ver cap. XXIII. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

A vontade é a faculdade soberana da alma, a força espiritual por excelência. É a essência mesmo da personalidade. Seu poder sobre os fluidos é ilimitado e aumenta com a elevação do espírito. No meio terrestre, seus efeitos sobre a matéria são limitados, porque o homem se ignora e não sabe utilizar as potências que nele dormem; mas nos mundos mais adiantados, o ser humano, que aprendeu a querer, comanda a Natureza inteira, dirige à sua maneira os fluidos materiais, produz fenômenos, metamorfoses que parecem prodígios. No espaço e nos mundos, a matéria apresenta-se sob estados fluídicos cujas recentes descobertas sobre a radioatividade dos corpos podem, sozinhas, dar-nos apenas uma ideia. Assim como na Terra, certas combinações químicas produzem-se, unicamente, sob a influência da luz, assim também, nesses meios, os fluidos só se unem e se ligam por um ato da vontade dos seres superiores.

A ação da vontade sobre a matéria entrou, entretanto, no domínio da experiência científica, graças aos estudos seguidos por numerosos fisiologistas, sob os nomes de hipnotismo e de sugestão mental. Viram-se experimentadores, por um ato direto da sua vontade, fazerem aparecer chagas, estigmas sobre o corpo de alguns indivíduos, fazerem daí correr o sangue e os humores, e curá-los, em seguida, por uma volição contrária. Assim, a vontade humana destrói e repara ao seu bel-prazer os tecidos vivos; pode ainda comunicar às substâncias materiais propriedades novas, ao ponto de provocar a embriaguez com simples água, etc. Age até sobre os fluidos e cria objetos, corpos, que os hipnotizados veem, sentem, tocam, que têm para eles uma existência positiva e obedecem todas as leis da ótica. É esse o resultado das pesquisas e dos trabalhos dos doutores Charcot, Dumontpallier, Liébault, Bernheim, dos professores Liégeois, Delboeuf, etc. dos quais pode-se ler o relatório em todas as revistas médicas.

A VONTADE E OS FLUIDOS

Ora, se a vontade exerce uma tal influência sobre a matéria bruta e sobre os fluidos rudimentares, compreender-se-á tanto melhor seu império sobre o perispírito e os progressos ou as desordens que determina, segundo a natureza de sua ação, tanto no decorrer da vida quanto depois da desencarnação.

Qualquer ato da vontade, dissemos, reveste uma forma, uma aparência fluídica e grava-se no envoltório perispirítico. Torna-se evidente que, se esses atos são inspirados pelas paixões materiais, sua forma será material e grosseira. O perispírito, impregnado, saturado dessas formas, dessas imagens, materializa-se ao seu contato, adensa-se cada vez mais. As mesmas causas reproduzindo-se, os mesmos efeitos acumulam-se, a condensação acelera-se, as percepções enfraquecem-se, as vibrações diminuem de poder e de extensão.

Por ocasião da morte, o espírito encontra-se envolto em fluidos opacos e pesados, que não deixam mais passar as impressões do mundo exterior e tornam-se, para a alma, uma prisão e um túmulo.

Eis o castigo preparado pelo próprio espírito; essa situação é obra sua; só cessa quando aspirações mais elevadas, o arrependimento, a vontade de melhorar-se, devolvem-lhe a liberdade.

Com efeito, se as paixões brutais, sensuais, perturbam e obscurecem o organismo fluídico, num sentido oposto, os pensamentos generosos, as nobres ações, afinam e dilatam os fluidos perispirituais. Sabemos que certas propriedades da natureza aumentam com seu grau de pureza. As experiências de Crookes demonstraram que a rarefação dos átomos leva-os ao estado radiante. A matéria, nesse aspecto sutil, inflama-se, torna-se luminosa, imponderável. O mesmo acontece com a substância perispiritual, que é um grau ainda mais quintessenciado da matéria. Rarefazendo-se, ganha em flexibilidade,

DEPOIS DA MORTE

em sensibilidade; seu poder de radiação, sua energia vibratória aumentam outro tanto e permitem escapar às atrações terrestres. O espírito entra, então, na posse de sentidos novos, com a ajuda dos quais poderá penetrar nos meios mais puros, comunicar-se com seres mais etéreos. Essas faculdades, esses sentidos, que franqueiam o acesso às regiões felizes, qualquer alma humana pode conquistá-los, desenvolvê-los, pois todas possuem deles os germens imperecíveis. Nossas vidas sucessivas, cheias de labores e de esforços, não têm outro objetivo senão fazê-los eclodir em nós.

Essa evolução paralela da matéria e do espírito, através da qual o ser conquista seus órgãos e suas faculdades, constrói-se e aumenta sem cessar, mostra-nos, ainda, a solidariedade que religa as forças universais, o mundo das almas e o mundo dos corpos. Mostra-nos, sobretudo, que riquezas, que recursos profundos o ser pode criar para si através de um uso metódico e perseverante da vontade. Esta torna-se a força suprema; é a própria alma, exercendo seu império sobre as potências inferiores.

O emprego que damos à nossa vontade, sozinho, regula nosso adiantamento, prepara nosso futuro, fortifica-nos ou debilita-nos. Não há nem acaso nem fatalidade. Há leis. Utilizar, governar umas, observar outras, eis o segredo de toda grandeza e de toda elevação. Os resultados produzidos em torno de nós pela vontade já perturbam a imaginação das pessoas comuns e provocam a admiração dos sábios. Tudo isso, entretanto, é pouca coisa ao lado dos efeitos obtidos nos meios superiores, onde, ao comando do espírito, todas as forças se combinam e entram em ação. E se, nessa ordem de ideias, elevássemos mais alto nossa atenção, não chegaríamos, por analogia, a entrever como a vontade divina, agindo sobre a matéria cósmica, pode formar os sóis, traçar as órbitas dos mundos, criar os universos?

A VONTADE E OS FLUIDOS

Sim, a vontade exercida no sentido do bem e conforme às leis eternas pode realizar grandes coisas. Pode, também, muito para o mal. Nossos maus pensamentos, nossos desejos impuros, nossas ações culpáveis corrompem os fluidos que nos rodeiam e o contato desses vai provocar mal-estar e produzir impressões desagradáveis naqueles que de nós se aproximam, pois todo organismo sofre a influência dos fluidos ambientes. De igual modo, sentimentos generosos, pensamentos de amor, de calorosas exortações, vão penetrar os seres que nos cercam, sustentá-los, vivificá-los. Assim se explicam o império exercido sobre as multidões pelos grandes missionários e as almas de elite e a influência contrária dos maus, que podemos sempre conjurar, é verdade, por uma resistência enérgica da nossa vontade.

Um conhecimento mais preciso das potências da alma e de sua aplicação deverá modificar inteiramente nossas tendências e nossos comportamentos. Sabendo que os fatos e os gestos de nossa vida inscrevem-se em nós, testemunham a favor ou contra nós, enviaremos a cada um deles uma atenção mais escrupulosa. Aplicar-nos-emos, desde agora, a desenvolver nossos recursos latentes, a agir através de seus meios sobre os fluidos espalhados no Espaço, de maneira a depurá-los, a transformá-los para o bem de todos, a criar em torno de nós uma atmosfera límpida e pura, inacessível aos eflúvios viciados. O espírito que não age, que se deixa levar pelas influências materiais, fica fraco, inapto para perceber as sensações delicadas da vida espiritual. Encontra-se numa inércia completa depois da morte e os campos do espaço não oferecem aos seus sentidos velados senão a obscuridade e o vazio. O espírito ativo, preocupado em exercer suas faculdades através de um uso constante, adquire forças novas; sua visão abraça horizontes mais vastos, o círculo das suas relações alarga-se, gradualmente.

DEPOIS DA MORTE

O pensamento, utilizado como uma força magnética, poderia reparar muitas desordens, atenuar muitos males. Procedendo através de volições contínuas, projetando resoluto e frequentemente nossa vontade para os seres infelizes, os doentes, os perversos, os extraviados, poderíamos consolar, convencer, sustentar, curar. Através desse exercício, obter-se-ia não somente resultados inesperados para o melhoramento da espécie, mas dar-se-ia ao pensamento uma acuidade, uma força de penetração incalculáveis.

Graças a uma combinação íntima dos bons fluidos, hauridos no reservatório sem-limites da Natureza e com a assistência dos espíritos invisíveis, pode-se restabelecer a saúde comprometida, devolver a esperança e a energia aos desesperados. Pode-se mesmo, por um impulso regular, perseverante da vontade, agir a distância sobre os incrédulos, os cépticos, os maus, abalar sua obstinação, atenuar seu ódio, fazer penetrar um raio de verdade no entendimento dos mais hostis. Eis uma forma ignorada da sugestão mental, dessa potência temível da qual servimo-nos a torto e a direito e que, utilizada no sentido do bem, transformaria o estado moral das sociedades.

A vontade, exercendo-se fluidicamente, desafia qualquer fiscalização, qualquer inquisição. Opera na sombra e no silêncio, franqueia todos os obstáculos, penetra em todos os meios; mas, para fazê-la produzir todos seus efeitos, é preciso uma ação enérgica, poderosos impulsos, uma paciência que nada cansa. Assim como a gota d'água cava lentamente a pedra mais dura, um pensamento incessante e generoso acaba por insinuar-se no espírito mais refratário.

Se a vontade isolada pode muito para o bem geral, o que não se poderia esperar de uma associação de pensamentos elevados, de um agrupamento de todas as vontades

A VONTADE E OS FLUIDOS

livres? As forças intelectuais, hoje divergentes, esterilizam-se e anulam-se reciprocamente. Daí, vêm a perturbação e a incoerência das ideias modernas; mas desde que o espírito humano, reconhecendo seu poder, agrupe as vontades esparsas num feixe comum para fazê-los convergir para o Bem, o Belo, o Verdadeiro, nesse dia, a Humanidade avançará audaciosamente para os cumes eternos e a face do mundo será renovada.



XXXIII

A VIDA NO ESPAÇO

Segundo algumas doutrinas religiosas, a Terra é o centro do Universo e o céu arredonda-se como abóbada acima de nós. É na sua parte superior, dizem, que se assenta a morada dos bem-aventurados, e o inferno, habitação dos réprobos, prolonga suas sombrias galerias nas entranhas do próprio globo.

A Ciência moderna, de acordo com o ensino dos espíritos, mostrando-nos o Universo semeado de inumeráveis mundos habitados, trouxe um golpe mortal a essas teorias. O céu está em toda parte; em toda parte o incomensurável, o insondável, o infinito; em toda parte um formigamento de sóis e de esferas, dentre os quais nossa Terra é apenas ínfima unidade.

No meio dos Espaços, não há mais moradas circunscritas para as almas. Tanto mais livres são quanto mais puras, percorrem a imensidão e vão onde as levam suas afinidades e suas simpatias. Os espíritos inferiores, entorpecidos

DEPOIS DA MORTE

pela densidade de seus fluidos, ficam como que pregados ao mundo onde viveram, circulando na sua atmosfera ou misturando-se aos humanos.

As alegrias e as percepções do espírito não resultam do meio que ocupa, mas do seu estudo pessoal e dos progressos realizados. O espírito atrasado, com perispírito opaco e envolto em sombras, pode encontrar-se com a alma radiosa, cuja forma sutil presta-se às sensações mais delicadas, às vibrações mais extensas. Cada um traz em si sua glória ou sua miséria.

A condição dos espíritos na vida de além-túmulo, sua elevação, sua felicidade, tudo depende da sua faculdade de sentir e de perceber, que é proporcional ao seu grau de adiantamento.

Aqui mesmo, na Terra, vemos os gozos intelectuais aumentarem com a cultura intelectual. As obras literárias e artísticas, as belezas da civilização, as mais altas concepções do gênio humano permanecem incompreensíveis para o homem selvagem e mesmo para muitos de nossos concidadãos. Assim, os espíritos de ordem inferior, como cegos no meio da Natureza ensolarada, ou surdos num concerto, ficam indiferentes e insensíveis diante das maravilhas do infinito.

Esses espíritos, envolvidos em fluidos espessos, submetem-se às leis da gravidade e são atraídos para a matéria. Sob a influência de seus apetites grosseiros, as moléculas de seus corpos fluídicos fecham-se às percepções exteriores e os tornam escravos das mesmas forças naturais que governam a Humanidade. Não se deveria insistir muito nesse fato que é o fundamento da ordem e da justiça universais: as almas agrupam-se e se dispõem no espaço segundo o grau de pureza de seu invólucro; o lugar que ocupa está em relação direta com sua constituição fluídica, que é sua própria obra, a resultante de

A VIDA NO ESPAÇO

seu passado e de todos os seus trabalhos. Ela é que determina sua situação; é nela que se encontra sua recompensa ou sua dor. Enquanto que a alma depurada percorre a vasta e radio-sa amplidão, demora-se à vontade nos mundos e quase não vê limites para o seu progresso, o espírito impuro não pode afastar-se da vizinhança dos mundos materiais.

Entre esses estados extremos, numerosos graus intermediários permitem aos espíritos semelhantes agruparem-se e constituírem verdadeiras sociedades celestes. A comunhão de pensamentos e de sentimentos, a identidade dos gostos, das visões, das aspirações aproximam e unem essas almas que formam grandes famílias.

A vida do espírito evoluído é essencialmente ativa, embora sem-fadigas. As distâncias não existem para ele. Transporta-se com a rapidez do pensamento. Seu envoltório, semelhante a um vapor tênue, adquiriu uma tal sutileza que se torna invisível aos espíritos inferiores. Ele vê, ouve, sente, percebe, não mais através dos órgãos materiais que se interpõem entre a Natureza e nós e interceptam a passagem da maior parte das sensações, mas, diretamente, sem-intermediário, através de todas as partes de seu ser. Suas percepções são, também, mais precisas e em maior número do que as nossas. O espírito elevado nada, de alguma maneira, no meio de um oceano de sensações deliciosas. Quadros que mudam, desenrolam-se à sua vista, harmonias suaves embalam-no e encantam-no. Para ele, as cores são perfumes, os perfumes são sons. Mas, por mais delicadas que possam ser suas impressões, pode delas subtrair-se e recolher-se à vontade, envolvendo-se com um véu fluídico, isolando-se no seio dos Espaços.

O espírito evoluído está liberto de todas as necessidades corporais. A alimentação e o sono não têm para ele

DEPOIS DA MORTE

nenhuma razão de ser. Partindo da Terra, deixa para sempre os cuidados vãos, os sobressaltos, todas as quimeras que envenenam a existência nesse mundo. Os espíritos inferiores levam consigo, além-túmulo, seus hábitos, suas necessidades, suas preocupações materiais. Não podendo elevar-se acima da atmosfera terrestre, voltam para participar da vida dos humanos, misturar-se às suas lutas, seus trabalhos, seus prazeres. Suas paixões, seus apetites, sempre despertos, superexcitados pelo contato contínuo com a Humanidade, acabrunham-nos e a impossibilidade de satisfazê-los torna-se para eles uma causa de tortura.

Os espíritos não têm necessidade da palavra para se compreenderem. Cada pensamento, refletindo-se no perispírito como uma imagem num espelho, trocam suas ideias sem-esforço, com uma rapidez vertiginosa. O espírito elevado pode ler no cérebro do homem e desvendar seus mais secretos planos. Nada lhe fica oculto. Perscruta todos os mistérios da Natureza e pode explorar, à sua vontade, as entranhas do globo, o fundo dos oceanos, neles considerar as ruínas das civilizações desaparecidas. Atravessa os corpos mais densos e vê abrir-se diante de si os domínios impenetráveis do pensamento humano.



XXXIV

A ERRATICIDADE

Enquanto as almas libertas das influências terrestres constituem-se em grupos simpáticos, nos quais todos os membros se amam, se compreendem, vivem numa igualdade perfeita e em profunda felicidade, os espíritos que não puderam vencer suas paixões levam uma vida errante, nômade, que sem ser uma causa de sofrimentos, deixa-os incertos, inquietos. Eis o que se chama erraticidade, e essa é a condição da maioria dos espíritos que viveram na Terra, espíritos nem bons, nem maus, mas fracos e inclinados às coisas materiais.

Encontram-se na erraticidade multidões imensas, sempre à procura de um estado melhor, que lhes foge. Espíritos inumeráveis aí flutuam, indecisos entre o justo e o injusto, a verdade e o erro, a sombra e a luz. Outros estão mergulhados no isolamento, na obscuridade, na tristeza ou vão recolhendo, daqui e dali, um pouco de benevolência e simpatia.

A ignorância, o egoísmo, os defeitos de todo tipo reinam ainda na erraticidade e a matéria aí exerce sempre

DEPOIS DA MORTE

sua influência. O bem e o mal acotovelam-se. É, de alguma forma, o vestibulo dos Espaços luminosos, dos mundos melhores. Todos por ali passam, todos permanecem, mas para elevarem-se mais alto.

O ensino dos espíritos sobre a vida de além-túmulo mostra-nos que não há lugar para a contemplação estéril nem para a beatitude ociosa. Todas as regiões do Universo estão povoadas de espíritos laboriosos. Em toda a parte multidões de almas sobem, descem, agitam-se no meio da luz ou nas regiões de trevas. Num ponto, auditórios reúnem-se em assembleia para receber as instruções de espíritos elevados. Mais adiante, formam-se grupos para festejar a chegada de um recém-vindo. Além, outros espíritos combinam os fluidos, emprestam-lhes mil formas, mil tonalidades mescladas e maravilhosas, preparam-nos para os usos sutis que os gênios superiores lhes destinam.

Outras multidões, multidões sombrias, perturbadas que influem, inconscientemente, sobre os elementos atmosféricos, apressam-se em torno dos globos e os seguem nas suas revoluções. Espíritos luminosos, mais rápidos que o relâmpago varam essas massas, levando socorro, consolações aos encarnados que as imploram. Cada um cumpre seu papel e concorre na grande obra, na medida do seu mérito e do seu adiantamento. O Universo inteiro evolui. Como os mundos, os espíritos prosseguem sua jornada eterna, arrasados para um estado superior, entregues a ocupações diversas. Progressos a realizar, ciência a adquirir, dor a mitigar, remorsos a acalmar, amor dos humanos, expiação, devotamento, sacrifício, todas essas forças, todos esses móveis os estimulam, os aguilhoam, os precipitam nos seus caminhos. Nessa imensidão reinam, incessantemente, o movimento e

A ERRATICIDADE

a vida. Tudo se transforma, cresce, eleva-se. A imobilidade, a inação, é o retrocesso, é a morte. Sob o impulso da grande lei, seres e mundos, almas e sóis, tudo gravita e se move na órbita gigantesca traçada pela vontade divina.



XXXV

A VIDA SUPERIOR

Quando a alma virtuosa, depois de ter vencido as paixões, abandona seu corpo miserável, instrumento de dor e de glória, passa rapidamente através da imensidão e vai juntar-se às suas irmãs do Espaço. Levada por uma força irresistível, percorre regiões onde tudo é harmonia e esplendor. O que aí vê, a linguagem humana é muito pobre para exprimi-la. Mas, acima de tudo, que alívio, que deliciosa alegria, a de sentir romper a corrente que a prendia à Terra, de poder abarcar a imensidão, mergulhar no vazio sem-limites, planar além da órbita dos mundos! Não mais corpo enfermo, sofredor, que pesa como uma chapa de chumbo; não mais fardo material para arrastar penosamente. Liberto desses laços, irradia, embriaga-se de espaço e de liberdade. A fealdade terrestre, a velhice decrépita e enrugada deram lugar a um corpo fluídico de formas graciosas, — forma humana idealizada, que se tornou diáfana e brilhante.

DEPOIS DA MORTE

A alma reencontrou aqueles que amava na Terra e que a precederam na nova vida, os eleitos da sua ternura, seus companheiros de labor e de prova. Pareciam esperá-la como no término de uma longa viagem. Comunica-se livremente com eles. Suas expansões são plenas de uma felicidade que avivam ainda as tristes lembranças da Terra e a comparação da hora presente com o passado cheio de lágrimas. Outros espíritos, que perdera de vista durante sua última encarnação, mas que se tinham tornado seus afeiçoados por provas suportadas em comum no decorrer das idades, vêm juntar-se aos primeiros. Todos aqueles que partilharam dos seus bons e maus dias, todos aqueles que, com ela, cresceram, lutaram, choraram, sofreram, apressam-se para recebê-la e, sua memória, despertando-se repentinamente, resulta em explosões de felicidade, efusões que a pena não saberia descrever.

Como resumir as impressões do espírito na vida radiosa que se abre diante de si? A vestimenta grosseira, o pesado manto que recobria seus sentidos íntimos, despedaçando-se, subitamente, tornam centuplicadas suas percepções. Sem-limites, sem-horizontes limitados. O Infinito profundo, luminoso, desdobra-se com suas maravilhas resplandecentes, com seus milhões de sóis, focos multicores, safiras, esmeraldas, joias enormes semeadas no azul, e seus suntuosos cortejos de esferas. Esses sóis, que aparecem aos homens como simples centelhas, o espírito as contempla na sua real e colossal grandeza; ele os vê maiores do que aquele que ilumina nosso ínfimo planeta; reconhece a força de atração que os religa e distingue, nas longínquas profundezas, os astros formidáveis que presidem às suas evoluções. Todas essas tochas gigantes-cas, ele as vê em movimento, gravitar, prosseguir seu curso vagabundo, entrecruzarem-se como globos de fogo lançados no vazio através da mão de um invisível jogador.

A VIDA SUPERIOR

Nós, a quem os rumores perturbam incessantemente, os murmúrios confusos da raça humana, não podemos conceber a calma solene, o majestoso silêncio dos espaços, que enche a alma com um sentimento augusto, um assombro que chega às raias do pavor. Todavia, o espírito bom e puro é inacessível ao pavor. Esse infinito, silencioso e frio para os espíritos inferiores, anima-se logo para ele e faz ouvir sua voz poderosa. A alma desembaraçada da matéria percebe, pouco a pouco, as vibrações melodiosas do éter, as delicadas harmonias descendidas das colônias celestes; ouve o ritmo imponente das esferas. Esse canto dos mundos, essas vozes do Infinito, que ecoam no silêncio, saboreia-as e deixa-se invadir até o arrebatamento. Recolhida, embriagada, cheia de um sentimento grave e religioso, de uma admiração que não pode se cansar, banha-se nas ondas do éter, contempla as profundezas siderais, as legiões de espíritos, sombras flexíveis, ligeiras, que aí flutuam e se agitam em véus de luz. Assiste à gênese dos mundos; vê a vida despertar, crescer na sua superfície; segue o desenvolvimento das humanidades que os povoam e, nesse espetáculo, constata que em todos os lugares a atividade, o movimento, a vida unem-se à ordem no Universo.

Qualquer que seja seu estado de adiantamento, o espírito que acaba de deixar a Terra não poderia aspirar a viver indefinidamente dessa vida superior. Sujeito à reencarnação, essa vida é para ele apenas um tempo de repouso, uma compensação devida aos males suportados, uma recompensa oferecida aos seus méritos. Aí, se retempera e se fortifica para as lutas futuras. Mas, no futuro que o aguarda, não encontrará mais as angústias e os cuidados da vida terrestre. O espírito elevado é chamado a renascer em mundos mais bem dotados que o nosso. A escala grandiosa dos mundos

DEPOIS DA MORTE

comporta inumeráveis graus, dispostos para a ascensão das almas; cada uma delas escala-os, por sua vez.

Nas esferas superiores à Terra, a matéria tem menos império. Os males que engendra atenuam-se à medida que o ser progride e terminam por desaparecer. Aí, o homem não se arrasta penosamente sobre o solo, acobardado sob a atmosfera pesada; desloca-se com facilidade. As necessidades corporais aí são quase nulas, e os rudes trabalhos, desconhecidos. A existência, mais longa que a nossa, desenrola-se no estudo, na participação nas obras de uma civilização aperfeiçoada, que tem por base a moral mais pura, o respeito aos direitos de todos, a amizade e a fraternidade. Os horrores da guerra, as epidemias, os flagelos não acontecem mais e os interesses grosseiros, causa de cobiças nesse mundo, não dividem mais os espíritos.

Esses dados sobre as condições de habitabilidade dos mundos são confirmados pela Ciência. Por meio da espectroscopia, ela chegou a analisar seus elementos constitutivos, a calcular seu poder de atração, a pesar sua massa. A Astronomia mostra-nos as estações variando de duração e de intensidade segundo a inclinação dos mundos na sua órbita. Ensina-nos que Saturno tem a densidade da madeira do bordo, Júpiter quase a da água. Sobre Marte, diz-nos, o peso dos corpos é menos da metade do que na Terra. Ora, a organização dos seres vivos, sendo a resultante das forças em ação sobre cada mundo, vemos que variedades de formas decorrem desses fatos, que diferenças podem se produzir nas manifestações da vida sobre inumeráveis terras do Espaço.

Chegará, enfim, o dia em que o espírito, depois de ter percorrido o ciclo de suas existências planetárias, depois de se ter purificado, através de seus renascimentos e suas migrações através dos mundos, verá fechar-se a série de suas

A VIDA SUPERIOR

encarnações e abrir-se a vida espiritual, definitiva, a verdadeira vida da alma, de onde o mal, a sombra e o erro estão banidos. Aí, dissipam-se as últimas influências materiais. A calma, a serenidade, a segurança profunda substituíram os desgostos, as inquietudes de outrora. A alma chegou ao termo de suas provas; está segura de não sofrer mais. Com que emoção rememora os fatos de sua vida, esparsos na sucessão dos tempos, sua longa ascensão, a lenta conquista de seus méritos! Que ensinamento nessa marcha ininterrupta, no decorrer da qual constitui-se e afirma-se a unidade de sua natureza, de sua personalidade imortal!

Da recordação dos longínquos alarmes, dos cuidados, das dores, reporta-se às felicidades do presente e saboreia-as com prazer. Que embriaguez a de sentir-se viver entre os espíritos esclarecidos, pacientes e afáveis; de unir-se a eles através de laços de afeição que nada pode perturbar; de partilhar de suas aspirações, suas ocupações, seus gostos; de se saber compreendido, sustentado, amado, liberto das necessidades e da morte, de sentir-se jovem, de uma juventude que os séculos não podem mais marcar! Depois, estudar, admirar, glorificar a obra infinita, penetrar mais profundamente nos mistérios divinos; reconhecer em toda parte a justiça, a beleza, a bondade celestes, identificar-se com elas, saciar-se, nutrir-se; seguir os gênios superiores em sua tarefa, nas suas missões; compreender que nos igualaremos, que nos elevaremos ainda mais alto, que sempre, sempre, novas alegrias, novos trabalhos, novos progressos nos aguardam: tal é a vida eterna, magnífica, transbordante, a vida do espírito purificado pelo sofrimento.

*
* *

DEPOIS DA MORTE

Os céus elevados são a pátria da beleza ideal e perfeita na qual todas as artes se inspiram. Os espíritos superiores possuem, em grau eminente, o sentido do belo. Ele é a fonte de seus mais puros gozos e todos sabem realizá-lo em obras, ao lado das quais as obras de arte da Terra empalidecem. Cada vez que uma nova manifestação do gênio se produz no nosso mundo, cada vez que a arte se revela sob uma forma aperfeiçoada, pode-se crer que um espírito, descido das altas esferas, encarnou na Terra para iniciar os homens nos esplendores da eterna beleza. Para a alma superior, a arte, sob seus múltiplos aspectos, é uma prece, uma homenagem prestada ao Princípio Eterno.

O espírito, sendo ele próprio fluídico, age sobre os fluidos do Espaço. Sua vontade poderosa combina-os, dispõe-os à sua maneira, empresta-lhes cores e as formas que respondem ao seu objetivo. Através desses fluidos executam-se obras que desafiam qualquer comparação e qualquer análise.

Nas moradas etéreas desdobram-se festas espirituais. Os espíritos puros, resplandecentes de luz, aí se agrupam por famílias. Suaves harmonias, junto às quais as harmonias da Terra não são senão ruídos discordantes, maravilham-nos e, como moldura, têm o Espaço infinito, o espetáculo maravilhoso dos mundos que rolam no Espaço e que unem suas notas às vozes celestes, ao hino universal que sobe para Deus.

Todos esses espíritos, em multidão inumerável, se conhecem, se querem. Os laços, as afeições que os uniam na vida material, quebrados pela morte, se reconstituíram para sempre. Eles vêm, de diversos pontos do Espaço e dos mundos superiores, comunicar o resultado de suas missões, de seus trabalhos, felicitar-se pelos seus sucessos, entretajudarem-se nas obras difíceis. Nenhum pensamento dissimulado, nenhum sentimento de ciúme insinua-se nessas almas delicadas.

A VIDA SUPERIOR

O amor, a confiança, a sinceridade presidem a essas reuniões onde são recolhidas as instruções dos mensageiros divinos, onde são aceitas novas tarefas que contribuem para elevar mais ainda. Uns consentem em velar pelo progresso e desenvolvimento das nações e dos globos; outros encarnam nas terras do espaço, para ali cumprir missões de devotamento, para instruir os homens na moral e na Ciência; outros ainda, os espíritos guias ou protetores, ligam-se a alguma alma encarnada, sustentam-na no áspero caminho da existência, conduzem-na do nascimento à morte, durante várias vidas sucessivas, acolhendo-a no final de cada uma delas, no limiar do mundo invisível. Em todos os degraus da hierarquia espiritual, o espírito tem seu papel na obra imensa do progresso e concorre na realização das leis superiores.

E, quanto mais o espírito se purifica, mais ardente nele se torna a necessidade de amar, de atrair para sua luz e sua felicidade, para a morada onde a dor é desconhecida, todo aquele que sofre, todo aquele que luta e se agita nos submundos da existência imortal. Quando um desses espíritos adota um desses irmãos inferiores, torna-se seu protetor; com que solicitude afetuosa sustenta seus passos, com que alegria vê seus progressos, com que amargura constata as quedas que não pôde prevenir! Assim como a criança, saída do berço, tenta seus primeiros passos sob o olhar terno de sua mãe, assim o espírito assistido se ensaia nos combates da vida sob a égide invisível de seu guia espiritual.

Todos nós temos um desses gênios tutelares, que nos inspira e nos dirige nas horas difíceis. Daí, a poética lenda cristã do anjo guardião. Não há pensamento mais doce e mais consolador. Saber que um amigo fiel alcançou-nos, sempre disposto a nos socorrer, de perto como de longe, a nos influenciar a grandes distâncias, como a manter-se perto de nós

DEPOIS DA MORTE

na prova, aconselhando-nos através da intuição, aquecendo-nos com seu amor, eis a fonte inapreciável de força moral. A ideia de que testemunhas benfeitoras e invisíveis veem todas as nossas ações, entristecem-se ou rejubilam-se, é bem feita também para nos inspirar mais sabedoria e circunspecção.

É através dessa proteção oculta que se fortificam os laços de solidariedade que unem o mundo celeste à Terra, o espírito livre ao homem, espírito aprisionado na carne. Através dessa assistência contínua criam-se, de parte a parte, as simpatias profundas, as amizades duráveis e desinteressadas. O amor que anima o espírito elevado estende-se aos poucos a todos os seres, reportando-se incessantemente a Deus, pai das almas, foco de todas as potências afetivas.

*

* *

Falamos de hierarquia. Há, com efeito, uma hierarquia dos espíritos, mas as qualidades adquiridas pelo trabalho e o sofrimento são a única base e a razão de ser desta. Sabemos que todos os espíritos são iguais em princípio, diferentes somente do ponto de vista do adiantamento e destinados aos mesmos fins. Os degraus da hierarquia espiritual começam no meio da vida inferior e se prolongam em direção às alturas inacessíveis às nossas concepções atuais. É um escalonamento inexprimível de potências, de luzes, de virtudes, que crescem da base ao topo — se houvesse um topo. — É a espiral do progresso, que se desenrola até o Infinito.

Três grandes fases dividem-na: vida material, vida espiritual, vida celeste, refletindo-se, reagindo uma sobre a outra e formando um todo que constitui o campo de evolução dos seres, a escada de Jacó da lenda. Sobre essa escada imensa, todos os seres estão unidos por laços invisíveis. Cada qual é

A VIDA SUPERIOR

sustentado, atraído por um espírito mais elevado que ele. As almas superiores que se manifestam aos humanos parecem-nos dotadas de qualidades sublimes, e, entretanto, elas afirmam a existência de seres postos tão acima delas quanto estão acima de nós. Os inúmeros degraus se sucedem e se perdem nas profundezas cheias de mistério.

A superioridade do espírito se reconhece pela sua vestimenta fluídica. É como um envoltório tecido com as qualidades e os méritos adquiridos na sucessão das suas existências. Pálido e sombrio para a alma inferior, sua brancura aumenta à proporção dos progressos realizados e torna-se cada vez mais pura. Brilhante já no espírito elevado, dá às almas superiores um brilho ao qual não se pode resistir.

Todo espírito é um foco de luz, de uma luz velada durante tempos, comprimida, invisível, que se desenvolve com o valor moral, cresce lentamente, aumenta de extensão e de intensidade. Primeiro, é como um fogo escondido sob a cinza e que se revela pelas fracas centelhas, depois, através de uma chama tímida, vacilante. Um dia, torna-se auréola, depois ativa-se, estende-se, abrasa o espírito inteiramente, que resplandece como um Sol, ou como astros errantes que percorrem os abismos celestes deixando atrás de si um rastro luminoso. Para obter esse grau de esplendor, é necessário um conjunto de trabalhos, de obras fecundas, uma acumulação de existências que, para nós humanos, pareceria a eternidade.

Elevando-se mais alto, para os cimos que o pensamento não pode avaliar sem-fraqueza, não chegaremos a entrever pela intuição o que é Deus, alma do Universo, centro prodigioso de luz? A visão direta de Deus, dizem-nos, só é sustentável pelos maiores espíritos. A luz divina exprime a glória, o poder, a majestade do Eterno; é a visão da própria verdade. Mas poucas almas podem contemplá-la sem-véus.

DEPOIS DA MORTE

Para suportar sua luz, é necessário desfrutar de uma pureza absoluta.

A vida terrestre suspende as propriedades radiantes do espírito. Durante seu curso, a luz da alma está escondida sob a carne, semelhante a uma tocha que queima solitária no fundo de um sepulcro. Todavia, podemos constatar sua existência em nós. Nossas boas ações, nossos impulsos generosos a entretêm e a avivam. Uma multidão inteira pode ressentir o calor comunicativo de uma alma entusiasta. Nos nossos momentos de expansão, de caridade, de amor, sentimos em nós mesmos como uma chama, como um raio emanar de nosso ser. É essa luz interior que faz os oradores, os heróis, os apóstolos. É ela que arrasta os auditórios, entusiasma os povos, faz-lhes realizar grandes coisas. As forças espirituais revelam-se, então, aos olhos de todos e mostram o que se pode obter das potências psíquicas, postas em ação pela paixão do bem e do justo. A força da alma é superior a todas as potências materiais. Poderia soerguer um mundo. E essa força é a luz.

*

* *

Tentamos dar uma ideia do que é a vida celeste definitiva, conformando-nos ao ensino dos espíritos. É o objetivo para o qual evoluem todas as almas, o meio onde todos os sonhos de felicidade se realizam, onde as nobres aspirações são satisfeitas, onde as esperanças frustradas, as afeições reprimidas, os impulsos comprimidos pela vida material dissipam-se em liberdade. Lá, as simpatias, as ternuras, as puras atrações reúnem-se, unem-se e fundem-se num imenso amor, que abarca todos os seres e os faz viver numa comunhão perpétua, no seio da grande harmonia.

A VIDA SUPERIOR

Contudo, para atingir essas alturas quase divinas, é preciso ter abandonado, sobre as escarpas que para aí conduzem, os apetites, as paixões, os desejos; é preciso ter sido dilacerado pelos sofrimentos, purificado pela água descida das geleiras. É preciso ter conquistado a doçura, a resignação, a fé, aprendido a sofrer sem murmurar, a chorar em silêncio, a desdenhar os bens e as alegrias efêmeras do mundo, a colocar todo seu coração nos bens que não passam jamais. É preciso ter deixado nas sepulturas terrestres muitos despojos deformados pela dor, ter experimentado muitas privações, suportado, sem se lastimar, a humilhação, o desprezo, sentido o efeito prejudicial do mal, o peso do isolamento e da tristeza. É preciso ter esvaziado muitas vezes o cálice profundo e amargo, pois só o sofrimento, desenvolvendo as forças viris da alma, tempera-a para a luta e a ascensão, depura-a, amadurece-a, eleva-a, abre-lhe as portas da vida bem-aventurada.

Espírito imortal, espírito encarnado ou livre, se quer percorrer rapidamente a cadeia magnífica dos mundos, ganhar as regiões etéreas, lance para longe de si tudo o que entorpece e entrava seu voo. Retorne à Terra tudo o que vem da Terra e não aspire senão aos tesouros eternos; trabalhe, ore, console, sustente, ame, oh! ame até a imolação! Cumpra o seu dever, mesmo ao preço do sacrifício e da morte! Assim, semeará o germen da sua felicidade vindoura.



XXXVI

OS ESPÍRITOS INFERIORES

O espírito puro traz, em si, sua luz e sua felicidade, que o seguem por toda parte, e fazem parte integrante de seu ser. Assim também, o espírito culpado arrasta consigo sua noite, seu castigo, seu opróbio. Os sofrimentos das almas perversas, por não serem materiais, não são menos vivos. O inferno é apenas um lugar quimérico, um produto da imaginação, um espantalho talvez necessário para enganar povos infantis, mas que nada tem de real. Muito diferente é o ensino dos espíritos com relação aos tormentos da vida futura: não há hipótese em parte alguma.

Esses sofrimentos, com efeito, aqueles mesmos que os experimentam nos vêm descrevê-lo, como outros vêm nos retratar seu arrebatamento. Eles não são impostos por uma vontade arbitrária. Nenhuma sentença é pronunciada. O espírito sofre as consequências naturais de seus atos, que recaindo sobre ele, glorificam-no ou acabrunham-no. O ser

DEPOIS DA MORTE

sofre na vida de além-túmulo, não somente pelo mal que fez, mas também pela sua inação e pela sua fraqueza. Numa palavra, essa vida é obra sua; tal qual configurou com suas próprias mãos. O sofrimento é inerente ao estado de imperfeição; atenua-se com o progresso; desaparece quando o espírito vence a matéria.

O castigo do espírito mau prossegue, não somente na vida espiritual, mas também nas encarnações sucessivas que o arrastam aos mundos inferiores, onde a existência é precária, onde a dor reina soberana. Tais são os mundos que poderiam ser qualificados de inferno. A Terra, em certos pontos de vista, deve ser classificada entre eles. Em torno desses mundos, prisões de forçados que rolam na imensidão, flutuam as sombrias legiões dos espíritos imperfeitos, aguardando a hora da reencarnação.

Vimos como é penosa, prolongada, cheia de perturbação e de angústia, a fase de desprendimento corporal para o espírito entregue às paixões. A ilusão da vida terrestre nele prossegue durante anos. Incapaz de levar em conta seu estado e de romper os elos que o acorrentaram, não tendo jamais elevado sua inteligência e seu coração além do círculo estreito de sua existência, continua a viver como o fazia, antes da morte, escravizado aos seus hábitos, aos seus pendores, indignando-se porque seus próximos parecem não mais vê-lo nem ouvi-lo, vagando, triste, sem-objetivo, sem-esperança, nos lugares que lhe são familiares. São essas *almas penadas* cuja presença suspeitou-se, durante muito tempo em algumas moradias, e cuja realidade é estabelecida, cada dia, através de numerosas e ruidosas manifestações.

A situação do espírito, depois da morte resulta unicamente das aspirações e dos gostos que em si desenvolveu. É sempre a inexorável lei da sementeira e da colheita. Aquele

OS ESPÍRITOS INFERIORES

que depositou todas as suas alegrias, toda sua felicidade nas coisas desse mundo, nos bens da Terra, sofre cruelmente desde que se encontre disso privado. Cada paixão traz sua punição em si mesma. O espírito que não soube libertar-se dos apetites grosseiros, dos desejos brutais, torna-se seu juguete, seu escravo. Seu suplício é ser atormentado por eles, sem poder satisfazê-los.

Pungente é a desolação do avaro que vê dispersar-se o ouro e os bens acumulados pelos seus desvelos. A esses permanece preso, apesar de tudo, atormentado por uma terrível ansiedade, entregue a transportes de fúria indescritível.

Digna, também, de piedade é a situação dos poderosos orgulhosos, daqueles que abusaram de sua fortuna e de seus títulos, pensando apenas na glória e no bem-estar, desprezando os pequenos, oprimindo os fracos. Para eles, não há mais aduladores servis, servidores diligentes, nem moradas, nem roupas suntuosas. Despojados de tudo o que fazia sua grandeza terrestre, a solidão e a nudez os aguardam no Espaço.

Mais assustadora ainda é a condição dos espíritos cruéis e rapaces, criminosos de toda espécie, daqueles que fizeram correr o sangue, ou esmagaram sob os pés, a justiça. As lamentações, as maldições de suas vítimas ressoam aos seus ouvidos durante um tempo que lhes parece a eternidade. Sombras irônicas e ameaçadoras os envolvem, os perseguem sem-descanso. Não há para eles refúgio profundo demais, escondido demais, e é em vão que procuram o repouso e o esquecimento. A entrada num caminho escuro, a miséria, o rebaixamento, a escravidão podem somente atenuar seus males.

Nada se iguala à vergonha, ao terror da alma que vê erguer-se diante de si, incessantemente, existências culposas, cenas de assassinios e de espoliação; sente-se desnudada, desvendada pela luz que faz reviver seus atos mais secretos. A

DEPOIS DA MORTE

recordação, esse ardente agulhão, queima-a e rasga-a. Quando se conhece esse sofrimento, compreende-se e abençoa-se a providência divina, que nos poupa durante a vida terrestre e nos dá, assim, com a calma do espírito, uma maior liberdade de ação para trabalhar pelo nosso aperfeiçoamento.

Os egoístas, os homens exclusivamente preocupados com seus prazeres e seus interesses, preparam-se, assim, para um penoso futuro. Não tendo amado senão a si próprios, não tendo ajudado, consolado, sustentado a ninguém, não encontram, por sua vez, nem simpatia, nem socorro nessa nova vida. Isolados, abandonados, veem passar o tempo, monótono e lento. Um morno tédio os abraça. A nostalgia das horas perdidas, da existência desperdiçada, o ódio pelos interesses miseráveis que os absorviam, tudo isso os corrói, os devora. Sofrem, erram, até que um pensamento caridoso venha até eles e brilhe na sua noite como um raio de esperança, até que, pelos conselhos de um espírito benfeitor e esclarecido, rompam através da sua vontade a rede fluidica que os encerra e se decidem a entrar num caminho melhor.

A situação dos suicidas tem muita analogia com a dos criminosos; é, às vezes, pior ainda. O suicídio é uma covardia, um crime, e suas consequências são terríveis.

Segundo as expressões de um espírito, o suicida *não foge do sofrimento senão para encontrar a tortura*. Cada um de nós tem deveres, uma missão a cumprir na Terra, provas a suportar pelo seu próprio bem e sua elevação. Procurar subtrair-se, libertar-se dos males terrestres antes do termo marcado, é violar a lei natural, e cada violação dessa lei traz para o culpado uma reação violenta.

O suicídio não liberta os sofrimentos físicos. O espírito fica ligado a esse corpo carnal que esperava destruir; experimenta, lentamente, todas as fases da decomposição

OS ESPÍRITOS INFERIORES

e as sensações dolorosas nele se multiplicam, ao invés de diminuir. Longe de abreviar sua prova, prolonga-a indefinidamente; seu mal-estar e sua perturbação persistem, longo tempo, depois da destruição do envoltório material. Ser-lhe-á necessário afrontar de novo as provas das quais acreditava escapar através da morte e que seu passado fizera gerar. Deverá suportá-las em piores condições, refazer, passo a passo, o caminho semeado de obstáculos e experimentar, por isso, uma encarnação mais penosa ainda do que aquela da qual quis fugir.

Os sofrimentos dos supliciados, depois da sua execução, são apavorantes, e as descrições que alguns assassinos célebres fazem poderiam emocionar os corações mais duros, mostrando à justiça humana os tristes efeitos da pena de morte. A maioria desses infelizes são tomados de uma superexcitação aguda, de sensações atrozes que os tornam furiosos. O horror dos seus crimes, os olhares de suas vítimas, que parecem persegui-los e trespassá-los como uma espada, alucinações e sonhos medonhos, tal é o destino que os aguarda. A maioria, para encontrar um derivativo para seus males, lança-se sobre os encarnados com tendências semelhantes e os empurram para o caminho do crime. Outros, devorados pelos remorsos, como por uma chama inextinguível, procuram, sem trégua, um refúgio que não encontram. Sob seus passos, em torno deles, por toda parte, creem ver cadáveres, figuras ameaçadoras e mares de sangue.

Os espíritos maus, sobre os quais caem vigorosamente o peso de suas faltas, estão na impossibilidade de prever o futuro. Nada sabem das leis superiores. Os fluidos com os quais estão envolvidos impedem qualquer relação com os espíritos elevados, que gostariam de arrancá-los de seus pendores, mas não o podem, em razão da natureza grosseira,

DEPOIS DA MORTE

quase material, desses espíritos e do campo restrito de suas percepções. Resulta, daí, uma ignorância completa de sua sorte e uma tendência em acreditar eternos os sofrimentos que experimentam. Assim também, alguns dentre eles, ainda imbuídos de preconceitos católicos, acreditam e se dizem no inferno. Devorados pelo ciúme e o ódio, a fim de se distraírem de suas inquietações, muitos procuram os homens fracos e votados ao mal. Eles os incitam, insuflam-lhes funestas inspirações; mas, pouco a pouco, desses novos excessos decorrem novos sofrimentos. A reação do mal causado os prende numa rede de fluidos mais sombrios. As trevas se fazem mais completas, um círculo estreito se forma e a re-encarnação, penosa, dolorosa, ergue-se diante deles.

Mais calmos são aqueles em quem o arrependimento tocou, que, resignados, veem chegar o tempo das provas e resolveram satisfazer à eterna justiça. O remorso, como um brilho pálido, esclarece sua alma com uma claridade vaga e permite aos bons espíritos chegar até eles, para lhes prodigalizar encorajamento e conselhos.



XXXVII

O INFERNO E OS DEMÔNIOS

Apoiando-se nos casos de obsessão, nas manifestações ruidosas dos espíritos levianos e zombeteiros, a Igreja acreditou dever atribuir aos demônios todos os fenômenos do Espiritismo e condená-los como inúteis ou perigosos. Antes de rejeitar essa interpretação, convém, primeiro, lembrar que o Catolicismo acolheu da mesma forma todas as grandes descobertas, todos os progressos consideráveis que marcaram as etapas da História. Não há quase conquistas científicas que não tenham sido consideradas como obras diabólicas.

O mundo invisível, dissemos, é a réplica da Humanidade. Os espíritos são apenas as almas mais ou menos perfeitas dos homens desencarnados, e nossas relações com eles devem ser reguladas com tanta reserva e prudência quanto nossas relações com nossos semelhantes.

Não ver no Espiritismo senão as manifestações dos espíritos inferiores equivale a apenas vislumbrar o mal na Humanidade. Os ensinamentos dos espíritos clarearam o caminho

DEPOIS DA MORTE

da vida, resolveram os obscuros problemas do futuro, fortaleceram a fé vacilante, restabeleceram a justiça nas suas bases inabaláveis. Graças a eles, uma multidão de incrédulos e de ateus restabeleceram a crença em Deus e na imortalidade; homens ignorantes e viciosos retornaram, aos milhares, ao bem e à verdade. É esta, então, a obra do demônio, e Satã, se existisse, seria bastante cego para trabalhar em detrimento dos seus interesses?

Basta alguma sagacidade para distinguir a natureza dos espíritos e separar, nas nossas relações com eles, a parte do que deve ser rejeitado ou conservado. Jesus disse: “Reconhece-se a árvore pelos frutos!” A linguagem e as instruções dos espíritos elevados são sempre impregnadas de dignidade, de sabedoria e de caridade. Não visam senão ao progresso moral do homem e desinteressam-se do que é material. As comunicações dos espíritos inferiores pecam pelos defeitos contrários. Formigam de contradições e tratam, geralmente, de assuntos vulgares, sem valor moral. Os espíritos levianos ou inferiores abandonam-se, de preferência, às manifestações físicas.

O Espiritismo traz para a Humanidade um ensinamento proporcional às suas necessidades. Vem restabelecer na sua pureza primitiva, explicar, completar a doutrina do Evangelho, arrancá-la do espírito de especulação, dos interesses de casta, devolver-lhe seu papel verdadeiro e sua influência sobre as almas.

A religião cristã alterou-se com o passar das idades e, hoje, não exerce mais senão uma ação enfraquecida, insuficiente, sobre os costumes e os caracteres. Ora, a tarefa devoluta ao Cristianismo, o Espiritismo acaba de retomá-la e a persegue. É aos espíritos invisíveis que cabe a missão de restabelecer todas as coisas, de penetrar nos meios mais

O INFERNO E OS DEMÔNIOS

humildes como nos mais orgulhosos e, em multidão inumerável, trabalhar na regeneração das sociedades humanas. A teoria dos demônios e do inferno eterno não pode ser mais invocada por nenhum homem sensato. Satã é apenas um mito. Nenhuma criatura é votada eternamente ao mal.



XXXVIII

AÇÃO DO HOMEM SOBRE OS ESPÍRITOS INFELIZES

Nossa indiferença com relação às manifestações espíritas não nos privaria somente do conhecimento do futuro de além-túmulo; ao mesmo tempo nos tiraria a possibilidade de agir sobre os espíritos infelizes, de aliviar sua sorte, tornando-lhes mais fácil a reparação das faltas cometidas. Os espíritos atrasados, tendo mais afinidade com os homens do que com os espíritos puros, em razão da sua constituição fluídica ainda grosseira, são por isso mesmo mais acessíveis à nossa influência. Entretanto, em comunicação com eles, podemos cumprir uma generosa missão, instruí-los, moralizá-los e, ao mesmo tempo, melhorar, sanear o meio fluídico no qual todos vivemos. Os espíritos infelizes ouvem nosso apelo e nossas evocações. Nossos pensamentos simpáticos os envolvem como uma corrente elétrica, os atraem até nós, nos permitem conversar com eles por intermédio dos médiuns.

Acontece o mesmo com toda alma que deixa esse mundo. Nossas evocações despertam a atenção dos falecidos e

DEPOIS DA MORTE

facilitam seu desprendimento corporal. Nossas preces ardentes, semelhantes a jatos luminosos ou vibrações harmoniosas, os esclarecem e dilatam seu ser. É-lhes agradável pensar que não estão abandonados a si mesmos na imensidão, que há ainda sobre a Terra seres que se interessam pela sua sorte e desejam sua felicidade. Embora esta não possa, de maneira alguma, ser obtida através dessas preces, elas não são menos salutares para o espírito, que arrancam do desespero e dão forças fluídicas necessárias para lutar contra as influências perniciosas e sair de seu meio.

Todavia, é preciso não esquecer que as relações com os espíritos inferiores exigem uma certa segurança de vistas, de tato e de firmeza. Todos os homens não estariam aptos a tirar dessas relações os bons efeitos que se poderia esperar. É necessário possuir uma verdadeira superioridade moral para dominar esses espíritos, reprimir seus desvios e dirigi-los no caminho do bem. Essa superioridade só se adquire através de uma vida isenta de paixões materiais. Nesse caso, os fluidos depurados do evocador comandam, facilmente, os fluidos dos espíritos atrasados.

É preciso, além disso, um conhecimento prático do mundo invisível, a fim de poder guiar-se com segurança no meio das contradições e dos erros nos quais pululam as comunicações dos espíritos levianos. Em razão da sua natureza imperfeita, esses só possuem conhecimentos muito restritos. Veem e julgam as coisas diferentemente. Muitos conservam suas opiniões e seus preconceitos da Terra. A sabedoria e a sagacidade são, portanto, indispensáveis para se dirigir através desse labirinto.

O estudo dos fenômenos espíritas e as relações com o mundo invisível apresentam muitas dificuldades, às vezes mesmo, perigos para o homem ignorante e frívolo que se

AÇÃO DO HOMEM SOBRE...

preocupasse pouco com o lado moral da questão. Aquele que, negligenciando o estudo da ciência e da filosofia dos espíritos, penetra bruscamente no domínio do invisível e se abandona, sem-reserva, às manifestações, encontra-se, desde então, em contato com milhares de seres cujos atos e palavras não têm nenhum meio de controlar.

Sua ignorância deixa-o desarmado à sua influência, pois sua vontade vacilante, indecisa, não poderia resistir às sugestões das quais se fez alvo. Fraco e apaixonado, sua imperfeição atrai espíritos semelhantes a ele, que o assediam e não terão nenhum escrúpulo de enganá-lo. Nada sabendo das leis do oculto, isolado no limiar de um mundo onde a alucinação e a realidade se confundem, terá tudo a temer: a mentira, a ironia, a obsessão.

No princípio, a parte dos espíritos inferiores nas manifestações espíritas foi considerável e tinha sua razão de ser. Num meio material como o nosso, somente às manifestações ruidosas, fenômenos de ordem física, podiam impressionar os homens, arrancá-los da sua indiferença por tudo o que não diga respeito aos seus interesses imediatos. É isso que justifica o papel das mesas girantes, das batidas, das casas mal-assombradas, etc. Esses fenômenos vulgares, produzidos por espíritos ainda submetidos à influência da matéria, eram apropriados às exigências da causa e do estado mental daqueles de quem se queria chamar a atenção. Não se poderia atribuí-los aos espíritos superiores, que só se manifestaram ulteriormente e através de processos menos grosseiros, sobretudo com a ajuda dos médiuns escreventes, auditivos, de incorporação, etc.

Depois dos fatos materiais, que se dirigiam aos sentidos, os espíritos falaram à inteligência, ao sentimento e à razão. Esse aperfeiçoamento gradual dos meios de

DEPOIS DA MORTE

comunicação mostra a extensão dos recursos dos quais dispõem as potências invisíveis, e que combinações variadas e profundas sabem colocar em jogo para estimular o homem no caminho do progresso e no conhecimento dos seus destinos.



XXXIX

JUSTIÇA, SOLIDARIEDADE, RESPONSABILIDADE

Tudo se encadeia e se liga no Universo, tanto no moral como no físico, dizem-nos os espíritos. Na ordem dos fatos, do mais simples ao mais complexo, tudo é regulado por uma lei; cada efeito se refere a uma causa, e cada causa engendra um efeito idêntico a ela própria. Daí, no domínio moral, o princípio de justiça, a sanção do bem e do mal, a lei distributiva que dá a cada um segundo suas obras. Como as nuvens formadas pela vaporização solar recaem fatalmente como chuva sobre o solo, assim também, as consequências dos atos efetuados recaem sobre seus autores. Cada um desses atos, cada uma das volições do nosso pensamento, segundo a força de impulsão que lhe foi impressa, efetua sua evolução para retornar com seus efeitos, bons ou maus, em direção à fonte que os produziu.

Assim, as penas e recompensas se repartem sobre os indivíduos pelo jogo natural das coisas. O mal como o bem,

DEPOIS DA MORTE

tudo volta ao seu ponto de partida. Há faltas que produzem seus efeitos no próprio curso da existência terrena. Há outras, mais graves, cujas conseqüências se fazem sentir somente na vida espiritual e, às vezes, mesmo nas encarnações ulteriores.

A pena de talião nada tem de absoluta. Não é menos verdade que as paixões e as más ações do homem trazem resultados sempre idênticos, aos quais não se poderia subtrair. O orgulhoso prepara para si um futuro de humilhação; o egoísta cria em torno de si o vazio e a indiferença e duras privações aguardam os sensuais. Aí está a punição inevitável, o remédio eficaz que curará o mal na sua causa, sem que nenhum ser tenha que se constituir em carrasco de seus semelhantes.

O arrependimento, um ardente apelo à misericórdia divina, colocando-nos em comunicação com as potências superiores, podem nos dar a força necessária para percorrer a via dolorosa, o caminho de provas que nosso passado nos traça; mas, fora da expiação, nada poderia apagar nossas faltas. Só o sofrimento, esse grande educador, pode nos reabilitar.

A lei de justiça não é senão o funcionamento da ordem moral universal e as penas, os castigos representam a reação da Natureza ultrajada e violentada nos seus princípios eternos. As forças do Universo são solidárias, repercutem-se e vibram em uníssono. Todo poder moral reage sobre aquele que a viola, proporcionalmente ao seu modo de ação. Deus não fere a ninguém. Deixa ao tempo o cuidado de fazer gozejar os efeitos de sua causa.

O homem é, portanto, seu próprio justiceiro, pois segundo o uso e abuso que faz da sua liberdade, torna-se feliz ou infeliz. O resultado de seus atos se faz, às vezes, esperar. Vemos nesse mundo culpados amordaçarem sua consciência, rirem-se das leis, viverem e morrerem honrados. Por outro

JUSTIÇA, SOLIDARIEDADE...

lado, homens honestos perseguidos pela adversidade e a calúnia! Daí, a necessidade das vidas futuras, no decorrer das quais o princípio de justiça encontra sua aplicação e o estado moral do ser, seu equilíbrio. Sem esse complemento necessário, a existência atual não teria sentido e quase todos os nossos atos estariam despojados de sanção.

Na realidade, a ignorância é o mal soberano, de onde decorrem todos os outros males. Se o homem visse distintamente a consequência de seus atos, sua conduta seria diferente. Conhecendo a lei moral e sua aplicação inelutável, não mais procuraria violá-la, o que seria querer resistir às leis de atração ou da gravidade.

*

* *

Essas observações novas vêm ainda fortalecer os laços que nos unem aos membros da grande família das almas. Encarnados ou desencarnados, todas as almas são irmãs. Criadas por seu pai comum que é Deus, perseguem destinos análogos. Todos os espíritos se devem um mútuo socorro. Alternadamente, protegidos e protetores, entreadjudam-se na sua marcha e, através de serviços prestados, de provas suportadas em comum, fazem eclodir em si esses sentimentos de fraternidade e de amor que são uma das condições da vida superior, uma das formas da vida feliz.

Os laços que nos prendem a nossos irmãos do Espaço nos unem mais estreitamente ainda aos habitantes da Terra. Todos os homens, do mais selvagem ao mais civilizado, são espíritos semelhantes a nós, pela origem e pelos fins. No seu conjunto, constituem uma sociedade, em que todos os membros são solidários, onde cada um, trabalhando pelo seu progresso pessoal, deve participar do progresso e do bem de

DEPOIS DA MORTE

todos. A lei de justiça, sendo apenas a resultante dos atos, o encadeamento dos efeitos e das causas explica porque tantos males afligem a Humanidade.

A História da Terra não é mais que uma urdidura de assassínios e de iniquidades. Ora, todos esses séculos ensanguentados, todas essas existências de desordem reúnem-se no presente como afluentes no leito de um rio. Os espíritos que compõem a sociedade atual são os homens de outrora, que retornaram para sofrer as consequências de suas vidas anteriores, com as responsabilidades que arrastam. Formada de tais elementos, como a Humanidade poderia viver feliz? As gerações são solidárias através dos tempos: a embriaguez de suas paixões os envolve e os seguem até a depuração completa. Essa consideração nos faz sentir, mais vivamente ainda, a necessidade de melhorar o meio social, esclarecendo nossos semelhantes sobre a causa de nossos males comuns, criando em torno de nós, através de esforços coletivos, uma atmosfera mais sã e mais pura.

O homem deve, enfim, aprender a medir o alcance de seus atos, a extensão de suas responsabilidades, a sacudir essa indiferença que cava o abismo das misérias sociais e envenena, moralmente, essa Terra onde ser-lhe-á necessário renascer, talvez, muitas vezes ainda. É preciso que um sopro renovador passe sobre os povos e neles acenda essas convicções de onde saem as vontades firmes, inabaláveis. Importa que todos o saibam, enfim: o reino do mal não é eterno, a justiça não é uma palavra vã; só ela governa os mundos e, sob seu parâmetro poderoso, todas as almas se curvam na vida futura, todas as resistências, todas as rebeliões terminam.

Da ideia superior de justiça decorrem, portanto, a igualdade, a solidariedade e a responsabilidade dos seres. Esses princípios unem-se e fundem-se em tudo, numa lei única que

JUSTIÇA, SOLIDARIEDADE...

domina e rege o Universo: o progresso na liberdade. Essa harmonia, essa coordenação poderosa das leis e das coisas não dá uma ideia, de outro modo, grande e consoladora da vida e dos destinos humanos, do que as concepções niilistas? Nessa imensidade onde a equidade aparece até nas menores minúcias, onde nenhum ato útil fica sem-proveito, nenhuma falta sem-castigo, nenhum sofrimento sem-compensação, o ser se sente ligado a tudo o que vive. Trabalhando por ele e por todos, desenvolve livremente suas forças, vê aumentar suas luzes, crescer suas felicidades.

Que se compare essas visões às frias teorias materialistas, a esse Universo medonho onde os seres se agitam, sofrem e passam, sem-laços, sem-objetivo, sem-esperanças, percorrendo suas vidas efêmeras como pálidas sombras saídas do nada para recair na noite e silêncio eternos! Dessas concepções, qual a mais capaz de sustentar o homem nas suas dores, de temperar seu caráter, de arrastá-lo para os altos píncaros?



XL

LIVRE-ARBÍTRIO E PROVIDÊNCIA

A questão do livre-arbítrio é uma das que mais tem preocupado os filósofos e os teólogos. Conciliar a vontade, a liberdade do homem com o jogo das leis naturais e a vontade divina, pareceu tanto mais difícil quanto a fatalidade cega parecia pesar, aos olhos de um grande número, sobre o destino humano. O ensino dos espíritos elucidou o problema. A fatalidade aparente que semeia de males o caminho da vida é apenas a consequência do nosso passado, o efeito retornando para a causa; é o cumprimento do programa aceito por nós antes de renascermos, segundo os conselhos de nossos guias espirituais, para o nosso grande bem e nossa elevação.

Nas camadas inferiores da criação, o ser ainda se ignora. Só o instinto e a necessidade o conduzem, e somente nos tipos mais evoluídos que aparecem, como uma aurora pálida, os primeiros rudimentos das faculdades. No estado de humanidade, a alma atingiu a liberdade moral. Seu raciocínio,

DEPOIS DA MORTE

sua consciência desenvolvem-se cada vez mais, à medida que percorre sua imensa jornada. Colocada entre o bem e o mal, compara e escolhe livremente. Esclarecida através de suas decepções e seus males, é no meio das provas que sua experiência se forma, que sua força moral se tempera.

A alma humana, dotada de consciência e de liberdade, não pode degenerar na vida inferior. Suas encarnações se sucedem até que tenha adquirido esses três bens imperecíveis, alvo de seus longos trabalhos: a sabedoria, a Ciência e o amor. Sua posse liberta-a para sempre dos renascimentos e da morte e abre-lhe o acesso à vida celeste.

Pelo uso de seu livre-arbítrio, a alma fixa seus destinos, prepara suas alegrias ou suas dores. Mas, nunca, no decorrer de sua marcha, na prova amarga como no meio da ardente luta da paixão, nunca os socorros do Alto lhe foram recusados. Por mais que se abandone a si mesma, por mais indigna que pareça, desde que desperte sua vontade de caminhar pelo caminho reto, a via sacra, a Providência a ajuda e sustenta.

A Providência, é o espírito superior, é o anjo que vela sobre o infortúnio, é o consolador invisível, cujos fluidos vivificantes sustentam os corações acabrunhados; é o farol aceso na noite para a salvação daqueles que erram no mar tempestuoso da vida. A Providência, é ainda, é sobretudo, o amor divino derramando-se em abundância sobre a criatura. E que solicitude, que previdência nesse amor! Não é apenas para a alma, para servir de moldura à sua vida, de teatro para os seus progressos, que ela dependurou os mundos no espaço, acendeu os sóis, formou os continentes e os mares? Somente para a alma essa grande obra efetua-se, as forças naturais se combinam, os universos eclodem no seio das nebulosas.

A alma é criada para a felicidade, mas essa felicidade, para apreciá-la no seu valor, para conhecer-lhe o preço, deve

LIVRE-ARBÍTRIO E PROVIDÊNCIA

ela própria conquistá-la e, para isso, desenvolver livremente as potências que nela estão. Sua liberdade de ação e sua responsabilidade aumentam com sua elevação, pois, quanto mais se esclarece, mais pode e deve conformar o jogo de suas forças pessoais às leis que regem o Universo.

A liberdade do ser se exerce, portanto, num círculo limitado, de um lado, pelas exigências da lei natural, que nenhum ultraje pode sofrer, nenhuma alteração na ordem do mundo; do outro, pelo seu próprio passado, cujas consequências jorram sobre ele através dos tempos, até a reparação completa. Em nenhum caso o exercício da liberdade humana pode entrar a execução dos planos divinos; sem isso, a ordem das coisas seria a cada instante perturbada. Acima das nossas visões limitadas e mutantes, a ordem imutável do Universo se mantém e prossegue. Somos, quase sempre, maus juízes daquilo que é para nós o verdadeiro bem; e se a ordem natural das coisas tivesse que se dobrar aos nossos desejos, que perturbações medonhas não resultariam disso?

O primeiro uso que o homem faria de uma liberdade absoluta seria o de afastar de si todas as causas de sofrimento e de assegurar para si, desde aqui na Terra, uma vida de felicidades. Ora, se há males que a inteligência humana tem o dever e os meios de conjurar e de destruir, — por exemplo, aqueles que provêm do meio terrestre — há outros, inerentes à nossa natureza moral, que só a dor e a compreensão podem dominar e vencer; tais são os nossos vícios. Nesse caso, a dor torna-se uma escola, ou melhor, um remédio indispensável e as provas suportadas são apenas uma repartição equitativa da infalível justiça. É, portanto, a nossa ignorância dos fins objetivados por Deus que nos faz recriminar a ordem do mundo e suas leis. Se as criticamos é porque ignoramos os meios ocultos.

DEPOIS DA MORTE

O destino é a resultante, através das nossas vidas sucessivas, dos nossos atos e das nossas livres resoluções. Mais esclarecidos sobre nossas imperfeições, no estado de espíritos, preocupados com os meios de atenuá-los, aceitamos a vida material sob a forma e nas condições que nos parecem próprias para realizar esse objetivo.

Os fenômenos do hipnotismo e da sugestão mental explicam o que acontece, em caso semelhante, sob a influência de nossos protetores espirituais. No estado de sonambulismo, a alma, sob a sugestão do magnetizador, empenha-se em executar tal ou qual ato, num dado tempo. De retorno ao estado de vigília, sem ter conservado nenhuma lembrança aparente dessa promessa, executa-a exatamente. Da mesma maneira, resoluções são tomadas antes de renascer; mas, chegada a hora, ela se adianta à frente dos acontecimentos previstos e deles participa na medida necessária ao seu adiantamento ou à execução da inelutável lei.



XLI

REENCARNAÇÃO

Não terminaremos esse estudo da vida no Espaço sem indicar, de maneira sumária, as regras segundo as quais efetua-se a reencarnação. Todas as almas que não puderam libertar-se das influências terrestres devem renascer, nesse mundo, para nele trabalhar pelo seu melhoramento; é o caso da imensa maioria. Como as outras fases da vida dos seres, a reencarnação está sujeita às leis: o grau de pureza do perispírito, a afinidade molecular, que determinam a classificação dos espíritos no espaço, fixam, também, as condições da reencarnação. Os semelhantes atraem-se. É em virtude dessa lei de atração e harmonia que os espíritos da mesma ordem, de caracteres e tendências análogas, aproximam-se, seguem-se através de suas múltiplas existências, encarnam em conjunto, constituindo famílias homogêneas.

Quando chega a hora de reencarnar, o espírito sente-se arrastado por uma força irresistível, por uma misteriosa afinidade, para o meio que lhe convém. Aí está uma hora

DEPOIS DA MORTE

de angústia, mais terrível que a da morte. Em realidade, a morte é apenas a libertação dos laços carnis, a entrada numa vida mais livre, mais intensa. A encarnação, ao contrário, é a perda dessa vida de liberdade, um amesquinamento de si mesmo, a passagem dos claros espaços à prisão obscura, a descida num abismo de lama e de miséria, onde o ser será submetido a inumeráveis necessidades tirânicas; é por isso que o desgosto, o pavor, o abatimento profundo do espírito, no limiar desse mundo tenebroso, são fáceis de conceber: é mais penoso, mais doloroso renascer do que morrer.

*

* *

A reencarnação se produz através de uma aproximação gradual, por uma assimilação das moléculas ao perispírito, o qual se reduz, se condensa, se entorpece progressivamente, até que, por uma união suficiente de matéria, constitui um envoltório carnal, um corpo humano.

O perispírito faz, assim, o papel de um molde, fluídico, elástico, que empresta sua forma à matéria. Daí decorrem, na maioria, as condições fisiológicas do renascimento. As qualidades ou os defeitos do molde reaparecem no corpo físico, que é apenas, na maioria dos casos, uma feia e grosseira cópia do perispírito.

Desde que começa a assimilação molecular que deve dar nascimento ao corpo, a perturbação apodera-se do espírito; um torpor, uma espécie de aniquilamento o invade, pouco a pouco. Suas faculdades velam-se uma após outra, sua memória dissipa-se, sua consciência adormece. O espírito está como que sepultado sob uma grosseira crisálida.

Desabrochada para a vida terrestre, a alma deverá, durante um longo período, preparar esse organismo novo,

REENCARNAÇÃO

adaptá-lo às funções necessárias. Só após vinte ou trinta anos de hesitações, de esforços instintivos, reencontrará o uso das suas faculdades, diminuídas, é verdade, pela matéria e poderá, com mais resolução, prosseguir a travessia perigosa da existência. O homem pouco esclarecido chora e se lamenta sobre os túmulos, esses caminhos abertos sobre o infinito. Familiarizado com as leis do Alto, era sobre os berços que deveria derramar sua piedade. O vagido da criança que acaba de nascer não é como o lamento do espírito diante das tristes perspectivas da vida?

As leis inflexíveis da Natureza, ou melhor, os efeitos que resultam do passado do ser, decidem sua encarnação. O espírito inferior, ignorante dessas leis, negligente com o seu futuro, sofre, mecanicamente, seu destino e volta a tomar seu lugar na Terra sob a impulsão de uma força que não chega mesmo a conhecer. O espírito adiantado inspira-se nos exemplos que o cercam na vida fluídica; recolhe os conselhos de seus guias espirituais, pesa as condições boas ou más do seu reaparecimento nesse mundo, prevê os obstáculos, as dificuldades da estrada, traça para si um programa e toma fortes resoluções com o objetivo de realizá-lo. Não desce de novo à carne, senão seguro do apoio dos invisíveis, que o ajudarão a executar sua nova tarefa. Nesse caso, o espírito não sofre, exclusivamente, o peso da fatalidade. Sua escolha pode exercer-se em certos limites, de maneira a acelerar sua marcha.

Isso ocorre porque o espírito esclarecido escolhe, de preferência, uma existência laboriosa, uma vida de luta e abnegação. Sabe que, graças a ela, seu adiantamento será mais rápido. A Terra é o verdadeiro purgatório. É preciso renascer e sofrer para despojar-se de seus vícios, para apagar as faltas ou os crimes do passado. Daí, as enfermidades cruéis, as longas e dolorosas doenças, a perda da razão.

DEPOIS DA MORTE

O abuso das elevadas faculdades, o orgulho, o egoísmo expiam-se pelo renascimento em organismos incompletos, em corpos disformes e sofridos. O espírito aceita essa imolação passageira, porque ela é aos seus olhos o preço da reabilitação, o único meio de adquirir a modéstia, a humildade; consente em privar-se, momentaneamente, dos talentos, dos conhecimentos que fizeram sua glória, em descer num corpo impotente, dotado de órgãos defeituosos, em tornar-se objeto de risos ou de piedade.

Respeitemos os idiotas, os enfermos, os loucos. Que a dor seja sagrada para nós! Nesses sepulcros de carne, um espírito vela e sofre, pois, na sua personalidade íntima, ele tem consciência da sua miséria e de sua abjeção. Temamos nós próprios, pelos nossos excessos, merecer sua sorte. Mas esses dons da inteligência, que a alma abandona para humilhar-se, reencontra-los-á na morte; pois são sua propriedade, seu bem, e nada do que adquiriu pelos seus esforços pode perder-se ou amesquinhar-se. Ela os reencontrará e, com eles, as qualidades, as virtudes novas recolhidas no sacrifício, que farão sua coroa de luz no seio dos Espaços.

Assim, tudo se paga, tudo se resgata. Os pensamentos, os desejos culposos, têm sua repercussão na vida fluídica; mas as faltas cometidas devem ser expiadas na carne. Todas as nossas existências se ligam; o bem e o mal repercutem-se através dos tempos. Se trapaceiros e maus parecem terminar sua vida na abundância e na paz, saibamos que a hora da justiça soará, que os sofrimentos que causaram recairão sobre eles.

Homem, resigne-se, portanto, e suporte com coragem as provas inevitáveis, mas fecundas, que apagam suas manchas e lhe preparam um futuro melhor! Imite o lavrador que vai em frente, curvado sob o Sol ardente ou açoitado pelo

REENCARNAÇÃO

vento frio e seco, e cujos suores regam o solo, o solo escavado, rasgado como seu coração pelo dente de ferro, mas de onde sairá a colheita dourada que fará sua felicidade.

Evite os desfalecimentos que lhe reconduziriam sob o jugo da matéria e pesariam sobre suas vidas futuras. Seja bom e virtuoso, a fim de não se deixar retomar pela terrível engrenagem do mal e suas consequências. Fuja das alegrias aviltantes, das discórdias, das vãs agitações da multidão. Não é nas discussões estéreis, nas rivalidades, na cobiça das honras e dos bens, que encontrará a sabedoria, o contentamento de si mesmo; é no trabalho e na prática da caridade; é na meditação solitária, no estudo concentrado, frente à sua própria consciência e da Natureza, esse livro admirável que traz a assinatura de Deus.



QUINTA PARTE

O CAMINHO RETO

XLII

A VIDA MORAL

Todo ser humano traz, gravado em si, na sua consciência, na sua razão, os rudimentos da lei moral. Essa lei recebe, nesse mundo mesmo, um começo de sanção. Uma boa ação proporciona ao seu autor uma satisfação íntima, uma espécie de dilatação, de desabrochar da alma; nossas faltas, ao contrário, trazem, frequentemente, como consequência, mágoa e remorsos. Entretanto, essa sanção, tão variável segundo os indivíduos, é muito vaga, muito insuficiente do ponto de vista da justiça absoluta. É por isso que as religiões colocavam na vida futura, nas penas e recompensas que nos reserva, a sanção capital dos nossos atos. Ora, seus dados, carecendo de base positiva, são colocados em dúvida pelo maior número. Depois de ter exercido uma influência séria sobre as sociedades da Idade Média, não são mais suficientes, de agora em diante, para afastar o homem das vias da sensualidade.

Antes do drama do Gólgota, Jesus anunciara aos homens um outro consolador, o Espírito de Verdade, que devia

DEPOIS DA MORTE

restabelecer e completar seu ensinamento. Esse Espírito de Verdade veio e falou à Terra; por toda parte fez ouvir sua voz.

Dezoito séculos depois da morte do Cristo, a liberdade de palavra e de pensamento sendo espalhada pelo mundo, a Ciência tendo sondado os céus, a inteligência humana tendo se desenvolvido, a hora foi julgada favorável. Os espíritos vieram, em massa, ensinar a seus irmãos da Terra a lei do progresso infinito e realizar a promessa de Jesus restabelecendo sua doutrina, comentando suas palavras.

O Espiritismo nos dá a chave do Evangelho. Explica-lhe o sentido obscuro ou oculto; traz-nos a moral superior, a moral definitiva, cuja grandeza e beleza revelam a origem sobre-humana.

A fim de que a verdade se espalhe de uma vez sobre todos os povos, a fim de que ninguém possa desnaturá-la ou destruí-la, não é mais um homem, não é mais um grupo de apóstolos encarregado de fazê-la conhecida pela Humanidade. As vozes dos espíritos a proclamam sobre todos os pontos do mundo civilizado e, graças a esse caráter universal e permanente, essa revelação desafia todas as hostilidades, todas as inquisições. Pode-se suprimir o ensinamento de um homem, falsificar, anular suas obras; mas quem pode atingir e repelir os habitantes do Espaço? Eles sabem desmanchar todos os maus desejos e trazer a preciosa semente até às regiões mais recuadas. Daí vem o poder, a rapidez da propagação do Espiritismo, sua superioridade sobre todas as doutrinas que a precederam e prepararam seu aparecimento.

É, portanto, sobre os testemunhos de milhares de almas, que vêm de todos os lugares, por intermédio dos médiuns, descrever a vida de além-túmulo, relatar suas próprias sensações, suas alegrias, suas dores, que se edifica a moral espírita.

A moral independente, a que os materialistas tentaram edificar, vacila ao sabor dos ventos por falta de base sólida.

A VIDA MORAL

A moral das Igrejas recorre sobretudo ao medo, ao temor dos castigos infernais; sentimentos falsos, que nos rebaixa e amesquinha. A filosofia dos espíritos vem oferecer à Humanidade uma sanção moral mais elevada, um ideal de outro modo nobre e generoso. Não mais suplícios eternos, mas a consequência justa dos atos recaindo sobre seu autor.

O espírito encontra em todos os lugares o que ele próprio se fez. Se viola a lei moral, entenebrece sua consciência e suas faculdades; materializa-se, acorrenta-se com suas próprias mãos. Praticando a lei do bem, dominando as paixões brutais, alivia-se e aproxima-se cada vez mais dos mundos felizes.

Encarada sob esses aspectos, a vida moral impõe-se como uma obrigação rigorosa a todos aqueles que têm algum cuidado com seus destinos: donde a necessidade de uma higiene da alma, que se aplique a todos os nossos atos, mantendo nossas forças espirituais em estado de equilíbrio e de harmonia. Se convém submeter o corpo, envoltório mortal, instrumento perecível, às prescrições da lei física que assegura sua manutenção e seu funcionamento, importa muito mais ainda velar pelo aperfeiçoamento da alma, que é nosso Eu imperecível e ao qual está vinculada nossa sorte futura. O Espiritismo nos fornece os elementos para essa higiene da alma.

O conhecimento do objetivo real da existência tem consequências incalculáveis para o melhoramento e elevação do homem. Saber para onde vai tem como resultado imediato fortalecer seus passos, imprimir aos seus atos uma impulsão vigorosa em direção ao ideal concebido.

As doutrinas do nada fazem dessa vida um impasse e chegam, logicamente, ao sensualismo e à desordem. As religiões, fazendo da existência uma obra de salvação pessoal, muito problemática, consideram-na de um ponto de vista egoísta e acanhado.

DEPOIS DA MORTE

Com a filosofia dos espíritos, esse ponto de vista muda, a perspectiva se alarga. O que devemos procurar, não é mais a felicidade terrestre, — a felicidade daqui é rara e precária, — é um melhoramento contínuo; e o meio de realizá-la é a observação da moral sob todas as suas formas.

Com um tal ideal, uma sociedade é indestrutível; desafia todas as vicissitudes, todos os acontecimentos. Cresce na infelicidade, encontra na adversidade os meios de se elevar acima de si mesma. Despojada de ideal, embalada pelos sofismas dos sensualistas, uma sociedade só pode corromper-se e enfraquecer-se; sua fé no progresso, na justiça, apaga-se com sua virilidade; ela não é senão um corpo sem-alma e torna-se, fatalmente, a presa dos seus inimigos.

Feliz do homem que, nessa vida cheia de obscuridade e de armadilhas, caminha constantemente em direção ao objetivo elevado que discerne, conhece, do qual está certo! Feliz daquele que um sopro do Alto inspira suas obras e leva-o adiante. Os prazeres deixam-no indiferente; as tentações da carne, as miragens enganosas da fortuna não têm mais domínio sobre ele. Viajor em marcha, o objetivo o chama; ele se precipita para atingi-lo.



XLIII

O DEVER

O dever é o conjunto das prescrições da lei moral, a regra de conduta do homem nas suas relações com seus semelhantes e com o Universo inteiro. Figura nobre e santa, o dever plana acima da Humanidade, inspira os grandes sacrifícios, os puros devotamentos, os belos entusiasmos. Risonho para uns, temível para outros, sempre inflexível, ergue-se diante de nós e nos mostra essa escada do progresso, cujos degraus se perdem nas alturas incomensuráveis.

O dever não é idêntico para todos. Varia segundo nossa condição e nosso saber. Quanto mais nos elevamos, mais ele adquire aos nossos olhos grandeza, majestade, extensão. Seu culto, porém, é sempre agradável ao sábio, e a submissão às suas leis é fértil de alegrias íntimas, às quais nada pode se igualar.

Por mais obscura que seja a condição do homem, por mais humilde que seja sua sorte, o dever domina e enobrece sua vida. Somente ele nos dá essa serenidade de espírito,

DEPOIS DA MORTE

essa calma interior, mais preciosa do que todos os bens da Terra e que todos nós podemos experimentar, até no meio das provações e dos reveses. Não somos senhores para mudar os acontecimentos e nosso destino deve seguir sua linha rigorosa; mas podemos sempre, mesmo em meio às tormentas, assegurarmos a paz de consciência, o contentamento de nós mesmos, que proporciona o cumprimento do dever.

O sentimento do dever lança raízes profundas em todo espírito elevado que percorre sua estrada sem-esforços; por uma tendência natural, resultado dos progressos adquiridos, afasta as coisas vis e orienta para o bem os impulsos do seu ser. O dever torna-se, portanto, uma obrigação de todos os instantes, a condição mesma da existência, uma potência à qual se sente indissolúvelmente ligado, na vida como na morte.

O dever tem formas múltiplas. Há o dever para conosco, que consiste em respeitar-nos, em governarmos-nos com sabedoria, a querer, a realizar apenas o que é digno, útil e belo. Há o dever profissional, que exige que cumpramos, com consciência, as obrigações a nosso cargo. Há o dever social, que nos convida a amar os homens, a trabalhar por eles, a servir ao nosso país e à Humanidade. Há o dever para com Deus. O dever não tem limites. Pode-se sempre fazer melhor, e é na imolação de si mesmo que o ser encontra o meio mais seguro de se engrandecer e de se depurar.

A honestidade é a essência mesma do homem moral. Desde que daí se desvie, fica infeliz. O homem bom faz o bem pelo bem, sem procurar nem aprovação, nem recompensa. Ignorando o ódio, a vingança, esquece as ofensas e perdoa seus inimigos. É benevolente com todos, protetor dos humildes. Em cada homem vê um irmão, não importa qual seja seu país, qual seja sua fé. Cheio de tolerância, respeita

O DEVER

as crenças sinceras, desculpa os defeitos dos outros, ressaltalhes as qualidades e nunca maldiz. Usa com moderação os bens que a vida lhe concede, consagra-os ao melhoramento social, na pobreza, não inveja e não sente ciúmes de ninguém.

A honestidade perante o mundo nem sempre é a honestidade segundo as leis divinas. A opinião pública tem seu preço; torna mais agradável a prática do bem, mas não se poderia considerá-la infalível. O sábio não a desdenha, sem dúvida; mas, quando é injusta ou insuficiente, vai além e pauta seu dever por uma regra mais segura. O mérito, a virtude são, às vezes, desconhecidos na Terra e os julgamentos da multidão são frequentemente influenciados pelas suas paixões e seus interesses materiais. O homem bom procura, antes de tudo, sua própria estima e o consentimento de sua consciência.

Aquele que soube compreender todo o alcance moral do ensino dos espíritos tem uma concepção mais elevada ainda do dever. Sabe que a responsabilidade é proporcional ao saber, que a posse dos segredos de além-túmulo lhe impõe a obrigação de trabalhar com mais energia em seu melhoramento e no de seus irmãos. As vozes do Alto nele fizeram vibrar ecos, despertaram forças que dormiam na maioria dos homens; solicitam-no poderosamente na sua marcha ascensional. Um nobre ideal estimula-o e atormenta-o simultaneamente, faz dele motivo de risadas dos maus, mas não o trocaria por todos os tesouros de um império. A prática da caridade tornou-se-lhe fácil. Ensinou-lhe a desenvolver suas sensibilidades e suas qualidades afetivas. Compassivo e bom, sofre todos os males da Humanidade; quer espalhar sobre todos seus companheiros de infortúnio as esperanças que o sustentam; gostaria de enxugar todas as lágrimas, pensar todas as chagas, suprimir todas as dores.

DEPOIS DA MORTE

*
* *

A prática constante do dever leva-nos ao aperfeiçoamento. Para acelerá-lo, convém, primeiro, estudar a nós mesmos com atenção, submeter nossos atos a um controle escrupuloso. Não se poderia remediar o mal sem conhecê-lo.

Podemos até estudar-nos nos outros homens. Se algum vício, algum defeito deplorável neles choca-nos, procuremos, com cuidado, saber se não existe em nós um germen idêntico e, descobrindo-o em nós, apliquemo-nos em extirpá-lo.

Consideremos nossa alma naquilo que, realmente, ela é, quer dizer, uma obra admirável, mas muito imperfeita, cujo dever é o de embelezá-la e orná-la incessantemente.

Esse pensamento de nossa imperfeição tornar-nos-á mais modestos, afastará de nós a presunção, a tola vaidade.

Submetamo-la a uma disciplina rigorosa. Como se dá ao arbusto a forma e a direção convenientes, podemos, também, regular as tendências do nosso ser moral. O hábito do bem torna sua prática fácil. Apenas os primeiros esforços são penosos. Aprendamos, antes de tudo, a nos dominar. As impressões são fugidias e passageiras; a vontade é o fundamento sólido da alma. Saibamos governar essa vontade, dominar nossas impressões, jamais deixarmo-nos dominar por elas.

O homem não deve isolar-se de seus semelhantes. Importa, todavia, escolher suas relações, seus amigos, procurar viver num meio honesto e puro, onde só reinem boas influências, onde só irradiem fluidos calmos e benévolos.

Evitemos as conversações frívolas, os propósitos ociosos, que levam à maledicência. Qualquer que possa ser o resultado, digamos sempre a verdade. Retemperemo-nos, com frequência, no estudo e no recolhimento. A alma, nele,

O DEVER

encontra novas forças e novas luzes. Possamos dizer-nos ao final de cada dia: Fiz algo de útil, tive algum sucesso sobre mim mesmo, socorri, consolei infelizes, esclareci meus irmãos, trabalhei para torná-los melhores; cumpri meu dever!



XLIV

FÉ, ESPERANÇA, CONSOLAÇÕES

A fé é a confiança do homem nos seus destinos, o sentimento que o leva na direção da Potência Infinita é a certeza de estar seguro no caminho que conduz à verdade. A fé cega é como um fanal, cujo foco vermelho não pode atravessar o nevoeiro; a fé esclarecida é um farol poderoso que ilumina com uma viva claridade a estrada a percorrer.

Não se adquire essa fé sem ter passado pelas provas da dúvida, por todas as angústias que vêm sitiar os investigadores. Há aqueles que não atingem senão a uma opressiva incerteza e que flutuam, longo tempo, entre correntes contraditórias. Feliz daquele que crê, sabe, vê e caminha com segurança! Sua fé é profunda, inabalável. Ela o torna capaz de superar os maiores obstáculos. É nesse sentido que se pode dizer, no sentido figurado, que a fé transporta montanhas, as montanhas representam, aqui, as dificuldades no caminho dos inovadores, as paixões, a ignorância, os preconceitos e o interesse material.

DEPOIS DA MORTE

Comumente só se vê na fé a crença em certos dogmas religiosos aceitos sem-exame. Mas a fé é também a convicção que anima o homem e o arrasta para outros objetivos. Há a fé em si mesmo, numa obra material qualquer, a fé política, a fé na pátria. Para o artista, o poeta, o pensador, a fé é o sentimento de ideal, a visão desse foco sublime, iluminado pela mão divina nos píncaros eternos, para guiar a Humanidade na direção do belo e do verdadeiro.

A fé religiosa que faz abstração da razão e se reporta ao julgamento dos outros, que aceita um corpo de doutrina, verdadeiro ou falso e a ele se submete sem-controle, é a fé cega. Na sua impaciência, nos seus excessos, recorre, à vontade, ao constrangimento e conduz ao fanatismo. Encarada sob esse aspecto, a fé é ainda um móvel poderoso. Ela ensinou aos homens a humilharem-se e a sofrer. Pervertida pelo espírito de dominação, foi a causa de muitos crimes, mas, nas suas consequências funestas, mostra-nos, ainda, a extensão dos recursos que nela estão.

Ora, se a fé cega pode produzir tais efeitos, o que não fará a fé apoiada na razão, a fé que julga, discerne e compreende? Alguns teólogos exortam-nos a desprezar a razão, a renegá-la, a esmigalhá-la sob os pés. Fazem objeção a todos os erros nos quais a razão caiu e parecem esquecer que é a própria razão que nos ajudou a corrigi-los. Devemos, pois, renegá-la, mesmo quando revela-nos o que é o bem e o belo?

A razão é uma faculdade superior, destinada a nos esclarecer sobre todas as coisas; desenvolve-se e aumenta com o exercício, como todas as nossas faculdades. A razão humana é um reflexo da Razão Eterna: “É Deus em nós”, disse São Paulo. Desconhecer seu valor, sua utilidade, é desconhecer a natureza humana e ultrajar a própria Divindade. Querer substituir a razão pela fé é ignorar que todas duas são

FÉ, ESPERANÇA, CONSOLAÇÕES

solidárias. Elas se fortalecem e vivificam-se uma a outra. Sua união descortina ao pensamento um campo mais vasto; ela harmoniza nossas faculdades e nos proporciona a paz interior.

A fé é mãe dos nobres sentimentos e das grandes ações. O homem profundamente convencido permanece inabalável diante do perigo, como no meio das provas. Acima das seduções, das adulações, das ameaças, mais alto que as vozes da paixão, ouve uma voz que ecoa nas profundezas da sua consciência e cujos ruídos o sustentam na luta, advertem-no nas horas perigosas.

Para produzir tais resultados, a fé deve repousar sobre o fundamento sólido que lhe oferecem o livre exame e a liberdade de pensar. Ao invés de dogmas e de mistérios, deve apenas reconhecer os princípios decorrentes da observação direta, do estudo das leis naturais. Tal é o caráter da fé espírita.

A filosofia dos espíritos nos oferece uma crença que, por ser racional, é tanto mais robusta. O conhecimento do mundo invisível, a confiança numa lei superior de justiça e de progresso, tudo isso imprime à fé um duplo caráter de calma e de certeza.

O que se pode temer, com efeito, quando se sabe que nenhuma alma pode perecer, que após as tempestades e as dilacerações da vida, para além da noite sombria onde tudo parece afundar-se, ver-se-á despontar o clarão radioso dos dias intermináveis?

Quando a velhice gelada avança, colocando seu estigma sobre nossa testa, apagando nossos olhos, enrijecendo nossos membros, curvando-nos sob nosso peso, vêm então com ela a tristeza, o desgosto de tudo e a grande sensação de fadiga, uma necessidade de repouso, como uma sede do nada. Oh! Nessa hora de perturbação, nesse crepúsculo da vida, como satisfaz e reconforta, a pequena luz que brilha

DEPOIS DA MORTE

na alma do crente, a fé no futuro infinito, a fé na Justiça, na Suprema Bondade!

Compenetrados da ideia de que essa vida não é senão um instante no conjunto da nossa existência imortal, aceitamos com paciência os males inevitáveis que ela engendra. A perspectiva dos tempos que se nos abrem, dar-nos-á o poder de dominar as misérias presentes e de nos colocar acima das flutuações da fortuna. Sentir-nos-emos mais livres, mais bem armados para a luta. Conhecendo a causa dos seus males, o espírito compreende a necessidade deles. Sabe que o sofrimento é legítimo e aceita-o sem murmurar. Para ele, a morte nada destrói, os laços afetivos persistem na vida de além-túmulo, e todos aqueles que aqui se amaram, reencontram-se, libertos das misérias terrestres, longe dessa dura morada; só há separação para os maus. Dessas convicções resultam consolações desconhecidas dos indiferentes e dos céticos. Se, de uma extremidade à outra do globo, todas as almas se comunicassem nessa fé poderosa, assistir-se-ia à maior transformação moral que a História jamais registrou.

Entretanto, essa fé, bem poucos homens a possuem. O Espírito de Verdade falou à Terra, mas esta não prestou atenção aos seus apelos. Não foram os poderosos que o escutaram, foram os humildes, os pequenos, os deserdados, todos aqueles que têm sede de esperança. A revolução espírita encontrou, primeiro, uma viva oposição nos meios religiosos e científicos. Esse estado de coisas tende a atenuar-se. Bem poucos homens têm a coragem de se desdizerem e de confessar que se enganaram; a maioria prefere combater durante toda sua vida uma verdade que pode comprometer seus interesses, ou arruinar suas afirmações. Outros, em segredo, reconhecem a beleza, a grandeza dessa doutrina; mas suas exigências morais os assustam. Presos aos seus

FÉ, ESPERANÇA, CONSOLAÇÕES

prazeres, querendo viver à sua maneira, sem se preocupar com o Além, afastam de seu pensamento tudo o que os levaria a romper com esses hábitos perniciosos, mas desejados. Esses comportamentos serão para eles, em consequência, a fonte de amargas recordações.

Nossa sociedade enfebreçada preocupa-se mediocremente com um ensino moral. Muitas opiniões contraditórias se chocam, se entrechocam; em meio a esse estado confuso, elevado pelo turbilhão da vida material, o homem pouco reflete.

Mas todo espírito sincero que procura a fé e a verdade encontrá-las-á na nova revelação. Uma influência do Alto derramar-se-á sobre ele e o guiará na direção dessa luz nascente que, um dia, iluminará a Humanidade inteira.



XLV

O ORGULHO. RIQUEZA E POBREZA

De todos os vícios, o mais terrível é o orgulho, pois semeia, na sua passagem, os germens de quase todos os outros vícios. Desde que tenha penetrado numa alma, assim como numa praça conquistada, estabelece-se como senhor, instala-se, aí, à vontade, fortifica-se ao ponto de se tornar inexpugnável. É a hidra monstruosa, sempre a procriar e cujos rebentos são monstruosos como ela.

Infeliz do homem que se deixou apanhar pelo orgulho! Só poderá libertar-se ao preço de terríveis lutas, depois de dolorosas provações, de existências obscuras, de um futuro todo de rebaixamento e de humilhação, pois aí está o único remédio eficaz para os males que o orgulho engendra.

Esse vício é o maior flagelo da Humanidade. Dele procedem todas as discórdias da vida social, as rivalidades de classes e de povos, as intrigas, o ódio e a guerra. Inspirador

DEPOIS DA MORTE

das loucas ambições, o orgulho tem coberto a Terra de sangue e de ruínas; e é ainda ele que causa nossos sofrimentos de além-túmulo, pois seus efeitos estendem-se além da morte, até sobre nossos destinos longínquos.

O orgulho desvia-nos não apenas do amor dos nossos semelhantes, mas torna qualquer aperfeiçoamento impossível, enganando-nos sobre nosso valor, cegando-nos sobre nossos defeitos. Apenas um exame rigoroso dos nossos atos e dos nossos pensamentos nos permitirá nos reformarmos. Mas como o orgulhoso submeter-se-ia a esse exame? De todos os homens é aquele que menos se conhece. Vaidoso de sua pessoa, nada pode desenganá-lo, pois afasta, com cuidado, o que poderia esclarecê-lo; odeia a contradição e apenas se compraz no convívio dos adulares.

Como o verme que corrói um belo fruto, o orgulho corrompe as obras mais meritórias. Às vezes, ele as torna mesmo prejudiciais àquele que as executa. O bem feito com ostentação, com o secreto desejo de ser aplaudido, glorificado, volta-se contra seu autor. Na vida espiritual, as intenções, os móveis ocultos que nos inspiram reaparecem como outras tantas testemunhas; oprimem o orgulhoso e reduzem a nada seus méritos ilusórios.

O orgulho esconde-nos toda verdade. Para estudar frutuosamente o Universo e suas leis, é preciso, antes de tudo, a simplicidade, a sinceridade, a equidade do coração e do espírito, virtudes desconhecidas do orgulhoso. O pensamento de que tantos seres e coisas nos dominam é-lhe insuportável e ele o repele. Seus julgamentos são para ele os limites do possível; dificilmente decide-se a admitir que seu saber e sua compreensão sejam limitados.

O homem simples, humilde de coração, rico em qualidades morais, chegará mais depressa à verdade, apesar da

O ORGULHO. RIQUEZA E POBREZA

possível inferioridade de suas faculdades, do que o presunçoso, vaidoso de sua ciência terrestre, revoltado contra a lei que o rebaixa e destrói o seu prestígio.

O ensino dos espíritos nos mostra, sob sua verdadeira claridade, a situação dos orgulhosos na vida de além-túmulo. Os humildes e os pequenos desse mundo encontram-se aí elevados; os vaidosos e os poderosos são diminuídos, humilhados. Uns trouxeram com eles aquilo que faz a verdadeira superioridade: as virtudes, as qualidades adquiridas pelo sofrimento enquanto outros tiveram que abandonar, com a morte, títulos, fortuna; é inútil saber. Tudo o que constituía sua glória, sua felicidade, dissipou-se como fumaça. Chegam ao Espaço pobres, despojados, e essa privação súbita, contrastando com seu passado esplendor, aviva seus cuidados, seus pungentes remorsos. É com uma amargura profunda que veem acima deles, na luz, aqueles que menosprezaram, desprezaram na Terra. Acontece o mesmo para com as reencarnações futuras. O orgulho, a ambição ávida, não podem atenuar-se ou apagar-se senão por meio de vidas atormentadas, vidas de trabalho e de renúncia, no decorrer das quais a alma orgulhosa volta-se para si mesma, reconhece sua fraqueza, abre-se para os sentimentos melhores.

Um pouco de sabedoria e de reflexão nos preservaria desses males. Como podemos nos deixar invadir e dominar pelo orgulho, quando basta nos considerar para ver o pouco que nós somos? Será o nosso corpo, nossos encantos físicos que nos inspiram a vaidade? A beleza é passageira; uma só doença pode destruí-la. Cada dia, o tempo opera sua obra; ainda alguns passos na vida e todas essas vantagens estarão desbotadas, fenecidas; nosso corpo será apenas uma coisa repugnante. — Será a nossa superioridade sobre a Natureza? Se o mais poderoso, o mais bem dotado de nós for transportado

DEPOIS DA MORTE

a um deserto onde deverá bastar-se; se afrontar os elementos desencadeados; se, isolado, expuser-se às cóleras do oceano, em meio aos furores do vento, das ondas ou dos fogos subterrâneos, sua fraqueza revelar-se-á!

Nas horas de perigo, todas as distinções sociais, os títulos, as vantagens da fortuna, medem-se no seu justo valor. Somos todos iguais diante do perigo, do sofrimento e da morte. Todos os homens, do mais alto colocado ao mais miserável, são modelados com a mesma argila. Revestidos de farrapos ou de suntuosas vestimentas, seus corpos são animados por espíritos da mesma origem, e todos se reencontrarão confundidos na vida futura. Apenas seu valor moral os distinguirá. O maior nesse mundo pode se tornar um dos últimos no Espaço, e o mendigo pode revestir uma roupagem brilhante. Não desprezemos a ninguém. Não sejamos vaidosos pelos favores, pelas vantagens passageiras. Ninguém sabe o que o amanhã lhe reserva.

*

* *

Se Jesus prometeu a entrada dos reinos celestes aos humildes e aos pequenos, é que a riqueza e o poder engendram muito frequentemente o orgulho, enquanto que uma vida laboriosa e obscura é o elemento mais seguro do progresso moral. No cumprimento de sua tarefa cotidiana, as tentações, os desejos, os apetites malsãos assediam menos o trabalhador; ele pode abandonar-se à meditação, desenvolver sua consciência; o homem mundano, ao contrário, é absorvido pelas ocupações frívolas, pela especulação ou pelo prazer.

A riqueza nos liga à Terra através de vínculos tão numerosos e tão íntimos, que a morte consegue raramente rompê-los, libertando-nos. Daí, as angústias do rico na vida futura. É, entretanto, fácil compreender que, na realidade,

O ORGULHO. RIQUEZA E POBREZA

nada é nosso, nesse mundo. Esses bens, aos quais atribuímos tanto valor, pertencem-nos apenas na aparência. Centenas de outros depois de nós embalar-se-ão nas mesmas ilusões, e todos abandoná-los-ão cedo ou tarde. Nosso próprio corpo é um empréstimo da Natureza e ela sabe bem no-lo retomar, quando lhe convém. Nossas únicas aquisições duráveis são de ordem intelectual e moral.

Da paixão pelos bens materiais nascem, muitas vezes, a inveja e o ciúme. Quem traz em si esses vícios pode dizer adeus a qualquer repouso, a qualquer paz. Sua vida torna-se um tormento perpétuo. Os sucessos, a opulência do próximo nele despertam ardentes cobiças, uma febre de posse que o consome. O invejoso não pensa senão em eclipsar os outros, adquirir riquezas que não sabe nem mesmo desfrutar. Haverá uma existência mais lamentável! Perseguir incessantemente uma felicidade quimérica, colocar toda sua alma nessas vaidades, cuja perda nos desespera, não é criar para si um suplício a todo instante?

A riqueza não é, todavia, um mal em si mesma. É boa ou má, segundo o emprego que dela se faz. O importante é que ela não inspire nem orgulho nem dureza do coração. É preciso ser o senhor da sua fortuna e não seu escravo, mostrar-se superior a ela, desinteressado e generoso. Nessas condições, a prova perigosa da riqueza torna-se mais fácil de se suportar. Ela não amolece os caracteres, não desperta essa sensualidade quase inseparável do bem-estar.

A prosperidade é perigosa pelas tentações que proporciona, pela fascinação que exerce sobre os espíritos. Pode, entretanto, ser a fonte de um grande bem, quando regulada com sabedoria e moderação.

Pode-se, através da riqueza, contribuir para o progresso intelectual dos homens, para o aperfeiçoamento das sociedades, criando instituições de benemerência ou escolas, fazendo

DEPOIS DA MORTE

os deserdados participarem das descobertas da Ciência e das revelações do Belo. Mas, acima de tudo, a riqueza deve se derramar sobre aqueles que lutam contra a necessidade, sob forma de trabalho e de socorro.

Em compensação, consagrar seus recursos à satisfação exclusiva da sua vaidade e dos seus sentidos é perder sua existência e criar para si penosos entraves. O rico deverá dar conta do depósito entregue nas suas mãos para o bem de todos. Quando a lei inexorável, quando o grito da sua consciência elevarem-se contra ele nesse mundo futuro onde o ouro não tem mais influência, o que responderá à acusação de ter desviado em proveito próprio o que deveria abrandar a fome e os sofrimentos dos outros?

Quando o espírito não se sente suficientemente armado contra as seduções da riqueza, deve afastar-se dessa prova perigosa, procurar, de preferência, uma vida simples, longe das vertigens da fortuna e da grandeza. Se, apesar de tudo, a sorte o destina a ocupar um lugar mais elevado nesse mundo, não deve se regozijar, pois sua responsabilidade e seus deveres serão muito mais extensos. Colocado nas fileiras inferiores da sociedade, não deve se ruborecer jamais. O papel dos humildes é o mais meritório; são eles que suportam todo o peso da civilização; é do seu trabalho que vive e se alimenta a Humanidade. O pobre deve ser sagrado para todos, pois foi pobre que Jesus quis nascer e morrer; foi a pobreza que escolheram Epiteto, Francisco de Assis, Miguel Angelo, Vicente de Paulo e tantos nobres espíritos que viveram nesse mundo. Eles sabem que o trabalho, as privações, o sofrimento desenvolvem as forças viris da alma, enquanto que a prosperidade as diminui. No desapego das coisas humanas, uns encontraram a santificação, outros a potência que faz o gênio.

O ORGULHO. RIQUEZA E POBREZA

A pobreza nos ensina a nos compadecermos dos males dos outros, fazendo-nos melhor compreendê-los; ela nos une a todos aqueles que sofrem; valoriza mil coisas indiferentes para os que são felizes. Aqueles que não conheceram suas lições ignorarão sempre um dos lados mais comoventes da vida.

Não invejemos os ricos, cujo esplendor aparente esconde tantas misérias morais. Não nos esqueçamos de que, sob o cilício da pobreza escondem-se as virtudes mais sublimes, a abnegação, o espírito de sacrifício. Não nos esqueçamos também de que é pelos labores e o sangue, pela imolação contínua dos pequenos, que as sociedades vivem, defendem-se e renovam-se.



XLVI

O EGOÍSMO

O egoísmo é irmão do orgulho e procede das mesmas causas. É uma das mais terríveis doenças da alma, o maior obstáculo aos aperfeiçoamentos sociais. Por si só neutraliza, torna estéreis quase todos os esforços do homem para o bem. Assim, o combate deve ser a preocupação constante de todos os amigos do progresso, de todos os servidores da justiça.

O egoísmo é a persistência desse individualismo feroz que caracteriza o animal, como um vestígio desse estado de inferioridade que já experimentamos. Mas o homem é, antes de tudo, um ser social; destinado a viver com seus semelhantes e nada pode sem eles. Abandonado a si mesmo, seria impotente para satisfazer suas necessidades, desenvolver suas qualidades.

Depois de Deus, é à sociedade que deve todos os benefícios da existência, todas as vantagens da civilização.

DEPOIS DA MORTE

Dela desfruta; mas, precisamente esse gozo, essa participação nos frutos da obra comum, impõem-lhe o dever de cooperar na própria obra. Uma estreita solidariedade liga-o a essa sociedade; deve a ela, como ela lhe deve. Permanecer inativo, improdutivo, inútil, no meio do trabalho de todos, seria um ultraje à moral, quase um roubo; seria aproveitar-se dos labores de outrem, aceitar um empréstimo que se recusa a restituir.

Somos parte integrante da sociedade e tudo o que a atinge, atinge-nos. É nessa compreensão do laço social, da lei de solidariedade, que se mede a dose de egoísmo que está em nós. Aquele que sabe viver nos seus semelhantes e pelos semelhantes não tem que temer os golpes desse flagelo. Possui um critério infalível para julgar sua conduta. Nada faz sem pesquisar, se aquilo que produz é bom ou mau para aqueles que o cercam, sem se perguntar se seus atos são nocivos ou proveitosos para essa sociedade da qual é membro. Se parecem vantajosos apenas para si e prejudiciais aos outros, sabe que, na realidade, eles são maus para todos e deles se abstém, escrupulosamente.

A avareza é uma das formas mais repugnantes do egoísmo. Mostra a baixeza da alma que, açambarcando riquezas utilizáveis para o bem comum, não sabe nem mesmo aproveitá-las. O avaro, na sua paixão pelo ouro, no seu desejo ardente de adquirir, empobrece seus semelhantes e torna-se, ele próprio, indigente, pois é novamente a pobreza, essa prosperidade aparente que acumula sem-proveito para pessoa alguma: uma pobreza relativa, mas tão lastimável quanto a dos desgraçados e merece a reprovação de todos.

Nenhum sentimento elevado, nada do que constitui a nobreza do ser pode germinar na alma do avaro. A inveja, a cupidez que o atormentam, condenando-o a uma penosa

O EGOÍSMO

existência, a um futuro mais miserável ainda. Nada se iguala ao seu desespero quando, para além do túmulo, vê seus tesouros repartidos ou dispersados.

Vocês que procuram a paz do coração, fujam desse vício baixo e desprezível. Mas não caiam no excesso contrário. Não desperdicem nada. Saibam usar seus recursos com sabedoria e moderação.

O egoísmo traz em si seu próprio castigo. O egoísta não vê senão a sua pessoa no mundo. Assim, suas horas estão semeadas de tédio. Encontra o vazio por toda a parte, na existência terrestre como depois da morte, pois, homens ou espíritos, todos lhe fogem.

Aquele que, ao contrário, coopera na medida de suas forças na obra social, que vive em comunhão com seus semelhantes, fazendo-os compartilhar de suas faculdades e seus bens, como ele compartilha dos seus, espalhando ao seu redor o que há de bom em si, este se sente mais feliz. Tem consciência de obedecer à Lei, de ser um membro útil da sociedade. Tudo o que se realiza nesse mundo o interessa; tudo o que é grande e belo, sensibiliza-o e o comove; sua alma vibra em uníssono com todas as almas esclarecidas e generosas e o tédio, o desencanto não têm poder sobre ele.

Nosso papel não é, portanto, o de abster-nos, mas de combater, sem-descanso, pelo bem e a verdade. Não é sentado ou deitado que nos cumpre contemplar o espetáculo da vida humana nessas perpétuas renovações; é de pé, como pioneiro, como soldado pronto para participar de todas as grandes tarefas, a traçar novos caminhos, a fecundar o patrimônio comum da Humanidade. Embora se encontre em todas as camadas da sociedade, esse vício é muito mais o apanágio do rico do que do pobre. Com muita frequência a prosperidade torna insensível o coração, enquanto que o

DEPOIS DA MORTE

infortúnio, fazendo-nos conhecer o peso da dor, ensina-nos a nos compadeceremos dos males alheios. O rico sabe ao menos ao preço de que penas, de que duros labores criam-se mil coisas com as quais se compõe seu luxo?

Não nos sentemos jamais a uma mesa bem servida sem pensar naqueles que sofrem de fome. Esse pensamento tornar-nos-á mais sóbrios, comedidos nos nossos apetites e gostos. Pensemos nos milhões de homens curvados sob os ardores do estio ou sob as duras intempéries e que, em troca de um magro salário, retiram do solo os produtos que alimentam nossos festins e enfeitam nossas residências. Lembremo-nos de que, para iluminar nossa casa com uma luz resplandecente, para fazer jorrar nos nossos lares a chama benfeitora, homens, nossos semelhantes, capazes como nós de amar, de sentir, trabalham sob a terra, longe do céu azul e do alegre Sol, e, de picareta em punho, perfuram durante toda sua vida as entranhas da terra. Saibamos que, para ornar nossos salões de espelhos de cristais brilhantes, para produzir os inumeráveis objetos dos quais se compõem nosso bem-estar, outros homens, aos milhares, semelhantes a réprobos na fornalha, passam sua existência no calor calcinante dos altos fornos das fundições, privados do ar, extremados, consumidos antes do tempo, não tendo como perspectiva senão uma velhice desnudada e sofredora. Saibamos que, todo esse conforto do qual desfrutamos com indiferença é comprado com o suplício dos humildes e o esmagamento dos pequenos. Que esse pensamento penetre em nós, nos persiga, obsedie; como uma espada de fogo, ele expulsará o egoísmo dos nossos corações e forçar-nos-á a consagrar os nossos bens, nossos lazeres, nossas faculdades ao aperfeiçoamento do destino dos fracos.

O EGOÍSMO

Não haverá, pois, paz entre os homens, não haverá segurança, felicidade social, enquanto o egoísmo não for vencido, enquanto os privilégios, as desigualdades chocantes não desaparecerem e cada um participar, na medida do seu trabalho e dos seus méritos, no bem-estar de todos. Não pode haver nem paz nem harmonia sem a justiça. Enquanto o egoísmo de uns se nutrir dos sofrimentos e das lágrimas dos outros, enquanto as exigências do eu abafarem a voz do dever, o ódio dividirá os espíritos, tempestades preparar-se-ão, secretamente, no seio das sociedades.

Graças, porém, ao conhecimento do nosso futuro, a ideia de solidariedade acabará por prevalecer. A lei do retorno à carne, a necessidade de renascer em condições modestas, serão outros tantos aguilhões que reprimirão o egoísmo. Diante dessas perspectivas, o sentimento exagerado da personalidade atenuar-se-á para nos dar uma noção mais exata do nosso lugar e do nosso papel no Universo. Sabendo-nos ligados a todas as almas, solidários no seu adiantamento e felicidade, interessar-nos-emos mais pela sua situação, seus progressos, seus trabalhos. À medida que esse sentimento for se espalhando pelo mundo, as instituições, as relações sociais melhorarão; a fraternidade, essa palavra banal repetida por tantas bocas, descerá até os corações e tornar-se-á uma realidade. Nós nos sentiremos viver nos outros, desfrutaremos de suas alegrias e sofreremos pelos seus males. Não haverá mais, então, um só lamento sem-eco, uma só dor sem-consolação. A grande família humana, forte, pacífica, unida, avançará com passo mais rápido em direção aos seus magníficos destinos.



XLVII

A CARIDADE

Em oposição às religiões exclusivas que tomaram como preceito: “Fora da Igreja não há salvação”, como se seu ponto de vista puramente humano pudesse decidir a sorte dos seres na vida futura, Allan Kardec coloca essas palavras no frontispício de suas obras: *Fora da Caridade, não há salvação*. Os espíritos nos ensinam, com efeito, que a caridade é a virtude por excelência; só ela dá a chave dos planos elevados.

“É preciso amar os homens”, repetem após o Cristo, que resumira nessas palavras todos os mandamentos da lei moral.

Mas, objetam, os homens não são muito amáveis. Muita maldade incuba-se neles e a caridade é muito difícil de se praticar com relação a eles.

Se os julgamos dessa forma, não será porque nos agrada considerar unicamente o lado mau dos seus caracteres,

DEPOIS DA MORTE

seus defeitos, suas paixões, suas fraquezas, esquecendo, com muita frequência, de que nós mesmos não estamos isentos e que, se eles têm necessidade de caridade, teremos menos necessidade de indulgência?

Todavia, o mal não reina sozinho nesse mundo. Há no homem, também, o bem, qualidades, virtudes. Há, sobretudo, sofrimentos. Se queremos ser caridosos e devemos sê-lo, em nosso próprio interesse como no interesse da ordem social, não nos prendamos, nos nossos julgamentos sobre nossos semelhantes, naquilo que pode nos levar à maledicência, à difamação, mas vejamos sobretudo no homem um companheiro de provas, um irmão de armas na luta da vida. Vejamos os males que ele suporta em todas as classes da sociedade. Quem é que não esconde uma chaga no fundo da sua alma? Quem não suporta o peso de desgostos, de amarguras? Se nos colocássemos nesse ponto de vista para considerar o próximo, nossa maledicência transformar-se-ia rapidamente em simpatia.

Ouve-se, muitas vezes, recriminar a grosseria e as paixões brutais das classes operárias, as cobiças e as reivindicações de alguns homens do povo. Refletimos bastante nos maus exemplos que os envolveram desde a infância? As necessidades da vida, as necessidades imperiosas de cada dia lhes impõem uma tarefa rude e absorvente. Nenhum lazer, nenhum espaço de tempo para esclarecer sua inteligência. As doçuras do estudo, os gozos da arte lhes são desconhecidos. O que sabem sobre as leis morais, sobre seu destino, sobre o mecanismo do Universo? Poucos raios consoladores projetam-se nessas trevas. Para eles, a luta cruel contra a necessidade é de todos os instantes. O desemprego, a doença, a negra miséria os ameaçam e assediam, incessantemente. Qual o caráter que não se exasperaria em meio a tantos males? Para suportá-los com resignação, é preciso um verdadeiro

A CARIDADE

estoicismo, uma força da alma tanto mais admirável quanto mais instintiva que racional.

Ao invés de atirar pedras nesses desafortunados, apliquemo-nos em aliviar seus males, enxugar suas lágrimas, trabalhar com todas as nossas forças para introduzir na Terra uma partilha mais equitativa dos bens materiais e dos tesouros do pensamento. Não se sabe suficientemente o que podem fazer sobre essas almas ulceradas: uma boa palavra, um sinal de interesse, um cordial aperto de mão. Os vícios do pobre desagradam-nos e, entretanto, quanta desculpa não merece por causa de sua miséria! Mas queremos ignorar suas virtudes, que são muito mais admiráveis, por desabrocharem no lodaçal.

Que devotamentos obscuros entre os humildes! Que lutas heroicas e tenazes contra a adversidade! Pensemos nas inumeráveis famílias que vegetam sem-apoio, sem-socorro, nas crianças privadas do necessário, em todos esses seres que tiritam de frio, no fundo de casebres úmidos e sombrios ou em mansardas desoladas. Qual é o papel da mulher do povo, da mãe de família em tais lugares, quando o inverno se abate sobre a Terra, o fôgão sem-lume, a mesa sem-alimentos, sobre o leito gelado farrapos substituem o cobertor vendido ou hipotecado para se ter pão! Seu sacrifício não é de todos os instantes? Como seu pobre coração se parte diante das dores dos seus! O ocioso opulento não deveria enrubescer de expor sua riqueza em meio a tanto sofrimento? Que responsabilidade esmagadora para ele se, no meio da sua abundância, esquece aqueles a quem a necessidade oprime!

Sem dúvida, muito lodo e coisas repugnantes se misturaram às cenas da vida dos pequenos. Lamentos e blasfêmias, embriaguez e alcovitice, crianças desapiedadas e pais desalmados, todas as deformidades aí se confundem; mas sob esses

DEPOIS DA MORTE

exteriores repugnantes, é sempre a alma humana que sofre, a alma nossa irmã, cada vez mais digna de interesse e afeição.

Arrancá-la da lama, esclarecê-la, fazê-la subir degrau por degrau a escada de reabilitação, que grande tarefa! Tudo se purifica no fogo da caridade. É esse fogo que abrasava o Cristo, Vicente de Paulo, todos aqueles que, no seu imenso amor pelos fracos e os decaídos, encontraram o princípio de sua abnegação sublime.

Acontece o mesmo com aqueles que têm a faculdade de muito amar e muito sofrer. A dor é para eles como uma iniciação à arte de consolar e sustentar os outros. Eles sabem elevar-se acima de seus próprios males para ver apenas os males de seus semelhantes e buscar-lhe o remédio. Daí, os grandes exemplos dados por essas almas de elite que, no fundo de sua aflição, de sua agonia dolorosa, encontram ainda o segredo de curar os ferimentos dos vencidos da vida.

A caridade tem outras formas que não a solicitude pelos desgraçados. A caridade material ou a beneficência, pode se aplicar a um certo número de nossos semelhantes, sob a forma de socorro, de sustentação, de encorajamentos. A caridade moral deve se estender a todos aqueles que partilham da nossa vida nesse mundo. Ela não consiste mais em esmolas, mas numa benevolência que deve envolver todos os homens, do mais virtuoso ao mais criminoso e regular nossas relações com eles. Essa caridade, todos podemos praticá-la, por mais modesta que seja nossa condição.

A verdadeira caridade é paciente e indulgente. Não magoa, não desdenha a ninguém, é tolerante e se procura dissuadir, é com doçura, sem machucar nem atacar as ideias enraizadas.

Entretanto, essa virtude é rara. Um certo fundo de egoísmo nos leva muito mais a observar, a criticar os defeitos do próximo, enquanto nos cegamos para com os nossos. Mesmo

A CARIDADE

que haja em nós tantos defeitos, empregamos voluntariamente nossa sagacidade para fazer sobressair os defeitos dos nossos semelhantes. Por isso, não há verdadeira superioridade moral sem a caridade e a modéstia. Não temos o direito de condenar nos outros faltas a que nós mesmos estamos expostos; e, embora nossa elevação moral nos tenha libertado dessas fraquezas para sempre, não devemos esquecer de que houve um tempo em que nos debatíamos contra a paixão e o vício.

Há poucos homens que não tenham maus hábitos a corrigir, deploráveis pendores a reformar. Lembremo-nos de que seremos julgados com a mesma medida que nos tenha servido para medir nossos semelhantes. As opiniões que temos deles são quase sempre um reflexo da nossa própria natureza. Sejam mais prontos em desculpar do que em censurar.

Nada é mais funesto para o futuro da alma do que as más intenções, do que essa maledicência incessante que alimenta a maior parte das conversas. O eco das nossas palavras repercutem na vida futura, a atmosfera dos nossos pensamentos malévolos forma como uma espessa nuvem que envolve e entenebrece o espírito. Abstenhamo-nos dessas críticas, dessas apreciações malignas, dessas palavras escarnecedoras que envenenam o futuro. Fugamos da maledicência como de uma peste; retenhamos nos lábios qualquer intenção amarga pronta para escapar. Nossa felicidade tem esse preço.

*

* *

O homem caridoso faz o bem ocultamente; dissimula suas boas ações, enquanto que o vaidoso proclama o pouco que faz. “A mão esquerda deve ignorar o que dá a direita”, disse Jesus. “Aquele que faz o bem com ostentação já recebeu sua recompensa”.

DEPOIS DA MORTE

Dar em segredo, ser indiferente aos elogios dos homens, é mostrar uma verdadeira elevação de caráter, é se colocar acima dos julgamentos de um mundo passageiro e procurar a justificação de seus atos na vida que não termina.

Nessas condições, a ingratidão, a injustiça não podem atingir o homem caridoso. Ele faz o bem porque é seu dever e sem esperar nenhuma vantagem, nenhuma recompensa; deixa à lei eterna o cuidado de fazer gotejar as consequências de seus atos, ou melhor, nem pensa nisso. É generoso. Para estimular os outros, sabe privar-se a si mesmo, ciente de que não há nenhum mérito em dar seu supérfluo. É por isso que o óbulo do pobre, a moeda da viúva, o pedaço de pão repartido com o companheiro de infortúnio, têm mais valor do que a generosidade do rico. O pobre, na sua penúria, pode ainda socorrer o mais pobre que ele.

Há mil maneiras de se tornar útil, de vir em socorro de seus irmãos. O ouro não tarifa todas as lágrimas e não pensa todas as feridas. Há males para os quais uma amizade sincera, uma ardente simpatia, uma efusão da alma farão mais do que as riquezas.

Sejamos generosos para com aqueles que sucumbiram na luta contra suas paixões e foram arrastados para o mal, generosos para com os pecadores, os criminosos, os endurecidos. Sabemos nós por que fases suas almas passaram, que tentações suportaram antes de falir? Tinham esse conhecimento das leis superiores que sustentam na hora do perigo? Ignorantes, incertos, agitados por todos os sopros externos, podiam resistir e vencer? A responsabilidade é proporcional ao saber; mais será pedido àquele que conhece a verdade.

Sejamos piedosos para com os pequenos, os débeis, os aflitos, para com todos aqueles que sangram os ferimentos da alma e do corpo. Procuremos os lugares onde as dores

A CARIDADE

abundam, onde os corações se partem, onde as existências se ressecam no desespero e no esquecimento. Desçamos nesses abismos de miséria, a fim de aí levar as consolações que restauram, as boas palavras que reconfortam, as exortações que vivificam, a fim de ali fazer luzir a esperança, esse sol dos desgraçados. Esforcemo-nos para daí arrancar alguma vítima, para purificá-la, salvá-la do mal, abrir-lhe o caminho honroso. Será somente pelo devotamento e a afeição que aproximaremos as distâncias, que preveniremos os cataclismos sociais, exterminando o ódio que se incuba no coração dos deserdados.

Tudo o que o homem faz pelo seu irmão grava-se no grande livro fluídico cujas páginas se desenrolam através do Espaço, páginas luminosas onde se inscrevem nossos atos, nossos sentimentos, nossos pensamentos. E essas dívidas nos serão pagas, amplamente, nas existências futuras.

Nada fica perdido, nada fica esquecido. Os laços que unem as almas através dos tempos são tecidos com os benefícios do passado. A sabedoria eterna tudo regulou para o bem dos seres. As boas obras executadas, aqui na Terra, tornam-se, para o seu autor, a fonte de infinitas alegrias no futuro.

A perfeição do homem se resume em duas palavras: Caridade, Verdade. A caridade é a virtude por excelência; ela é de essência divina. Irradia sobre os mundos, reaquece as almas como um olhar, como um sorriso do Eterno. Ultrapassa em resultados o saber, o gênio. Esses não caminham sem o orgulho. São contestados, às vezes, desconhecidos, mas a caridade, sempre doce e benevolente, enternece os corações mais duros, desarma os espíritos mais perversos, inundando-os de amor.



XLVIII

PACIÊNCIA E BONDADE

Se o orgulho é o pai de uma multidão de vícios, a caridade gera muitas virtudes. Desta derivam a paciência, a doçura, a reserva nas intenções. É fácil para o homem caridoso ser paciente e doce, perdoar as ofensas que lhes são feitas. A misericórdia é companheira da bondade. Uma alma elevada não pode conhecer o ódio, nem praticar a vingança. Ela plana acima dos mesquinhos rancores: é do alto que observa as coisas. Compreendendo que os erros dos homens são apenas o resultado de sua ignorância, não concebe nem amargor, nem ressentimento. Sabe que perdoar, esquecer os erros do próximo, é anular qualquer germen de inimizade, é apagar toda causa de discórdia no futuro, tanto na Terra quanto na vida do Espaço.

A caridade, a mansuetude, o perdão das injúrias tornam-nos invulneráveis, insensíveis às baixezas e às perfídias. Provocam nosso desligamento progressivo das vaidades terrestres e habitam-nos a dirigir nosso olhar para as coisas que a decepção não pode atingir.

DEPOIS DA MORTE

Perdoar é o dever da alma que aspira aos planos elevados. Quantas vezes não tivemos nós próprios necessidade desse perdão? Quantas vezes não o pedimos? Perdoemos para que sejamos perdoados! Não poderemos obter para nós o que recusamos aos outros. Se queremos vingar-nos, que seja através de boas ações. O bem feito a quem nos ofende, desarma nosso inimigo. Seu ódio se transforma em espanto, e seu espanto em admiração. Despertando sua consciência adormecida, essa lição pode produzir nele uma impressão profunda. Através desse meio, esclarecendo-o, talvez tenhamos arrancado uma alma da perversidade.

O único mal que se deve assinalar e combater, é aquele que recai sobre a sociedade. Quando se apresenta sob a forma de hipocrisia, de duplicidade, de mentira, devemos desmascará-lo, pois outras pessoas poderão sofrer por isso, mas é bom silenciar sobre o que atinge unicamente nossos interesses ou nosso amor-próprio.

A vingança sob todas as formas, o duelo, a guerra são vestígios da selvageria primitiva, a herança de um mundo bárbaro e atrasado. Aquele que entreviu o encadeamento grandioso das leis superiores, desse princípio de justiça cujos efeitos se repercutem através dos tempos, poderá pensar em vingar-se?

Vingar-se é fazer de uma só falta, de um só crime, dois; é tornar-se tão culpado quanto o próprio ofensor. Quando o ultraje ou a injustiça nos atingir, imponhamos silêncio à nossa dignidade ferida, pensemos naqueles que, no passado sombrio, nós mesmos ofendemos, ultrajamos, espoliamos, e suportemos a injúria como uma reparação. Não percamos de vista o objetivo da existência, que esses acidentes nos fariam esquecer. Não deixemos o caminho reto e seguro; não nos deixemos arrastar pela paixão nos declives perigosos

PACIÊNCIA E BONDADE

que nos conduziriam à bestialidade; escalemo-los, de preferência, com redobrada coragem. A vingança é uma loucura que faria perder o fruto de muitos progressos, recuar sobre o caminho percorrido. Um dia, quando tivermos deixado a Terra, talvez abençoemos aqueles que tenham sido duros, impiedosos para conosco, que nos tenham roubado, enchido de mágoa; nós os abençoaremos, pois de suas iniquidades surgirá nossa felicidade espiritual. Acreditavam fazer-nos o mal, e facilitaram nosso adiantamento, nossa elevação, dando-nos a oportunidade de sofrer desmesuradamente, de perdoar e de esquecer.

A paciência é essa qualidade que nos ensina a suportar com calma todos os aborrecimentos. Não consiste em apagar em nós qualquer sensação, em nos tornar indiferentes, inertes, mas em procurar, além dos horizontes do presente, as consolações que nos fazem considerar fúteis e secundárias as tribulações da vida material.

A paciência conduz à benevolência. Como espelhos, as almas nos devolvem o reflexo dos sentimentos que nos inspiram. A simpatia atrai a simpatia, e a indiferença engendra o amargor.

Aprendamos, quando for necessário, a reprimir com doçura, a discutir sem arrebatamento, a julgar todas as coisas com benevolência e moderação: fujamos de tudo o que apaixona e sobre-excita.

Abstenhamo-nos, sobretudo, da cólera, que é o despertamento de todos os instintos selvagens, amortecidos em nós pelo progresso e a civilização, uma reminiscência de nossas vidas obscuras. Em cada homem, o animal subsiste ainda através de certos aspectos, o animal que devemos domar pela força, se não quisermos ser dominados, escravizados por ele. Na cólera, esses instintos adormecidos despertam e fazem

DEPOIS DA MORTE

do homem uma fera. Assim, dissipa-se toda dignidade, toda razão, todo respeito de si mesmo. A cólera cega-nos, faz-nos perder a consciência de nossos atos e, na sua fúria, pode conduzir ao crime.

É da natureza do sábio dominar-se sempre, e a cólera é o indício de um caráter atrasado. Aquele que para isso está inclinado deverá vigiar com cuidado suas impressões, abafar em si o sentimento da personalidade, nada fazer, nada dizer, enquanto se sentir sob o império dessa terrível paixão.

Esforcemo-nos para adquirir a bondade, qualidade inefável, auréola da velhice; a bondade, cuja posse vale para o seu possuidor esse culto dos sentimentos oferecido pelos humildes e pequenos aos seus guias e protetores.

A indulgência, a simpatia, a bondade apaziguam os homens, atraindo-os para nós, predispondo-os a prestar mais atenção nos nossos conselhos, enquanto que a severidade desagrada e os afasta. A bondade cria-nos assim, uma espécie de autoridade moral sobre as almas, fornece-nos mais oportunidades de sensibilizá-los, de reconduzi-los ao bem. Façamos, portanto, dessa virtude uma tocha, com a ajuda da qual levaremos a luz às inteligências mais obscuras, tarefa delicada, mas que um pouco de amor pelos nossos irmãos e o sentimento profundo de solidariedade tornarão fácil.



XLIX

O AMOR

O amor é a celeste atração das almas e dos mundos, a potência divina que liga os mundos, governa-os e fecunda-os; o amor é o olhar de Deus!

Não ornamentem com tal nome a ardente paixão que os desejos carnis atizam. Esta não é senão uma sombra, um grosseiro plágio do amor. Não, o amor é o sentimento superior no qual se fundem e se harmonizam todas as qualidades do coração; é o coroamento das virtudes humanas, doçura, caridade, bondade; é a eclosão na alma de uma força que nos arrasta acima da matéria, para as alturas divinas, une-nos a todos os seres e desperta em nós felicidades íntimas, que deixam bem distantes todas as volúpias terrestres.

Amar é sentir-se viver em todos e por todos, é consagrar-se até o sacrifício, até a morte, por uma causa ou um ser. Se querem saber o que é amar, considerem os grandes vultos da Humanidade e, acima de todos, o Cristo, para

DEPOIS DA MORTE

quem o amor era toda a moral e toda religião. Não disse ele: *Amai os vossos inimigos, fazei o bem àqueles que vos perseguem...*?¹¹²

Por essas palavras, o Cristo não exige de nossa parte um afeto que não pode estar no nosso coração, mas sim, a ausência de qualquer ódio, de qualquer espírito de vingança, uma disposição sincera de ajudar, no momento preciso, àqueles que nos afligem.

Uma espécie de misantropia, de lassidão moral afasta, às vezes, os bons espíritos do resto da Humanidade. É preciso reagir contra essa tendência para o isolamento, considerando tudo o que há de grande e belo no ser humano, lembrando-se de todos os sinais de afeição, todos os atos benevolentes, dos quais fomos objeto. No que se transforma o homem separado dos seus semelhantes, privado da família e da pátria? Um ser inútil e infeliz. Suas faculdades estiolam-se, suas forças amesquinham-se, a tristeza invade-o. Não se progride sozinho. É preciso viver com os homens, neles ver companheiros necessários. O bom humor é a saúde da alma. Deixemos nosso coração abrir-se para as impressões sãs e fortes. Amemos para sermos amados!

Se nossa simpatia deve estender-se a tudo que nos cerca, seres e coisas, a tudo o que nos ajuda a viver, e até aos membros desconhecidos da grande família humana, que amor profundo, inalterável, não devemos aos nossos pais: ao pai, cuja solicitude sustenta nossa infância, que sofreu longo tempo para facilitar, diante de nós, a rude senda da vida; à mãe, que nos trouxe consigo, e nos alimentou, velou, com angústia, nossos primeiros passos e primeiras dores! Com que terno devotamento não devemos envolver sua velhice, reconhecer sua afeição, seus cuidados assíduos!

¹¹² Ver no cap. VI deste livro, *O Cristianismo*, a p. 90. (N.A.)

O AMOR

À pátria devemos igualmente nosso coração e nosso sangue. Ela recolhe e transmite a herança das numerosas gerações que trabalham e sofrem para edificar uma civilização da qual recebemos os benefícios ao nascer. Guardiã dos tesouros intelectuais acumulados pelas idades, vela pela sua conservação, pelo seu desenvolvimento e, mãe generosa, dispensa-os a todos os seus filhos. Esse patrimônio sagrado, ciências e artes, leis, instituições, ordem e liberdades, todo o imenso recurso nacional saído do pensamento e das mãos dos homens, tudo o que constitui a riqueza, a grandeza, o gênio de uma nação, é compartilhado por nós. Sem a pátria, sem essa civilização que ela nos deixa, não seríamos senão selvagens. Por mais que façamos por ela, não lhe restituiremos o que fez por nós!

Veneremos a memória daqueles que contribuíram com suas vigílias, seus esforços, seus sacrifícios para reunir, aumentar essa herança: a memória dos heróis que defenderam a pátria nas horas terríveis, de todos aqueles que, até o limiar da morte, proclamaram a verdade, serviram à justiça e nos transmitiram, tingidas pelo seu sangue, as liberdades e os progressos dos quais desfrutamos.

*

* *

O amor, profundo como o mar, infinito como o céu, abraça todos os seres. Deus é o seu foco. Como o Sol se levanta indiferentemente sobre todas as coisas e aquece a Natureza inteira, o amor divino vivifica todas as almas: seus raios, penetrando através das trevas do nosso egoísmo, vão iluminar com luzes trêmulas o fundo de cada coração humano. Todos os seres foram criados para amar. As parcelas de vida moral, os germens do bem que neles repousam, fecundados pelo foco supremo, dissipar-se-ão um dia, florescerão

DEPOIS DA MORTE

até que estejam reunidos numa mesma comunhão de amor, numa fraternidade universal.

Sejam vocês quem forem os que leiam essas páginas, saibam que nós nos encontraremos, um dia, seja neste mundo, em existências ulteriores, seja numa esfera mais adiantada, ou na imensidade dos Espaços que estamos destinados a nos influenciar no sentido do bem, a nos ajudar na nossa ascensão comum. Filhos de Deus, membros da grande família dos espíritos, marcados na fronte com o sinal da imortalidade, estamos destinados a nos conhecer, a nos unir na santa harmonia das leis e das coisas, longe das paixões e das grandezas enganosas da Terra. Esperando por esse dia, que meu pensamento vá em sua direção, ó meu irmão ou minha irmã, como um testemunho de suave simpatia; que possa sustentá-lo nas suas dúvidas, consolá-lo nas suas dores, erguê-lo nas suas fraquezas; que junte-se ao seu pensamento para pedir ao nosso Pai comum para nos ajudar a conquistar um futuro melhor.



L

RESIGNAÇÃO NA ADVERSIDADE

O sofrimento é uma lei do nosso mundo. Em todas as condições, em todas as idades, sob todos os climas, o homem tem sofrido, o homem tem chorado. Apesar dos progressos sociais, milhões de seres curvam-se ainda sob o peso da dor. As classes superiores não estão isentas de males. Nos espíritos cultivados, a sensibilidade, mais desperta, mais delicada, causa impressões mais vivas. O rico, como o pobre, sofre na carne e no coração. De todos os pontos do globo, o lamento humano sobe ao Espaço.

Mesmo no meio da abundância, um sentimento de abatimento, uma vaga tristeza apodera-se, às vezes, das almas delicadas. Elas sentem que a felicidade é irrealizável aqui, que só aparece em fugitivos lampejos. O espírito aspira a vidas, a mundos melhores; uma espécie de intuição lhe diz que a Terra não é tudo. Para o homem alimentado pela filosofia dos espíritos, essa intuição vaga transforma-se em certeza. Sabe para onde vai, conhece o porquê dos seus males, a razão

DEPOIS DA MORTE

de ser do sofrimento. Além das sombras e das angústias da Terra, entrevê a aurora de uma nova vida.

Para apreciar os bens e os males da existência, para saber o que são a felicidade e a infelicidade verdadeiras, é preciso elevar-se acima do círculo estreito da vida terrestre. O conhecimento da vida futura, da sorte que aí nos espera permite-nos medir as consequências dos nossos atos e sua influência sobre nosso futuro.

Encarada sob esse ponto de vista, a infelicidade para o ser humano não será mais o sofrimento, a perda dos seus, as privações, a miséria; não, será tudo o que o enlameia, amesquinha-o ou causa obstáculo ao seu adiantamento. A infelicidade, para aquele que considera apenas o presente, pode ser a pobreza, as enfermidades, a doença. Para o espírito que plana nas alturas, será a paixão pelo prazer, o orgulho, a vida inútil e culpada. Não se pode julgar uma coisa sem ver tudo o que daí decorre, e é por isso que ninguém compreenderá a vida, se não conhecer-lhe nem o objetivo, nem as leis.

As provas, purificando a alma, preparam sua elevação e sua felicidade, enquanto que as alegrias desse mundo, as riquezas, as paixões debilitam-na, preparam-na para uma outra vida de amargas decepções. Assim, aquele que sofre em sua alma e em seu corpo, aquele que a adversidade oprime pode esperar e levantar seu olhar confiante para o céu; paga sua dívida ao destino e conquista a liberdade; mas aquele que se compraz na sensualidade, forja suas próprias correntes, acumula novas responsabilidades, que pesarão maciçamente sobre seus dias futuros.

A dor, sob suas formas múltiplas, é o remédio supremo para as imperfeições, para as enfermidades da alma. Sem ela, não há cura possível. Assim como as doenças orgânicas são, com frequência, o resultado dos nossos excessos,

RESIGNAÇÃO NA ADVERSIDADE

as provações morais que nos atingem são a resultante das nossas faltas passadas. Cedo ou tarde, essas faltas recaem sobre nós, com suas consequências lógicas. É a lei de justiça, do equilíbrio moral. Saibamos aceitar-lhes os efeitos, como aceitamos os remédios amargos, as operações dolorosas que devem restabelecer a saúde, a agilidade ao nosso corpo. Quando os desgostos, as humilhações e a ruína nos oprimem, suportemo-los com paciência. O lavrador rasga o seio da terra para dela fazer jorrar a colheita dourada. Assim, da nossa alma dilacerada surgirá uma abundante colheita moral.

A ação da dor retira de nós o que é impuro e mau, os apetites grosseiros, os vícios, os desejos, tudo o que vem da Terra e deve retornar à Terra. A adversidade é a grande escola, o campo fértil das transformações. Graças aos seus ensinamentos, as más paixões transformam-se pouco a pouco em paixões generosas, em amor ao bem. Nada está perdido. Mas essa transformação é lenta e difícil. O sofrimento, a luta constante contra o mal, o sacrifício de si mesmo podem sozinho realizá-la. Através deles a alma adquire a experiência e a sabedoria. O fruto verde e ácido, que era a alma, transforma-se, sob as ondas regeneradoras da prova, sob os raios do sol divino, em um fruto doce, perfumado, maduro para os mundos superiores.

Só a ignorância das leis universais nos faz considerar nossos males como desgostos. Se compreendêssemos quanto esses males são necessários ao nosso adiantamento, se soubéssemos apreciar-lhes o amargor, não nos pareceriam mais um fardo. Todos nós odiamos a dor, mas só lhes sentimos a utilidade quando deixamos o mundo onde ela exerce seu império. Entretanto, sua obra é fecunda. Faz eclodir em nós tesouros de piedade, de ternura, de afeição. Aqueles que nunca a conheceram têm pouco mérito. Sua alma foi esclare-

DEPOIS DA MORTE

cida apenas superficialmente. Nada neles é profundo, nem o sentimento, nem a razão. Não tendo suportado o sofrimento, permanecem indiferentes, insensíveis ao dos outros.

Na nossa cegueira, maldizemos nossas existências obscuras, monótonas, dolorosas; mas, quando elevarmos nossos olhares acima dos horizontes limitados da Terra; quando tivermos discernido o verdadeiro motivo da vida, compreenderemos que essas vidas são preciosas, indispensáveis para domar os espíritos orgulhosos, para nos submeter a essa disciplina moral sem a qual não há progresso.

Livres das nossas ações, isentos de males, de cuidados, deixamo-nos levar pelo ardor das nossas paixões, pela sedução do nosso caráter. Longe de trabalhar pelo nosso melhoramento, não fazíamos senão juntarmos às nossas faltas passadas, faltas novas, enquanto que, comprimidos pelo sofrimento, em existências humildes, habituamo-nos à paciência, à reflexão, adquirimos essa calma do pensamento que, sozinha, permite ouvir a voz do Alto, a voz da razão.

É no cadinho da dor que se formam as grandes almas. Às vezes, sob nossos olhos, anjos de bondade vêm esvaizar o cálice de amargor, a fim de dar exemplo àqueles que carregam a tormenta das paixões. A provação é a reparação necessária, aceita com conhecimento de causa por muitos dentre nós. Que esse pensamento nos inspire nos momentos de fraqueza; que esse espetáculo dos males suportados com uma resignação comovente nos dê a força para permanecer fiéis aos nossos próprios compromissos, às resoluções viris tomadas antes do retorno à carne.

A fé nova resolveu o problema da depuração pela dor. A voz dos espíritos nos encoraja nas horas difíceis. Aqueles mesmos que suportaram todas as agonias da existência terrestre nos dizem hoje:

RESIGNAÇÃO NA ADVERSIDADE

“Sofri e só fui feliz pelos meus sofrimentos. Eles resgataram muitos anos de luxo e de fraqueza. O sofrimento ensinou-me a pensar, a rezar; em meio à embriaguez do prazer, nunca havia penetrado no meu coração a reflexão salutar, nunca a prece havia roçado meus lábios. Benditas sejam minhas provações, já que abriram-me, enfim, o caminho que conduz à sabedoria e à verdade!”¹¹³

Eis a obra do sofrimento! Não é a maior de todas as que se realizam na Humanidade? Ela prossegue em silêncio, secretamente, mas os resultados são incalculáveis. Desligando a alma de tudo o que é baixo, transitório, ela eleva, desvia-a para o futuro, para os mundos superiores. Fala-lhe de Deus e das leis eternas. Certamente, é belo ter um fim glorioso, morrer jovem, combatendo pelo seu país. A História registra o nome dos heróis, e as gerações rendem um justo tributo de admiração à sua memória. Porém, uma longa vida de dores, de males pacientemente suportados, é ainda mais fecunda para o adiantamento do espírito. A História nada dirá, sem dúvida. Todas essas vidas obscuras e mudas, vidas de luta silenciosa e de recolhimento, caem no esquecimento, mas aqueles que as viveram encontram na luz espiritual sua recompensa. Só a dor abrandando nosso coração, aviva os ardores da nossa alma. É a tesoura que lhe dá suas proporções harmônicas, afina seus contornos, fã-la resplandecer com sua mais perfeita beleza. Uma obra de sacrifício, lenta, contínua, produz maiores efeitos do que um ato sublime, mas isolado.

Consolem-se, pois, todos vocês, ignorados, que sofrem na sombra de males cruéis, e vocês que são desprezados pela sua ignorância e suas faculdades restritas. Aprendam que entre vocês, encontram-se grandes espíritos, que quiseram

¹¹³ Comunicação mediúnica recebida pelo autor. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

renascer ignorantes para humilharem-se, abandonando, por um tempo, suas faculdades brilhantes, suas atitudes, seus talentos. Muitas inteligências são veladas pela expiação; mas, com a morte, esses véus caem, e aqueles que desdenhávamos pelo seu pouco saber, eclipsarão os orgulhosos que os repudiavam. É preciso não desprezar a ninguém. Sob aparências humildes e medíocres e até entre os idiotas e os loucos, grandes espíritos ocultos na carne expiam um passado terrível.

Oh! vidas humildes e dolorosas, temperadas com lágrimas, santificadas pelo dever, vidas de lutas e de renúncia, existências de sacrificio pela família, pelos fracos, os pequenos; devotamentos desconhecidos, abnegações ignoradas, mais meritórias que os devotamentos célebres, vocês são outras tantas escadas que conduzem a alma à felicidade! É a vocês, é aos obstáculos, às humilhações das quais estão semeadas que ela deve sua pureza, sua força, sua grandeza. Com efeito, somente nas angústias de cada dia, nas imolações impostas, ensinam-lhe a paciência, a resolução, a constância, toda a sublimidade da virtude, e ela deverá a vocês a auréola esplêndida, prometida no Espaço para a frente daqueles que sofreram, lutaram e venceram.

*

* *

Se há uma prova cruel, é a perda dos seres amados; é quando, um após outro, vemo-los desaparecer, levados pela morte, e que a solicitude se faz, pouco a pouco, ao redor de nós, cheia de silêncio e de escuridão.

Essas partidas sucessivas de todos aqueles que nos foram caros são outras tantas advertências solenes; arrancam-nos do nosso egoísmo; mostram-nos a puerilidade das nossas

RESIGNAÇÃO NA ADVERSIDADE

preocupações materiais, das nossas ambições terrestres e convidam-nos a nos preparar para essa grande viagem.

A perda de uma mãe é irreparável. Que vazio em nós, em torno de nós, quando essa amiga, a melhor, a mais antiga e a mais segura de todas, desce ao túmulo; quando seus olhos que nos contemplavam com amor se fecham para sempre; quando seus lábios que tantas vezes pousaram sobre nossa frente se resfriam! O amor de uma mãe, não é o que há de mais puro, de mais desinteressado? Não é como um reflexo da bondade de Deus?

A morte dos nossos filhos é também uma fonte de amargos pesares. Um pai, uma mãe não poderiam ver desaparecer, sem-dilaceração, o objeto de sua afeição. É nessas horas desoladas que a filosofia dos espíritos é para nós o grande socorro. Às nossas queixas, à nossa dor de ver existências cheias de promessas, logo partidas, ela responde que uma morte prematura é, muitas vezes, um bem para o espírito que se vai e encontra-se livre dos perigos e das seduções da Terra. Essa vida tão curta — inexplicável mistério para nós — tinha sua razão de ser. A alma confiada aos nossos cuidados, às nossas ternuras, aí vinha aperfeiçoar o que tinha sido insuficiente para ela numa encarnação precedente. Nós apenas vemos as coisas do ponto de vista humano, e, daí, vêm nossos erros. A estada dessas crianças, na Terra, ter-nos-á sido útil. Terá feito nascer no nosso coração as santas emoções da paternidade, sentimentos delicados, até então, por nós desconhecidos, que enternecem e tornam-se melhores. Terá formado entre nós e eles laços bastante poderosos para nos prender a esse mundo invisível que nos reunirá a todos. Pois, aí, está a beleza da doutrina dos espíritos. Com ela, esses seres não estão perdidos para nós. Deixam-nos, por um instante, mas estamos destinados a reunirmo-nos de novo.

DEPOIS DA MORTE

Que digo? Nossa separação é apenas aparente. Essas almas, essas crianças, essa mãe bem-amada estão perto de nós. Seus fluidos, seus pensamentos envolvem-nos; seu amor protege-nos. Podemos mesmo, às vezes, comunicarmos com eles, receber seus encorajamentos, seus conselhos. Seu afeto por nós não se dissipou. A morte tornou-o mais profundo e mais esclarecido. Eles nos exortam a expulsar para longe de nós essa tristeza vã, esses desgostos estéreis, cujo espetáculo torna-os infelizes. Suplicam-nos para trabalhar com coragem e perseverança pelo nosso adiantamento, a fim de reencontrá-los, de reunirmo-nos na vida espiritual.

*

* *

Lutar contra a adversidade é um dever; abandonar-se, deixar-se levar pela preguiça, suportar sem reagir aos males da vida seria uma covardia. As dificuldades que temos a vencer exercem e desenvolvem nossa inteligência. Todavia, quando nossos esforços tornam-se supérfluos, quando o inevitável ergue-se, chega a hora de apelar para a resignação. Nenhuma força poderia desviar de nós as consequências do passado. Revoltar-se contra a lei moral seria tão insensato quanto querer resistir às leis da distância e da gravidade. Um louco pode procurar lutar contra a natureza imutável das coisas, enquanto que o espírito sensato encontra na provação um meio de retemperar-se, de fortalecer suas qualidades viris. A alma intrépida aceita os males do destino; mas, através do pensamento, eleva-se acima deles e transforma-os em degrau para atingir a virtude.

As aflições mais cruéis, as mais profundas, quando aceitas com submissão, que é o consentimento da razão e do coração, indicam, geralmente, o término de nossos males, a quitação da última prestação da nossa dívida. É o instante

RESIGNAÇÃO NA ADVERSIDADE

decisivo onde importa permanecer firme, apelar para toda nossa resolução, para nossa energia moral, a fim de sair vitorioso da prova e dela recolher as vantagens.

Com frequência, nas horas difíceis, o pensamento da morte vem visitar-nos. Não é repreensível pedir a morte, mas só é verdadeiramente desejável quando após ter triunfado sobre todas as nossas paixões. De que adianta desejar a morte se, não estando curado dos nossos vícios, tivermos que voltar ainda para nos purificar através de penosas encarnações? Nossas faltas são como a túnica do centauro colada ao nosso ser, da qual só arrependimento e expiação podem nos desvencilhar.

A dor reina sempre soberana sobre o mundo e, entretanto, um exame atento mostrar-no-ia com que sabedoria e providência a vontade divina graduou os efeitos. De etapa em etapa, a Natureza encaminha-se para uma ordem de coisas menos selvagem, menos violenta. Nas primeiras idades do nosso planeta, a dor era a única escola, o único agulhão para os seres. Mas, pouco a pouco, o sofrimento atenua-se: males medonhos, a peste, a lepra, a fome, outrora permanentes, quase desapareceram. O homem adotou os elementos, aproximou as distâncias, conquistou a Terra. A escravidão não existe mais. Tudo evolui e progride. Lentamente, mas seguramente, apesar dos recuos inerentes à liberdade, a Humanidade melhora. Tenhamos confiança na potência diretora do Universo. Nosso espírito limitado não poderia julgar o conjunto pelos seus meios. Só Deus tem a noção exata dessa cadência ritmada, dessa alternância necessária da vida e da morte, da noite e do dia, da alegria e da dor, de onde desligam-se, finalmente, a felicidade e a elevação dos seres. Deixemos a ele, então, o cuidado de fixar a hora da nossa partida e atendamo-la, sem desejá-la, nem temê-la.

.....

DEPOIS DA MORTE

Enfim, o caminho das provações foi percorrido; o justo sente que o fim está próximo. As coisas da Terra enfraquecem-se dia a dia a seus olhos. O Sol parece-lhe pálido, as flores incolores, o caminho pedregoso. Cheio de confiança, vê aproximar-se a morte. Não será a calmaria após a tempestade, o porto depois da travessia tempestuosa?

Como é grande, o espetáculo oferecido pela alma resignada, aprontando-se para deixar a Terra após uma vida dolorosa! Lança um último olhar sobre seu passado; revê, numa espécie de penumbra, os desprezos sofridos, as lágrimas reprimidas, os gemidos abafados, os sofrimentos bravamente suportados. Suavemente, sente desligar-se dos entraves que a acorrentam a esse mundo. Vai abandonar seu corpo de lama, deixar bem distante de si todas as servidões materiais. O que poderia temer? Não provou a abnegação, sacrificou seus interesses à verdade, ao dever? Não sorveu até a última gota o cálice purificador?

Vê também o que a aguarda. As imagens fluídicas de seus atos de sacrifício e de renúncia, seus pensamentos generosos precederam-na, balizas brilhantes que marcam o caminho de sua ascensão. São os tesouros de sua nova vida.

Distingue tudo isso e seu olhar eleva-se ainda mais alto, lá onde só se chega com a luz na frente, o amor e a fé no coração.

Nesse espetáculo, uma alegria celeste penetra-a; lamenta não ter sofrido bastante. Uma última prece, como um grito de contentamento escapa das profundezas de seu ser e sobe na direção de seu Pai, na direção de seu Mestre bem-amado. Os ecos do Espaço repetem esse grito de libertação, ao qual se associam as vozes dos espíritos felizes que se apressam, em multidão, para recebê-la.



LI

A PRECE

A prece deve ser um extravasamento íntimo da alma para Deus, uma conversa solitária, uma meditação sempre útil, frequentemente fecunda. É o refúgio, por excelência, dos aflitos, dos corações magoados. Nas horas de abatimento, de aflição interior e de desespero, quem não encontrou na prece a calma e o reconforto, ou, pelo menos, um lenitivo para seus males? Um diálogo misterioso estabelece-se entre a alma sofredora e a potência evocada. A alma expõe suas angústias, suas fraquezas; implora socorro, apoio, indulgência. E, então, no santuário da consciência, uma voz secreta responde, a voz d'Aquele de onde provêm toda a força para as lutas desse mundo, todo bálsamo para nossas feridas, toda luz para nossas incertezas. E essa voz consola, restaura, persuade; faz descer até nós a coragem, a submissão, a resignação estoica. Levantamo-nos menos tristes, menos abatidos; um raio de sol divino luziu em nossa alma, fez nela eclodir a esperança.

DEPOIS DA MORTE

Há homens que maldizem a prece, que acham-na banal, ridícula. Esses nunca oraram ou nunca souberam orar. Ah! Sem dúvida, se se trata apenas de padre-nossos recitados sem-convicção, dessas recitações tão vãs quanto intermináveis, de todas essas orações classificadas e numeradas, que os lábios balbuciam e onde o coração não toma parte, pode-se compreender suas críticas; mas não está aí a verdadeira prece. Rebaixá-la a fórmulas que se medem pelo comprimento à soma que trazem, torna-se uma profanação, quase um sacrilégio.

A prece é uma elevação acima das coisas terrestres, um ardente apelo, um impulso, um bater de asas em direção às regiões em que não perturbam os murmúrios, as agitações do mundo material e onde o ser haure as inspirações que lhe são necessárias. Quanto mais potente for seu impulso, mais sincero é seu apelo, mais distintas, mais claras revelam-se-lhe as harmonias, as vozes, as belezas dos mundos superiores. É como uma janela que se abre para o invisível, para o infinito, e pela qual percebe mil impressões consoladoras e sublimes. Impregna-se, embriaga-se, retempera-se nessas impressões como num banho fluídico regenerador.

*

* *

Nessas conversas da alma com a Potência Suprema, a linguagem não deve ser preparada, anotada com antecedência; deve variar segundo as necessidades, o estado do espírito do ser humano. É um grito, um lamento, uma efusão ou um canto de amor, um ato de adoração, um inventário moral feito sob o olhar de Deus, ou, ainda, um simples pensamento, uma lembrança, um olhar levantado para os céus.

Não há horas para a prece. É bom, sem dúvida, elevar seu coração a Deus no início e no fim do dia. Mas, se se

A PRECE

sentirem indispostos, não orem. Em compensação, quando sua alma for abrandada, transportada por um sentimento profundo, pelo espetáculo do Infinito, mesmo que seja à beira dos oceanos, sob a claridade do dia ou sob a cúpula cintilante das noites, no meio dos campos e dos bosques sombrios, no silêncio das florestas, orem, então; é boa e grande toda causa que molhe seus olhos de lágrimas, faça dobrar seus joelhos e jorrar do seu coração um hino de amor, um grito de adoração em direção à Potência Eterna que guia seus passos na beira dos abismos.

Seria um erro acreditar que tudo podemos obter pela prece, que sua eficácia é bastante grande para desviar de nós as provações inerentes à vida. A lei de imutável justiça não poderia dobrar-se aos nossos caprichos. Alguns pedem a fortuna, ignorando que seria uma infelicidade para eles, dando um livre impulso às suas paixões. Outros querem afastar males que são, às vezes, a condição necessária aos seus progressos. Suprimi-los teria como efeito tornar sua vida estéril. Por outro lado, como Deus poderia atender a todos os desejos que os homens exprimem nas suas preces? A maioria é incapaz de discernir o que lhe convém, o que lhe seria mais proveitoso.

Na prece que dirige cada dia ao Eterno, o sábio não pede que seu destino seja feliz; não pede que a dor, as decepções, os reveses sejam afastados de si. Não! O que deseja é conhecer a lei para melhor cumpri-la; o que implora é a ajuda do Alto, o socorro dos espíritos benevolentes, a fim de suportar dignamente os maus dias. E os bons espíritos respondem ao seu apelo. Eles não procuram desviar o curso da justiça, entravar a execução dos divinos decretos. Sensíveis aos sofrimentos humanos, que conheceram, suportaram, trazem aos seus irmãos da Terra, a inspiração que os

DEPOIS DA MORTE

sustenta contra as influências materiais; favorecem esses nobres e salutareos pensamentos, esses impulsos do coração que, transportando-os para as altas regiões, livram-nos das tentações e das armadilhas da carne. A prece do sábio, feita num recolhimento profundo, fora de qualquer preocupação egoística, desperta nele essa intuição do dever, esse sentimento superior do verdadeiro, do bem e do justo, que o guiam através das dificuldades da existência e o mantêm em comunhão íntima com a grande harmonia universal.

Mas a potência soberana não representa somente a justiça; é também a bondade, imensa, infinita, socorredora. Ora, por que não obteríamos nas nossas preces tudo o que a bondade pode conciliar com a justiça? Podemos sempre pedir apoio e socorro nas horas de aflição. Só Deus sabe o que é mais conveniente para nós e, na falta do objeto de nossos pedidos, enviar-nos-á sempre sustentação fluídica e resignação.

*

* *

Quando uma pedra toca na água, vê-se vibrar sua superfície em ondulações concêntricas. Dessa forma, o fluido universal coloca-se em vibração através das nossas preces e dos nossos pensamentos, com essa diferença de que as vibrações das águas são limitadas, enquanto que as do fluido universal propagam-se ao Infinito. Todos os seres, todos os mundos estão banhados nesse elemento, como nós próprios o estamos na atmosfera terrestre. Daí resulta que nosso pensamento movido por uma força de impulsão, por uma vontade satisfatória, vai impressionar as almas a distâncias incalculáveis. Uma corrente fluídica estabelece-se de umas para as outras e permite aos espíritos elevados responder aos nossos apelos e de influenciar-nos através do Espaço.

A PRECE

Acontece o mesmo com as almas sofredoras. A prece opera sobre elas como uma magnetização a distância. Penetra através dos fluidos espessos e sombrios que envolvem os espíritos infelizes; atenua seus cuidados, suas tristezas. É a flecha luminosa atravessando suas trevas, a vibração harmônica que dilata e satisfaz a alma oprimida. Que consolação para esses espíritos de sentir que não estão abandonados; que seres humanos interessam-se ainda pela sua sorte! Sons, ao mesmo tempo poderosos e suaves, elevam-se como um canto na imensidão e repercutem com tanto mais intensidade justamente porque emanam de uma boca mais amorosa. Chegam até eles, sensibilizam-nos, penetram-nos profundamente. Essa voz longínqua e amiga devolve-lhe a paz, a esperança, a coragem. Se pudéssemos medir o efeito produzido por uma prece ardente, por uma vontade generosa e enérgica sobre esses infelizes, nossos votos elevar-se-iam com frequência até os deserdados, os abandonados do Espaço, para aqueles em quem ninguém pensa e que estão mergulhados num morno desencorajamento.

Orar pelos espíritos infelizes, orar com compaixão, com amor, é uma das formas mais eficazes da caridade. Todos podem exercê-la, todos podem facilitar o desligamento das almas, abreviar a duração da perturbação que ressentem após a morte, por um impulso caloroso do pensamento, por uma lembrança benévola e afetuosa. A prece facilita a desagregação corporal, ajuda o espírito a desvencilhar-se dos fluidos grosseiros que o acorrentam à matéria. Sob a influência das ondas magnéticas que projeta uma vontade poderosa, o torpor cessa, o espírito reconhece-se, retoma a posse de si mesmo.

A prece por outrem, por nossos próximos, pelos infelizes e os doentes, quando feita com um coração reto e uma fé ardente, pode também produzir efeitos salutares.

DEPOIS DA MORTE

Mesmo quando as leis do destino causam-lhe obstáculos, quando a provação deve ser cumprida até o fim, a prece não é inútil. Os fluidos benévolos que traz em si acumulam-se para derramarem-se, durante a morte, no perispírito do ser amado.

“Reúnam-se para rezar”, disse o apóstolo.¹¹⁴ A prece feita em conjunto é um feixe de vontades, de pensamentos, raios, harmonias, perfumes, que se dirige com mais poder para seu objetivo. Ela pode adquirir uma força irresistível, uma força capaz de sustentar, abalar as massas fluídicas. Que alavanca para a alma ardente que coloca nesse impulso tudo o que há de grande, de puro, de elevado nela! Nesse estado, seus pensamentos jorram, como uma corrente imperiosa, em generosos e poderosos eflúvios. Às vezes, vê-se a alma em prece desligar-se do corpo e, maravilhada, em êxtase, seguir ela própria o pensamento fervoroso que projetava como precursor em direção ao infinito. O homem traz em si um motor incomparável, do qual não sabe tirar senão um medíocre partido. Para fazê-lo funcionar, duas coisas são suficientes, todavia: a fé e a vontade.

Considerada sob esses aspectos, a prece perde qualquer caráter místico. Ela não tem mais por objetivo a obtenção de uma graça, de um favor, mas a elevação da alma e sua entrada em relação com as potências superiores fluídicas e morais. A prece é o pensamento voltado para o bem, o fio luminoso que prende os mundos obscuros aos mundos divinos, os espíritos encarnados às almas livres e radiosas. Desdenhá-la é desdenhar a única força que nos arranca do conflito das paixões e dos interesses, transporta-nos acima das coisas que se transformam e nos une ao que é fixo, permanente, imutável no Universo.

¹¹⁴ Atos, XII, v. 12. (N.A.)

A PRECE

Em vez de repelir a prece, em virtude dos abusos dos quais foi objeto, não seria melhor utilizá-la com sabedoria e equilíbrio? Ao final de cada dia, antes de nos abandonarmos ao repouso, voltemos para nós mesmos, examinemos com cuidado nossas ações. Saibamos condenar as más, a fim de evitar-lhe o retorno, e aplaudamos tudo o que fizemos de útil e de bom. Peçamos à Suprema Sabedoria para nos ajudar a realizar em nós e em torno de nós a beleza moral e perfeita. Longe da Terra, elevemos nossos pensamentos. Que nossa alma atire-se, alegre e amável, para o Eterno! Ele descera novamente dessas alturas com tesouros de paciência e de coragem, que tornar-lhe-ão fáceis o cumprimento de seus deveres, sua tarefa de aperfeiçoamento.

Se, na nossa impotência para exprimir nossos sentimentos, precisamos absolutamente de um texto, uma fórmula, digamos:

“Meu Deus, tu que és grande, tu que és tudo, deixa cair sobre mim, pequeno, sobre mim que só existo porque tu o quiseste, um raio de luz. Faz com que, invadido pelo teu amor, eu ache o bem fácil, o mal odioso; que animado pelo desejo de agradar-te, meu espírito supere os obstáculos que se opõem ao triunfo da verdade sobre o erro, da fraternidade sobre o egoísmo; faz com que, em cada companheiro de provação, eu veja um irmão, como tu vês um filho em cada um dos seres que emanam de ti e devem retornar a ti. Dá-me o amor pelo trabalho, que é o dever de todos na Terra e, com a ajuda da tocha que colocaste ao meu alcance, esclarece-me sobre as imperfeições que retardam meu adiantamento nessa vida e na outra.”¹¹⁵

.....

¹¹⁵ Prece inédita ditada, por intermédio da mesa, pelo Espírito Jerônimo de Praga a um grupo de trabalhadores, em Mans. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

Unamos nossas vozes às vozes do Infinito. Tudo ora, tudo celebra a alegria de viver, desde o átomo que se agita na luz, até o astro imenso que nada no éter. A adoração dos seres forma um prodigioso concerto que preenche o Espaço e sobe a Deus. É a salvação dos filhos pelo seu Pai, a homenagem feita pelas criaturas ao Criador. Interroguem a Natureza no esplendor dos dias ensolarados, na calma das noites estreladas. Ouçam a grande voz dos oceanos, os murmúrios que se elevam no meio dos desertos e na profundeza dos bosques, as vozes misteriosas que sussurram na folhagem, repercutem nas gargantas solitárias, exalam-se das planícies dos valesinhos, atravessam as alturas, estendem-se em todo o Universo. Em toda a parte, ao se recolherem, ouvirão o admirável cântico que a Terra dirige à grande Alma. Mais solene ainda é a prece dos mundos, o canto grave e profundo que faz vibrar a imensidade, e que só os espíritos compreendem o sentido sublime.



LII

TRABALHO, SOBRIEDADE, CONTINÊNCIA

O trabalho é uma lei tanto para as humanidades quanto para as sociedades do Espaço. Desde o ser mais rudimentar até os espíritos angélicos que velam pelos destinos dos mundos, cada um faz sua parte no grande concerto universal.

Penoso e grosseiro para os seres inferiores, o trabalho suaviza-se à medida que a vida se depura. Torna-se uma fonte de prazeres para o espírito adiantado, insensível às atrações materiais, exclusivamente ocupado com estudos mais elevados.

É pelo trabalho que o homem doma as forças cegas da Natureza e preserva-se contra a miséria; é através dele que as civilizações se formam, que o bem-estar e a Ciência difundem-se.

O trabalho é a honra e a dignidade do ser humano. O ocioso que aproveita o labor dos outros, sem nada produzir, não passa de um parasita. Estando o homem ocupado pelas

DEPOIS DA MORTE

suas tarefas, suas paixões se calam. A ociosidade, ao contrário, desencadeia-as, abrindo-lhes um vasto campo de ação.

O trabalho é também um grande consolador, um derivativo salutar contra nossas aflições, contra nossas tristezas; acalma as angústias do nosso espírito e fecunda nossa inteligência. Não há dor moral, decepções, reverses que não encontrem nele um alívio; não há vicissitudes que resistam à sua ação prolongada. Aquele que trabalha tem sempre um refúgio seguro na provação, um verdadeiro amigo na aflição; não produz o desgosto da vida. Mas quão digna de piedade é a situação daquele em que as enfermidades condenam à imobilidade, à inação! Se esse homem sentiu a grandeza, a santidade do trabalho; se, além do próprio interesse, vê o interesse geral, o bem de todos, e quer nele contribuir, sofre uma das provas mais cruéis que podem estar reservadas a um ser vivente.

Tal é também, no Espaço, a situação do espírito que faltou para com seus deveres e desperdiçou sua vida. Compreendendo, tardiamente, a nobreza do trabalho e a vilania da ociosidade, sofre por não mais poder realizar o que sua alma concebe e deseja.

O trabalho é a comunhão dos seres. Através dele, aproximamo-nos uns dos outros, aprendemos a nos ajudar, a nos unir; daí, à fraternidade, é só um passo. A Antiguidade romana havia desonrado o trabalho fazendo dele o quinhão do escravo. Isso explica sua esterilidade moral, sua corrupção, suas secas e frias doutrinas.

Os tempos atuais têm uma outra concepção da vida. Buscam a plenitude num labor fecundo, regenerador. A filosofia dos espíritos amplia ainda mais essa concepção, indicando-nos na lei do trabalho o princípio de todos os progressos, de todos os aperfeiçoamentos, mostrando-nos a ação

TRABALHO, SOBRIEDADE, CONTINÊNCIA

dessa lei estendendo-se à universalidade dos seres e dos mundos. É por isso que estamos autorizados a dizer: Despertem, ó todos vocês que deixam adormecer suas faculdades, suas forças latentes. De pé, mãos à obra! Trabalhem, fecundem a terra, façam ecoar nas usinas o ruído cadenciado dos martelos e os assobios do vapor. Agitem-se na colmeia imensa. Sua obra é grande e santa. Seu trabalho é a vida, é a glória, é a paz da Humanidade. Operários do pensamento, perscrutem os grandes problemas, estudem a Natureza, propaguem a Ciência, lancem através das multidões os escritos, as palavras que reerguem e fortificam. Que de uma extremidade à outra do mundo, unidos na obra gigantesca, cada um de nós faça esforço, a fim de contribuir para enriquecer o domínio material, intelectual e moral da Humanidade!

*

* *

A primeira condição para conservar-se a alma livre, sua inteligência sã, sua razão lúcida, é ser sóbrio e casto. Os excessos da mesa perturbam nosso organismo e nossas faculdades, a embriaguez nos faz perder toda dignidade e todo equilíbrio. Seu uso frequente conduz a uma série de doenças, de enfermidades, que nos preparam uma velhice miserável.

Dar ao corpo o que lhe é necessário, a fim de torná-lo um servidor útil e não um tirano: tal é a regra do sábio. Reduzir a soma de suas necessidades materiais, comprimir os sentidos, dominar os apetites vis, é libertar-se do jugo das forças inferiores, é preparar a emancipação do espírito. Ter poucas necessidades é também uma das formas de riqueza.

A sobriedade e a continência caminham juntas. Os prazeres da carne enfraquecem-nos, enervam-nos, desviam-nos do caminho da sabedoria. A volúpia é como um mar onde o

DEPOIS DA MORTE

homem vê soçobrar todas suas qualidades morais. Desde que a deixamos penetrar em nós, é uma onda que nos invade, nos absorve, e que apaga tudo o que há de luzes, de generosas chamadas no nosso ser. Longe de satisfazer-nos, ela apenas atiça nossos desejos. Modesta visitante no início, termina por dominar-nos, por possuir-nos completamente.

Evitem os prazeres corruptores, onde a juventude estiola-se, onde a vida se desseca e se altera. Escolham cedo uma companheira e sejam-lhe fiel. Constituam uma família. É o quadro natural de uma existência honesta e regular. O amor da esposa, a afeição dos filhos, a atmosfera sã do lar são preservativos soberanos contra as paixões. No meio desses seres que nos são caros, que veem em nós seu único apoio, o sentimento de nossa responsabilidade cresce. Nossa dignidade, nossa circunscrição aumentam; compreendemos melhor nossos deveres e, nas alegrias que essa vida nos proporciona, haurimos forças que tornam seu cumprimento fácil. Como ousar cometer atos dos quais nos envergonharíamos sob olhar de nossa esposa e de nossos filhos? Aprender a dirigir os outros, é aprender a dirigir-se a si próprio, a tornar-se prudente e sábio, a afastar tudo o que pode manchar nossa existência.

É condenável viver só. Dar, porém, sua vida aos outros, ver-se reviver nos filhos dos quais soubemos fazer homens úteis, servidores zelosos da causa do bem, morrer, depois de lhes ter inculcado um sentimento profundo do dever, um conhecimento amplo dos seus destinos, aí está uma nobre tarefa.

Se há uma exceção a essa regra, será em favor daqueles que, acima da família colocaram a Humanidade, e, para melhor servi-la, para executar em seu proveito alguma missão mais elevada ainda, quiseram enfrentar sozinhos os perigos da vida, escalar solitários a senda árdua, consagrar

TRABALHO, SOBRIEDADE, CONTINÊNCIA

todos seus instantes, todas as suas faculdades, toda sua alma a uma causa que muitos ignoram, mas que eles jamais perdem de vista; revelam, ao contrário, naquele que os observa e persegue uma interpretação profunda das leis superiores, uma intuição clara do futuro. O voluptuoso, separado pela morte de tudo o que amava, consome-se em vãos desejos. Frequenta os bordéis, procura os meios terrestres que lembram sua maneira de viver. Assim, prende-se cada vez mais às correntes materiais; afasta-se da fonte dos prazeres puros e vota-se à bestialidade, às trevas.

Colocar suas alegrias nas voluptuosidades carnis, é privar-se por muito tempo da paz da qual gozam os espíritos elevados. Essa paz, só a pureza pode propiciar-nos. Não a vemos desde essa vida? Nossas paixões, nossos desejos criam imagens, fantasmas que nos perseguem até no sonho e perturbam nossas reflexões. Mas, longe dos prazeres mentirosos, o espírito recolhe-se, retempera-se, abre-se para as sensações delicadas. Seus pensamentos elevam-se na direção do infinito. Desligado por antecipação das concupiscências ínfimas, abandona sem pesar seus órgãos usados.

Meditemos com frequência e coloquemos em prática o provérbio oriental: *Seja puro para ser feliz, para ser forte!*



LIII

O ESTUDO

O estudo é a fonte de suaves e nobres prazeres; liberta-nos das preocupações vulgares e nos faz esquecer as tribulações da vida. O livro é um amigo sincero, bem-vindo tanto nos dias felizes quanto nos dias ruins. Referimo-nos ao livro sério, útil, que instrui, consola, anima e não ao livro frívolo que diverte e, com frequência, desmoraliza. Não nos compenetrámos o bastante sobre o verdadeiro caráter do bom livro. É como uma voz que nos fala através dos tempos e relatando-nos os trabalhos, as lutas, as descobertas daqueles que nos precederam no caminho da vida e, em nosso proveito, aplainaram as asperezas.

Não será uma das raras felicidades desse mundo poder comunicar-se pelo pensamento com os grandes espíritos de todos os séculos e de todos os países? Eles puseram no livro o melhor da sua inteligência e do seu coração. Conduzem-nos pela mão através dos dédalos da História; guiam-nos para as

DEPOIS DA MORTE

altas regiões da Ciência, da Arte, da Literatura. Ao contato dessas obras que constituem os mais preciosos bens da Humanidade, compulsando esses arquivos sagrados, sentimo-nos engrandecer, sentimo-nos orgulhosos de pertencer às raças que produziram tais gênios. A irradiação de seu pensamento estende-se sobre nossas almas, reaquece-as, exalta-as.

Saibamos escolher bons livros e habituemo-nos a viver no meio deles, em relação constante com os espíritos de escol. Rejeitemos, com cuidado, os livros ignóbeis, escritos para lisonjear as paixões vis. Acautelemo-nos dessa literatura relaxada, fruto do sensualismo, que espalha atrás de si a corrupção e a imoralidade.

A maioria dos homens diz amar o estudo e objeta que lhe falta tempo para a isso se dedicar. Entretanto, muitos dentre eles, consagram noites inteiras ao jogo, às conversações ociosas. Replica-se, também, que os livros custam caro e, entretanto, despende-se em prazeres fúteis e de mau gosto mais dinheiro do que seria necessário para se compor uma rica coleção de obras. E, além disso, o estudo da Natureza, o mais eficaz, o mais reconfortante de todos, não custa nada.

A ciência humana é falível e variável. A Natureza, não. Ela não se desmente nunca. Nas horas de incerteza e de desencorajamento, voltemo-nos para ela. Como uma mãe, acolher-nos-á, sorrirá para nós, embalar-nos-á em seu seio. Ela nos falará numa linguagem simples e terna, da qual a verdade surgirá sem-disfarce, sem-afetações; mas essa linguagem pacífica, bem poucos sabem ouvi-la, compreendê-la. O homem traz consigo, no mais íntimo do seu ser, suas paixões, suas agitações internas, cujos ruídos abafam o ensino íntimo da Natureza. Para discernir a revelação imanente no seio das coisas, é preciso impor silêncio às quimeras do mundo, a essas opiniões turbulentas que perturbam nossas sociedades; é

O ESTUDO

preciso recolher-se, fazer a paz em si e em torno de si. Então, todos os ecos da vida pública se calam; a alma volta para si mesma, retoma o sentimento da Natureza, das leis eternas, e comunica-se com a Razão suprema.

O estudo da natureza terrestre eleva e fortifica o pensamento; mas o que dizer das visões celestes?

Quando, na noite tranquila, acende-se o zimbório estrelado e o desfile dos astros começa, quando surgem amontoados estelares e nebulosas perdidas na profundeza dos espaços, a claridade trêmula e difusa desce sobre nós, uma influência misteriosa envolve-nos, um sentimento profundamente religioso invade-nos. Como as vãs preocupações desaparecem nessa hora! Como a sensação do incomensurável penetra-nos, esmaga-nos, faz dobrar nossos joelhos! Que muda adoração eleva-se do nosso coração!

A Terra, frágil barquinho, vaga nos campos da imensidão. Vaga, arrastada pelo poderoso Sol. Em toda parte, em torno dela, profundezas escancaradas que ninguém poderá sondar. Em toda a parte, também, distâncias enormes, mundos, depois, ainda, mundos, ilhas flutuantes, embaladas nas ondas do éter. O olhar recusa-se a contá-las, mas nosso espírito considera-as com respeito, com amor. Suas irradiações sutis atraem-no.

Júpiter, enorme, e tu, Saturno, envolto num véu luminoso e coroado por nove luas de ouro; sóis gigantes, com fogos multicores, esferas inumeráveis, nós vos saudamos das profundezas do Espaço! Mundos que cintilais sobre nossas cabeças, que maravilhas encobris! Queríamos conhecê-los, saber que povos, que cidades estranhas, que civilizações desabrocharam sobre vossos flancos! Uma intuição secreta nos diz que em vós reside a felicidade, inutilmente procurada nesse mundo.

DEPOIS DA MORTE

Mas por que duvidar e temer? Esses mundos são nossa herança. Estamos destinados a percorrê-los, a habitá-los. Visitaremos esses arquipélagos estelares, penetraremos seus mistérios. Nenhum obstáculo jamais interromperá nossa caminhada, nossos impulsos, nossos progressos, se soubermos conformar nossa vontade às leis divinas e conquistar pelas nossas ações a plenitude da vida com as celestes alegrias que lhe são inerentes.



LIV

A EDUCAÇÃO

É através da educação que as gerações se transformam e se aperfeiçoam. Para se ter uma sociedade nova é preciso homens novos. Por isso, a educação, desde a infância, é de uma importância capital.

Não basta ensinar à criança os elementos da Ciência. Tão essencial quanto saber ler, escrever, calcular, é ensinar a governar-se, a conduzir-se como ser racional e consciente; é entrar na vida, armado não apenas para a luta material, mas sobretudo para a luta moral. Ora, é com isso que menos se ocupa. Presta-se mais atenção em desenvolver as faculdades e os lados brilhantes da criança, não, porém, suas virtudes. Na escola, como na família, negligencia-se muito em esclarecê-la sobre seus deveres e sobre seu destino. Assim, desprovida de princípios elevados, ignorando o objetivo da vida, no dia em que entra na vida pública, entrega-se a todas as armadilhas, a todos os arrastamentos da paixão, num meio sensual e corrompido.

DEPOIS DA MORTE

Mesmo no ensino secundário, aplica-se em atulhar o cérebro dos estudantes com um amontoado indigesto de noções e fatos, de datas e de nomes, o todo em detrimento do ensino moral. A moral da escola, desprovida de sanção efetiva, sem-objetivo de ordem universal, não passa de uma moral estéril, incapaz de reformar a sociedade.

Pueril, também, é a educação dada pelos estabelecimentos religiosos, onde a criança torna-se presa do fanatismo e da superstição e só adquire ideias falsas sobre a vida presente e a do Além.

Uma boa educação moral, raramente, é obra de um mestre. Para despertar na criança as primeiras aspirações pelo bem, para corrigir um caráter difícil é preciso ter, ao mesmo tempo, perseverança, firmeza, uma ternura da qual só o coração de um pai ou de uma mãe é suscetível. Se os pais não conseguem corrigir seus filhos, como aquele que conduz muitas crianças poderia fazê-lo?

Essa tarefa não é tão difícil como se poderia imaginar. Ela não exige uma ciência profunda. Pequenos e grandes podem preenchê-la, se estiverem compenetrados do objetivo e das consequências da educação. É preciso lembrar sempre de uma coisa, é que esses espíritos vieram até nós para que os ajudemos a vencer seus defeitos e os preparemos para os deveres da vida. Aceitamos com o casamento a missão de dirigi-los; cumpramo-la com amor, mas um amor isento de fraqueza, pois a afeição desmedida está cheia de perigos. Estudemos, desde o berço, as tendências trazidas pela criança das existências anteriores, apliquemo-nos a desenvolver as boas, a sufocar as más. Não devemos dar-lhes muitas alegrias, para que, habituados desde cedo à desilusão, essas almas jovens compreendam que a vida terrestre é árdua, que não se deve contar senão consigo mesmo, com seu trabalho, única coisa

A EDUCAÇÃO

que proporciona a independência e a dignidade. Não tentemos desviar deles a ação das leis eternas. Há pedras no caminho de cada um de nós; só a sabedoria nos ensina a evitá-las.

Não confiem seus filhos a outros, a não ser que sejam a isso obrigados. A educação não deve ser mercenária. Que importa a uma babá que uma criança fale ou ande antes de outra? Ela não tem nem o orgulho, nem o amor maternos. Mas que alegria para a mãe nos primeiros passos do seu querubim! Nenhuma fadiga, nenhuma dor a detém. Ela ama! Façam pela alma dos seus filhos o mesmo. Tenham mais solicitude ainda pela sua alma do que pelo seu corpo. Este consumir-se-á, em breve, e será lançado a uma sepultura, enquanto que a alma imortal, resplandecendo pelos cuidados com que foi cercada, pelos méritos adquiridos, pelos progressos realizados, viverá através dos tempos para abençoá-los e amá-los.

A educação, baseada numa concepção exata da vida, mudaria a face do mundo. Suponhamos cada família iniciada nas crenças espiritualistas sancionadas pelos fatos, inculcando-as nos filhos, ao mesmo tempo em que a escola neutra lhes ensinaria os princípios da Ciência e as maravilhas do Universo; em breve, uma rápida transformação social produzir-se-ia sob a ação dessa dupla corrente.

Todas as chagas morais decorrem da má educação. Reformá-la, colocá-la sobre novas bases teria para a Humanidade consequências incalculáveis. Instruamos a juventude, esclareçamos sua inteligência; mas, antes de tudo, falemos ao seu coração, ensinemo-lhe a despojar-se de suas imperfeições. Lembremo-nos de que a Ciência por excelência consiste em melhorar.



LV

QUESTÕES SOCIAIS

As questões sociais preocupam vivamente nossa época. Percebe-se que os progressos da civilização, o crescimento enorme do poder produtivo e da riqueza, o desenvolvimento da instrução não têm podido extinguir o pauperismo, nem curar os males do maior número. Entretanto, os sentimentos generosos e humanitários não foram extintos. No coração das multidões aninham-se instintivas aspirações para a justiça, como o sentimento vago de uma sociedade melhor. Compreende-se, geralmente, que uma repartição mais equitativa dos bens da vida é necessária. Daí, mil teorias, mil sistemas diversos, tendendo a melhorar a situação das classes pobres, a assegurar a cada um, pelo menos, o estritamente necessário.

Mas a aplicação desses sistemas exige da parte de uns, muita paciência e habilidade, da parte de outros um espírito

DEPOIS DA MORTE

de abnegação que faz, muitas vezes, falta. Ao invés dessa mútua benevolência que, aproximando os homens, lhes permitiria estudar em conjunto e resolver os mais graves problemas, é com violência e a ameaça na boca que o proletário reclama seu lugar no banquete social; é com amargor que o rico confina-se no seu egoísmo e recusa-se a abandonar aos famintos as menores migalhas da sua fortuna. Assim, um fosso se abre, e os mal-entendidos, as cobiças, os ódios acumulam-se dia a dia.

O estado de guerra ou de paz armada que pesa sobre o mundo mantém esses sentimentos hostis. Alguns governos, alguns Estados, dão deploráveis exemplos e assumem pesadas responsabilidades, desenvolvendo os instintos belicosos, em detrimento das obras pacíficas e fecundas. Como poderíamos reconciliar as classes entre si, apaziguar as más paixões, quando tudo nos convida à luta e as forças vivas das nações estão voltadas para a destruição?¹¹⁶

Dentre os sistemas preconizados pelos socialistas para conduzir uma organização prática do trabalho e uma sábia repartição dos bens materiais, os mais conhecidos são a cooperação, a associação operária; há alguns que vão mesmo até o comunismo. Até aqui, a aplicação parcial desses sistemas não produziu no nosso país senão resultados insignificantes. É verdade que para viverem associados, para participar de uma obra na qual interesses numerosos unem-se e se fundem, seriam necessárias qualidades que se tornaram raras.

¹¹⁶ Deplorando os males causados pela guerra, não caímos por isso num “pacifismo” debilitante. Para assegurar a integridade moral e material da França, reconhecemos a necessidade de um exército, que os progressos da civilização permitirão, talvez, empregar um dia às obras de utilidade geral. (*Os acontecimentos trágicos desses três últimos anos apenas justificaram muito essa nota das nossas precedentes edições, 1917*). (N.A.)

QUESTÕES SOCIAIS

A causa do mal e o remédio não estão onde se procura com mais frequência. É em vão que se esforça para criar combinações engenhosas. Os sistemas sucedem a sistemas, as instituições dão lugar às instituições, mas o homem permanece infeliz porque se conserva mau. A causa do mal está em nós, nas nossas paixões, nos nossos erros. Eis o que é preciso transformar. Para melhorar a sociedade, é preciso melhorar o indivíduo. Para isso, o conhecimento das leis superiores de progresso e de solidariedade, a revelação da nossa natureza e dos nossos destinos são necessários, e esses conhecimentos, só a filosofia dos espíritos pode dá-los.

Talvez proteste-se contra esse pensamento. Crer que o Espiritismo, tão desdenhado, possa influenciar a vida dos povos, facilitar a solução das questões sociais, isso está tão distante de acontecer! Entretanto, por menos que nisso se reflita, seremos forçados a reconhecer que as opiniões e as crenças têm uma influência considerável sobre a forma das sociedades.

A sociedade da Idade Média era a imagem fiel das concepções católicas. A sociedade moderna, sob a inspiração do materialismo, não vê no Universo senão a concorrência vital e a luta dos seres, luta ardente, na qual todos os apetites, todos os instintos estão desencadeados. Tende a fazer do mundo atual a formidável e cega máquina que esmaga as existências, na qual o indivíduo não passa de uma peça ínfima e passageira, saída do nada para a ele logo retornar. Com essa noção da vida, qualquer sentimento de verdadeira solidariedade desaparece.

Como o ponto de vista muda, desde que o ideal novo venha esclarecer nosso espírito, regular nossa conduta! Ricos e pobres, convencidos de que essa vida é apenas um anel isolado da corrente das nossas existências, um meio de depuração

DEPOIS DA MORTE

e de progresso, daremos menos importância aos interesses do presente. Em virtude de estar estabelecido que cada ser humano deve renascer muitas vezes neste mundo, passar por todas as condições sociais, — as existências obscuras e dolorosas sendo em maior número, e a riqueza mal-empregada arrastando opressivas responsabilidades — qualquer homem compreenderá que, trabalhando para o melhoramento da sorte dos humildes, dos pequenos, dos deserdados, trabalha para si mesmo, já que ser-lhe-á necessário voltar à Terra e que há nove chances em dez de aí renascer pobre.

Graças a essa revelação, a fraternidade e a solidariedade se impõem; os privilégios, os favores, os títulos perdem sua razão de ser. A nobreza dos atos e dos pensamentos substitui a dos pergaminhos.

Assim encarada, a questão social mudaria de aspecto; as concessões entre classes tornar-se-iam fáceis, e ver-se-ia cessar qualquer antagonismo entre o capital e o trabalho. A verdade sendo conhecida, compreender-se-ia que os interesses de uns são os interesses de todos, e que ninguém deve ser a presa dos outros. Daí, a justiça na repartição e, com a justiça, em vez de rivalidades odiosas, uma mútua confiança, a estima e a afeição recíprocas, numa palavra, a realização da lei de fraternidade, transformada na única regra entre os homens.

Tal é o remédio que o ensino dos espíritos traz aos males da sociedade. Se algumas parcelas da verdade, ocultas sob dogmas obscuros, puderam no passado suscitar tantas ações generosas, o que não se pode esperar dessa concepção da vida e do mundo, apoiada sobre os fatos? Através dela o homem sentir-se-á religado a todos os seres, destinado como eles a elevarem-se através do progresso para a perfeição, sob a ação de leis sábias e profundas.

QUESTÕES SOCIAIS

Um tal ideal vivificará as almas, conduzi-las-á pela fé até o entusiasmo, e provocará de toda a parte obras de devo-tamento, de solidariedade, de amor que, contribuindo para a edificação de uma sociedade nova, ultrapassarão os atos mais sublimes da Antiguidade.

A questão social não abarca somente as relações das classes entre si; ela concerne também à mulher de todas as classes, à mulher, essa grande sacrificada, à qual seria justo dar, com o exercício de seus direitos naturais, uma situação digna dela, se quisermos ver a família mais forte, com mais moral e mais unida. A mulher é a alma do lar; é ela que re-presenta os elementos de doçura e de paz na Humanidade. Libertada do jugo da superstição, se pudesse fazer ouvir sua voz no conselho dos povos, se sua parte de influência pudesse se fazer sentir, veríamos logo desaparecer o flagelo da guerra.

A filosofia dos espíritos, ensinando que o corpo é uma forma de empréstimo e que o princípio da vida está na alma, estabelece a igualdade do homem e da mulher do ponto de vista dos méritos e dos direitos. Os espíritos reservam para a mulher uma grande parte nas suas reuniões e seus trabalhos. Ela aí ocupa mesmo uma situação preponderante, pois é ela que fornece os melhores médiuns, a delicadeza de seu sistema nervoso, tornando-a mais apta para preencher esse papel.

Os espíritos afirmam que encarnando-se de preferência no sexo feminino, a alma eleva-se mais rapidamente de vi-das em vidas para a perfeição. É que a mulher adquire mais facilmente essas virtudes soberanas: a paciência, a doçura, a bondade. Se a razão parece dominar no homem, nela, o coração é mais vasto e mais profundo.

A situação da mulher na sociedade é geralmente mais apagada; ela é frequentemente escrava; por isso, é mais elevada na vida espiritual; pois quanto mais um ser é hu-

DEPOIS DA MORTE

milhado, sacrificado neste mundo, mais mérito tem diante da eterna justiça; mas seria absurdo tirar pretexto dos gozos futuros para perpetuar as iniquidades sociais. Nosso dever é de trabalhar, na medida de nossas forças, para a realização, na Terra, dos desígnios da Providência. Ora, a educação e o engrandecimento da mulher, a extinção do pauperismo, da ignorância e da guerra, a fusão das classes na solidariedade, a organização do globo, todas essas reformas fazem parte do plano divino, que não é outro senão a própria lei do progresso.

Entretanto, não percamos de vista uma coisa: a inelutável lei só pode assegurar ao ser humano a felicidade individualmente merecida. A pobreza nos mundos como o nosso não poderia desaparecer completamente, pois é a condição necessária ao espírito, que deve purificar-se pelo trabalho e pelo sofrimento. A pobreza é a escola da paciência e da resignação, como a riqueza é a prova da caridade e da abnegação.

Nossas instituições podem mudar de forma, elas não nos libertarão dos males inerentes à nossa natureza atrasada. A felicidade dos homens não depende nem das transformações políticas, nem das revoluções, nem de nenhuma modificação exterior da sociedade. Enquanto esta estiver corrompida, suas instituições o serão igualmente, sejam quais forem as mudanças que os acontecimentos tragam. O único remédio consiste nessa transformação moral cujos ensinamentos superiores nos fornecem os meios. Que a Humanidade consagre a essa tarefa um pouco do ardor apaixonado que dispensa à política; que arranque do seu coração o princípio mesmo do seu mal, e os grandes problemas sociais serão dentro em pouco resolvidos.



LVI

A LEI MORAL

Nas páginas precedentes, expusemos tudo o que o ensino dos espíritos nos diz relativamente à lei moral. É nessa revelação que reside a verdadeira grandeza do Espiritismo. Os fenômenos são apenas o prefácio, quase o que a casca é para o fruto; todos dois inseparáveis na sua gestação, mas de valor tão diferente!

O estudo científico deve conduzir ao estudo filosófico, ele próprio coroado pelo conhecimento dessa lei moral, na qual se completam, se esclarecem e se fundem todas aquelas do passado. Teremos, então, a moral universal, fonte de toda sabedoria e de toda virtude, mas da qual a experiência e a prática não se adquirem senão na sequência de existências numerosas.

A posse, a compreensão da lei moral é, com efeito, o que há de mais necessário e de mais precioso para a alma. Ela nos permite medir nossos recursos interiores, regular-lhes o exercício, dispô-los, tendo em vista nosso maior bem.

DEPOIS DA MORTE

Nossas paixões são forças, perigosas quando nos fazemos escravos, úteis e benfeitoras quando sabemos dirigi-las; dominá-las, é ser grande; deixar-se dominar por elas, é ser pequeno e miserável.

Leitor, se quer libertar-se dos males terrestres, escapar das reencarnações dolorosas, grave em si essa lei moral e coloque-a em prática. Dê apenas o indispensável ao homem material, ser efêmero que desaparecerá com a morte; cultive, com cuidado, o ser espiritual que viverá para sempre. Desprenda-se das coisas perecíveis; honras, riquezas, prazeres mundanos, tudo isso é apenas fumaça; somente o bem, o belo, o verdadeiro é que são eternos!

Conserve sua alma sem-mácula, sua consciência sem-remorsos. Todo pensamento, todo ato mau atrai para si as impurezas de fora; todo impulso, todo esforço para o bem aumenta suas forças e o faz comunicar-se com as potências superiores. Desenvolva em si a vida interior que nos coloca em relação com o mundo invisível e a Natureza inteira. Aí está a fonte de nosso verdadeiro poder e, ao mesmo tempo, a de gozos, de sensações delicadas, que irão aumentando à medida que as impressões da vida exterior enfraquecerem-se com a idade e o desprendimento das coisas terrestres. Nas horas de recolhimento, ouça a harmonia que se eleva das profundezas do seu ser, como um eco dos mundos sonhados, entrevistos, e que fala de grandes lutas morais e de nobres ações. Nessas sensações íntimas, nessas inspirações ignoradas dos sensuais e dos maus, reconheça o prelúdio da vida livre dos Espaços, como um prelibar das felicidades reservadas ao espírito justo e bom.



RESUMO

Para trazer mais clareza a esse estudo, resumiremos, aqui, os princípios essenciais da filosofia dos espíritos.

I. *Uma inteligência divina rege os mundos. Nela identifica-se a Lei, lei imanente, eterna, reguladora, à qual seres e coisas estão submetidas.*

II. *Assim como o homem, sob seu envoltório material continuamente renovado, conserva sua identidade espiritual, seu eu indestrutível, essa consciência em que se reconhece, se possui e se reflete numa unidade viva que é seu Eu. O eu do Universo é Deus, unidade suprema para onde convergem e se harmonizam todas as relações, foco imenso de luz e de perfeição de onde irradiam e se expandem, sobre todas as humanidades, Justiça, Sabedoria, Amor!*

III. *No Universo, tudo evolui e tende para um estado superior. Tudo se transforma e se aperfeiçoa. Do seio dos abismos, a vida eleva-se, a princípio, confusa, indecisa, animando formas inumeráveis cada vez mais perfeitas, depois*

DEPOIS DA MORTE

desabrocha no ser humano, em que adquire consciência, razão, liberdade e constitui a alma ou espírito.

IV. A alma é imortal. Coroamento e síntese das potências inferiores da Natureza, contém em gérmen todas as faculdades superiores, está destinada a desenvolvê-las pelos seus trabalhos e seus esforços, encarnando em mundos materiais, e tende a elevar-se, através das vidas sucessivas, de degrau em degrau, para a perfeição.

A alma tem dois envoltórios: um temporário, o corpo terrestre, instrumento de luta e de prova, que se desagrega com a morte; o outro, permanente, o corpo fluidico, do qual ela é inseparável e que com ela progride e se depura.

V. A vida terrestre é uma escola, um meio de educação e de aperfeiçoamento pelo trabalho, pelo estudo, pelo sofrimento. Não há nem felicidade, nem infelicidade eternas. A recompensa ou o castigo consistem na extensão ou no restringimento de nossas faculdades, do nosso campo de percepções, resultando do uso bom ou mau que fizemos do nosso livre-arbítrio, e das aspirações ou tendências que desenvolvemos em nós. Livre e responsável, a alma traz em si a lei dos seus destinos: no presente, ela recolhe as consequências do passado, semeia as alegrias ou as dores do futuro. A vida atual é a herança das nossas vidas precedentes e a preparação daquelas que se seguirão.

O espírito se esclarece, se engrandece em potências intelectuais e morais, em razão do trabalho efetuado, da impulsão dada a seus atos para o bem e o verdadeiro.

VI. Uma estreita solidariedade une os espíritos, idênticos em sua origem e nos seus fins, diferentes somente pela sua situação transitória: uns, no estado livre no Espaço, os outros, revestidos de um envoltório perecível, mas passando

RESUMO

alternadamente de um estado ao outro; a vida do Espaço não sendo senão um tempo de repouso entre duas existências terrestres. Gerados por Deus, seu pai comum, todos os espíritos são irmãos e formam apenas uma imensa família. Uma comunhão perpétua e de constantes relações religam os mortos aos vivos.

VII. *Os espíritos classificam-se no Espaço em razão da densidade de seu corpo fluídico, correlativa ao seu grau de adiantamento e de depuração. Sua situação é determinada por leis precisas; essas leis fazem, no domínio moral, o papel análogo àquele que preenchem na ordem física as leis de atração e de densidade. A justiça reina nesse domínio, como o equilíbrio na ordem material. Os espíritos culpados e maus são envolvidos por uma espessa atmosfera fluídica, que os arrasta para os mundos inferiores, onde devem encarnar para despojarem-se das suas imperfeições. A alma virtuosa, revestida de um corpo sutil, etéreo, participa das sensações da vida espiritual e eleva-se para os mundos felizes, onde a matéria tem menos império, onde reinam a harmonia e a felicidade. A alma, na vida superior e perfeita, colabora com Deus, coopera na formação dos mundos, dirige-lhes as evoluções, vela pelo progresso das humanidades, pela execução das leis eternas.*

VIII. *O bem é a lei suprema do Universo e o objetivo da evolução dos seres. O mal não tem existência própria, ele é apenas um efeito de contraste; é o estado de inferioridade, a situação passageira pela qual passam todos os seres na sua ascensão para um estado melhor.*

IX. *A educação da alma, sendo o objetivo mesmo da vida, importa resumir-lhe os preceitos em poucas palavras:*

Comprimir as necessidades grosseiras, os apetites materiais; criar para si necessidades intelectuais e eleva-

DEPOIS DA MORTE

das. Lutar, combater, sofrer pelo adiantamento dos homens e dos mundos. Iniciar seus semelhantes nos esplendores do Verdadeiro e do Belo. Amar a verdade e a justiça, praticar para com todos a caridade, a benevolência, tal é o segredo da felicidade no futuro, tal é o Dever!



CONCLUSÃO

Em todos os tempos, raios da verdade luziram sobre a Humanidade; cada religião teve sua parte, mas as paixões e os interesses materiais bem rápido velaram ou desnaturaram esses ensinamentos; o dogmatismo, a opressão religiosa, os abusos de toda espécie lançaram o homem na indiferença e no ceticismo. O materialismo espalhou-se por toda parte, enfraquecendo os caracteres, alterando as consciências.

Depois, um dia, a voz dos espíritos, a voz dos mortos se fez ouvir: a verdade saiu de novo da sombra, mais bela, mais brilhante que nunca. A voz disse: Morra para renascer, renasça para crescer, para se elevar pela luta e pelo sofrimento! E a morte não é mais um tema de terror, pois atrás dela vemos a ressurreição. Assim nasceu o Espiritismo. Simultaneamente Ciência Experimental, Filosofia e Moral, ele nos traz uma concepção geral do mundo e da vida, baseada na razão, sobre o estudo dos fatos e das causas, concepção

DEPOIS DA MORTE

mais vasta, mais esclarecida, mais completa do que aquelas que a precederam.

O Espiritismo esclarece o passado, ilumina as antigas doutrinas espiritualistas e religa sistemas aparentemente contraditórios. Abre caminhos novos para a Humanidade. Iniciando-a nos mistérios da vida futura e do mundo invisível, mostra-lhe sua verdadeira situação no Universo; faz-lhe conhecer sua dupla natureza, corporal e espiritual, e descortina, diante dela, horizontes infinitos.

De todos os sistemas, ele é o único que fornece a prova objetiva da sobrevivência do ser e dá os meios de nos correspondermos com aqueles que nomeamos, impropriamente, os mortos. Por ele, podemos conversar com aqueles que amamos na Terra e que acreditávamos perdidos para sempre; podemos receber seus ensinamentos, seus conselhos. Esses meios de comunicação, ele nos ensina a desenvolvê-los pelo exercício.

O Espiritismo revela-nos a lei moral, traça nossa linha de conduta e tende a aproximar os homens através da fraternidade, da solidariedade e a comunhão de vistas. Indica a todos um objetivo mais digno e mais elevado. Traz, com ele, um sentimento novo da prece, uma necessidade de amar, de trabalhar pelos outros, de enriquecer nossa inteligência e nosso coração.

A doutrina dos espíritos, nascida no meio do último século, já se espalhou sobre toda a superfície do globo. Muitos preconceitos, interesses, erros retardam-lhe ainda a marcha, ela, porém, pode esperar: o futuro lhe pertence. Ela é forte, paciente, tolerante e respeita a vontade do homem; é progressiva e vive de Ciência e de liberdade. É desinteressada, não tendo outra ambição que não seja a de tornar os homens mais felizes, fazendo-os melhores. Traz a todos a calma, a confiança, a firmeza na prova.

CONCLUSÃO

As religiões e as filosofias sucederam-se através das idades; jamais a Humanidade ouviu solicitações mais poderosas para o bem; jamais conhecera uma doutrina mais racional, mais consoladora, mais moralizadora. O tempo das aspirações incertas, das vagas esperanças passou. Não se trata mais de sonhos de um misticismo doentio, nem de mitos gerados pelas crenças supersticiosas; é a própria realidade que se revela, é a afirmação viril das almas que deixaram a Terra e comunicam-se conosco. Vitoriosas da morte, planam na luz, acima desse mundo, que seguem e guiam no meio de suas perpétuas transformações.

Esclarecidos por elas, conscientes do nosso dever e dos nossos destinos, avançamos resolutamente no caminho traçado. A existência mudou de aspecto. Não é mais o círculo estreito, sombrio, isolado, que a maioria dos homens acreditou ver; para nós, esse círculo alarga-se ao ponto de abarcar o passado e o futuro, que religa ao presente, para formar uma unidade permanente, indissolúvel. Nada perece. A vida muda simplesmente de forma. O túmulo nos conduz ao berço, mas tanto de um como de outro partem vozes que proclamam a imortalidade.

Perpetuidade da vida, solidariedade eterna das gerações, justiça, igualdade, ascensão e progresso para todos: tais são os princípios da nova fé e esses princípios apoiam-se sobre a rocha do método experimental.

Os adversários dessa doutrina podem oferecer ainda mais à Humanidade? Podem, com mais segurança, acalmar suas angústias, curar suas feridas, proporcionar-lhe mais doces esperanças e maiores certezas? Se o podem, que falem, que forneçam a prova de suas afirmações. Mas se persistem em opor-lhe afirmações desmentidas pelos fatos, se podem oferecer apenas em seu lugar, a uns o inferno e a outros o

DEPOIS DA MORTE

nada, estamos no direito de repelir com energia seus anátemas e seus sofismas.

*

* *

Venham saciar-se nesta fonte celeste, todos vocês que sofrem, todos vocês que têm sede de verdade. Ela fará derramar em suas almas uma onda refrescante e regeneradora. Vivificados por ela, sustentarão mais alegremente os combates da existência; saberão viver e morrer dignamente.

Observem, com assiduidade, os fenômenos sobre os quais esses ensinamentos repousam, mas não façam dele um jogo. Pensem que é uma coisa séria entreter-se com os mortos, receber deles a solução dos grandes problemas. Considerem que esses fatos vão suscitar a maior revolução moral que a História tem registrado, abrindo a todos a perspectiva ignorada das vidas futuras. Aquilo que, para milhares de gerações, para a imensa maioria dos homens que os precederam, foi apenas uma hipótese, torna-se para vocês uma certeza. Uma tal revelação tem o direito à sua atenção e ao seu respeito. Usem-na somente com sabedoria, para o seu bem e o dos seus semelhantes.

Nessas condições, os espíritos elevados dar-lhes-ão assistência; porém, se derem ao Espiritismo um uso frívolo, saibam que se tornarão a inevitável presa dos espíritos mentirosos, a vítima de seus embustes e de suas mistificações.

E você, oh! meu amigo, oh! meu irmão, que recebeu essas verdades no seu coração e que lhe conhece o valor, permita-me um último apelo, uma última exortação.

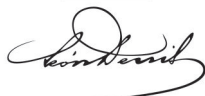
Lembre-se de que a vida é curta. Enquanto ela dura, esforce-se para adquirir o que veio procurar nesse mundo: o verdadeiro aperfeiçoamento. Possa o seu ser espiritual daqui sair mais puro do que quando aqui entrou! Acautele-se

CONCLUSÃO

das armadilhas da carne; reflita que a Terra é um campo de batalha, onde a matéria e os sentidos abandonam a alma num assalto perpétuo. Lute com coragem contra as paixões vis; lute pelo espírito e pelo coração, corrija seus defeitos, adoce seu caráter, fortifique sua vontade. Que seu pensamento se afaste das vulgaridades terrestres e escape para o céu luminoso!

Lembre-se de que tudo o que é material é efêmero. As gerações passam como as ondas do mar, os impérios desmoronam-se, os próprios mundos perecem, os sóis se apagam; tudo foge, tudo se dissipa. Mas há três coisas que vêm de Deus e são imutáveis como ele, três coisas que resplandecem acima do reflexo das glórias humanas: a Sabedoria, a Virtude, o Amor! Conquiste-os pelos seus esforços e, alcançando-os, elevar-se-á acima do que é passageiro e transitório, para desfrutar do que é eterno!





Produção Gráfica: Departamento Editorial do

CENTRO ESPÍRITA LÉON DENIS

Rua João Vicente, 1.445, Bento Ribeiro

Rio de Janeiro, RJ. CEP 21610-210

Telefax (21) 2452-7700

Site: <http://www.leondenis.com.br>

E-mail: grafica@leondenis.com.br